

**FLÁVIO DURÃES**

**A QUESTÃO DO DETERMINISMO NA  
A INTERPRETAÇÃO DE SONHOS (*DIE TRAUMDEUTUNG*)  
DE FREUD**

Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia.  
Linha de Pesquisa: Filosofia e Teoria Psicanalítica  
Orientador: Prof. Doutor Walter José Evangelista

**Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte  
1999**

100.  
D.947 q  
1999

DURÃES, Flávio

A Questão do Determinismo na Interpretação de Sonhos  
(*Die Traumdeutung*) de Freud. Belo Horizonte  
UFMG. FAFICH. 1999.

228p.

Dissertação (mestrado) - UFMG. FAFICH.

1. Determinismo 2. Determinismo Psíquico 3. Psicanálise 4. Laplace.

Dissertação defendida e aprovada com a nota 90 pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



**Prof. Dr. Walter José Evangelista (Orientador) - UFMG**


**Prof. Dr. Jeferson Machado Pinto - UFMG**

**Prof. Dr. Ricardo Valério Fenati - UFMG**

**Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal de Minas Gerais**

**Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 1999.**

Aos meus pais Ermani, Maria Lucas (*in memoriam*) e à Maria Eliane, pelo apoio e carinho; à Bruna e Silvia, irmãs muito queridas, dedico esse trabalho

Este trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível  
Superior- CAPES

## **AGRADECIMENTOS**

### **Agradeço**

Ao meu orientador, prof. Walter José Evangelista, cuja orientação cuidadosa e paciente possibilitou que o diálogo, muitas vezes árduo, entre Psicanálise e Filosofia se realizasse

Ao prof. Jeferson Machado Pinto, pelo incentivo e confiança nos momentos decisivos

À Jacqueline Oliveira Moreira, pelo apoio preciso nos momentos difíceis desse trabalho

Ao prof. Ricardo Fenati, pelas leituras críticas e sugestões no início dessa caminhada

Às Secretárias do Departamento de Filosofia, Norma e Cristina, pela atenção e atendimento

Ao Instituto Raul Soares, em especial aos colegas do Hospital-Dia e usuários, pelo esforço diário de construção de um espaço clínico

Aos meus amigos que muito me incentivaram

À Wanda Avelino, pela escuta nesse caminhar

Agradeço, muito especialmente,

À Juliana, com quem tenho aprendido diariamente a compartilhar...

“Do ponto de vista intelectual, devemos levar em conta, julgo eu, que existem especialmente dois obstáculos, dignos de nota, contra a aceitação das idéias psicanalíticas: primeiramente, a falta de hábito de contar com o rigoroso determinismo da vida mental, o qual não conhece exceção, e, em segundo lugar, o desconhecimento das singularidades pelas quais os processos mentais inconscientes se diferenciam dos conscientes que nos são familiares.” (Sigmund Freud, 1910)

“Acredito no acaso (real) externo, sem dúvida, mas não em eventos acidentais (psíquicos) internos” (Sigmund Freud, 1901)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
CAPÍTULO 1 – DAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DA IDÉIA DE DETERMINISMO .....	14
1.1 – Da idéia de determinismo na física clássica: primeiras aproximações .....	15
1.2 – Do determinismo causal .....	22
1.3 – Do determinismo causal exato ao determinismo causal aproximado .....	25
CAPÍTULO 2 – DA QUESTÃO DO DETERMINISMO EM FREUD: OS ANOS DE FORMAÇÃO .....	40
2.1 – Os anos de formação: Freud e o movimento naturalista .....	44
2.2 – Da ambivalência em relação à prática médica: a antinomia entre especulação e objetividade .....	53
2.3 – Os anos de formação: Freud e o movimento cientificista .....	60
CAPÍTULO 3 – DA NOÇÃO DE DETERMINISMO PSÍQUICO NA LEITURA FREUDIANA DAS TEORIAS SOBRE O SONHO APRESENTADA NA INTERPRETAÇÃO DE SONHOS (1900) .....	72
3.1 – Da construção do objeto metapsicológico: a ambição de racionalidade em Freud .....	75
3.2 – Do material onírico .....	84
3.3 – Das relações entre o vivenciado e o recordado .....	87
3.4 – Das fontes dos sonhos .....	90
3.5 – Da deformação onírica .....	106
CAPÍTULO 4 – DA ESPECIFICIDADE DA NOÇÃO DE DETERMINISMO PSÍQUICO NA INTERPRETAÇÃO DE SONHOS (1900) .....	123
4.1 – Da máquina de sonhar .....	125
4.1.1 – Da arquitetura do aparelho psíquico à tópica temporal .....	128
4.1.2 – Do aparelho de memória .....	132
4.1.3 – Das facilitações ( <i>Banhungen</i> ) ao retardamento ( <i>Verspätung</i> ): memória e temporalidade no Projeto de 1895 .....	140
4.1.4 – Da <i>proton pseudos</i> histórica ao conceito de <i>Nachträglichkeit</i> : considerações acerca do determinismo psíquico .....	147
4.1.5 – Da carta 52: a máquina de inscrição .....	158
4.2 – Da máquina desejante: as representações-meta ( <i>Zielvorstellung</i> ) .....	163
4.3 – Da lógica do esquecimento: o furo na máquina .....	169
CONCLUSÃO .....	183
ANEXO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE SOBREDETERMINAÇÃO NO TEXTO “FREUD E LACAN” DE LOUIS ALTHUSSER .....	199
BIBLIOGRAFIA .....	224

## RESUMO:

Este trabalho almeja investigar o tema do determinismo na obra de Sigmund Freud, mais precisamente delimitar a questão do determinismo psíquico no texto denominado **Interpretação de Sonhos** (1900). Objetivou-se nesse estudo investigar o contexto que materializa a origem da formação da noção de *determinismo psíquico*, suas transformações e repercussões teóricas na construção de um modelo teórico (metapsicológico) capaz de compreender o fenômeno onírico enquanto um fenômeno do inconsciente, distinguindo-se do retrato caricatural do *determinismo absoluto*.

UNITERMOS: Determinismo, Determinismo Psíquico, Psicanálise, Laplace.

## SUMMARY:

This work aims to investigate the theme of the determinism in Sigmund Freud's work, more precisely to define the subject of the psychic's determinism in the text denominated Interpretation of Dreams (1900). It was objectified in that study to investigate the context that materializes the origin of the formation of the notion of psychic's determinism, its transformations and theoretical repercussions in the construction of a theoretical model capable to understand the dream's phenomenon as phenomenon of the unconscious, being distinguished of the absolute's determinism.

UNITERMOS: Determinism, Psychic's determinism, Psychoanalysis, Laplace.

## INTRODUÇÃO

Inicialmente, acreditamos ser relevante ressaltar que nossa decisão de ingressar no Mestrado de Filosofia, particularmente na *Linha de Pesquisa Filosofia e Teoria Psicanalítica* deveu-se, fundamentalmente, à crença de que um diálogo entre a Filosofia e a teoria psicanalítica demandaria o esforço de um “trabalho conceitual”, por conseguinte um trabalho que privilegiasse o sentido e a função do saber filosófico no interior da teoria psicanalítica, de maneira a buscar uma maior elucidação da relação entre Filosofia e Psicanálise.

Nesse sentido, nosso trabalho almeja investigar o tema do determinismo na obra de Sigmund Freud, mais precisamente delimitar a questão do determinismo psíquico no texto denominado **Interpretação dos Sonhos** (1900). É nosso objetivo investigar o contexto que materializa a origem da formação da noção de determinismo psíquico, suas transformações e repercussões teóricas na construção de um modelo teórico (metapsicológico) capaz de compreender o fenômeno onírico enquanto uma formação do inconsciente. Acreditamos ser pertinente recuperar a discussão do determinismo presente na época do nascimento da Psicanálise, procurando, assim, entender como essa problemática influencia o modo como Freud postula determinismo no âmbito do psíquico. Dessa forma, nosso trabalho objetiva fornecer elementos que permitam delimitar o “campo teórico” no qual se inscreve o tema do determinismo psíquico na **Interpretação dos Sonhos** (1900).

Contudo, as idéias de determinismo, causa, causalidade e outras similares são,

muitas vezes, passíveis de serem confundidas. Segundo Bunge<sup>1</sup>, para a maioria daqueles que se ocupam com esses temas, o determinismo é uma forma especial, extrema de causalidade, peculiarmente desagradável, pois se ocupa, ainda que de modo infundado, de negar ao homem a possibilidade de modificar o curso dos acontecimentos. A idéia de determinismo, propriamente dita, implica dificuldades ontológicas e gnoseológicas consideráveis, dificuldades que os pensadores discutem desde a antigüidade sem ter chegado ainda a uma posição conclusiva. Segundo o autor, o determinismo pode ser considerado como uma forma especial de causalidade, uma entre as várias categorias de determinação. A determinação pode ser causal ou não causal, incluindo-se nas últimas a determinação estrutural, dialética e estatística.

Desse modo, o princípio de determinação não constitui uma panacéia ou superstição; pode ser considerado uma “hipótese de trabalho” cujo alcance operativo é limitado, ou seja, seu uso está restrito a certos domínios. Sendo assim, o emprego do termo determinismo requer cautela, pois poderia nos conduzir ao engodo do “determinismo absoluto”, de entender todos os acontecimentos do universo segundo os moldes das leis da natureza. Essa idéia de um “determinismo absoluto”, tal como foi enunciado por Laplace na célebre passagem do “Prefácio”, em sua *Théorie analytique des probabilités* (1814), perdeu na ciência atual a hegemonia que desempenhava como catalisador da pesquisa no Século XIX. É necessário frisar que Freud não propõe a questão do determinismo em toda a sua extensão, mas apenas à medida que ela circunscreve o campo específico do saber e da prática psicanalíticos. Seu olhar não está voltado para o Universo em sua “totalidade”, mas

---

<sup>1</sup> BUNGE, M. *Causalidad - El principio de causalidad en la ciencia moderna*. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1961, p. 9.

para as manifestações psíquicas do indivíduo. Nesse sentido, compreendemos a necessidade de fazer uma delimitação histórica da idéia de determinismo, para levantar subsídios teóricos que nos permitam traçar “linhas de demarcação” entre o princípio de determinação e o retrato caricatural do determinismo absoluto.

Assim, no primeiro capítulo, começaremos a delimitar o tema do determinismo. Entendemos que essa delimitação seria melhor compreendida a partir das diversas significações que a idéia de determinismo adquire no pensamento filosófico. Contudo, esclareça-se, desde logo, em que pese as dificuldades de tal pretensão, limitamo-nos, numa primeira aproximação, às discussões em torno da idéia de “determinismo clássico”, que teve seu apogeu no Século XIX com o chamado “demônio de Laplace”. Com o intuito de direcionar o desenvolvimento das proposições acima mencionadas, tomaremos como referência principal o texto denominado *L’Idée du déterminisme dans la physique classique et dans la physique moderne*, de Alexandre Kojève. Procuraremos demonstrar que determinismo causal exato (determinismo laplaciano) refere-se fundamentalmente a uma determinação mecânica e linear do futuro pelo presente, o que leva a uma previsibilidade perfeita. Por fim discutiremos, de forma breve, a passagem do determinismo causal exato ao determinismo causal aproximado, apontando as críticas feitas, no interior da Física, ao determinismo laplaciano.

Em seguida, no segundo capítulo, acompanharemos os desdobramentos da idéia de determinismo no campo da Biologia para ali compreender, nos “anos de formação” de Freud, o contexto no qual sua problemática está circunscrita. Investigaremos, a partir da tradição cientificista e naturalista, algumas das influências teóricas sofridas por Freud no que tange à problemática do determinismo. Mostraremos que Freud, herdeiro do iluminismo, homem de ciência e filho de seu tempo, inspirado por uma inabalável

necessidade fundada ela própria sobre a unidade presumível das ciências da natureza (*Naturwissenschaft*), opta, decididamente, pelo rigor científico e pelo determinismo.

Não obstante, faremos indicação de que as discussões em torno do tema do determinismo conservam o mérito de introduzir a problemática da causalidade no âmbito dos fenômenos psíquicos, possibilitando-nos, assim, acompanhar as transformações de uma causalidade mecânica para uma causalidade psíquica, situando as condições em que ela surge e as peculiaridades que esta reivindica. Veremos que essas transformações nos oferecem elementos para entender a descontinuidade do projeto freudiano com os saberes de sua época, pois tais inovações teóricas estabelecem uma ruptura com a tradição dominante da psicologia alemã e levantam questões significativas para a tradição cientificista e naturalista.

No terceiro capítulo, daremos um primeiro passo no sentido de pensar a especificidade do determinismo na *Die Traumdeutung*: o **determinismo psíquico**. Será objeto de nossa reflexão a delimitação da noção de determinismo psíquico a partir da leitura freudiana das teorias pré-psicanalíticas sobre o sonho. Buscaremos mostrar que a tarefa freudiana consistia em explicitar em que medida os autores anteriores contemplaram a questão do *sentido* dos sonhos. Uma vez que a tradição cientificista, representada pelas teorias médicas, não contemplava essa questão, acompanharemos a investigação freudiana acerca dos “obstáculos epistemológicos” que impediram essa pesquisa. Seguiremos os passos de Freud no sentido de demonstrar as contradições e insuficiências da “teoria dominante” e, ao mesmo tempo, o seu esforço de dotar o fenômeno onírico de um estatuto de objeto de investigação. Mostraremos que a estratégia freudiana revela, desse modo, uma dupla inversão: ao contrário das teorias médicas que destituíam o fenômeno onírico de qualquer valor heurístico, relegando-o à condição de um

estímulo arbitrário interruptor do sono, Freud argumentará a favor do reconhecimento do sonho enquanto objeto digno de estudo – sendo possível, por conseguinte, postular o determinismo psíquico subjacente a esses fenômenos. A leitura que Freud propõe sobre as teorias do sonho parte de duas proposições fundamentais: a) o sonho é um objeto psicológico (Freud recusa-se de imediato a conceber o sonho no domínio da Fisiologia); b) os eventos psíquicos não são arbitrários (tese do determinismo psíquico). Estas proposições serão desenvolvidas e confrontadas ao longo do capítulo com as diversas teorias sobre o fenômeno onírico.

No quarto e último capítulo, procuraremos destacar alguns elementos teóricos com o objetivo de delimitar a especificidade do determinismo psíquico tal como apresentado na *Die Traumdeutung*. Veremos que Freud se propõe explicar o sentido dos sonhos como uma ordem de efeitos, determinado pelo funcionamento de uma máquina: o aparelho psíquico.

Embora tenha tomado, inicialmente, um modelo cuja figuração neurofisiológica ocupava um lugar de destaque, Freud pretende mostrar que o modelo de funcionamento do aparelho psíquico apresentado na *Die Traumdeutung*, longe de ser concebido por uma visão mecanicista e linear, promove uma ruptura com tal conceitualização, pois coloca em ação o caráter fundamentalmente inadequado do organismo diante da lógica de funcionamento imposta pelo desejo inconsciente. Todos os modelos mecânicos serão experimentados e abandonados por uma máquina que leve em consideração a linguagem.

Desse modo, pretendemos mostrar que a noção de determinismo psíquico se constitui um instrumento teórico privilegiado que nos permitirá, na *Die Traumdeutung*, verificar como Freud opera essa passagem da natureza para a linguagem. Mais especificamente, entendemos que, do ponto de vista teórico, passamos de um modelo

mecânico para um modelo lógico, que recusa a linearidade causa e efeito e propõe uma nova inteligibilidade para as relações entre antecedentes e conseqüentes. Pretendemos, ainda, analisar o caráter sobredeterminado das formações do inconsciente (entre elas, o fenômeno onírico) e suas relações com o que Freud denominou de o “umbigo dos sonhos”.

Finalmente, em um anexo à dissertação, indicaremos alguns dos possíveis desdobramentos do conceito de sobredeterminação no campo filosófico, particularmente a idéia de uma causalidade sobredeterminada, estrutural. Devemos dizer que o texto “Freud e Lacan”, de Louis Althusser, nos forneceu fundo crítico para nossa pesquisa sobre a noção de determinismo psíquico na *Die Traumdeutung*. Entendemos que esse texto exprime uma transformação no que diz respeito ao modelo de racionalidade e cientificidade da Psicanálise. Essa transformação se apresenta intimamente ligada ao conceito freudiano de sobredeterminação, cuja definição remete diretamente à descrição do inconsciente e suas leis de funcionamento, enunciando, assim, a dimensão da determinação simbólica dos fenômenos psíquicos.

## **CAPÍTULO 1: DAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DA IDÉIA DE DETERMINISMO**

“Se houvesse um homem cujo espírito pudesse discernir as relações que ligam as causas entre si, então, seguramente, não poderia se enganar nunca em qualquer predição que fizesse. Porque aquele que sabe as causas dos eventos futuros necessariamente sabe como cada evento ocorrerá.” (Cícero)

“(…) a máquina (se posso me expressar assim) tomou-se perfeitamente selvagem” ( G.B. Airy, 1840)

Devido à sua origem filosófica, a idéia de *determinismo* não deixa de estar sempre levantando questões significativas tanto para a Psicanálise quanto para a Filosofia. Por ser um conceito atravessado pelo viés da Filosofia, entendemos ser necessária uma delimitação inicial de algumas significações que o mesmo adquire ao longo do pensamento filosófico, e, assim, se possível, demarcar as aproximações e diferenças com o campo teórico psicanalítico. Vamos nos ater, particularmente, às discussões em torno da idéia do “determinismo clássico”, que teve seu apogeu no Século XIX com o chamado o “demônio de Laplace”.

Vale, no entanto, ressaltar que não se pretende esgotar todos os desdobramentos teóricos e abordagens da idéia do determinismo na história da filosofia, mas, tão somente, enfatizar aqueles aspectos que nos permitem ir ao encontro dos objetivos específicos deste trabalho. Para direcionar o desenvolvimento das proposições acima mencionadas, tomaremos como referência principal o texto denominado *L’Idée du déterminisme dans la physique classique et dans la physique moderne*, de Alexandre Kojève.

### **1.1. Da idéia de determinismo na Física clássica: primeiras aproximações**

Extraímos de Foulquié quatro sentidos para o termo determinismo: um sentido concreto e um sentido abstrato, como noção filosófica e como noção científica.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> FOULQUIÉ, P. *Dictionnaire de la Langue philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962. p. 167.

Em um sentido concreto, o termo determinismo pode ser definido como o conjunto das condições necessárias para que um fenômeno se produza. A afirmação de Claude Bernard enfatiza o sentido acima mencionado:

“O determinismo de um fenômeno é o conjunto de suas condições materiais, quer dizer as circunstâncias que provocam sua aparição”<sup>3</sup>

Em um sentido abstrato, o termo determinismo pode ser definido como a característica de uma ordem na qual cada elemento depende de certos outros (anteriores), de tal maneira que pode ser previsto. Poincaré expressa essa definição da seguinte forma:

“(…) um mundo onde o determinismo não reinasse seria fechado aos cientistas, e, quando se pergunta quais são os limites do determinismo, é como se perguntasse até onde poderá se estender o domínio da ciência, onde estão os limites que ela não poderá ultrapassar.”<sup>4</sup>

Como noção filosófica, o determinismo é definido pela “causalidade necessária”. Trata-se da teoria segundo a qual todos os fenômenos do universo (ou uma categoria desses fenômenos) são o efeito necessário de seus antecedentes. A definição de Paul Janet vem corroborar esse ponto de vista:

---

<sup>3</sup> BERNARD, CL. *Leç. s. les phén. de la vie*, II, p. 399. Citado por FOULQUIÉ, P. *Dictionnaire de la Langue philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962. p. 167. No original: “Le déterminisme d'un phénomène est l'ensemble de ses conditions matérielles, c'est-à-dire des circonstances qui entraînent son apparition”

<sup>4</sup> POINCARÉ, H. *Le matérialisme actuel*, p. 50. Citado por FOULQUIÉ, P. *Dictionnaire de la Langue philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962. p. 167. No original: “ (...) un monde où le déterminisme ne régnerait pas serait fermé aux savants, et quand on demande quelles sont les limites du déterminisme, c'est comme si on demandait jusqu'où pourra s'étendre le domaine de la science, où sont les bornes qu'elle ne pourra franchir.”

“ O determinismo é a doutrina que, em lugar de submeter o curso dos acontecimentos a uma potência oculta ou a uma vontade superior, o submete à lei da causa e do efeito. Todos os fenômenos do universo, como os fenômenos morais e os fenômenos físicos, são determinados por causas anteriores.”<sup>5</sup>

Como noção científica, o determinismo é definido pela previsibilidade, ou seja, teoria segundo a qual, conhecidas as condições iniciais de um processo de forma exata, os fatos que se seguem podem ser previstos de forma rigorosa. As seguintes palavras de De Broglie são representativas dessa posição:

“ Para o físico, existe determinismo quando o conhecimento de certo número de fatos observados num instante presente ou nos instantes anteriores, junto ao conhecimento de certas leis da Natureza, permite-lhe prever rigorosamente quando tal fenômeno observado terá lugar a tal época posterior. Essa definição do determinismo pela previsibilidade parece a única que os físicos podem aceitar, a única verificável.”<sup>6</sup>

Nesse sentido, De Broglie afirma que, em termos filosóficos, o determinismo deve ser distinguido da idéia de necessidade, doutrinas ligadas à idéia de predestinação e

---

<sup>5</sup> JANET P., *Cours él. de philos.* 2.<sup>a</sup> éd., p. 316. Citado por FOULQUIÉ, P. *Dictionnaire de la Langue philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962. p. 167. No original: “Le déterminisme est la doctrine qui, au lieu de soumettre le cours des événements à une puissance occulte ou à une volonté supérieure, le soumet à la loi de la cause et de l’effet. Tous les phénomènes de l’univers, aussi bien les phénomènes moraux que les phénomènes physiques, sont déterminés par causes antérieures.”

<sup>6</sup> DE BROGLIE, L. *Continu et discontinu*. p. 59. Citado por FOULQUIÉ, P. *Dictionnaire de la Langue philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.p. 167. No original: “Pour le physicien, il y a déterminisme lorsque la connaissance d’un certain nombre de faits observés à l’instant présent ou aux instants antérieurs, jointe à la connaissance de certaines lois de la Nature, lui permet de prévoir rigoureusement que tel ou tel phénomène observable aura lieu à telle époque postérieure. Cette définition du déterminisme par la prévisibilité rigoureuse des phénomènes parait la seule que le physicien puisse accepter, parce qu’elle est la seule qui soit réellement vérifiable.”

de fatalismo<sup>7</sup>, a medida que o princípio de determinismo se refere, principalmente, a uma concepção científica do mundo.<sup>8</sup>

Encontramos, também, em Ferrater Mora uma definição de determinismo que vai ao encontro daquela de De Broglie ao apresentá-lo como uma doutrina segundo a qual todos e cada um dos acontecimentos do universo estão submetidos às leis naturais, sendo tais leis de caráter causal.<sup>9</sup> Embora tivesse sua origem na idéia de cosmo na antigüidade grega, o conceito de “lei natural” desenvolve-se, de fato, com a Revolução Científica do Século XVII. A “visão de mundo” (*Weltanschauung*) da Física clássica passava, assim, a excluir progressivamente a possibilidade de imprevisibilidade na natureza; por conseguinte, edificava-se uma visão mecanicista-determinista do universo que se expandia para os mais diversos ramos das ciências naturais e sociais<sup>10</sup>.

Com efeito, é através de Galileu, Kepler, Newton, Leibniz e outros que o determinismo, pautado pela idéia de “lei natural”, encontra sua expressão precisa na formulação matemática das leis da Física. Contudo, é na Mecânica que encontramos as formulações de leis sobre a natureza cuja finalidade aponta para o estabelecimento de relações matemáticas entre grandezas mensuráveis.

Com Newton, a mecânica ambiciona ser uma teoria completa. A Física é unificada

<sup>7</sup> Por fatalismo entendemos “a doutrina segundo a qual certos acontecimentos são fixados previamente por uma potência exterior e superior à vontade, de maneira que *faça-se o que se fizer* eles acontecerão infalivelmente”. Cf. FERRATER MORA, J. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Dom Quixote, 1977. p. 245.

<sup>8</sup> Nessa perspectiva, o determinismo pode ser definido segundo “a afirmação de que as mesmas causas produzem os mesmos efeitos, no espaço e tempo, segundo um encadeamento preditivo onde os consequentes estão sob a determinação dos antecedentes”. Cf. AUROX, S. *Les notions philosophiques dictionnaire* In: **Encyclopédie Philosophique Universelle**. Tomo I. Paris: PUF, 1990. p. 619. Veremos, posteriormente, que esta definição está intimamente ligada à idéia do “determinismo científico laplaciano”.

<sup>9</sup> FERRATER MORA, J. **Diccionario de Filosofia**. Tomo I. Bueno Aires: Editorial Sudamericana, 1965. p. 431.

<sup>10</sup> Podemos citar, a título de exemplo, o que culminou posteriormente com a chamada “matemática social” de Maupertuis, Condorcet e Quetelet cuja tentativa era de estender, sem o mesmo sucesso, o modelo mecanicista para as “ciências morais e políticas”.

em um esquema determinista a partir de suas três “leis do movimento” e da “lei da gravidade”. Através do pensamento newtoniano, o conceito de causa se expressa em um sistema matemático. As equações diferenciais, desenvolvidas subsequentemente ao cálculo diferencial e integral criado por Newton, permitem obter soluções para a posição e a velocidade de corpos sujeitos a forças conhecidas, desde que se tenham as condições iniciais. Desse modo, o determinismo passa a ser uma decorrência matemática da teoria. Contudo, a previsibilidade ficou subordinada na prática à capacidade de se acharem soluções das equações da mecânica.

Newton buscava nada menos que o “sistema do mundo”, a “teoria do Todo” e certamente, em seu próprio tempo, obteve mais sucesso que ousara sonhar. As leis de Newton reinaram por mais de dois séculos como a descrição definitiva da natureza. É inegável que o grande sucesso das teorias desenvolvidas por Newton e seus sucessores deram alento aos defensores do determinismo. Este esquema conseguiu resultados excepcionais, unificando a explicação das órbitas planetárias descritas por Kepler e das trajetórias parabólicas dos projéteis, estudados por Galileu. O impacto desses resultados não deixaram de influenciar o pensamento de Locke, Berkeley e Hume, culminando com o racionalismo crítico de Kant, profundo admirador da mecânica newtoniana<sup>11</sup>. As doutrinas

---

<sup>11</sup> Uma das primeiras ocorrências do termo determinismo encontra-se numa passagem de Kant, “A religião nos limites da simples razão” (1793). O filósofo o apresenta, inicialmente, como um termo novo e suscetível de ser mal compreendido, pois, diz ele, a questão de difícil tratamento não está na oposição entre uma indeterminação dos atos e uma “aplicação do princípio da razão suficiente”, que se representa por esta palavra determinismo (Kant faz menção ao adepto de Wolff), mas “na oposição entre o fato de que o ato deve estar, no momento da ação, tanto quanto o seu contrário, em poder do sujeito, enquanto que, por outro lado, enquanto fenômeno, ele tem sua razões necessárias *no tempo precedente* (o que é o *praedeterminism*)”. Citado por AUROX, S. *Les notions philosophiques dictionnaire* In: **Encyclopédie Philosophique Universelle**. Tomo I. Paris: PUF, 1990. p. 619. Para Abbagnano Nicola, “tal como visto em Kant, o determinismo autêntico é na realidade um ‘predeterminismo’, isto é, a crença de que a ação humana encontra seu motivo determinante no tempo que a antecede e de tal maneira que não está em poder do homem no momento em que se efetua.” Cf. ABBAGNANO, N. **Diccionario de Filosofia**.

deterministas modernas estavam, assim, intimamente ligadas a uma concepção mecanicista do universo, a tal ponto que, por vezes, identificamos determinismo e mecanicismo. Nesse sentido, a idéia de determinismo aplicava-se facilmente à realidade enquanto concebida “mecanicamente”, ou seja, ele poderia ser considerado como a afirmação da crença na extensão universal do mecanicismo, não deixando de considerar, evidentemente, a extensão do mecanicismo ao homem.

As grandes mudanças no pensamento científico que culminaram em Newton conduziram a uma visão do universo como uma gigantesca engrenagem, funcionando “como um relógio” para representar o máximo em matéria de confiabilidade e perfeição mecânica. O estatuto da máquina era o de previsibilidade. Acreditava-se que, conhecendo a máquina e seu estado num dado momento, seria possível, em princípio, calcular seus movimentos. O sucesso e fortalecimento dessas idéias tiveram certamente a contribuição do desenvolvimento das máquinas e de aparatos construídos para terem um comportamento estritamente previsível. Os modelos nos quais vão se basear para estudar a natureza e os homens, em outros ramos do conhecimento, são aqueles atacados com sucesso preditivo pela mecânica. Por conseguinte, o pêndulo passa a simbolizar, talvez melhor do que qualquer outro sistema mecânico, a periodicidade e o comportamento previsível na natureza.

Nesse sentido, a ciência passava a estudar processos que se assemelhavam às máquinas. O conceito de máquina seria dotado de propriedades definidas que se poderiam isolar e reproduzir no espaço e no tempo, e cujo comportamento se poderia prever. Segundo Bronowski:

“A máquina repete-se, o modelo imita. O postulado da máquina é o de que a começos idênticos se seguirão fins idênticos. Não é necessário que o fim seja único; mas, se mais houver, deverão ocorrer em proporções que se repetem em repetidas tentativas. No modelo exibem-se os passos pelos quais se atingem esses fins a partir desses princípios. Ou seja, o modelo define um conjunto de unidades fundamentais e estabelece leis e axiomas a que devem obedecer; e mostra que, se o mundo real fosse de fato constituído por essas unidades, se obedecesse a essas leis, seu comportamento coincidiria com o que observamos”.<sup>12</sup>

De um modo geral, em filosofia, nos diz Ferrater Mora, costuma-se chamar-se mecanicismo a doutrina segundo a qual qualquer realidade natural tem a estrutura semelhante à de uma máquina, de modo que toda explicação se baseia neste modelo maquinal. Esse é o sentido que se dá ao mecanicismo quando se trata da filosofia natural de autores como Descarte, Hobbes e Newton<sup>13</sup>. O determinismo se relaciona tanto com o mecanicismo, que é uma tendência dominante na ciência do Século XIX, quanto com a filosofia que se elabora nesta fase do pensamento científico. Portanto, a Física clássica nos oferece uma outra natureza pensada como autômato (máquina) e submetidas às leis matemáticas, de tal modo que, dadas as condições atuais de um determinado sistema, ela se julga capaz de fornecer com rigor e precisão seus estados passados e futuros.

---

<sup>12</sup> Cf. BRONOWSKI, S. *O Senso Comum da Ciência*. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1977. p. 56-57.

<sup>13</sup> Podemos dizer, não obstante, que o termo mecanicismo nos remete à filosofia de Descarte. A partir dessa filosofia empregou-se o termo mecânico para designar uma teoria destinada a explicar as obras da Natureza como se fossem obras mecânicas, mais especificamente, como se fossem máquinas. Descartes considera que a realidade natural é regida por leis universais e necessárias do movimento, em outras palavras, a Natureza é concebida enquanto uma realidade mecânica. Considera também que as leis da mecânica ou as leis do movimento elaboradas por sua filosofia ou por sua física são idéias racionais deduzidas de idéias inatas simples. Em Descartes o termo mecanicismo é usado como equivalente a “corpóreo” e a “material”.

## 1. 2. Do determinismo causal

Podemos dizer, junto com Kojève, que os representantes da Física clássica estavam imbuídos da crença de que todo evento da natureza é estritamente determinado<sup>14</sup>. Mesmo não conhecendo todas as leis que regem a natureza, admitia-se, em princípio, sua existência e sua acessibilidade ao físico. Essa crença estava calcada na proposição de que a idéia do determinismo se revestia, de maneira geral, na forma do princípio de causalidade. Por conseguinte, nada no mundo físico ocorria fortuitamente, todo fenômeno teria uma causa que o precederia necessariamente. O princípio de causalidade tornava-se, assim, um princípio fundamental e necessário à ciência, no qual não se duvidava de sua “verdade objetiva” ou mesmo de sua necessidade como um “princípio diretor da ciência”.<sup>15</sup> Para Kojève, a Física clássica “admitia sem questionamentos”, por assim dizer, a validade do princípio de causalidade. Do seu ponto de vista, o mundo teria uma estrutura que, em princípio, seria possível prever exatamente e em detalhes tanto sua evolução quanto qualquer fenômeno particular integrado ao mesmo.

Entretanto, é a através da expressão matemática do princípio de determinismo que encontramos o que melhor representa uma das idéias de base da Física clássica.

“Se nós conhecemos: 1º Todas as equações diferenciais que exprimem as leis que regem a evolução de um fenômeno físico, e 2º O estado exato desse fenômeno num momento dado  $t = t^0$ , nós conhecemos, por isso mesmo, de uma

---

contraopondo-se, pois, a “incorpóreo”, a “imaterial” e ao “espiritual”. Cf. MORA, FERRATER *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Dom Quixote, 1977. p. 257.

<sup>14</sup> KOJÈVE, A. *L’Idée du déterminisme dans la physique classique et dans la physique moderne*. Paris: Librairie Générale Française, 1990. p. 43.

<sup>15</sup> Idem. *ibidem*.

maneira precisa e detalhada ( não somente em relação ao fenômeno tomado em seu conjunto, mais ainda em relação a todos os elementos que o constituem) sua historia anterior e posterior a  $t^{016}$

A “lei de um fenômeno”, nos diz Kojève, não é, no fundo, outra coisa senão o enunciado que nos permite fazer previsões sobre a evolução de um fenômeno, partindo de um estado inicial dado. Tais previsões são somente válidas se a equação (a lei) for “objetivamente verdadeira”, isto é, quando as previsões que elas permitem fazer são confirmadas pela experiência. Essa confiança na eficácia de previsões confirmadas pela experiência ocorre em consequência da crença, que prevalecerá por um bom tempo, de que a superioridade explicativa da ciência decorre do fato de realizar rigorosas e meticolosas observações dos fenômenos investigados. De fato, a fórmula ganha em importância à medida que é efetivamente possível fazer previsões válidas a partir do conhecimento de uma equação diferencial (uma lei) e da constatação de um estado momentâneo.

Com efeito, a Física clássica não se contenta em constatar que tais previsões são possíveis em relação a fenômenos particulares, ao contrário, ela afirma que em princípio essas previsões podem ser feitas em relação a todo fenômeno físico, incluindo-se o mundo tomado em seu conjunto ou um elemento isolado qualquer que faz parte desse mundo. Segundo Kojève:

---

<sup>16</sup> Ibid. p. 45. No original: “Si nous connaissons: 1° Toutes les équations différentielles qui expriment les lois régissent l'évolution d'un phénomène physique, et 2° L'état exact de ce phénomène à un moment donné  $t = t^0$ , nous connaissons par cela même d'une manière précise et détaillée (c'est-à-dire non seulement par rapport au phénomène pris dans ensemble, mais encore par rapport à tous les éléments qui le constituent) son histoire antérieure et postérieure à  $t^0$ .”

“ É esta a idéia fundamental da física clássica, segundo a qual a fórmula mencionada há pouco admitia, em princípio, uma explicação universal, que nós vamos agora examinar um pouco mais de perto. Nós chamaremos essa idéia a idéia do determinismo causal.”<sup>17</sup>

Contudo, o mundo tomado em sua totalidade, nos diz Kojève, não é o objeto imediato da física. Aspirando a ideal de uma explicação global e completa do universo, teorias desse gênero “acham-se por assim dizer no limite da propriamente dita”<sup>18</sup>. Essas teorias não exprimem as aquisições reais da ciência, pois é na pesquisa dos “fenômenos particulares” (segundo Kojève: “*L'objet véritable immédiat des recherches physiques*”) que os cientistas consagram, de fato, todos os seus esforços, de modo que “os enunciados que concernem ao conjunto do mundo são somente extrapolações mais ou menos plausíveis, que respondem, certamente, a uma tendência inerente a nosso espírito, mas cujo valor objetivo é no fundo incontrolável”.<sup>19</sup>

Nesse sentido, tais questões relativas à aplicação universal do princípio do determinismo causal estariam circunscritas a um interesse puramente teórico, quiçá especulativo. Kojève entende, então, que o mundo no qual a Física clássica aplicava o princípio do determinismo causal devia ser precisado. Tendo em vista tal contexto, é que examinaremos a passagem da idéia do determinismo causal exato para a idéia do determinismo causal aproximado.

---

<sup>17</sup> Ibid. p. 45. (grifos nossos) No original: “C’est cette idée fondamentale de la physique classique, d’après laquelle la formule mentionnée tout à l’heure admet, en principe, une application universelle, que nous allons maintenant analyser d’un peu plus près. Nous appellerons cette idée l’idée du déterminisme causal.”

<sup>18</sup> Ibid. p. 46.

<sup>19</sup> Ibid. p. 46. No original: “Les énoncés concernant l’ensemble du monde ne sont que des extrapolations plus ou moins plausibles, qui répondent, certes, à une tendance innée à notre esprit, mais dont la valeur objective est au fond incontrôlable.”

### 1. 3. Do determinismo causal exato ao determinismo causal aproximado

A primeira menção explícita em língua francesa da palavra determinismo encontra-se na tradução francesa do artigo de H. Schmid, (*Revue germanique* 1827, III, 103) em que ele escreve : “*En France, l’empirisme était devenu tout matériel, et se montra dans les écrits de Condillac, de La Mettrie, d’Hévétius, d’Holbach, des encyclopédistes, tout athéisme et déterminisme*”<sup>20</sup>. Do mesmo modo que essa indicação traz consigo, pelo menos na língua francesa, parte da história do emprego desse termo, poder-se-ia considerar, contudo, que, do ponto de vista das idéias, o texto de Laplace que se encontra no início do *Essai philosophique sur les probabilités* (1814) como a versão inaugural dessa concepção.

Das condições teóricas que concorrem para o estabelecimento do determinismo científico, destacamos uma “origem técnica” visto que “a palavra determinismo significou, no início do Século XIX, a explicação completa do funcionamento de uma máquina”.<sup>21</sup> Não obstante, o próprio desenvolvimento científico caminhava no sentido de considerar o mundo, ele próprio, como uma máquina. Certamente, o desenvolvimento da mecânica no Século XVIII contribui de forma efetiva para a produção em termos novos e precisos para o que se chamará a “hipótese global do determinismo universal”. Essa mecânica triunfante se funda sobre um certo número de características primordiais: inicialmente a mecânica se formula por um sistema de equações diferenciais sobre as quais

---

<sup>20</sup> Cf. AUROX, S. *Les notions philosophiques dictionnaire* In: *Encyclopédie Philosophique Universelle*. Tomo I, Paris: PUF, 1990. p. 621.

<sup>21</sup> *Ibid.* p. 621.

se aplica o “teorema de Cauchy”.<sup>22</sup>.

Com Laplace, começa-se a considerar o universo como constituído exclusivamente de pontos materiais entre os quais se exercem as forças clássicas da dinâmica. Logo, seria possível transcrever e traduzir o conjunto de todas as interações por um sistema de equações mecânicas. Acredita-se que um conhecimento detalhado e exato pode fornecer os valores iniciais que representam as posições e velocidades de todos os pontos materiais. Cada um desses valores seria, em teoria, calculável, de modo que se poderia conhecê-los em qualquer estado ulterior do universo. Por conseguinte, poder-se-ia afirmar o conhecimento de todos os estados do mundo. É a partir do sucesso da mecânica e de sua capacidade de previsão que se origina a elaboração do determinismo laplaciano.

A exposição de Laplace baseia-se na suposição da aplicabilidade universal da mecânica “newtoniana” a todos os fenômenos, acrescida à suposição (não demonstrada) da validade universal do que viria a chamar-se posteriormente de os “teoremas de existência e unicidade das soluções de equações diferenciais”. Contudo, diferentemente de Newton, Laplace entendia a conjunção constante entre fatos antecedentes e conseqüentes sem a necessidade de fazer apelo a um elemento providencialista para garantir sua eficácia. Bastava-lhe a matéria e suas propriedades da mecânica auto-reguláveis. Não seria importuno lembrar que, quando instado por Napoleão a esclarecer qual era o lugar de Deus no seu sistema do mundo, obteve a seguinte resposta: “*je n’ai pas besoin de cette hypothèse*”. No *Essai philosophique sur les probabilités* (1814) Laplace explicita sua fórmula:

---

<sup>22</sup> Esse teorema estipula que, uma vez possuindo os valores iniciais desconhecidos a um instante  $t^0$ , a solução do sistema considerado é única e determina o valor desconhecido a todo instante  $t'$ , logo a todo instante ulterior. Ibid. p. 622.

“Uma inteligência que em um dado instante conhecesse todas as forças de que a natureza é animada e a situação respectiva de tudo que a compõe, se, além disso, fosse capaz de submeter isto a análise, abrangeria na mesma fórmula os movimentos dos corpos maiores do universo e os do mais leve átomo, nada seria incerto para ela, o futuro como o passado estaria presente a seus olhos.”<sup>23</sup>

A partir desta fórmula, Kojève entende que três pontos devem ser sublinhados. O primeiro ponto diz respeito à noção de “inteligência”. Essa “inteligência” possui uma faculdade de conhecer que ultrapassa infinitamente àquela do homem. Tal “inteligência” tornou-se posteriormente bastante popular nas discussões sobre o determinismo, com o nome de “demônio de Laplace”. Para Laplace, se houvesse um ser com o poder de ter acesso a todas as forças em ação num determinado instante, seria possível prever com exatidão todos os movimentos no presente, passado e futuro. O universo apresentar-se-ia como um mecanismo de relógio onde cada engrenagem se move de maneira rigorosamente prescrita. O “demônio de Laplace” estaria intimamente ligado tanto à idéia de um determinismo causal universal quanto à possibilidade de se prever a evolução posterior e anterior de qualquer sistema, partindo do conhecimento de um estado momentâneo por parte de uma inteligência semelhante àquela do homem, mas indefinidamente mais ampla.

O segundo ponto se refere à idéia de que a previsão é “detalhada”. Pode-se prever não somente a evolução do mundo em seu conjunto, mas de qualquer de seus elementos. Além disso, esses elementos seriam de tal forma “solidários” entre si que qualquer mudança afetaria os outros.

Finalmente, o terceiro ponto que se relaciona à idéia de que a predição é “exata”.

---

<sup>23</sup> LAPLACE, Pierre-Simon de. *Essai philosophique sur les probabilités* (1814). Citado por KOJÈVE, A. *L’Idée du déterminisme dans la physique classique et dans la physique moderne*. Paris: Librairie Générale Française, 1990. p. 48.

Pode-se conhecer “de forma exata e completa o estado do mundo” a um momento dado e, com a ajuda de leis gerais, pode-se prever sua evolução em qualquer outro estado. A Física clássica admitia, em princípio, ser possível estabelecer as equações diferenciais (as leis) que permitem deduzir “de uma maneira unívoca, exata e detalhada” toda a história do mundo, partindo do conhecimento exato (igualmente possível em princípio) de um estado dado do mundo a qualquer momento do tempo. Kojève começa a enunciar o que ele chama de um **determinismo causal exato**. Segundo o autor:

“Aplicado ao mundo em seu conjunto (fórmula de Laplace) a **idéia do determinismo causal (exato)** equivale à afirmação de que é em princípio possível prever de uma maneira exata e detalhada o futuro e o passado da evolução do mundo, partindo do conhecimento exato da configuração do mundo a um momento  $t^o$  qualquer e das leis que regem essa evolução.”<sup>24</sup>

Para Kojève, o “princípio de determinismo causal exato” pode ser formulado objetivamente da seguinte maneira: “mesmas causas - mesmos efeitos”. Esse axioma foi considerado como a “máxima geral da ciência física” durante um bom tempo, contudo o real significado desta afirmação é que causas e efeitos devem diferir apenas no que diz respeito a tempo e espaço “absolutos” em que ocorre o evento. Por “causa” é designado tanto o estado momentâneo do mundo tomado em seu conjunto, quanto o estado de um fenômeno particular que faz parte de um mundo onde reina a interação universal. Por conseguinte, o princípio de determinismo causal exato somente se aplica num mundo onde

---

<sup>24</sup> KOJÈVE, A. *L'Idée du déterminisme dans la physique classique et dans la physique moderne*. Paris: Librairie Générale Française, 1990. Kojève p. 253. (grifos nossos) No original: “Appliquée au monde pris dans son ensemble (formule de Laplace) l'idée du déterminisme causal (exact) équivaut à l'affirmation qu'il est en principe possible de prévoir d'une manière exacte et détaillée l'avenir et le passé de l'évolution mondiale en partant de la connaissance exacte de la configuration du monde à un moment  $t^o$  quelconque, et des lois qui régissent cette évolution.”

existem fenômenos idênticos que sofrem as mesmas influências exteriores; num tal mundo haveria uma simetria absoluta (é o que Kojève chama de *Retour éternel*).

Segundo Kojève, a idéia de tal mundo não é nem necessária nem absurda, mas nada prova que ela corresponde à realidade. Nós não sabemos de fato se num “mundo real” alguma coisa corresponde à noção de “mesmas causas”. Mesmo admitindo essa hipótese, teríamos ainda que nos perguntar “se ‘causas’ idênticas produzem sem exceção os mesmos ‘efeitos’”<sup>25</sup>. Conforme Kojève:

“Isto não sendo de modo algum evidente *a priori* (mesmas causas produzem sem exceção os mesmo efeitos); somente a experiência pode nos informar. **Mas essa informação deve ser absolutamente exata, ao passo que, de fato, todas as nossas experiências são aproximadas.** A física clássica supunha que o ideal da experiência exata é indefinidamente aproximável e que a idéia de determinismo causal exato teria, assim, pelo menos o valor de uma idéia limite, de uma idéia reguladora. Mas ela não justificava essa suposição, e a física moderna não a aceita mais.”<sup>26</sup>

Essas afirmações em torno da idéia de um determinismo causal exato longe de serem evidentes *a priori*, implicam dificuldades consideráveis. Afirmar que o ideal laplaciano é acessível, em princípio, equivale a supor que as previsões da Física podem tornar-se cada vez mais exatas e se aproximarem indefinidamente do ideal de uma previsão universal, exata e detalhada. Em outros termos, tal afirmação se baseia na crença da possibilidade de um aumento indefinido da precisão das experiências físicas. O determinismo causal assim concebido atua na Física com a função de uma idéia reguladora:

---

<sup>25</sup> Ibid. p. 85.

<sup>26</sup> Idem. ibidem. p. 85. (grifos nossos) No original: Ceci n'étant nullement évident *a priori*, seule l'expérience peut nous renseigner. Mais cette expérience doit être absolument exacte, tandis que, en fait, toutes nos expériences sont approchées. La physique classique supposait que l'idéal de l'expérience exacte est indéfiniment approchable, et que l'idée du déterminisme causal exact avait ainsi au moins la valeur d'une idée limite, d'une 'idée régulative'. Mais elle ne justifiait pas cette supposition, et la physique moderne ne

nada pode se opor à extensão indefinida do domínio da explicação e das previsões causais tanto de um lado infinitamente grande quanto de outro infinitamente pequeno. Mesmo admitindo que as medidas experimentais são afetadas por erro, acredita-se que “aperfeiçoando-se os métodos” poder-se-ia sempre deixar os erros cada vez menores.

Desse modo:

“Por poder aceitar o ideal laplaciano como uma idéia válida para a física, como uma idéia reguladora da ciência, o físico deve então necessariamente supor que nada pode se opor ao aumento indefinido da precisão das medidas experimentais simultâneas de todas as grandezas que devem ser conhecidas quando se quer fazer uma previsão.”<sup>27</sup>

A Física clássica não se contenta em afirmar simplesmente a possibilidade universal de fazer previsões. Ela supõe que o mundo tem uma estrutura causal exata, o que significa que sua evolução pode ser prevista de uma maneira “exata e detalhada”. Entretanto, Kojève é enfático ao afirmar que essa suposição não é uma condição *sine qua non* da Física uma vez que “as previsões dessa ciência são somente verificadas de uma maneira aproximada e a grande maioria de suas leis tem uma característica estatística”<sup>28</sup>.

Corroborar a suposição acima significaria dizer que, em certa escala, as previsões aproximadas poderiam ser frequentemente confirmadas. Mais ainda, poder-se-ia concluir, então, que, em melhorando os métodos, seria possível fazer previsões causais “rigorosamente verdadeiras”. Contudo, nos diz Kojève, do ponto de vista lógico essa

l'accepte plus.”

<sup>27</sup> Ibid. p. 57. (grifos nossos) No original: “Pour pouvoir accepter l'idéal laplacien comme un idéal valable pour la physique, comme une 'idée régulatrice' de la science, le physicien doit donc nécessairement supposer entre autres que rien ne peut s'opposer à l'augmentation indéfinie de la précision des mesures expérimentales simultanées de toutes les grandeurs qui doivent être connues quand on veut faire une prévision.

<sup>28</sup> Ibid. p. 67. No original: “ les prévisions de cette science ne sont vérifiées que d'une manière approchée, et la grande majorité de ses lois a un caractère statistique.”

extrapolação não é, certamente, nem mais nem menos legítima: ela implica postulados que não são evidentes *a priori* e que não são nem provados nem desmentidos pela experiência. Apesar de tal extrapolação se mostrar ser assim natural aos físicos do período clássico, a Física moderna não a considera como inteiramente legítima.<sup>29</sup>

Segundo Kojève, as “experiências físicas jamais são rigorosamente exatas”, somente o “**princípio do determinismo causal aproximado**” pode ser, de fato, aplicado e verificado experimentalmente. Por conseguinte, o princípio do determinismo causal aproximado pode ser formulado da seguinte forma: “As causas similares produzem efeitos similares”.

Temos aqui uma referência implícita à Maxwell. A partir da segunda metade do Século XIX o desenvolvimento da Teoria Cinética dos Gases teve conseqüências profundas na Física ao gerar o modelo estatístico que descrevia sistemas com muitos graus de liberdade. Os trabalhos de Maxwell atribuem, com grande originalidade, um caráter de incerteza intrínseca ao conhecimento estatístico, rompendo com a visão tradicional que associava a perspectiva causal aos cálculos probabilísticos. Desse modo, a crítica de Maxwell ao determinismo laplaciano encontra-se entre as primeiras reações ao determinismo dentro do universo teórico da física newtoniana.

O desenvolvimento da ciência molecular introduz dois métodos de investigação, que por conveniência podem ser chamados de dinâmico e estatístico. Em princípio, o dinâmico seria o único método exato. Entretanto, nos diz Maxwell, “ (...) se a teoria molecular da constituição dos corpos é verdadeira, todo o nosso conhecimento da matéria é

---

<sup>29</sup> Ibid. p. 68.

do tipo estatístico”.<sup>30</sup> Ao aceitar a presença dos métodos estatísticos nas ciências observacionais, Maxwell afirma a impossibilidade de se obterem medições absolutamente exatas. Na conferência de 1873, ele faz o seguinte comentário:

“ É uma doutrina metafísica que os mesmos antecedentes produzem sempre os mesmos conseqüentes. O axioma físico, semelhante a esse, afirma que ‘de antecedentes similares seguem-se conseqüentes similares’. Mas aqui passamos da igualdade para similaridade, da precisão absoluta para uma aproximação mais ou menos grosseira. Há certas classes de fenômenos (...) nos quais um pequeno erro nos dados somente introduz um pequeno erro no resultado. O curso dos eventos nesse caso é estável. Há outras classes de fenômenos que são mais complexos, onde instabilidades ocorrem; e o número de tais casos cresce de maneira extraordinariamente rápida quando o número das variáveis aumenta.”<sup>31</sup>

Segundo Maxwell, somente em sistemas estáveis podemos garantir que a trajetória futura permanecerá dentro dos limites previsíveis de variação. Assim, toda mecânica racional em que se inspiram os proponentes da descrição astronômica do mundo se baseia na resolução de sistemas de equações lineares, funções contínuas, analíticas, integráveis, chamadas de equações “bem comportadas”. Tratava-se, segundo Klein, do “mais elaborado e ambicioso esforço de dar explicações mecânicas para toda a natureza”.<sup>32</sup> O hábito de se tratar apenas de tais sistemas havia levado à crença, infundada, de que todos os sistemas relevantes para a descrição do mundo físico seriam de tal tipo. Isso explicaria a segurança do ato de fé de Laplace.

---

<sup>30</sup> Cf. MAXWELL, James Clerk. *Does the Progress of Physical Science Tend to Give any Advantage to the Opinion of Necessity (or Determinism) over that the Contingency of Events and the Freedom of the Will ?* (1873). In: CAMPBELL, L., GARNETT, W.. *The Life of James Clerk Maxwell with a Selection from his Correspondence and Occasional Writing and a Sketch of his Contributions to Science*. New York: Johnson Reprint Corp., 1970. p. 439.

<sup>31</sup> *Ibid.* p. 442.

<sup>32</sup> KLEIN, Martin. *Mechanical Explanation at the End of the XIX Century*, *Century*, v.17, 1972. p. 3.

Não obstante, o domínio dos fenômenos investigados pelos métodos da Física haviam se expandido muito, mas, acima de tudo, era na própria aplicação dos métodos em que os cientistas mais se distanciavam de Laplace. O progresso do cálculo e a utilização de funções variáveis complexas, desenvolvidas especialmente a partir dos trabalhos de Poisson e Cauchy, incorporavam-se ao dia-a-dia do físico. Não era mais possível acreditar que a natureza era dotada da “simplicidade inteligível” como imaginavam os pensadores do determinismo estrito. Maxwell começava, então, a tirar conclusões de sistemas instáveis e a reconhecer que existem fenômenos em que o nível de complexidade é cada vez maior, limitando, absolutamente, a hipótese do progresso constante das técnicas de medida. Para Maxwell o ideal de um determinismo universal, exato e detalhado seria, certamente, sem significação efetiva e real, porque toda medida seria, no fundo, essencialmente imperfeita e necessariamente aproximada.

Nesse sentido, a idéia de um determinismo causal exato passa a dar lugar à idéia de um determinismo causal aproximado. Segundo o Kojève:

“Verificava-se, então, se não o princípio do determinismo causal exato, pelo menos o princípio do determinismo causal aproximado: as ‘causas’ similares (indicíveis) tem em geral ‘efeitos’ similares (indicíveis): estrutura causal aproximada. Esse princípio admitia, certamente, exceções freqüentes, mas a física clássica supunha que, em aumentando a precisão das experiências, se poderia sempre distinguir as ‘causas’ dos ‘efeitos’ diferentes e restabelecer assim a validade do princípio de causalidade. Nós vemos então que a idéia do determinismo causal exato atua aqui também em função de uma ‘idéia reguladora’: em aumentando indefinidamente a precisão das experiências, aproxima-se indefinidamente do ideal de previsões causais exatas e detalhadas. É claro que essa idéia somente tem um sentido físico à condição de supor que a precisão das experiências pode, com efeito, crescer indefinidamente. A física clássica a admitia sem discussão.”<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> KOJÈVE, A. *L’Idée du déterminisme dans la physique classique et dans la physique moderne*. Paris: Librairie Générale Française, 1990. p.255. No original: Pourtant les prévisions causales (individuelles) étaient en général confirmées grosso modo par l’expérience. On vérifiait donc sinon le principe du déterminisme

A Física somente pode aceitar a idéia de uma previsão universal à condição de visar no horizonte um ideal no qual “a precisão das experiências pode crescer indefinidamente”. Isto é, aumentando indefinidamente a precisão das experiências, aproximar-se-ia do ideal de previsões causais exatas e detalhadas. Contudo, basta demonstrar, nos diz Kojève, que “a mesma previsão particular não pode jamais se tornar absolutamente exata, para tirar dessa idéia toda a sua significação no campo da Física.”<sup>34</sup> Nesse sentido a Física moderna dirige sua crítica não diretamente à fórmula laplaciana, mas, efetivamente, contra a aplicação da idéia do determinismo causal exato aos fenômenos particulares. Se a aplicação da fórmula laplaciana aos fenômenos particulares se mostra impossível, o que dizer de sua aplicação ao “mundo tomado em seu conjunto”?

O que Kojève nos diz é que a fórmula de Laplace não pode nos servir de prova para a afirmação da Física clássica segundo a qual as previsões da Física podem – em princípio – tornar-se cada vez mais exatas, detalhadas e universais. O valor dessa fórmula é tão somente aquele de uma “extrapolação”. Desse modo, a Física moderna colocava em evidência que “a exatidão da previsão possui um limite absoluto”.<sup>35</sup> O comentário de

---

causal exact du moins le principe causal approché: les ‘causes’ semblables (indiscernables) ont en général des ‘effets’ semblables (indiscernables); structure causale approchée. Ce principe admet, certes, des exceptions fréquentes, mais la physique classique supposait qu’en augmentant la précision on pouvait toujours distinguer les ‘causes’ à ‘effets’ différents et rétablir ainsi la validité du principe de causalité. Nous voyons donc que l’idée du déterminisme causal exact joue ici aussi le rôle d’une ‘idée régulatrice’: en augmentant indéfiniment la précision des expériences on se rapproche indéfiniment de l’idéal de prévisions causales exactes et détaillées. Il est clair que cette idée n’a de sens physique qu’à condition de supposer que la précision des expériences peut en effet croître indéfiniment. La physique classique l’admettait sans discussion”.

<sup>34</sup> Ibid. p.68. No original: “il suffit de démontrer que même les prévisions particulières ne peuvent jamais devenir absolument exactes pour ôter à cette idée toute signification physique.”

<sup>35</sup> Não é nosso objetivo desenvolver toda essa argumentação aqui, entretanto podemos dizer que um dos objetivos de Kojève é demonstrar que não é a teoria da Relatividade de Einstein que permite à ciência física deixar as categorias mentais do espírito clássico ( a idéia reguladora de Laplace), mas a “hipótese de um *quantum d’action* introduzida por Planck”. Segundo Kojève, essa hipótese tem por consequência deixar

Dominique Auffret nos ajuda a compreender tal afirmação. Segundo o autor:

“Graças ao trabalho de Planck, Bohr, Schrödinger, Heisenberg, de Broglie e outros, a orientação do conhecimento da Física clássica revelou-se imaginário: é mostrado que, contrariamente à suposição clássica, não é possível aumentar ‘indefinidamente a precisão das medidas experimentais *simultâneas* de todas as grandezas que devem ser conhecidas quando se quer fazer uma previsão’”.<sup>36</sup>

A Física moderna faz, assim, parecer aos olhos do filósofo que a “inteligência” postulada pela Física clássica, na fórmula de Laplace, era apenas uma “idéia reguladora” do pensamento “determinista causalista”. Frequentemente se sublinha que existe dentro da visão Laplaciana uma forma de extrapolação. Trata-se, inicialmente, da convicção de uma regularidade de encadeamentos de fenômenos que engloba a idéia de causalidade. Esta consiste em descrever todos os fenômenos por objetos interagindo-se segundo regras operatórias. O determinismo a esse nível refere-se fundamentalmente a uma determinação rigorosa do futuro pelo presente, o que leva, de fato, a uma previsibilidade perfeita. Essa última é ilustrada e confirmada dentro da compreensão de sistemas locais, de fenômenos cuja escala e nível eram circunscritos metodicamente. Entretanto, a extrapolação torna-se inevitável, pois a Física clássica não se contentava em compreender sistemas locais. Por conseguinte: do sistema solar passava-se à integralidade do universo.

Em **La Pensée scientifique moderne (1969)**, Jean Ulmo mostra bem o início, legítimo, desta questão. Falando do determinismo proposto pela fórmula de Laplaciana, ele

---

impraticável o postulado da universalidade e da verificabilidade experimental da causalidade clássica.

<sup>36</sup> AUFFRET, D. In: KOJÈVE, A. **L’Idée du déterminisme dans la physique classique et dans la physique moderne**. Paris: Librairie Générale Française, 1990. p. 17-18. (grifos nossos). No original: Grâce aux travaux de Planck, Bohr, Schrödinger, Heisenberg, de Broglie et d’autres, l’orientation de la connaissance physique classique s’est révélée imaginaire: ils ont montré que, contrairement à supposition classique, il n’était pas possible d’augmenter ‘indéfiniment la précision des mesures expérimentales *simultanées* de toutes les grandeurs qui doivent être connues, quand on veut faire une prévision’

observa que

“essa extrapolação brutal criou uma primeira ambigüidade. Determinismo, no seu sentido parcial (...), é asseguradamente um postulado metodológico da ciência a nossa escala, quando ela isola um grupo de fenômenos para destrinchar suas leis (...) O determinismo sempre parcial, sempre progredindo e visando esgotar a diversidade dos fenômenos sem jamais afirmar como uma empresa acabada, correspondendo estritamente ao uso e o alcance da lei científica, sobre as quais não existe debates.”<sup>37</sup>

Ele prossegue:

“Mas a afirmação totalitária de um determinismo universal, como tomada de posição sobre o todo, sai do quadro do método científico: ela é estranha à ciência e lhe é inútil. É propriamente uma hipótese metafísica. Ela somente tirou seu crédito de uma confusão entre determinismo-método e o determinismo dogmático.”<sup>38</sup>

Portanto, não seria impertinente dizer que a passagem da idéia de uma determinismo causal exato (a fórmula de Laplace) para a idéia de uma determinismo causal aproximado coloca em evidência que a exatidão experimental possui um limite absoluto.

---

<sup>37</sup> ULMO, Jean. *La Pensée scientifique moderne*. Paris: Flammarion, 1969. p. 181. citado por AUROX, S. *Les notions philosophiques dictionnaire* In: *Encyclopédie Philosophique Universelle*. Tomo I, Paris: PUF, 1990. p. 622. No original: “cette extrapolation brutale à créé une première ambiguïté. Déterminisme, dans son sens partiel (...), est assurément un postulat méthodologique de la science à notre échelle, lorsqu'elle isole un groupe de phénomènes pour en débrouiller les loi. (...) Au déterminisme toujours partiel e toujours progressant visant à épuiser la diversité des phénomènes sans jamais affirmer une entreprise achevée, correspondent étroitement l'usage et la portée de la loi scientifique, sur lesquels il n'y a pas de débats”

<sup>38</sup> Idem. *ibidem*. No original: “ Mais l'affirmation totalitaire du déterminisme universel, comme prise de position sur le tout, sort du cadre de la méthode scientifique: elle est étrangère à la science et elle lui est inutile. C'est proprement une hypothèse métaphysique. Elle n'a tiré son crédit que d'une confusion entre le déterminisme méthode et le déterminisme dogmatique.” A afirmação do “determinismo total”, mais precisamente, como nos diz Ulmo, de um determinismo dogmático, entra em contradição com o sentimento profundo da liberdade humana. Sobre esse ponto, da oposição radical entre determinismo e livre arbítrio, sabe-se que as discussões foram numerosas e, certamente, como veremos, Freud não ficou à parte das mesmas. Embora esteja fora do alcance de nossa dissertação, o texto freudiano nos permite pensar um caminho alternativo para além das antinomias determinismo/indeterminismo, determinismo/liberdade. A esse respeito destacam-se as análises de Searle e Davidson. Cf. DAVIDSON, D. *Essays on Actions and Events*. Oxford, Clarendon Press, 1980. e SEARLE, J. *Mente Cérebro e Ciência*. Lisboa: Edições 70, 1984.

A crença de que as previsões podem tornar-se cada vez mais exatas e se aproximarem indefinidamente do ideal de uma previsão universal, detalhada e exata começa a ser questionada, pois a idéia de um aumento indefinido da precisão experimental de modo algum é evidente *a priori*. Daí, a incapacidade de se infirmar ou se confirmar o determinismo universal. Além disso, podemos observar que o essencial dos argumentos das discussões sobre a validade do determinismo, no Século XIX, contribuiu de forma significativa com as reflexões sobre a subjetividade moderna e o campo da Psicanálise, uma vez que os alicerces do sujeito moderno ficaram fortemente abalados.

Com efeito, o questionamento freudiano passa a inserir-se num quadro mais amplo do questionamento ao projeto moderno, prioritariamente, no debate sobre a centralidade atribuída a noção de subjetividade. Debate já iniciado desde as tentativas de fundamentação do conhecimento empreendidas por racionalistas e empiristas. Se nos primórdios do projeto moderno a subjetividade tinha um lugar privilegiado - pois aquele definia-se na busca de fundamentação das teorias científicas na análise da subjetividade, do indivíduo considerado como sujeito pensante, dotado de consciência autônoma - com esse projeto entrando em crise, o ponto de partida da subjetividade tornava-se um grande impecilho. A análise do processo de conhecimento que tomava como ponto de partida a consciência individual acaba encontrando barreiras praticamente insuperáveis para explicar a relação entre psiquismo e o mundo. Abateu-se sobre esse caminho o risco da realidade se reduzir a nossa experiência subjetiva. Ernst Mach (1838-1916) traduziu essa preocupação na seguinte afirmação: “Não há salvação para o sujeito”<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> Citado por MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia: Dos pré-socráticos à Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998. p. 252.

Por conseguinte, esforço freudiano pauta-se em fundar um discurso que permita uma ruptura com a visão antropocêntrica, particularmente, na subjetividade fundada na consciência de si enquanto universo único. Para Freud, o discurso psicanalítico, assim como a filosofia para Feuerbach, não deveria poupar o homem das *ilusões*<sup>40</sup> que ancoravam-o confortavelmente à alienação de si mesmo.

No texto denominado “Uma dificuldade no Caminho da Psicanálise” (1917), publicado inicialmente no periódico *Nyugat* a convite do húngaro H. Ignotus, Freud coloca a Psicanálise como a terceiro golpe no “narcisismo universal dos homens”, precedido historicamente pelo “golpe *cosmológico*” empreendido pela revolução copernicana e pelo “golpe *biológico*” empreendido pela revolução darwiniana. Com Copérnico a terra é deslocada do centro do cosmo, por conseguinte, não se sustenta mais a idéia do homem como centro do universo. A teoria heliocêntrica põe por terra essa pretensão inserindo o homem na imensidão do universo infinito. Com revolução darwiniana homem perde seu lugar privilegiado, inserindo-se como mais uma espécie derivada de outras espécies, na evolução biológica. Para Freud, a Psicanálise implicaria no mais severo golpe na humanidade, na medida em que descentra a consciência de seu suposto domínio no psiquismo apontando para uma clivagem do sujeito. Nas palavras de Freud: “o ego não é senhor da sua própria casa”<sup>41</sup>. A proposição do descentramento revela sua força na crítica dos pressupostos de uma subjetividade fundada na consciência de si e na autonomia do eu. Neste sentido, veremos que o estudo da noção de

---

<sup>40</sup> Retomaremos essa questão no item 2.2. Da ambivalência em relação à prática médica: a antinomia entre especulação e objetividade no capítulo 2.

<sup>41</sup> FREUD, S. Uma Dificuldade no caminho da Psicanálise E.S.B., vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 178.

determinismo, na obra freudiana, nos permitirá aprofundar a questão do descentramento do sujeito deslocando o lugar privilegiado da consciência sobre o psiquismo para o registro do Inconsciente.

## CAPÍTULO 2: DA IDÉIA DE DETERMINISMO EM FREUD: OS ANOS DE FORMAÇÃO

“Não sou nem um verdadeiro homem de ciência nem um experimentador, nem tampouco um pensador: sou apenas um *conquistador*, um explorador ... com toda curiosidade, audácia e tenacidade que caracterizam esse tipo de homens. Geralmente, só se reconhece algum valor nessas pessoas quando elas têm êxito, quando realmente descobrem alguma coisa; caso contrário, elas são postas de lado.” (S. Freud, 1890)

“A Psicanálise nasceu por assim dizer junto com o século XX. No entanto, ela não brotou da pedra, não caiu do céu, mas sim se baseia em dados anteriores e resulta de incentivos. Logo, a sua história começa com a exposição das influências que determinam a sua evolução e tampouco devem ser desconsideradas as circunstâncias e condições existentes em épocas anteriores ao seu surgimento”. (S. Freud, 1938)

Nesse capítulo, pretendemos localizar algumas influências teóricas sofridas por Freud no que tange à problemática do determinismo. Acreditamos ser pertinente recuperar a discussão do determinismo presente à época do nascimento da Psicanálise, visando, assim, entender como essa problemática influencia o modo como Freud postula o determinismo psíquico. Nesse sentido, nosso capítulo visa fornecer elementos que permitam delimitar o campo teórico no qual se inscreve a questão do determinismo na teorização freudiana. Importa destacar que Freud alimentava-se de uma corrente ideológica e epistemológica bem determinada, que lhe fornecia a linguagem por meio da qual viria a pensar e articular seus próprios conceitos.

Com efeito, parece não ser impertinente lembrar da advertência de Althusser:

“Teoricamente, Freud montou sozinho seu próprio negócio: produzindo seus próprios conceitos, seus conceitos ‘domésticos’, sob a proteção de conceitos importados, tomados de empréstimo ao estado das ciências existentes e, é preciso dizê-lo, no horizonte do mundo ideológico em que se banhavam tais conceitos.”<sup>42</sup>

Não nos esqueçamos de que toda a formação científica de Freud foi feita num solo cultural bastante marcado por certo positivismo cientificista muito avesso às questões ditas metafísicas. Não obstante, a formação intelectual de Freud é forjada na atmosfera cientificista e positivista em voga nos meados do Século XIX. Este é um período em que as grandes transformações sociais, engendradas pelo ressurgimento de concepções iluministas e pelo declínio das visões do romantismo, buscavam um realinhamento de idéias. O

---

<sup>42</sup> ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan, Marx e Freud**. Introdução crítico-histórica e tradução por Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 52.

obscurantismo das idéias inatas, o misticismo da natureza e as elucubrações da *Naturphilosophie* romântica são rechaçados pela supremacia do positivismo.<sup>43</sup> A suprema valorização dos fatos sensíveis e a recusa à especulação pura delineiam um horizonte onde a ciência passa a ser o único caminho íntegro do conhecimento.

A *Naturphilosophie*, e seu sucedâneo científico, o *vitalismo*, cederam lugar no campo da Biologia a uma teoria físico-fisiológica regida pelo princípio de conservação de energia postulado por Mayer em 1842 e realçada, no campo da Fisiologia, pela “Escola de Medicina de Helmholtz”. Essa teoria físico-fisiológica tem em sua base a idéia de força de atração e repulsão cuja tendência é permanecer constante num sistema isolado. A hipótese de constância não somente dava continuidade ao projeto helmholtziano, mas se inclinava também à filosofia de Herbart que, desde 1824, “advogara contra o livre-arbítrio” dotando a motivação inconsciente de uma determinação restrita. Dessa forma, Freud retomava o “juramento fisicalista” na forma de um monismo epistêmico do qual ambicionava reduzir a ciência do psiquismo ao modelo físico-químico das “ciências da natureza” (*Naturwissenschaft*). Sua convicção determinista é fundada ela própria sobre a unidade presumível das *Naturwissenschaft*.

Pretendemos mostrar que a ambição de Freud de cientificidade cultivada desde o início de sua formação no campo da Anatomia e da Psicofisiologia apoiava-se numa exigência de importância capital: o determinismo.

---

<sup>43</sup> Para tratamento histórico e conceitual acerca das idéias de Filosofia da Natureza e Filosofia Romântica. Cf. ELLENBERGER, Henri F. *El Descubrimiento del Inconsciente*. Madri: Editorial Gredos, 1976. p. 238-248.

Entretanto, a questão do determinismo em Freud revela-se bastante complexa para ser esgotada no contexto de um capítulo. Desse modo, privilegiaremos o seguinte aspecto: aquele que instrumentaliza a localização do percurso da idéia de determinismo, mais especificamente a querela do determinismo no campo da ótica fisiológica. Contra a enfermidade especulativa da filosofia romântica a corrente positivista ministrava a vacina do determinismo. Um amplo debate se colocava no terreno da Fisiologia, na segunda metade do Século XIX, quando nativistas e empiristas disputavam se o conhecimento do espaço era conhecido como algo inato ou como resultado da experiência. Em um campo mais amplo, mecanicistas e vitalistas travavam um combate que atravessou a história das ciências biológicas<sup>44</sup>. Essa disputa pode ser formulada da seguinte forma: seria a vida da mesma natureza que os demais fenômenos físico-químicos estando com eles subordinada ao determinismo das causas e efeitos, ou seria um fenômeno com leis próprias ?

Ao reconstituir algumas das modalidades de discurso adquiridas na formação do capital teórico freudiano, estaremos em condições de indicar em torno de qual problemática essa necessidade determinista emerge. “Trata-se de determinar *de onde ele fala* para situar-nos *onde ele fala*, e seguindo a lógica esboçada pelo discurso”<sup>45</sup>.

Esse critério é tão mais interessante, que nos permite avaliar a posição de Freud nesse “tabuleiro epistemológico”, dada a dificuldade de reduzi-lo pura e simplesmente a

---

<sup>44</sup> A discussão da querela entre vitalistas e mecanicistas ultrapassa os objetivos do nosso capítulo. Para acompanhar o desenvolvimento de toda argumentação, cf. CASSIER, Ernst. **El problema del Conocimiento en la Filosofía y en la Ciencia Modernas - De La Muerte de Hegel a nuestros días (1832 - 1932)**. Vol. 4 México - Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1948. Capítulo V: *La mecánica del desarrollo y el problema causal de la biología* e Capítulo VI: *La polémica del “vitalismo” y la autonomía de lo orgánico*. Cf. também CANGUILHEM, G. *La connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1980. p. 83-101.

<sup>45</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud a Filosofia e os Filósofos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p. 18.

um ou a outro dos termos das alternativas vitalismo e mecanicismo ou nativismo e empirismo. Para balizar o campo dos conceitos e nele situar Freud, servimo-nos de suas referências históricas e teóricas como ponto de apoio. Nesse sentido, procuramos desenvolver nosso capítulo a partir do “texto” de Freud, pois entendemos que tal empreendimento representa uma tentativa de reconstrução do movimento de seu pensamento. Privilegiaremos, assim, neste capítulo, os seguintes textos: **Cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein (1871-1881)** e **Um Estudo Autobiográfico (1925 [1924])**, não desconsiderando sua advertência de que seus “anos de formação” e sua vida não teriam interesse “senão em sua relação com a psicanálise”.

Em última análise, a adesão aos pontos de vista vitalistas e nativistas ou empiristas e mecanicistas importa menos do que elucidar o investimento de Freud em um tipo de argumentação e posicionamento teórico que se alimenta de uma corrente epistemológica bem determinada, fornecendo-lhe a linguagem por meio da qual ele poderá pensar sua descoberta revolucionária: o inconsciente e suas leis de funcionamento.

## 2.1. Os anos de formação: Freud e o movimento naturalista

A fim de precisar a especificidade do movimento naturalista no qual está inserido Freud ao optar pela carreira médica, mostraremos que a audição do poema “A Natureza” (*Fragment über die Natur*), atribuído a Goethe, que motivou sua vocação médica, foi determinada, por sua vez, por um “contexto de difusão evolucionista”. Longe de

concebermos a Psicanálise como “sucursal psicológica do darwinismo”, limitamo-nos a apontar seu interesse pela referência à evolução como um “modo de compreensão”.

Segundo Jones, foi grande o esforço com que Freud refreou sua tendência à especulação. “Quando jovem”, comentou certa vez com seu futuro biógrafo, “sentia-me muito fascinado pela especulação, mas afastei-me dela corajosamente”<sup>46</sup> Contudo, esse desejo de conhecimento acerca dos “enigmas do universo”, da vida, e do homem particularmente, influenciou-o de modo peculiar na escolha de sua carreira médica.

“Em minha juventude senti uma necessidade absorvente de compreender algo dos enigmas do mundo em que vivemos e talvez mesmo de contribuir com alguma coisa para a solução dos mesmos. O meio mais esperançoso de alcançar esse fim pareceu ser matricular-me na faculdade de medicina”<sup>47</sup>

No **Estudo Autobiográfico** (Selbstdarstellung), de 1925, Freud diz de seu desejo inicial de estudar direito, influenciado por Heinrich Braun, amigo de escola que mais tarde seria um importante político social-democrata.

“Ao mesmo tempo, nos revela Freud, as teorias de Darwin, que eram de interesse atual, atraíram-me fortemente, pois ofereciam esperanças de forte progresso em nossa compreensão do mundo”<sup>48</sup>.

As influências das teorias de Darwin estavam presentes durante o período em que Freud frequentou o *Gymnasium*, de Viena, entre 1865 e 1873. A Biologia, à época objeto

---

<sup>46</sup> JONES, Ernst. **Sigmund Freud Life and Work**. Vol. I. London: The Hogarth Press, 1954. p. 32.

“As a young man I felt a strong attraction towards speculation and ruthlessly checked it.”

<sup>47</sup> FREUD, S. *A Questão da Análise Leiga* (1926). E.S.B., vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 288.

<sup>48</sup> FREUD, S. *Um Estudo Autobiográfico* (1925 [1924] ). E.S.B., vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 18.

de significativas transformações produzidas pela obra de Darwin, era o campo de interesse e o lugar fecundo para a ambição científica inicial de Freud. O estudo da evolução certamente contribuiu com uma parte importante para a sua formação científica. A teoria da evolução interessava a Freud na medida que essa propiciava um estímulo extraordinário à compreensão do mundo. Nesse sentido, tratava-se mais de um esforço de compreensão objetiva do mundo animado, de uma *Weltverständnis*, do que propriamente de uma intuição especulativa (*Weltanschauung*). A referência à evolução como um modo de compreensão era de especial interesse para Freud, a ponto de esse autor designá-la como as “sóbrias linhas (de pensamento) darwinianas”<sup>49</sup>. Nesse sentido, o darwinismo operava como um saber eliminador de *ilusões*, à medida que “re-situava” a espécie humana no mundo vivo, colocando-a diante “da inevitabilidade de sua natureza animal”. O avanço na “compreensão do mundo” almejava ser mais modesto do que uma “visão de mundo”.

Durante esse período, Haeckel alcançava grande sucesso com a popularização das teorias de Darwin, sobretudo no “mundo germanofônico”<sup>50</sup>. A solução dos “enigmas do universo” por meio da chave propiciada pela teoria da evolução tornou-se uma promessa da “visão de mundo” haeckeliana segunda a qual a doutrina da evolução era aplicada aos problemas filosóficos e religiosos. A hipótese de Darwin de que a evolução das espécies estaria dirigida pela transmissão hereditária das modificações casuais, através da luta pela vida e da eliminação dos inaptos, se convertia em dogma científico. Também neste período, destacava-se a publicação alemã de obras de Darwin, **Variações dos Animais e Plantas**

---

<sup>49</sup> FREUD, S. Além do princípio do Prazer (1920). E.S.B., vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.76.

<sup>50</sup> É necessário destacar a importância de Ernst Heinrich Haeckel (1834-1919) na difusão das idéias darwinistas na segunda metade do século XIX. Segundo Assoun: “De fato Haeckel não foi simplesmente um dos que mais difundiram o darwinismo, mas consumou o casamento da teoria com a ciência e com a epistemologia de seu tempo. Correlativamente, ele contribuiu mais do que ninguém para o uso de Darwin como referente histórico e ideológico.” Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à Epistemologia**

**Domesticados** (1868) e **A descendência do homem** (1871, trad. alemã 1872). Essas obras, referidas por Freud em seus textos psicanalíticos<sup>51</sup>, estavam na época disponíveis nas traduções alemãs de Victor Carus, professor de Zoologia em Leipzig.

A propagação das teorias Darwinianas certamente foi estimulada pela eleição de Darwin, em 1871, para membro e correspondente estrangeiro da Academia de Ciências de Viena, instituição que dois anos depois aceitaria os dois primeiros artigos científicos de Freud apresentados por seus professores Ernst Brücke e Carl Claus. Este último, Darwin tinha em alta estima, a ponto de permiti-lhe que o visitasse em sua casa em Down na Inglaterra.

No mesmo ano em que Freud se inscreveu na Universidade de Viena, Claus viera de *Göttingen* para modernizar o departamento de zoologia. Segundo Ritvo, a modernização do departamento significava precisamente “alinhá-lo com o novo paradigma que estava sendo estabelecido na biologia com o trabalho de Darwin”.<sup>52</sup>

Com efeito, foi o entusiasmo pela leitura do “belo ensaio de Goethe, **A Natureza**”<sup>53</sup> (*Fragment über die Natur*), numa conferência pública pronunciada pelo professor Carl Brühl que determinou, segundo Freud, sua decisão de estudar Medicina. Carl Brühl era professor de Zoologia na Universidade de Viena e importante especialista em Anatomia Comparada cujas conferências Freud acompanhava com interesse.

No entanto, devemos-nos atentar para o fato de que não foram apenas as virtudes

---

**Freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p. 219.

<sup>51</sup> Segundo Ritvo, “Freud, em seus textos, se referiu a Darwin e sua obra biológica mais de vinte vezes, e sempre de modo muito positivo. Essas referências se estendem desde a primeira obra psicanalítica, *Estudos sobre a histeria* (1895), em colaboração com Joseph Breuer, ao último livro que completou, *Moisés e o monoteísmo*, no derradeiro ano de sua vida”. Cf. RITVO, Lucille B. **A Influência de Darwin sobre Freud**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992. p. 15.

<sup>52</sup> *Ibid.* p.149.

<sup>53</sup> FREUD, S. Um Estudo Autobiográfico (1925 [1924]). **E.S.B.**, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1974. p.19.

poéticas e metafísicas de Goethe que o levaram à escolha da carreira médica. Essa era uma decisão que ele vinha amadurecendo há algum tempo e de maneira alguma caracterizou-se como uma revelação súbita. Para muitos jovens daquela época, o estudo da Medicina era uma forma de satisfazer seus interesses pelas ciências naturais. Esse era o caso de Freud. Na carta ao colega Emil Fluss, datada do dia 01 de março de 1873, ele já manifestara sua opinião sobre a profissão. Nas palavras de Freud:

“... decidi me tornar cientista natural. (...) Vou examinar os documentos milenares da natureza, talvez me intrometa pessoalmente em seu eterno litígio e dividirei minhas vitórias com todos os que queiram apreender”.<sup>54</sup>

Por conseguinte, o fragmento que alterou a disposição de Freud certamente evoca Goethe de modo, muito peculiar, mais precisamente: é um “*Goethe darwinizado* que o naturalismo forja nesta época”<sup>55</sup>. Em outras palavras, poderíamos dizer que Freud estava, na segunda metade do Século XIX, realmente envolvido nesse efervescente movimento naturalista inspirado nas ciências da natureza. Para Jones,

“O próprio Freud, inspirado por Goethe, que fora um dos pioneiros desta teoria, atravessou um curto período desta “*Naturphilosophie* panteística”. Em seguida, em seu entusiasmo pela fisiologia física concorrente, converteu-se à doutrina contrária e permaneceu, durante um certo tempo, radicalmente materialista”<sup>56</sup>

De fato, haveria, segundo Assoun, esses dois momentos na “primeira *démarche*” de

---

<sup>54</sup> Citado por GAY, P. *Freud - Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 39.

<sup>55</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p. 30.

<sup>56</sup> JONES, Ernst. *Sigmund Freud Life and Work*. Vol. I. London: The Hogarth Press, 1954. p. 48. No original: “Freud himself, inspired by Goethe, who was one of the first pioneers, passed through a brief period of the pantheistic *Naturphilosophie*. Then, in his enthusiasm for the rival physical physiology, he swung to the opposite extreme and became for a while a radical materialist.”

Freud, onde *Naturphilosophie* (Filosofia da natureza) e *Naturwissenschaft* (Ciências da natureza) não se confundem. No entanto, diverge de Jones quando este os apresenta como “dois tempos sucessivos e rigorosamente opostos”<sup>57</sup>. Para Assoun, Jones desconhecia que esse movimento naturalista, do qual participava o jovem Freud, se caracterizava por uma junção “de certa *Naturphilosophie* com o mais positivo materialismo”<sup>58</sup>. O que não quer dizer que se estaria negando a existência de uma forte oposição entre *Naturphilosophie* e o “movimento Ilustrado” representado pelo *positivismo*. Nas palavras de Assoun:

“Naturalmente, há uma profunda oposição entre o romantismo especulativo dos *Naturphilosophen* do início do século e o positivismo estrito da geração dos naturalistas na virada do século. Mas o romantismo dos primeiros serve para colorir o positivismo dos últimos. É verdade que não é qualquer *Naturphilosophie* que inspira os naturalistas: certamente não é aquela, especulativa, de um Schelling, mas notadamente a de Goethe, o autor de *A Metamorfose das plantas*, combinando curiosamente a exigência do positivismo com a ambição sintética.”<sup>59</sup>

Segundo Ritvo, durante os anos de formação de Freud, “Goethe era conhecido e estimado como cientista quanto escritor”<sup>60</sup>. Todavia, em Haeckel, Goethe é colocado na posição de precursor de Darwin pelo fato de ter entrevisto, desde o final do Século XVIII, a idéia de evolução. Apesar de nunca ter desenvolvido o pensamento evolucionista como um principio de grande amplitude que fornecesse uma explicação da estrutura de todo o reino animal, Goethe inseria elementos do pensamento evolucionista contemporâneo onde certamente figuravam Buffon e Geoffrey Saint Hilaire<sup>61</sup>. A partir da poesia de Goethe, a

---

<sup>57</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p. 30.

<sup>58</sup> Idem. *ibidem*.

<sup>59</sup> Idem. *ibidem*.

<sup>60</sup> RITVO, Lucille B. *A Influência de Darwin sobre Freud*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992. p. 39.

<sup>61</sup> *Ibid.* p. 45.

juventude alemã instruída (inclui-se aqui o jovem Freud) familiarizava-se com a idéia de que o homem não era uma criação separada, “mas parte de uma série onde se partia das formas orgânicas inferiores aos macacos”<sup>62</sup>. O leitor de Goethe tinha muitas das parcelas de informações que a teoria de Darwin unificou. Com *A Descendência do Homem* (1871), Darwin demonstrava que a crença na unidade da vida deixara de ser uma expressão de fé, passando a ter sua base científica afirmada.

Dessa forma, “a noção da unidade da vida através da descendência de um organismo originado no mundo inorgânico foi responsável, segundo Ritvo, em grande parte, pelo entusiasmo e confiança que homens como Haeckel e Freud encontraram na obra de Darwin”<sup>63</sup>. Com efeito, a “intuição de Goethe da unidade da vida incluía a unidade da ciência”<sup>64</sup>. Essa convicção era fortemente partilhada não só entre os partidários da “Escola de Helmotz”, anatomistas e fisiologistas como Ludwig, Du Bois-Reymond e Brücke, como também pelos discípulos de Darwin, entre eles, Haeckel e Carl Claus. Todos promoveram a convicção na unidade da ciência. Essa convicção alcançou seu auge com o “juramento fisicalista” que afirmava a crença de que a Biologia deveria seguir as leis da Física e da Química. Nesse modelo epistemológico, os fenômenos são reduzidos a uma determinação segundo o modelo da Física e Química, favorecendo, assim, uma correlação forte entre **naturalismo** e uma **causalidade mecânica**.<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> Idem. *ibidem*.

<sup>63</sup> *Ibid.* p.43.

<sup>64</sup> *Ibid.* p.40.

<sup>65</sup> A seguinte definição de **naturalismo** de Lalande vem corroborar essa correlação: “Doutrina pela qual não há nada fora da natureza (entendida ou como um conjunto de seres que não tendem a um fim, mas que são inteiramente movidos por uma causalidade mecânica, ou como aquilo a que nos acostumaram os objetos e os acontecimentos tais como se apresentam a nós), ou seja, nada que não se reduza a um encadeamento de fatos semelhantes àqueles de que temos experiências”. LALANDE, A. *Vocabulaire technique et critique de la Philosophie* (1926). Paris: PUF, 1980. p. 667.

Desse modo, o texto atribuído a Goethe<sup>66</sup>, “A Natureza” (*Fragment über die Natur*), que poderia ter dado impulso a uma decisão final de Freud quanto à escolha da carreira médica, não se tratava definitivamente de um “hino emocional e altissonante que celebrava a natureza erotizada como uma mãe envolvente, quase sufocante, em constante renovação”<sup>67</sup>, ou mesmo de um “ensaio ditirâmico”<sup>68</sup> como “um quadro romântico da Natureza”<sup>69</sup>, tal como interpretado por alguns historiadores. Pelo contrário, tratava-se de um texto do qual o movimento cientificista já se servia há algum tempo, revelando assim que o caminho de Goethe a Darwin, seguido por Freud no campo do saber, não era absolutamente um acontecimento banal, nem mesmo um percurso original. De fato, a “nova escola darwinista” encabeçada por Haeckel já aproximara a visão da natureza (*Naturanschauung*) de Goethe e de Darwin. Portanto, não é nada surpreendente que o texto “A Natureza” (*Fragment über die Natur*) tenha provocado uma “fulminação naturalista” no jovem Freud, uma vez declamado por Carl Brühl, defensor do movimento.

Segundo Assoun, o texto “A Natureza” (*Fragment über die Natur*) teria um estatuto preciso.

“Tratava-se de um verdadeiro texto canônico, na mitologia que se construíra o darwinismo alemão. A revelação do inglês Darwin estava liricamente acoplada ao cântico sagrado do grande Goethe, selando a união de certa *Naturphilosophie* com certo positivismo no interior de um amplo naturalismo. Quando a orelha de

---

<sup>66</sup> Não se trata de um texto de Goethe. Na verdade, lembra J. Strachey, “de acordo com Pestalozzi (1956), o verdadeiro autor do ensaio (escrito em 1870) foi de G. C. Tobler, escritor suíço”. Cf. FREUD, S. Um Estudo Autobiográfico. E.S.B., vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 19.

<sup>67</sup> GAY, P. Freud - Uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.39.

<sup>68</sup> JONES, Ernst. Sigmund Freud Life and Work. Vol. I. London: The Hogarth Press, 1954. p. 64.

<sup>69</sup> Idem, ibidem.

Freud vibra ao ouvir essas estrofes, é pelo charme deste naturalismo de dupla valência que ele se deixa afetar imediatamente e, como veremos, duravelmente. Ao mesmo tempo, porém, nos damos conta de que não há, verdadeiramente, inversão da intuição naturalista primitiva ao monismo de tendência materialista, devido ao seguinte fato: estavam casados desde a origem na escola darwinista alemã.<sup>70</sup>

Portanto, a audição do texto “A Natureza”, atribuído a Goethe, que impulsionou Freud em direção à Medicina, foi determinada, por sua vez, por esse contexto de difusão evolucionista dentro de amplo movimento naturalista inspirado pelas ciências da natureza na segunda metade do Século XIX. Freud participa de um movimento naturalista cuja especificidade é a junção da Naturphilosophie com o positivismo dentro de um amplo naturalismo. Importa destacar que o capital teórico e a linguagem que o naturalismo fornece advêm de um campo epistemológico e ideológico bem preciso. A aquisição dessa linguagem certamente contribuiu para que Freud pensasse o inédito de seu objeto, a saber, o inconsciente e suas leis de funcionamento. Nesse sentido, suas idéias e os fenômenos que elas visam pensar transbordam por completo o quadro conceptual em que se originaram.

---

<sup>70</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução à Epistemologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p. 231-232

## 2.2. Da ambivalência em relação à prática médica: a antinomia entre especulação e objetividade

Embora escolhesse a Medicina livremente, Freud não sentia nenhuma “predileção pela carreira médica naqueles primeiros anos, e nem mesmo depois”<sup>71</sup>. Pelo contrário, dizia-se movido “por uma espécie de curiosidade, que era contudo, dirigida mais para as preocupações humanas do que para objetos naturais”<sup>72</sup>. Notava, ainda, que não entendia a “importância da observação como um dos melhores meios para gratificá-la”<sup>73</sup>, ou seja, Freud desconhecia a utilidade da observação para sua “insaciável curiosidade” à medida que a observação requeria distância e objetividade. Até o último ano de sua vida, Freud ainda resignava-se de uma certa “propensão subjetiva em conceder demais à imaginação na investigação científica”<sup>74</sup>.

Por conseguinte, nos domínios do movimento naturalista no qual sua formação se dava, tal curiosidade sobre os enigmas da existência humana poderia ser satisfeita pelo caminho da investigação científica, ou através da especulação filosófica. Em um primeiro momento, Freud optou pelo primeiro caminho como uma alternativa à forte tendência para as abstrações especulativas, pois o receio de se perder no “pântano de especulações” era contrabalançado pelo estudo científico, estando assim a salvo do perigo de ser levado “para fora do mundo da objetividade”<sup>75</sup>. A ciência significava não somente a objetividade,

---

<sup>71</sup> FREUD, S. Um Estudo Autobiográfico (1925 [1924]). E.S.B., vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1974. p.18.

<sup>72</sup> Idem. ibidem.

<sup>73</sup> Idem. ibidem.

<sup>74</sup> Idem. ibidem.

<sup>75</sup> JONES, Ernst. *Sigmund Freud Life and Work*. Vol. I. London: The Hogarth Press, 1954. p. 37.

mas a exatidão, a medida e a precisão, em que a crença no conhecimento científico, considerado como o “supremo poder resolutivo dos males do mundo”<sup>76</sup>, principiava, então, a deslocar as esperanças depositadas em favor da religião, da ação política e da filosofia, alternadamente. Freud tinha a mais profunda convicção de que a ciência era a produção suprema do homem e a única capaz de conduzi-lo ao conhecimento. Todavia, essa alta estima em relação à ciência só alcançou Viena tardiamente e encontrou seu apogeu na década dos anos 70, momento em que Freud fazia sua formação acadêmica. Nessa época, os positivistas tinham o comando. Segundo Jones, no contraste entre objetividade científica e especulação filosófica já se esboçava a antinomia entre a crença no livre arbítrio e a crença no determinismo marcando de forma indelével o percurso teórico de Freud.

“O conflito entre entregar-se irrestringivelmente ao exercício do pensamento - e, sem dúvida, também ao jogo da fantasia - e a necessidade de submeter-se a uma disciplina científica terminou por inequívoca vitória desta última. O contraste viria a expressar-se em sua terminologia posterior - o “princípio do prazer *versus* o “princípio de realidade”, embora este último se tornasse, em breve carregado de grande soma de prazer. Talvez o conflito corresponda, ainda, ao contraste entre a crença no livre arbítrio e a crença no determinismo”.<sup>77</sup>

Por outro lado, a ambivalência de Freud quanto à prática médica refletia-se tanto na escolha do programa de estudos na universidade, quanto no adiamento por três anos do término do curso. Mesmo após receber o diploma, Freud permanecera fisiologista por quinze meses sem se interessar por qualquer especialidade médica afora a Psiquiatria. Em

---

<sup>76</sup> Ibid. p. 38.

<sup>77</sup> Idem, ibidem. No original: “The conflict between giving himself up unrestrainedly to thinking - and doubtless also to play of phantasy - and the need for the curb of a scientific discipline ended in a decided victory for the latter. The contrast might be expressed in his later terminology of pleasure-principle versus

carta a Silberstein do dia 17 de julho de 1873, Freud já se manifestara sobre seu programa de estudos:

“Com relação ao próximo e primeiro ano de estudo universitários, posso te dar a informação de que vou utilizá-lo, do princípio ao fim, puramente para estudos humanísticos, que nada têm com a minha especialidade, mas que para mim, não deverão ser infrutuosos. (. .) Assim, se alguém <?> me perguntar / ou fizer a ti uma pergunta dirigida a mim / sobre o quero ser, abstém de qualquer resposta determinada e replica, por exemplo: um sábio, um catedrático ou algo assim.”<sup>78</sup>

Na verdade, Freud conduziria os estudos científicos e filosóficos simultaneamente até ingressar, em 1876, no laboratório de pesquisas de Brücke. Inscrito na Faculdade de Viena desde 1873, Freud freqüentara regularmente os cursos de Física, Fisiologia, Anatomia, Química e Zoologia, além, dos cursos semanais ministrados pelo filósofo e psicólogo Franz Brentano. Este apresentava a Freud, de forma original, uma aliança entre a exigência especulativa e a observação. Através dos cursos de Brentano, Freud teve a oportunidade de se debater com a Filosofia sob sua forma mais direta. A iniciação à reflexão filosófica o levou a alargar seus horizontes, de tal forma que ambicionava um duplo doutoramento, no qual o doutorado em Filosofia estava incluído<sup>79</sup>. Durante esse período de efervescência científicista, os fisiologistas estavam especialmente interessados em destacar da Filosofia determinados aspectos da Psicologia em proveito da investigação científica; a Psicologia ainda era considerada parte do estudo da Filosofia. Esse era o interesse básico de Freud a quem os ensinamentos de Brentano serviam como guia. A

---

reality-principle, although the latter soon became also with the contrast between the belief in free will and that in determinism”.

<sup>78</sup> FREUD, S. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein (1871-1881)*. Org. Walter Boehlich. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995. p. 40.

<sup>79</sup> *Ibid.* p. 115.

“escola empírica”, da qual Brentano era confessadamente partidário, objetivava transferir, segundo Freud:

“os métodos das ciências naturais à filosofia e principalmente à psicologia (de fato, esta é a principal utilidade da sua filosofia, e a única que, para mim, a torna tolerável)”<sup>80</sup>.

O ensino de Filosofia, desde 1804 uma “obrigação” a que estavam sujeitos os estudantes de Medicina, passava, então, a ser apenas tolerado a partir da década de 1870. No entanto, paralelamente a um ensino científico cada vez mais especializado, as “reuniões de leitura” institucionalmente facultativas de Brentano faziam-se presentes na vida acadêmica de Freud. Dessa forma o jovem Freud, “ímpio estudante de medicina e empírico”<sup>81</sup>, dedicava parte do seu sobrecarregado tempo à leitura de textos de filósofos; entre eles figuravam Aristóteles, Kant, Stuart Mill e Feuerbach. Sobre o último, declarava especial apreço: “(. .) homem que, entre todos os filósofos, eu mais respeito e admiro”.<sup>82</sup>

Nesse revigorante ambiente acadêmico<sup>83</sup>, Freud encontrava no ensino de Brentano especial interesse, uma vez que o filósofo, eloqüente intérprete de Aristóteles e da psicologia empírica, dizia-se teísta e, ao mesmo tempo, nutria respeito por Darwin. Certamente as convicções ateísta que Freud levava consigo para a universidade foram questionadas como mostra sua correspondência com Silberstein : “Por enquanto, não sou

---

<sup>80</sup> Ibid. p. 122.

<sup>81</sup> Ibid. p. 90.

<sup>82</sup> Ibid. p. 116.

<sup>83</sup> Em carta à Silberstein datada de 11 de abril de 1875. Freud relata seu entusiasmo com ambiente acadêmico: “Jamais gozei anteriormente a bela sensação disso que se pode denominar a felicidade acadêmica, que em sua maior parte é constituída pela consciência de a agente se encontrar junto à fonte de onde verte a mais pura ciência e dela degustar um bom e genuíno gole”. Ibid. p. 128.

mais materialista, mas também não sou teísta”<sup>84</sup>. Entretanto, perdurou sua forte inclinação para o ateísmo. “Nem em minha vida privada nem em meus escritos”, diria ele a Charles Singer, em outubro de 1938, um ano antes de sua morte, “jamais fiz segredo do fato de ser inteiramente alheio a qualquer crença religiosa”.<sup>85</sup> Todavia achava que não era o ateísmo, mas a “visão de mundo” religiosa que deveria ser questionada, sobretudo seu princípio explicativo globalizante. Freud rejeita na *Weltanschauung* religiosa, além da sua presunção intelectual, o modo como dispõe as coisas numa totalidade mediante sua resposta ao desamparo (*Hilflosigkeit*) frente ao real, em sua própria aridez.

Com efeito, Freud encontra em Feuerbach, “esse batalhador versátil a favor de ‘nossas’ verdades”<sup>86</sup>, um “ceticismo genuíno, crítico”<sup>87</sup> capaz de dissolver toda especulação “absoluta, imaterial, enfatuada” engendrada pela ilusão religiosa. Segundo Gay:

“Um herdeiro do Iluminismo do século XVIII como Freud necessariamente encontraria muitos motivos de admiração em Feuerbach, intelectualmente o mais vigoroso entre os hegelianos de esquerda. Feuerbach havia cultivado um estilo depurado das áridas abstrações que desfiguravam a prosa acadêmica alemã, e uma postura combativa que encantava, ou amedrontava, seus leitores ao brandir armas contra os ‘juízos tolos e pérfidos’ de seus detratores. Ele tinha muito a ensinar a Freud, tanto em conteúdo quanto em estilo: considerava seu dever desmascarar a teologia, revelar suas raízes puramente mundanas na experiência humana. A teologia devia se converter em antropologia. Estritamente falando Feuerbach não era ateu, estando mais empenhado em resgatar a verdadeira essência da religião das mãos dos teólogos do que em destruí-la de todo. Mas sua doutrina e método tinham o propósito de formar ateístas. O ponto central de seu trabalho sobre a religião, escreveu ele em seu livro mais famoso, *A Essência*

<sup>84</sup> Ibid. p. 124.

<sup>85</sup> FREUD, S. *Correspondance (1873 -1939)*. Traduit de l’allemand par Anne Berman avec la collaboration de Jean-Pierre Grossein. Paris: Gallimard. 1966. p. 469.

<sup>86</sup> FREUD, S. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein (1871-1881)*. Org. Walter Boehlich. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1995. p. 116.

<sup>87</sup> Ibid. p. 117.

*do Cristianismo*, publicado pela primeira vez em 1841, era fundamentalmente ‘a destruição de uma ilusão’, uma ilusão, ademais, ‘absolutamente perniciosa’. Freud que veio a se considerar como um destruidor de ilusões, julgou essa postura profundamente compatível consigo próprio.”<sup>88</sup>

Nesse sentido, o conteúdo da crença religiosa poderia ser considerada matriz de toda e qualquer *ilusão*, uma “projeção alienante dos poderes do homem numa alteridade supostamente transcendental”<sup>89</sup> onde a *Weltanschauung* religiosa se oferecia como modelo privilegiado dessa “estrutura ilusória”. Portanto, não é de causar surpresa que Freud, dando expressão ao seu débito para com o Iluminismo, tenha visualizado a relação entre a *Weltanschauung* religiosa e a ciência como um conflito sem tréguas.<sup>90</sup> Para Freud, as ciências naturais apontariam o norte para a Filosofia mediante um “espírito crítico” que conserva a experiência como mestra e retifica suas conclusões através da observação<sup>91</sup>, por conseguinte, não isenta qualquer dimensão da vida ou da natureza, muito menos a religião, de um exame crítico. Essa era a “verdadeira filosofia”, tal como apontavam as ciências naturais.

A atitude de desprezo e invariável antagonismo em relação à crença religiosa encontra na ciência “o único inimigo sério”, aquele capaz de pensar em sentido inverso ao da *ilusão*. Para Freud, a “*Weltanschauung* religiosa” era considerada como pertencente

<sup>88</sup> GAY, P. *Freud - Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 43.

<sup>89</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *O Freudismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1991. p. 83.

<sup>90</sup> O contraste entre “visão de mundo científica” e “*Weltanschauung* religiosa” foi posteriormente desenvolvida por Freud no texto *A Questão da Weltanschauung* (1933) onde declara: “A luta a do espírito científico contra a *Weltanschauung* religiosa, como sabem, ainda não chegou ao fim: ainda está-se desenvolvendo atualmente diante de nossos olhos.” Cf. FREUD, S. *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1933 [1932]). *E.S.B.*, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 205

<sup>91</sup> Segundo Freud: “Pelo contrário, ela (a Psicanálise) se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos de observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou modificar suas teorias.” Cf. FREUD, S. *Dois artigos de enciclopédia* (1923), vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 307.

ao registro da ilusão. Desse modo, em um mesmo movimento de adesão à crítica da *ilusão*, Freud objetivava, tão somente, a recusa de uma “metafísica teológica” seja ela expressa através da religião ou da superstição. Freud foi categórico a esse respeito.

“Em segredo - não se pode dizer essas coisas bem alto - acredito que, um dia, a metafísica será condenada como um incômodo (*nuisance*), como um abuso de pensamento, como um remanescente (*survival*) da época de uma concepção religiosa do universo.”<sup>92</sup>

Sob lemas anticlericais e anti-religiosos que remontam ao Século XVIII, ardorosamente repetidos no Século XIX, a crítica à “ilusão religiosa” continuaria a representar uma “verdade axiomática” para Freud, ao longo da primeira metade do Século XX. “Para os obscuros caminhos de Deus”, dissera ao amigo Eduard Silberstein no verão de 1873, “ninguém ainda inventou um lampião”<sup>93</sup>. Assim, ao aliar-se à luta contra esse inimigo, Freud alistava-se de bom grado sob a bandeira do “cientificismo” - termo surgido no final do Século XIX -, que enfatizava a adesão irrestrita à ciência como forma privilegiada de apreensão do mundo. Hostil à fabricação de “visões de mundo, Freud estava convencido de que somente a ciência não constituía uma ilusão”.<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> FREUD, S. *Correspondance (1873 -1939)*. Traduit de l'allemand par Anne Berman avec la collaboration de Jean-Pierre Grossein. Paris: Gallimard. 1966. p. 407. No original: “En secret - on ne doit pas dire ces choses- là tout haut - je crois qu'un jour la métaphysique sera condamnée comme une *nuisance*, comme un abus de la pensée, comme une *survival* de la période d'une conception religieuse de l'univers.” (carta a Werner Achelis, 30 de janeiro de 1927).

<sup>93</sup> FREUD, S. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein (1871-1881)*. Org. Walter Boehlich. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995. p. 48.

<sup>94</sup> Posteriormente, no texto “O Futuro é uma Ilusão”, Freud afirma: “Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar podemos conseguir em outro lugar.” Cf. FREUD, S. *O Futuro de uma Ilusão (1927)*. E.S.B., vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 71.

### 2.3. Os anos de formação: Freud e o movimento cientificista

Em setembro de 1875, Freud escrevia a Silberstein sobre sua relação com os livros científicos ingleses, a saber: os textos de “Tyndall, Huxley, Lyell, Darwin, Thompson, Lockyer e outros”<sup>95</sup>. Esses passavam a gozar de um “preconceito extremamente favorável” da parte de Freud. O empirismo inglês era um alerta preciso frente a metafísicas grandiosas. Com relação à Filosofia, acrescentou como uma revelação íntima, “estou mais desconfiado do que nunca”.

De fato, Freud, já ano seguinte, começava a se concentrar nos trabalhos de laboratório de Carl Claus e Ernst Brücke. Claus, considerado um prolífico divulgador de Darwin em língua alemã, fora trazido a Viena para modernizar o Departamento de Zoologia, onde conseguiu recursos para montar a estação experimental de Biologia Marinha, em Trieste. Freud fora um dos primeiros escolhidos para trabalhar em Trieste e sua tarefa era comprovar a existência da estrutura gonádica das enguias<sup>96</sup>. Tratava-se de confirmar a pesquisa de Simone de Syrski que havia observado gônadas em enguias, contradizendo a idéia tradicional que considerava a enguia um animal hermafrodita. Sua contribuição foi apresentada à Academia de Ciências de Viena, em março de 1877, após a dissecação de centenas de enguias. Certamente essa pesquisa refletia o interesse duradouro de Claus sobre o hermafroditismo. Entretanto, seria o Instituto de Fisiologia de Ernst

---

<sup>95</sup> FREUD, S. *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein (1871-1881)*. Org. Walter Boehlich. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995. p. 148.

<sup>96</sup> Cf o relato de Freud sobre a estrutura gonádica das enguias in Cf. FREUD, S. *Sinopses dos Escritos Científicos do Dr. Sigm. Freud (1877-1897)*. E.S.B., vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 255.

Brücke o local onde encontraria “tranquilidade e satisfação plena”<sup>97</sup> e também homens que pôde respeitar como modelos: o próprio Brücke e seus assistentes Sigmund Exner e Ernst Fleischl von Marxow. Mais tarde, Freud viria a se referir a Brücke como aquele que “teve mais influência sobre mim do que qualquer outra pessoa em toda a minha vida”<sup>98</sup>.

Através de Brücke a anatomia passa a desempenhar uma importante função em sua *démarche*. A tarefa atribuída a Freud estava circunscrita ao trabalho de observação cujo pano de fundo era uma teoria genética evolucionista. Mais precisamente, sua pesquisa objetivava estabelecer uma continuidade morfológica da célula nervosa dos animais superiores e inferiores. A investigação estava centrada nas células de Reissner, do cordão medular dos peixes batizados de *Amoecetas* (*Petromyzon Planeri*). Freud descobriu que células nervosas estudadas por Ernst R. Reisser, professor de anatomia em Dorpat, também ocorriam na forma larvar dos *Amoecetas*. Freud, contudo, não atribuiu qualquer orientação evolucionista à tarefa sugerida por Brücke. Ao contrário, essa orientação estava direcionada efetivamente para a histologia do sistema nervoso. Este trabalho foi resumido nas **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1916-1917)** da seguinte forma:

“quando era um jovem estudante, dediquei-me, sob a direção de von Brücke, a meu primeiro trabalho científico e interessei-me pela origem das raízes nervosas posteriores da medula espinal de um pequeno peixe de estrutura muito primitiva; constatei que as fibras nervosas dessas raízes tinham sua origem em células do corno posterior da substância cinzenta, o que não acontece mais com outros vertebrados. Mas também descobri, logo depois, que células nervosas desse tipo estão presentes fora da substância cinzenta, por toda a extensão do chamado gânglio espinal da raiz posterior; e deste fato concluí que as células dessas massas ganglionares migraram da medula espinal ao longo das raízes dos nervos. Isto também é demonstrado pela sua história evolutiva.”<sup>99</sup>

<sup>97</sup> FREUD, S. Um Estudo Autobiográfico (1925 [1924]). E.S.B., vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 20.

<sup>98</sup> Ibid. p. 288.

<sup>99</sup> FREUD, S. *Algumas Idéias sobre o Desenvolvimento e Regressão - Etiologia* (1916-1917). E.S.B., vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 398. Sobre relato de Freud das células nervosas dos *Amoecetas* [“Über

Freud também teve a oportunidade de estabelecer uma teoria geral da estrutura fibrosa dos cilindros-eixos das fibras nervosas, comprovando uma nova técnica de observação a partir das células nervosas do caranguejo. Dessa forma, aproximava-se da teoria neurônica, a base da neurologia moderna, e cuja constituição final se deu com Waldeyer em 1891. A partir desse momento sua prática passa a convergir quase exclusivamente para o domínio anátomo-fisiológico, ou seja, Freud concentrava-se na observação dos problemas de estrutura do órgão. Segundo Jones, “o microscópio era o seu único e fundamental instrumento”<sup>100</sup>. A anatomia e a fisiologia forneciam-lhe um procedimento heurístico onde havia uma preferência “dada aos olhos em detrimento das mãos”<sup>101</sup>, da histologia em detrimento da experimentação *in vivo*, da visão em detrimento da manipulação. Parece não ser impertinente lembrar que essa prática científica sob sua forma inicial culmina, em primeiro lugar, em privilegiar a anatomia como solo essencial de sua *démarche*; em seguida, o trabalho de observação é correlacionado com a verificação da teoria genética; e, por último, é enfatizado o aprimoramento do procedimento de investigação.<sup>102</sup>

Essa “prática” aponta efeitos epistemológicos significativos quanto ao movimento

den Ursprung der hinteren Nervenwurzeln im Rückenmarke von Ammonoetes (*Petromyzon Planer*)”]. Cf. FREUD, S. *Sinopses dos Escritos Científicos do Dr. Sigm. Freud (1877-1897)*. E.S.B., vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 255-257.

<sup>100</sup> JONES, Ernst. *Sigmund Freud Life and Work*. Vol. I. London: The Hogarth Press, 1954. p.57. No original: “the microscope was his one and only tool”.

<sup>101</sup> Ibid. p.58. No original: “this preference of the eye over the hand”.

<sup>102</sup> Segundo Assoun: “a experiência desempenha, para Freud, o papel que lhe designa a anatomia. Aí, o objeto é dado, disposto em um espaço inexplorado. É o olhar que deve ser equipado com uma técnica. É compreensível que esse aspecto técnico, longe de ser um auxílio, seja revelador de uma verdadeira racionalidade da objetividade tratada. A técnica anatômica não permite apenas melhor ver materialmente, mas constituir o objeto enquanto tal.” Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p. 122.

científico-naturalista, à medida que demarca posições específicas. Podemos dizer que o programa comum assimilado e reivindicado pelos naturalistas desempenha, por um lado, a função de dar suporte a uma “*Weltanschauung* renovada”<sup>103</sup>, tal como colocado pela vertente representada por Haeckel. Aqui, “os métodos de pesquisa (no interior da fisiologia física) se transformaram em *Weltanschauung*”<sup>104</sup>, com o respaldo da *Naturphilosophie*. Por outro lado, desempenha em Brücke a modesta função de uma hipótese de trabalho. Portanto, se Brücke não era avesso à teoria de Darwin, também não estava diretamente envolvido. Segundo Assoun:

“Não há dúvida de que o contato com Brücke tem o efeito de sedativo sobre o que tinham de românticos os primeiros entusiasmos de Freud. A aprendizagem de curto alcance logo o fará afastar-se do encanto da *Naturphilosophie*, porque é muito difícil de se encontrar uma *Weltanschauung* na anatomia dos caranguejos!”<sup>105</sup>

O efeito epistemológico resultante do contato com o trabalho desenvolvido por Brücke se traduz como um posicionamento frente ao referente darwiniano. Longe de aderir a uma doutrina grandiosa que englobe “a criação dos seres organizados”, Freud recusa no projeto Haeckeliano seu caráter totalizante que ambiciona descrever uma “visão de mundo” direcionada para as dimensões de uma cosmologia e de uma biogenia. Não obstante, aproxima-se da proposta programática da prática experimental fisicalista e dinamista de Brücke cuja base é constituída pelas noções de força e movimento. Nesse

---

<sup>103</sup> Ibid. p. 234.

<sup>104</sup> JONES, Ernst. *Sigmund Freud Life and Work*. Vol. I. London: The Hogarth Press, 1954. p. 48.

<sup>105</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p. 233.

sentido, o esquema de Brücke “impede a idéia de evolução hipostasiar-se em princípio metabiológico ou de alimentar um novo vitalismo”<sup>106</sup>.

Brücke concebia a Fisiologia como um prolongamento da Física. Positivista típico do Século XIX, não nutria nenhum interesse pelas forças ocultas e vagas cultuadas pelos românticos, muito menos ainda pela religião. Pelo contrário, almejava reduzir todo o fenômeno natural às leis do movimento. Para Brücke o fisiólogo era o físico dos organismos nos quais “princípio de conservação de energia” operava como um unificador desses dois campos.<sup>107</sup>

O positivismo partilhado por Brücke assemelhava-se mais a “uma atitude difusa em relação ao homem, à natureza e aos métodos de investigação”<sup>108</sup> do que propriamente a uma escola de pensamento. Nesse sentido, os termos positivismo, mecanicismo, empirismo e naturalismo alinhavam-se a toda explicação extraída de analogias das ciências naturais, mais precisamente, da Física e da Biologia.<sup>109</sup> “Nascido no Iluminismo do Século XVIII”, escreve Peter Gay em sua biografia de Freud, “rejeitando a metafísica de maneira apenas ligeiramente menos categórica do que a Teologia, o positivismo havia prosperado no Século XIX, com as vitórias espetaculares da Física, da Química, da Astronomia - e da Medicina.”<sup>110</sup> Entre os seus expoentes, destacavam-se Darwin e Spencer na Inglaterra, Du

<sup>106</sup> Ibid. p.234.

<sup>107</sup> O surgimento da máquina a vapor e, conseqüentemente, o campo da termodinâmica deixa marcas profundas no solo cultural do Século XIX. As noções de energia, força e equilíbrio impregnaram o espírito científico da época e a teoria freudiana não se manteve à margem de tal efervescência. A metáfora do corpo humano como uma máquina, regulada por mecanismo de equilíbrio, é incorporada diretamente pelo pensamento freudiano.

<sup>108</sup> GAY, P. *Freud - Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 48

<sup>109</sup> Segundo Monzani: “Na constelação das ciências da natureza, reducionismo e mecanicismos andam juntos e sua aplicação consiste em forjar uma imagem naturalista do homem que não poderia levar a outra coisa senão àquela de um ser que é resultado de um jogo de forças cegas e a uma imagem dele como máquina.”

MONZANI, L. R. *Filosofia da Psicanálise*. Org. Bento Prado Jr., São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 115.

<sup>110</sup> Idem, *ibidem*.

Bois-Reymond e Helmholtz na Alemanha, Taine, Renan e Poincaré na França. Entre os professores de Freud em Viena, Brücke era o representante mais eminente. Ele encarnava, juntamente com Helmholtz e Du Bois-Reymond, a atitude positivista que se cristalizou na Alemanha em torno da *Berliner Physicalische Gesellschaft*.

Na década de 1860, a fisiologia do que se tornou conhecido na literatura psicanalítica como a “escola de Helmholtz” era a parte mais moderna e abrangente do ensino universitário alemão. Embora passado seu momento culminante, exercia ainda grande influência na época de Freud. Essa escola iniciou-se no começo da década de 1840 com a amizade entre Du Bois-Reymond e Brücke, logo acrescida de Helmholtz e de Ludwig. Eles formaram um pequeno grupo particular que, em 1845, foi ampliado com a *Berliner Physicalische Gesellschaft*. Impulsionados por um “verdadeiro espírito de cruzada”, almejavam combater toda idéia de forças divinas ocultas manifestando-se na natureza como também todo e qualquer panteísmo e nativismo, restando-lhes tão somente o “monturo da superstição”. Acima de tudo, estavam unidos em sua determinação de destruir a crença fundamental de seu mestre Johannes Müller<sup>111</sup>, o **vitalismo**. Com efeito, físicos e fisiólogos haviam feito um verdadeiro “juramento fisicalista”, retomado posteriormente por Freud.

O “juramento fisicalista” proclamado em 1842 sustentava que apenas as forças “físico-químicas comuns” são ativas no interior do organismo. Somente essas forças agem no organismo; desta forma, nega-se a possibilidade a todo vitalismo. Os fenômenos que

---

<sup>111</sup> Johannes Müller (1801-1858). Sua formação provém da *Naturphilosophie* inspirada em Schelling. Ocupou a cadeira de Anatomia e Fisiologia na Universidade de Berlim a partir de 1833. Professor de Brücke. Johannes Müller, é mencionado cinco vezes no primeiro artigo de Freud para Brücke: “Über den Ursprung der hinteren Nervenwurzeln im Rückenmarke von *Ammocoetes (Petromyzon Planeri)* Vorgelegt in Sitzung am 4. Jan. 1877 bei Prof. Brücke.

não são explicáveis através dessas forças deveriam ser abordados apenas pelo “método físico-matemático” ou pelo postulado de que, se existem “novas forças” inerentes à matéria, estas deveriam ser “reduzíveis à força de atração e repulsão”<sup>112</sup>. Esse programa comum aos físicos e fisiólogos que cativou o estudante Freud aparece no resumo das páginas introdutórias do texto *Lições de Fisiologia* (1874) de Brücke :

“A Fisiologia é a ciência do organismo como tal. O organismo difere das entidades materiais mortas postas em ação - as máquinas - pelo fato de possuir a faculdade de assimilação, mas todos são fenômenos do mundo físico: sistemas de átomos, movidos por forças, de acordo com o princípio de conservação de energia descoberto por Mayer em 1842, não levado em conta por vinte anos, e depois popularizado por Helmholtz. A soma das forças (forças motrizes e forças potenciais) permanece constante em qualquer dos casos isolados. As causas reais são simbolizadas na ciência pela palavra “força”. Quanto menos conhecemos a seu respeito, tanto maiores serão as espécies de forças que teremos de discriminar: forças mecânicas, elétricas, magnéticas, luz, calor. O progresso no seu conhecimento faz que seja reduzida a duas espécies - atração e repulsão. Tudo isso se aplica por igual ao homem como organismo”.<sup>113</sup>

Podemos detectar nesse programa a afirmação de que a linguagem da física deve ser a linguagem universal e unitária de todas as ciências. Nesse sentido, não haveria lugar para as *ciências do homem*. O *humano* não poderia constituir matéria específica de ciência à medida que a jurisdição do método físico-matemático se estendia à integridade dos fenômenos. Para Freud, o *homem* adquire um estatuto de “objeto natural”. Desse modo,

---

<sup>112</sup> Citado por JONES, Ernst. *Sigmund Freud Life and Work*. Vol. I. London: The Hogarth Press, 1954, p. 45.

<sup>113</sup> JONES, Ernst. *Sigmund Freud Life and Work*. Vol. I. London: The Hogarth Press, 1954, p. 45. No original: “Physiology is the science of organism as such. Organisms differ from dead material entities in action - machines - in possessing the faculty of assimilation, but they are all phenomena of the physical world; systems of atoms, moved by forces, according the principle of the conservation of energy discovered by Robert Mayer in 1842, neglected for twenty years and popularized by Helmholtz. The sum of forces (motives forces and potential forces) remains constant in every isolated system. The real causes are symbolized in science by the word ‘force’. The less we know about them, the more kinds of forces do we have to distinguish: mechanical, electrical, magnetic forces, light, heat. Progress in knowledge reduces them to two - attraction and repulsion. All this applies as well to the organism man”.

toda referência a uma norma superior e absoluta (ser metafísico) é recusada, passando a ser o homem confrontado com a “inevitabilidade de sua natureza animal”. Conseqüentemente, só poderia haver “ciências da natureza” (*Naturwissenschaft*). Esse monismo se converte em estrita exigência da *Naturwissenschaft* e postula a necessidade da explicação físico-química da ciência dos organismos.

É a partir dessa convicção epistemológica, da qual Freud não abre mão, que ele estabelecerá a Psicanálise como uma “ciência da natureza”. Se a Psicanálise pretende ser uma ciência digna desse nome, ela só pode ser uma “ciência da natureza”. Em seu entender, a *Naturwissenschaft* passa a ser simplesmente sinônimo de *Wissenschaft* (ciência). Esse ideal científico no qual Freud se inicia, desde a origem, na anatomia e na fisiologia, passa a ser alinhado com o campo físico-químico, que é seu modelo incontestado. A partir desse modelo, todo fenômeno é reduzido a uma determinação segundo os mecanismos físicos - mais precisamente, uma **causalidade mecânica** ou **linear**. Inspirado por uma inabalável necessidade determinista fundada ela própria sobre a unidade presumida da *Naturwissenschaft*, Freud decididamente opta pelo rigor científico e pelo determinismo. Do ponto de vista metodológico, seu receio era deixar-se submergir pela “especulação pura”<sup>114</sup>, ou até mesmo pela “lama preta do ocultismo”.

O que emerge, nesse momento, e que ficou muito bem caracterizado por Lange é “uma psicologia sem alma”<sup>115</sup>. Trata-se de uma psicologia que, orientada pelo estudo

---

<sup>114</sup> Segundo Birman: “Na tradição científica alemã da segunda metade do século XIX - em que predominava a crítica ao projeto panlogista e totalizante de Hegel, ao lado de uma proposta teórica de retomada da filosofia de Kant, por representar a crítica da metafísica - qualquer signo de ‘especulação’ e de não verificação das proposições teóricas indicava o descaminho da razão científica e o retorno à metafísica”. Cf. BIRMAN, J. *Psicanálise, ciência e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, p. 57.

<sup>115</sup> LANGE F. A. *Histoire du matérialisme et critique de son importance a notre époque*. (Tome Second - Historie du Matérialisme depuis Kant). Paris: Librairie Schleicher Frères, 1911, p. 403.

positivo das relações fisiológicas, renuncia às especulações metafísicas sobre a “essência da alma”. Podemos detectar, aqui, o agnosticismo resolutivo ressonando nas palavras de Du Bois-Reymond: *Ignorabimus!* O agnosticismo se apresenta como um imperativo que coloca fora da alçada do conhecimento a questão da natureza da alma. Essa é a condição de possibilidade para uma psicologia conforme à *Naturwissenschaft*. Desta forma, Du Bois-Reymond delimitava o campo sobre o qual os cientistas deveriam localizar-se. Certamente, Freud não pode ignorar as idéias de Du Bois-Reymond nesse momento de efervescência epistemológica dos anos de 1870.

Contudo é Carl Koller<sup>116</sup>, discípulo de Brücke e Du Bois-Reymond, que nos fornece indícios significativos sobre “a filosofia subjacente ao trabalho científico da Universidade” e suas implicações com o pensamento determinista reinante. Evocando retrospectivamente, em 1936, esse período, Koller declarava:

“Ele (Du Bois-Reymond) era uma celebridade naquele tempo. Fez pesquisas famosas sobre os peixes-elétricos e arraiais da América do Sul, tinha sido reitor da Universidade de Berlim e seu discurso naquela ocasião, *Ignorabimus*, traçando os limites do conhecimento humano muito segundo a linha de Kant, era um clássico. Chego a pensar ainda é hoje. Montou no cavalo da causalidade, afirmando, entre outras coisas que, se fosse possível conhecer a organização da matéria e das forças, se poderia predizer o futuro com precisão matemática. Ultimamente, os físicos atômicos e, principalmente, os “meninos do quanta” têm atacado a causalidade, sustentando que um átomo podia mudar de idéia e tomar um rumo diferente do que tinha antes. Enquanto a lei da estrita causalidade acaba com o livre arbítrio, os “meninos do quanta” restabelecem o livre arbítrio, que se acha em harmonia com as nossas próprias sensações, mas que não é necessariamente correto, de qualquer maneira.”<sup>117</sup>

<sup>116</sup> Carl Koller (1857-1944). Colega de Freud que descobriu o efeito anestésico da cocaína. Sobre esse episódio, ver JONES, Ernst. *Sigmund Freud Life and Work*. Vol. I. London: The Hogarth Press, 1954, p. 98.

<sup>117</sup> KOLLER BECKER, H. *Freud e a Cocaína*. Org. Robert Byck. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, p. 250.

Em outra passagem, já no final de sua vida, Koller dá seu testemunho direto a propósito das lutas no interior da ótica fisiológica, a disputa entre nativistas e empíricos. Koller submete à apreciação o debate sobre o determinismo.

“Você não precisa pensar que a diferença de opinião que chega ao auge quando se discutem os motivos que levam um cachorro a levantar a perna traseira, ao fazer uso do hidrante ou do poste de luz, seja uma coisa nova ou inventada por você e por mim. Isso representa duas grandes escolas de filosofia, a dos empíricos e a dos nativistas. (...) Essas duas escolas se entenderam sob o pretexto da ótica fisiológica. O grande Helmholtz dirigiu os empíricos e o muito menos conhecido Hering os nativistas.”<sup>118</sup>

No momento em que Freud inicia sua formação, revivificando os desafios da psicofisiologia dos anos de 1840, defrontavam-se nativistas e empíricos. Segundo Assoun, tratava-se de determinar se o conhecimento do espaço era conhecido de modo inato ou resultado da experiência. De um lado, encontrava-se Helmholtz em seu empenho, de maneira especial em sua *ótica fisiológica*, “de reconstituir a gênese do espaço, principalmente sob sua forma visual, pela experiência, sem recorrer a uma teoria ineísta e nativista”. De outro, na trilha aberta por Johannes Müller, encontrava-se Hering na tarefa de dar ao nativismo “sua forma mais aprofundada e conseqüente”.

No Século XIX as tradições vitalistas e nativistas revelaram-se por meio da psicofisiologia de Müller e Hering. A contribuição de Müller foi a de postular que as “energias específicas dos nervos”, uma vez estimuladas, forneceriam as qualidades dos fenômenos sensoriais. Para Müller a sensação é determinada fundamentalmente por aquilo

---

<sup>118</sup> Ibid. 251.

que há de específico em cada via sensorial. Desse modo, deduzia que a noção de experiência merecia ser submetida à crítica, pois haveria uma estrutura prévia, inata, condicionando-a. Nesse sentido, Müller inclinava-se para uma teoria nativista da percepção. Ainda assim, é provável que Freud tendesse muito mais para o lado de Helmholtz, seu “ídolo”, pois não podia ignorar que Hering representava a escola oposta. Não há dúvida de que a querela entre nativistas e empíricos deixara impressões significativas na produção teórica de Freud.<sup>119</sup>

Importa aqui acrescentar que, ao inclinar-se para o projeto mecanicista e científicista, Freud estava, notadamente, subscrevendo na integridade a tese do determinismo. Segundo Assoun:

“Em termos vigorosos, isso vem mostrar até que ponto a ambição da *Naturwissenschaft*, desenvolvendo-se segundo a seqüência física-fisiologia-psicologia, apoiava-se numa intransigente necessidade determinista. Determinar a causa, reconstituir o processo supõe um encadeamento rigoroso que Freud subscreverá incondicionalmente até o fim. É *dai* que ele se origina”<sup>120</sup>

Portanto, a formação intelectual de Freud, forjada no âmbito da polêmica entre romantismo e positivismo, materializa o campo ideológico a partir do qual sua argumentação em torno da questão do determinismo está inserida. Os diversos modelos lingüísticos adquiridos fornecem um instrumental para Freud pensar sua descoberta revolucionária: o inconsciente e sua leis de funcionamento. A questão do determinismo

---

<sup>119</sup> Segundo Assoun: “Freud herda desafios que perdurarão longo tempo em sua reflexão. Até em sua últimas reflexões sobre o aparelho psíquico, podemos encontrar o traço dessa clivagem inscrita pelo nativismo e pelo empirismo no problema da percepção.” Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p. 74.

<sup>120</sup> *Ibid.* p. 75.

conserva o mérito de introduzir a problemática da causalidade no âmbito dos fenômenos psíquicos. Isso nos permitirá, ao longo desta dissertação, acompanhar as transformações de uma causalidade mecânica para uma causalidade psíquica, situando as condições em que ela surge e as peculiaridades que esta reivindica. Essas transformações nos oferecem elementos para entender a descontinuidade do projeto freudiano com os saberes de sua época, pois tais inovações teóricas estabelecem uma ruptura com a tradição dominante da psicologia alemã e levantam questões significativas para a tradição cientificista e naturalista.

**CAPITULO 3: DA NOÇÃO DE DETERMINISMO PSÍQUICO NA LEITURA  
FREUDIANA DAS TEORIAS SOBRE O SONHO APRESENTADA NA  
INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (1900)**

“A coisa está planejada segundo um passeio imaginário. No começo, a floresta escura dos autores ( que não enxergam as árvores), irremediavelmente perdidos nas trilhas erradas. Depois, uma trilha oculta pela qual conduz o leitor - meu sonho paradigmático, com suas particularidades, pormenores, indiscrições e piadas de mau gosto - e então, de repente o planalto com seu panorama e a pergunta: em que direção você quer ir agora ?” (Sigmund Freud, 1899)

Este capítulo tem como objetivo, dar um primeiro passo no sentido de delimitar a noção de *determinismo psíquico* a partir da leitura freudiana das teorias pré-psicanalíticas sobre o sonho apresentada no texto denominado **Interpretação de Sonhos (1900)**.

Nesse texto, Freud pretende demonstrar que os sonhos não são processos absurdos e caóticos, mas possuem um sentido. Os sonhos, nos diz Freud, são passíveis de serem interpretados por um método. Isso significa afirmar que eles possuem um sentido e que, por isso, podem ser inseridos na vida de vigília.

Ao contrário da tradição científica que concebia o sonho enquanto mero estímulo interruptor do sono, destituído de qualquer significação, Freud argumentará a favor do reconhecimento do sonho enquanto objeto passível de estudo, recusando-se, por conseguinte, a concebê-lo enquanto um fenômeno arbitrário.

Uma vez que a corrente científica, representada pelas teorias médicas, não contemplava a questão do sentido dos sonhos, Freud se empenha em apresentar as lacunas e as insuficiências dessas teorias, investigando os “obstáculos teóricos” que impediram essa pesquisa.

Desse modo, a noção de determinismo psíquico fornece a Freud uma ferramenta teórica importante para pensar seu objeto de pesquisa, permitindo demarcar uma posição teórica frente aos saberes de seu tempo. Amplos dilemas se colocavam para Freud em relação à criação do campo psicanalítico, e o levantamento da literatura existente sobre o sonho foi um deles. Esse sempre foi considerado por Freud como um trabalho desgastante, verdadeiro “inferno intelectual”, no qual era necessário abrir “caminho à força até o

fim”<sup>121</sup>. A literatura sobre os sonhos se revela como “uma dura prova ao leitor”<sup>122</sup>, uma vez que havia o risco de o leitor ficar retido “nesse matagal espinhoso”<sup>123</sup>. Entretanto, apesar das dificuldades, entendemos que esse embate teórico não é destituído de propósito. Freud almeja situar suas teses frente à literatura que trata dos sonhos com um objetivo de significativa importância: ele recusa-se a **“entregar aos ‘cientistas’ um machado com que massacrar o pobre livro”**<sup>124</sup>.

Com efeito, a construção dessa identidade epistêmica será por nós explicitada a partir de dois pólos, a saber: a referência ao material onírico, mais precisamente, ao relato do sonho tal como este se apresenta à escuta analítica e a um modelo teórico capaz de compreender o fenômeno onírico enquanto uma formação do inconsciente.

Ao propor uma nova concepção capaz de compreender a especificidade de seu objeto de pesquisa, Freud se dispõe a construir dispositivos que lancem luz a um ponto de desconhecimento, que a própria vida de vigília guarda em relação a si mesma, isto é, Freud partiu para a construção de um modelo teórico (metapsicológico) capaz de fazer justiça aos processos ditos inconscientes.

Nesse sentido, entendemos que o projeto freudiano tem por efeito filosófico original o de operar dois cortes: em um primeiro momento, Freud esforça-se em promover uma descontinuidade com a tradição científico-naturalista a qual restringia o sonho a um processo somático. Em um segundo momento, não menos importante, Freud visa promover uma descontinuidade com a tradição que via nos sonhos uma atividade

---

<sup>121</sup> Carta de 28 de maio de 1899. Cf. FREUD, S. *Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*, Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 354.

<sup>122</sup> Carta de 01 de agosto de 1899. Ibid. p. 364.

<sup>123</sup> Carta de 22 de julho de 1899. Ibid. p. 363.

<sup>124</sup> Carta de 06 de agosto de 1899. Ibid. 366. (grifos nossos)

anímica cuja inteligência era atribuída ao domínio do sobrenatural (o sobrenaturalismo).

### 3.1. Da construção do objeto metapsicológico: a ambição de racionalidade em Freud

Freud aspira no texto **A Interpretação dos Sonhos (1900)**, como o próprio título indica, demonstrar que os sonhos são passíveis de serem interpretados por procedimento técnico. Uma vez empregado esse método, os sonhos revelam-se como uma formação psíquica dotada de sentido e que por isso podem ocupar um lugar assinalável entre as atividades mentais de vigília.<sup>125</sup>

Estabelecido o início de seu percurso no parágrafo inicial de seu texto, esforçar-se-á por elucidar os processos que fazem com que o sonho se apresente como algo estranho e obscuro. A investigação desses processos revela a existência de “forças psíquicas”<sup>126</sup>, que respondem pelo efeito de estranheza e de obscuridade dos sonhos. Chegando a esse ponto, o estudo só poderá prosseguir, segundo Freud, quando se considera que a questão sobre os sonhos está incluída em outra mais ampla, cuja solução deve requerer um “material de outra natureza”<sup>127</sup>, diferente daquele apresentado pelos sonhos.

Não obstante, Freud afirma que, apesar de um esforço milenar, “a compreensão científica acerca dos sonhos progrediu muito pouco”<sup>128</sup>. Para Freud, o estudo dos

---

<sup>125</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos (1900)*. E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 01.

<sup>126</sup> *Idem. ibidem.*

<sup>127</sup> *Idem. ibidem.*

<sup>128</sup> *Idem. ibidem.*

fenômenos oníricos foram negligenciados pela ciência ou simplesmente pouca atenção havia-lhes sido dada. Em tom irônico, ele afirma:

“Ademais, alguém se interessar por sonhos não é apenas pouco prático e desnecessário; é positivamente ignominioso. Traz consigo a reprovação geral de não ser científico e desperta suspeitas de uma inclinação pessoal pelo misticismo. Imaginem um profissional da medicina se dedicando-se a sonhos, quando tantas coisas mais sérias, mesmo na neuropatologia e na psiquiatria: tumores de maçãs comprimindo o órgão da mente, hemorragias, inflamação crônica, onde, em todos, as alterações dos tecidos podem ser demonstrados ao microscópio ! Não, os sonhos são excessivamente triviais e indignos de ser objeto de pesquisa.”<sup>129</sup>

Ainda que os autores anteriores a Freud apresentassem uma série de observações estimulantes sobre o tema, pouco ou nada disseram sobre a “natureza essencial dos sonhos”<sup>130</sup>, nem forneceram respostas para o caráter enigmático dos mesmos. Portanto, mesmo existindo uma literatura sobre os sonhos, uma “ciência do fenômeno onírico” propriamente dita estaria para ser construída. A tradição científica foi incapaz de fornecer uma contribuição mais efetiva para elucidar os enigmas que cercavam o fenômeno onírico. Segundo Freud:

“É difícil escrever uma história sobre o estudo científico dos problemas dos sonhos porque, por mais valioso que tenha sido o estudo em alguns pontos, não se pode traçar nenhuma linha de progresso em qualquer direção específica. Não se lançou nenhum fundamento de achados seguros no qual um pesquisador ulterior pudesse edificar algo; mas cada novo escritor examina os mesmos problemas novamente e recomeça, por assim dizer, do início.”<sup>131</sup>

Feitas essas considerações, Freud estabelece três vertentes sobre a apreciação das

---

<sup>129</sup> FREUD, S. Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise (1915-1917). E.S.B., vol. XV, Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 106.

<sup>130</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 02.

<sup>131</sup> Ibid. p. 5.

teorias pré-psicanalíticas acerca do fenômeno onírico. A primeira, a “teoria dominante”<sup>132</sup>, representada pelas teorias médicas (consideradas as representantes legítimas da ciência), postulava o sonho como um fenômeno fisiológico, resíduo da atividade corporal. Essa teoria concebia os sonhos como um “processo somático”. O sonho é reduzido à mera reação ao estímulo interruptor do sono, destituído de qualquer significação. As outras duas vertentes remontam à tradição filosófica e à opinião popular. Freud reconhece na filosofia, na literatura e nos fragmentos discursivos do senso comum a importância concedida ao sentido dos sonhos. A valorização do sentido dos sonhos se expressa através do trabalho de certos filósofos os quais consideram que “os sonhos se originam essencialmente de impulsos mentais e representam manifestações de forças mentais que foram impedidas de expandir-se livremente durante o período diurno”<sup>133</sup>. Já a opinião popular, segundo Freud, mesmo considerando o valor psíquico do fenômeno onírico, persiste na crença de que o sentido dos sonhos se relaciona com a “predição do futuro” e a “superstição”. Freud nos esclarece essa passagem da seguinte forma:

“Não pode haver dúvida de que as realizações psíquicas dos sonhos receberam reconhecimento mais pronto e mais caloroso durante o período intelectual que já ficou para trás, quando a mente humana estava dominada pela filosofia e não pelas ciências naturais exatas. Pronunciamentos tais como o de Schubert (1814, 20 s.) de que os sonhos constituem uma libertação do espírito do poder da natureza externa, uma libertação da alma dos grilhões dos sentidos e observações semelhantes do jovem Fichte (1864, 1, 143 s.) e de outros, todos eles a representarem os sonhos como uma elevação da vida mental a um nível mais alto, nos parecem agora quase inteligíveis; hoje em dia, são repetidos apenas pelos místicos e pietistas. A introdução da maneira científica de pensar trouxe consigo uma reação na apreciação dos sonhos. Escritores médicos, em especial, tendem a considerar a atividade psíquica nos sonhos como trivial e desprovida de valor; enquanto filósofos e observadores não profissionais - psicólogos amadores - cujas as contribuições a esse assunto específico não

---

<sup>132</sup> Ibid. p. 103.

<sup>133</sup> Nesta citação, Freud refere-se particularmente a Scherner (1861) e a Volkelt (1875). Cf. FREUD, S. Sobre os Sonhos (1901). E.S.B., vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 671.

devem ser desprezadas, tem ( em afinidade mais estreita com o sentimento popular) conservado a crença no valor psíquico dos sonhos.”<sup>134</sup>

Por conseguinte, a leitura que Freud propõe das teorias existentes sobre o sonho pretende ter uma motivação diversa dessas mesmas teorias. Essa leitura procede de uma outra concepção que o texto permitirá desenvolver a partir de duas proposições fundamentais: **a) o sonho é um objeto psicológico - *Objekt der Psychologie*** (ou seja, Freud recusa-se de imediato a conceber o sonho no domínio da Fisiologia); **b) os eventos psíquicos não são arbitrários** – Para Freud, os sonhos apresentam determinações e estão submetidos a leis específicas. Freud posiciona-se em um eixo epistemológico que implica o “retorno simbólico” a um momento histórico da tradição ocidental, o qual valorizava a categoria *sentido*<sup>135</sup> na experiência onírica. Essa perspectiva difere das concepções advindas da psiquiatria e psicologia explicativa do Século XIX, que destituíam o fenômeno onírico de qualquer significação.

---

<sup>134</sup> FREUD, S. A Interpretação de Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 66. (grifos nossos). Ver também FREUD, S. Sobre os Sonhos (1901). E.S.B., vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 671-672. No texto denominado “O Interesse Científico da Psicanálise” (1913), Freud afirma que a **Interpretação de Sonhos (1900) “causou o primeiro conflito da psicanálise com a ciência oficial, o que passou a ser seu destino. A pesquisa médica explica os sonhos como sendo fenômenos puramente somáticos, sem sentido ou significação, e considera-os como a reação de um órgão mental, mergulhado em estado de sono, aos estímulos físicos que o mantêm parcialmente desperto. A Psicanálise eleva a condição dos sonhos à de atos psíquicos possuidores de sentido e intenção e com um lugar na vida mental do indivíduo, apesar de sua estranheza, incoerência e absurdo. Segundo esse ponto de vista, os estímulos somáticos simplesmente desempenham o papel de material que é elaborado no decurso da construção do sonho. Não existe um meio termo entre essa duas opiniões sobre o sonhos. O argumento usado contra a hipótese fisiológica é a sua esterilidade, e o que pode ser argumentado em favor da hipótese psicanalítica é o fato de ter traduzido e dado um sentido a milhares de sonhos, usando esse sentido para iluminar os pormenores mais íntimos da mente humana.”** Cf. FREUD S., O Interesse Científico da Psicanálise (1913), E.S.B., vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 203. (grifos nossos).

<sup>135</sup> No texto denominado Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise Freud retoma essa questão. Segundo ele, “a possibilidade de conferir um sentido ao sintomas neuróticos, mediante interpretação analítica, é uma prova inarredável da existência - ou, se preferem, da necessidade de manter a hipótese - de processos mentais inconscientes”. Cf. FREUD, S. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1916-1917). E.S.B., vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 329. (grifos nossos).

Essas proposições são seguidas das referências às obras aristotélicas *De divinatore per somnum* e *De somniis*. Nas palavras de Freud:

“Nas duas obras de Aristóteles que tratam dos sonhos, já foram os mesmos **objeto de estudos psicológicos**. Informam-nos as referidas obras que os sonhos não são enviados dos deuses e não são de natureza divina, mas que são ‘demoníacos’, visto que a natureza é ‘demoníaca’ e não divina. Os sonhos, vale dizer, não decorrem de manifestações sobrenaturais mas seguem as leis do **espírito humano**”<sup>136</sup>

Segundo Assoun, a referência freudiana ao texto aristotélico almeja funcionar como uma “antecipação filosófica” da proposição psicanalítica, uma vez esgotado o estoque disponível de hipóteses propriamente científicas. Assim, uma conversão do lugar de pesquisa é reivindicada como necessária e legítima. Segundo o autor

“Fermento para a pesquisa, a referência filosófica também é uma justificação teórica de fundo. Esta família é bem alimentada, na medida em que podemos detectar, no momento da *introdução de cada uma das teses principais da psicanálise, uma legitimação pela antecipação filosófica*. Em outras palavras, para cada tese de base, Freud sente a necessidade de encontrar, num grande texto filosófico, um *precedente* (ou vários).”<sup>137</sup>

Entretanto, essa conversão não é feita sem reservas. Paradoxalmente, Freud não propõe abandonar o ideal da *Naturwissenschaft*, mesmo dentro de um contexto onde a concepção somática, proveniente das teorias médicas, erigia-se como o seu maior obstáculo teórico. A tentativa de inscrever o sonho na ordem psíquica, restituindo-lhe relativa autonomia em relação à ordem somática, suscitava objeções imediatas. Nesse

---

<sup>136</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 02. (grifos nossos)

<sup>137</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud a Filosofia e os Filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p. 130.

sentido, ele afirma:

“ É verdade que a predominância do cérebro sobre o organismo é asseverada com aparente confiança. Não obstante, qualquer coisa que possa indicar que a vida mental seja, de qualquer forma, independente de mudanças orgânicas demonstráveis ou que suas manifestações são, de alguma forma, espontâneas, alarmam o psiquiatra moderno, como se um reconhecimento de tais coisas inevitavelmente nos levasse de volta aos dias da Filosofia da Natureza, e ao ponto de vista metafísico da natureza da mente (*des metaphysischen Seelenwesens wiederbringen müßte*). As suspeitas dos psiquiatras puseram a mente, por assim dizer, sob tutela, e agora insistem eles que não se permitirá que nenhum de seus impulsos sugira que ela possua quaisquer significados próprios. Esse comportamento apenas mostra da parte deles quão pouca confiança realmente depositam na validade de uma relação causal (*Kausalverkettung*) entre o somático e o mental. Mesmo quando a pesquisa mostra que a causa excitante primária de um fenômeno é psíquica, uma investigação mais aprofundada algum dia levará a trilha mais adiante e descobrirá uma base orgânica para o fato mental. Mas, se no momento não podemos enxergar além do mental (*Psychische*), isso não é motivo para negar-lhe a existência.”<sup>138</sup>

A inquietação de Freud indica a preocupação com a especulação pura, o “ponto de vista metafísico da natureza da mente”. Na sua perspectiva, o sonho não seria um fenômeno degradado, caótico ou obscuro, tampouco algo sublime ou sobrenatural.

Esse ideal que remonta ao espírito iluminista - *Sapere aude* - exprime-se rigorosamente sob a forma negativa, mais precisamente na recusa de sujeição ao que se denomina “visão de mundo” (*Weltanschauung*) em sua pretensão totalizante<sup>139</sup>. Para Freud, a formulação de uma teoria das formações do inconsciente, longe de promover uma continuidade com toda a “filosofia do Inconsciente”<sup>140</sup>, procura uma ruptura com a mesma.

---

<sup>138</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 44. (grifos nossos)

<sup>139</sup> Sobre esse ponto ver item 2.2. Da ambivalência em relação à prática médica: a antinomia entre especulação e objetividade no capítulo 2.

<sup>140</sup> Fazemos alusão à idéia do inconsciente romântico apresentada por Hartmann; filósofo citado por Freud na *Die Traumdeutung* como: “o filósofo do pessimismo é provavelmente quem mais se afasta da teoria da realização de desejos”. Ibid. p.143. Ver também nota p. 563. Segundo Assoun, Hartmann fornece o protótipo da posição de um transcendentalismo do inconsciente que hipostasia o mesmo em entidade metafísica. Para

Esse processo fomenta, a partir da elaboração de “conceitos fundamentais”<sup>141</sup> (*Grundbegriff*), as bases para a metapsicologia<sup>142</sup>. O fenômeno onírico, enquanto uma formação do inconsciente, desprezado pela tradição científica, “condenado a ser renegado - pelo concienialismo - ou hispostasiado em princípio, logo, mistificado”<sup>143</sup>, aponta para a reivindicação freudiana de não abandoná-lo à irracionalidade. Contrapondo-se a qualquer excesso de *Schwärmerei*, espécie de perturbação do espírito determinada por um estado de exaltação visionária, Freud confrontou-se com a superstição, com o misticismo ou com quaisquer elementos que indicassem algo para além da natureza (sobrenaturalismo), especialmente no terreno dos sonhos, mesmo que fosse para destes distinguir-se.<sup>144</sup>

Hartmann, há apenas uma “manifestação psíquica do inconsciente no espírito humano”, mas não uma realidade psíquica inconsciente. Nessa perspectiva, inconsciente e consciente passam a ser predicados universais, a esse título, substantificáveis em entidades, como se nota em Hartmann. Para Assoun: “A filosofia do inconsciente estava, pois, condenada a fracassar no Charibde do irracionalismo místico ou no Scylla do psicologismo concienialista: Eduard von Hartmann e os psicólogos da escola alemã concentraram-se, de repente, com os dois destinos de uma mesma contradição que a psicanálise tem condições de revelar e ultrapassar”. Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud a Filosofia e os Filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p. 33-34.

<sup>141</sup> Segundo Kaufmann: “Introduzido de início por analogia com as ciências da natureza, foi o conceito destinado a fundar, em sua especificidade, as hipóteses relativas aos processos próprios da psicanálise”. Cf. KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 90.

<sup>142</sup> O termo foi empregado pela primeira vez na carta à Fliess no dia 13 de fevereiro de 1896 e publicado pela primeira vez no capítulo denominado *Determinismo, crença no acaso e superstição - Alguns pontos de vista*. In: *Psicopatologia da Vida Cotidiana*. E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Segundo Laplanche o termo é “utilizado por Freud para definir a originalidade da sua tentativa de edificar uma psicologia ‘... que leve ao outro lado da consciência’ relativamente às psicologias clássicas da consciência”. Cf. LAPLANCHE, J., PONTALIS J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.362. Para Assoun, metapsicologia constitui a “superestrutura especulativa” da Psicanálise. Segundo o autor: “O imperativo metapsicológico viu-se calcado no estabelecimento de modelos das ‘ciências da natureza’. Sua definição - ‘Proponho falar da exposição metapsicológica quando logramos descrever um processo psíquico em suas relações dinâmica, tópica e econômica’ - se referiu ao triplice fundamento da concepção fisicalista”. Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *O Freudismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1991. p. 39.

<sup>143</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *Metapsicologia Freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 30.

<sup>144</sup> No capítulo denominado *Determinismo, crença no acaso e superstição - alguns pontos de vista* do texto *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), Freud tece algumas relações entre a idéia de determinismo e a idéia de superstição. Freud alega que determinada “ignorância consciente” e um desconhecimento de uma motivação inconsciente de eventos psíquicos seriam uma das raízes da superstição. A pessoa supersticiosa “nada sabe da motivação” de seus atos causais e se vê forçada a localizá-lo, por deslocamento, no mundo externo. Sobre a idéia superstição ele faz o seguinte comentário: “Não acredito que um evento, em cuja

Nesse sentido, a metapsicologia apela para a necessidade de se fazer justiça aos processos que levam “além do consciente”<sup>145</sup>. Não obstante, o dispositivo metapsicológico vem precisar e dar forma de racionalidade *ad hoc* a esse imperativo de não negligenciar o inconsciente, mesmo que seja necessário mover o *Archeronta*<sup>146</sup>. Longe de se submeter a uma racionalidade extrínseca, Freud reivindica firmemente, através do trabalho metapsicológico, coerência intrínseca em suas conquistas, acima de tudo, autonomia epistêmica.

Na *Die Traumdeutung*, a construção de um modelo teórico (metapsicológico) é sustentado através do eixo epistemológico que confere prioridade à categoria *sentido* enquanto índice da ordem simbólica. Esse retorno simbólico, que valoriza a categoria *sentido*, aponta para uma conversão do lugar de pesquisa que contemple a tradição filosófica e mito-poética. Freud se utiliza das linguagens (vocabulários específicos) da filosofia, literatura, e senso comum como ferramentas conceituais na construção de um modelo capaz de compreender o fenômeno onírico. Desse modo, é a partir do campo das representações (*Vorstellung*) que se constitui o solo propício para a elaboração de uma

---

ocorrência minha vida mental não desempenha um papel, possa ensinar-me alguma coisa sobre a forma futura da realidade; acredito, porém, que uma manifestação involuntária da minha própria atividade mental revele alguma coisa oculta, apesar de isto novamente ser algo que só pertence à minha vida mental [não à realidade externa]. **Acredito no acaso (real) externo, sem dúvida, mas não em eventos acidentais (psíquicos) internos.** Com a pessoa supersticiosa acontece o contrário. Ela nada sabe da motivação de seus atos causais e sua parapraxias, e acredita em eventos acidentais psíquicos; por outro lado, ela tem a tendência a atribuir a acontecimentos causais externos um significado que se tornará manifesto em eventos reais, e a considerar tais acontecimentos causais como meios de expressar alguma coisa do mundo externo que está oculta para ela. As diferenças entre eu e a pessoa supersticiosa são duas: primeira ela projeta fora uma motivação que eu procuro dentro; segunda, ela interpreta o acaso como devido a um evento, ao passo que atribuo a origem do acaso a um pensamento. Mas o que para ela está oculto corresponde ao que está inconsciente para mim, e a compulsão a não encarar o acaso como sendo um acaso, mas a interpretá-lo, é comum a ela e a mim.” FREUD, S. A Psicopatologia da vida cotidiana (1901). E.S.B., vol. VI., Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 308. (grifos nossos)

<sup>145</sup> Cf. Carta de 10 de março de 1898. FREUD, S. **Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**, Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 302

<sup>146</sup> Fazemos menção, aqui, a epígrafe da *Die Traumdeutung*: *Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo.*

teoria dos processos inconscientes onde sonhos, sintomas, atos falhos e chistes se revelam em sua estrutura.

A tarefa freudiana consiste, portanto, em explicitar em que medida os autores anteriores contemplaram a questão do sentido dos sonhos. Uma vez que a corrente científica, representada pelas teorias médicas, não contemplava essa questão, trata-se de investigar os “obstáculos epistemológicos”<sup>147</sup> que impediram essa pesquisa. Freud pretende demonstrar as contradições e as insuficiências das teorias médicas e, ao mesmo tempo, dotar o fenômeno onírico de um estatuto de objeto de estudo. A estratégia freudiana revela, desse modo, uma dupla inversão: ao contrário das teorias médicas que destituíam o sonho de qualquer valor heurístico, relegando-o à condição de um estímulo arbitrário interruptor do sono, Freud argumentará a favor do reconhecimento do sonho enquanto objeto digno de estudo, sendo possível, por conseguinte, postular o **determinismo psíquico**<sup>148</sup> subjacente a esses fenômenos. Ele se esforça para recolocar suas teses dentro do referencial da ciência, sem, no entanto, se eximir da tradição filosófica e mito-poética. Essa perspectiva teórica original é a condição de possibilidade para que se desenvolva um modelo teórico capaz de compreender o fenômeno onírico, ou seja, uma outra concepção

---

<sup>147</sup> De acordo com Canguilhem, a idéia de “obstáculo epistemológico” diz respeito a todo elemento ou processo que, intervindo no interior de uma prática científica, obstrui ou dificulta a produção de conhecimento. Cf. CANGUILHEM, G. *Etudes d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1968.

<sup>148</sup> Encontramos em Foulquié as seguintes definições da idéia de determinismo psíquico: “1. Au sens large (determinisme du psychisme): doctrine d'après laquelle, comme le monde physique, la vie psychique est rigoureusement déterminée, c'est-à-dire dépendante de ses antécédents, et ne comporte aucune liberté. Les facteurs déterminants peuvent être d'ordre physique ou physiologique, d'ordre social, d'ordre psychologique (cognitif ou affectif). (...) 2. En un sens plus étroit (determinisme par le psychisme) usuel chez les philosophes: doctrine d'après laquelle tous les faits de la vie psychique sont rigoureusement déterminés par leurs antécédents psychiques.” Cf. FOULQUIÉ, P. *Dictionnaire de la Langue Philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962. p. 167. Contudo, veremos, no capítulo 4, denominado “Da Especificidade da Noção de Determinismo Psíquico na Interpretação dos Sonhos”, que o determinismo psíquico freudiano, embora se aproxime da segunda definição, não comporta uma determinação linear do passado sobre o presente.

sobre a psique, que promove uma ruptura com a perspectiva epistemológica da tradição científica que restringia qualquer evento mental a um epifenômeno do funcionamento cerebral circunscrito a uma localização anatômica.

### 3.2. Do material onírico

A investigação freudiana tem início com a construção de seu objeto: Freud não planeja “abrange toda a literatura sobre o tema”<sup>149</sup>, mas somente determinados aspectos.

“Se eu tentasse relacionar aqueles que têm escrito sobre o assunto em ordem cronológica e apresentasse um sumário dos seus pontos de vista sobre o problema do sonho, teria que abandonar qualquer esperança de apresentar um quadro geral sobre o assunto.”<sup>150</sup>

Freud almeja conceber os sonhos enquanto objeto psicológico, elucidando as leis que os regem, todavia não pretende perder de vista o horizonte científico onde a referência à psicopatologia funciona como uma fonte de analogias significativas para o estudo dos sonhos<sup>151</sup>.

---

<sup>149</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 06.

<sup>150</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>151</sup> Freud estabelece uma conexão entre os problemas da formação do sonho e a extensão dos problemas da psicopatologia. A relação com a psicopatologia não é nova: o material importado da psicopatologia vem auxiliar no estudo do sonho desde os estudos sobre a etiologia das neuroses. A relevância do sonho é demarcada à medida que fornece uma estrutura aproximada das doenças mentais. No prefácio da *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud afirma que: “Como se verá a seguir, os sonhos não podem reivindicar importância prática, mas seu valor teórico como paradigma é, por outro lado, proporcionalmente maior. Quem quer que tenha falhado em explicar a origem das imagens oníricas quase que não pode esperar compreender as fobias, obsessões ou delírios, ou fazer com que uma influência terapêutica se faça sentir sobre

Freud objetiva argumentar, como já indicamos, a favor de duas teses: o sonho é uma formação psíquica dotada de sentido e o mesmo tem um lugar assinalável na vida de vigília. Ao retomarmos essas teses iniciais da *Die Traumdeutung*, poderemos inferir que a segunda tese imediatamente se deduz da primeira, uma vez demonstrada. Isto é, os sonhos podem ser pensados como formações psíquicas dotadas de sentido porque podemos indicar o lugar em que eles se inserem na vida de vigília. Por outro lado, observa-se que a primeira tese não é constatada imediatamente, pois há forças que distorcem o sonho. Freud parte do princípio de que todo material que compõe o conteúdo onírico deriva de algum modo daquilo que foi vivenciado (*Erlebten*), mais precisamente: daquilo que foi reproduzido ou recordado no sonho.<sup>152</sup>

Da relação entre sonho e a vida de vigília, Freud encontra duas respostas opostas na literatura sobre o tema. Uma primeira resposta é dada por Burdach e Strümpell que concebem o sonho como um afastamento “do mundo da consciência de vigília”<sup>153</sup>. A segunda resposta, dada por Haffner e Weygandt, leva à compreensão de que “os sonhos dão prosseguimento à vida de vigília”<sup>154</sup>. As afirmações de Burdach e Strümpell fornecem alguns indícios para que o sonho seja visto como deslocado em relação à vida diurna. Para esses autores o sonho tem como objetivo livrar-nos dos infortúnios da vida

clas.” Cf. FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. xxxi.

<sup>152</sup> Nas palavras de Freud: “Todo material do conteúdo de um sonho se origina, de certa, da experiência, ou seja, foi reproduzido ou lembrado no sonho - tanto que, pelo menos, podemos considerar como um fato indiscutível”. Cf. FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 11.

<sup>153</sup> STRÜMPELL, I.. *Die Natur und Entstehung der Traume* (1877). Leipzig. Citado por FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 07. Para um estudo detalhado dos autores que teorizaram sobre o fenômeno onírico entre os quais aqueles citados em nosso texto, remetemos o leitor ao estudo de ELLENBERGER, Henri F. *El Descubrimiento del Inconsciente*. Madri: Editorial Gredos. 1976. Capítulos III, IV e V.

<sup>154</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 07.

cotidiana. Assim, “um sonho nada mais faz do que penetrar em nosso estado de espírito, representando a realidade em símbolos”<sup>155</sup>. Freud posiciona-se a favor da segunda afirmação pois entende que existe uma correlação entre as representações do sonho e o material extraído da vida de vigília. Ao argumentar que se pode pensar o sonho como portador de sentido, Freud está indicando o lugar de sua inserção na vida de vigília. A posição de que Freud mais se aproxima considera que existe sempre um nexos entre as representações do sonho e o material originado dos dias precedentes ao sonho.<sup>156</sup> A noção de material apóia-se em um dos termos da oposição proposta por Hildebrandt na qual afirma uma contínua inserção da vida de vigília nos processos oníricos<sup>157</sup>. Nesse sentido,

---

<sup>155</sup> BURDACH, H.F. *Die Physiologie als Erfahrungswissenschaft*. Vol. 3 da 2ª. ed., 1832-1840. Citado por FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 07.

<sup>156</sup> *Ibid.* p. 18.

<sup>157</sup> Segundo Hildebrandt: “Pode chegar a dizer que o que quer que os sonhos possam oferecer, seu material é retirado da realidade e da vida intelectual que gira em torno daquela realidade... Quaisquer que sejam os resultados estranhos que possam atingir, nunca podem de fato liberar-se do mundo real; e suas estruturas mais sublimes e também mais ridículas devem sempre tomar de empréstimo seu material básico, quer do que ocorreu perante os nossos olhos no mundo dos sentidos, quer do que já encontrou um lugar alhures no curso dos nossos pensamentos de vigília - em outras palavras, do que já experimentamos, seja externamente, ou internamente”. HILDEBRANDT, F.W. *Der Traum und seine Verwurthung für's Leben* (1875). Leipzig. Citado por FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 10. Neste sentido, consideramos não ser impertinente apontar para o vocábulo material como um termo que se aproximaria de um dos aspectos da idéia de realismo no interior do projeto freudiano. Segundo Ferrater Mora, o termo realismo designa a posição adotada na teoria do conhecimento, isto é, designa somente um modo de conhecer. Desse modo, opõe-se à posição idealista. Cf. FERRATER MORA, J., *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991. p. 345. Freud parece aproximar-se do realismo gnoseológico do qual declara que o conhecimento é possível sem necessidade de supor, de acordo com a posição idealista, que a consciência impõe à realidade certas categorias *a priori*. Segundo o realismo gnoseológico o que importa no conhecimento é o dado e de modo algum o que é colocado pela consciência ou pelo sujeito cognoscente. Não se trata de um realismo ingênuo que supõe o conhecimento como uma reprodução exata da realidade, mas de um modelo empírico-realista onde é necessário submeter o dado a exame distinguindo o que há no conhecer que não é mera reprodução. Nesse sentido o termo sugere uma reação ao romantismo, aos excessos do lirismo e da imaginação, apontando para a influência exercida pelo desenvolvimento das ciências biológicas, do positivismo comtista e do determinismo de Hyppolite Taine (1828-1893) nos meados do Século XIX. Com efeito, essa postura que encontra ressonância em Hildebrandt - “nunca podem de fato liberar-se do mundo real” - aponta para o que Assoun chama de a “dependência em relação à imanência da pertença material”. Segundo Assoun: “Essa postura (realismo) pode ser resumida na formulação do dramaturgo alemão Grabbe, que era tão prezada por Freud: ‘Sim, jamais cairemos fora do mundo. Estamos nele de uma vez por todas’ (*O Mal - Estar na Civilização*, G.W., XIV, 422 [E.S.B., vol. XXI])”. Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *O Freudismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1991. p. 45. Na ótica freudiana, uma “ciência do fenômeno onírico” torna indispensável um trabalho que lide, de fato, com a materialidade do conteúdo onírico, mais especificamente com a “matéria psíquica”. Trata-se de se ater a esse

Freud objetiva demonstrar, ao contrário da literatura médica, que o termo material não designa a fonte (*Quelle*), mas a matéria-prima (*Rohmaterial*) do sonho.

### 3.3. Das relações entre o vivenciado e o recordado

A leitura freudiana das teorias sobre o sonho inicia-se a partir da convicção da correlação entre o material do sonho (*Traummaterial*) e vida de vigília. Entretanto, a ligação entre o conteúdo do sonho e a realidade não está destinada a vir à luz facilmente, como resultado imediato de uma comparação entre ambos. Esse material que é recordado no sonho passa a ser experimentado muitas vezes pelo sonhador como algo estranho, como não sendo originário de suas próprias experiências. Uma vez afirmado que o material do sonho deriva do vivenciado, temos a indicação de que aquilo que é constatado no sonho aparece como uma recordação desse material. Mais precisamente, uma recordação de uma recordação, pois muitas vezes uma recordação de um sonho se dissipa ao despertar, restando apenas pequenos fragmentos na memória.<sup>158</sup> O exame dessa questão leva Freud a investigar as peculiaridades que comporta a memória nos sonhos.<sup>159</sup>

Segundo Freud, as características da memória nos sonhos puderam ser constatadas da seguinte forma:

---

“material básico” (*Grundstoff*) rejeitando todo “além-mundo”, instância sobrenatural ou qualquer “realidade” misteriosa ou profunda.

<sup>158</sup> Segundo Freud: “(...) os sonhos não oferecem mais do que *fragmentos* de reproduções”. Ibid. p. 21.

<sup>159</sup> Cf. item 4.1.2. Do aparelho de memória no capítulo 4.

“(1) Os sonhos mostram uma clara preferência pelas impressões dos dias recentes pág. 18s. Cf. Robert [1886, 46], Strümpell [1877, 39], Hildebrandt [1875, 11] e Hallan e Weed [1896, 410 s.]. (2) Fazem sua escolha sobre diferentes princípios oriundos de nossa memória de vigília, visto não recordarem o que é essencial e importante, mas o que é subsidiário e despercebido. (3) Tem à sua disposição as primeiras impressões de nossa infância, fazendo mesmo surgir detalhes daquele período de nossa vida que, mais uma vez, nos impressionam como triviais e que, em nosso estado de vigília, acreditamos terem de há muito caído no esquecimento.”<sup>160</sup>

Logo em seguida, Freud diz:

“Todas as peculiaridades apresentadas pelos sonhos em sua escolha de material tem, naturalmente, apenas sido estudadas pelos primeiros escritores em relação ao seu conteúdo manifesto”<sup>161</sup>

Freud nos alerta para o fato de que a correlação entre material onírico e vida de vigília requer, ainda assim, que seja investigada com uma certa acuidade, pois ela tende a permanecer oculta ou distorcida. Ao contrário da investigação da literatura médica que se realiza a partir da ótica do que se apresenta já distorcido, Freud pensa, nesse momento, quais seriam os indicativos que poderiam responder pela distorção (*Entstellung*) do material onírico, ocultando a sua natureza de formação psíquica plena de sentido.

Ao refletir sobre a forma a partir da qual o vivenciado é recordado no sonho, Freud pode constatar que o material onírico não é reconhecido como proveniente da vida diurna. A partir desse ponto, ele chega a duas deduções: a primeira diz respeito à vigília, os sonhos

---

<sup>160</sup> Ibid. p. 174.

<sup>161</sup> Ibid. p. 174. (grifos nossos). Freud aponta para a diferenciação entre o conteúdo manifesto do sonho e o conteúdo latente. Segundo Freud: “É necessário apenas observar o fato de que minha teoria não se baseia numa consideração do conteúdo manifesto dos sonhos, mas se refere aos pensamentos que o trabalho de interpretação mostra estarem por trás dos sonhos. Devemos estabelecer um contraste entre os conteúdos *manifesto e latente* dos sonhos”. Ibid. p. 144.

têm sob seu domínio lembranças que são inacessíveis na vida de vigília, por conseguinte a vigília oculta ou esquece certos materiais. No entanto, esses materiais apresentam-se no sonho, donde a segunda dedução a qual aponta para a superioridade da memória onírica em relação à memória de vigília. Segundo Freud, nos sonhos, recordamos algo que está “além do alcance da nossa memória de vigília”.<sup>162</sup>

A literatura médica, por seu lado, não considera o nexos entre o material onírico e o material da vida diurna, uma vez que o material do sonho encontra-se oculto ou esquecido na própria vida diurna. Em outras palavras, a literatura médica não considera a distorção do sonho.

O mesmo ocorre com o material oriundo da infância, visto que os sonhos apresentam esse material, porém, “obliterado por lacunas em nossa faculdade consciente de memória”<sup>163</sup>. Para Freud, vida infantil é uma fonte significativa desse material presente nos sonhos, material que não é recordado nem utilizado pelo pensamento da vigília. Existe um esquecimento em relação à vida infantil. Nesse caso, a literatura médica encontra mais uma justificativa para não levar em conta a conexão entre o material do sonho e o da vigília. Por conseguinte, ela considera que o sonho, além de não representar a realidade de forma precisa, vai buscá-la na infância, naquilo que é mais insignificante e indiferente. A posição freudiana, neste ponto é veemente: ao contrário da literatura médica, são justamente os detalhes, os pequenos fragmentos que vão se constituir como matéria-prima dos sonhos. Embora esse material seja insignificante, ele será “a perfeita mensagem do desejo”, sua figura plena.

---

<sup>162</sup> Ibid. p. 11.

<sup>163</sup> Ibid. p. 16.

“(...) mais surpreendente e menos compreensível característica da memória nos sonhos é demonstrada na *escolha* do material reproduzido. Pois o que se acha valer a pena recordar não é, como na vigília, somente o que é mais importante, mas, pelo contrário, o que é também mais indiferente e insignificante.”<sup>164</sup>

Nesse sentido, esse material não se torna matéria-prima do sonho por um critério advindo daquilo do que poderia ser relevante na história de um indivíduo do ponto de vista de um observador externo. Ao contrário, Freud pretende mostrar que o esquecimento do sonho é produto de uma intenção de ocultamento e não pode ser visto apenas do ponto de vista do conteúdo manifesto. Para Freud, se a vida infantil é esquecida, o motivo é que ela oculta algo. E mais, a vida infantil aparece no sonho graças à conexão estabelecida com a vida diurna, em que o caráter insignificante e indiferente do material sonho é uma característica em comum. Com efeito, Freud pode afirmar que nada do que foi vivenciado pode, de fato, perder-se inteiramente e mesmo a impressão mais insignificante deixa um vestígio (traço) inalterável. Qualquer acontecimento vivenciado, assim como qualquer outro acontecimento psíquico, tomará necessariamente forma de representação. Uma vez no sistema, a representação não poderá jamais ser excluída; no máximo, distorcida.

### 3.4. Das fontes do sonho

Freud nos relata que os debates sobre as “causas excitantes” (*die erregenden Ursachen*) dos sonhos ocupam amplo espaço na literatura sobre o assunto. Essa questão ganhou os contornos de um problema teórico à medida que a corrente dominante se

---

<sup>164</sup> Ibid. p. 19

debruçava sobre a mesma. Segundo Freud:

“A ciência foi imediatamente defrontada pela questão de se o estímulo ao sonho era sempre o mesmo ou se podia haver muitas espécies de tais estímulos; isto envolvia a consideração de se a explicação da causa do sonho se enquadrava no domínio da psicologia, ou antes, da fisiologia. A maioria das autoridades parece estar de acordo no presumir que as causas que perturbam o sono - isto, é, as fontes do sonho - podem ser de muitas espécies, e que os estímulos somáticos e as excitações mentais poderão igualmente vir a atuar como instigadores dos sonhos.”<sup>165</sup>

Com vistas a examinar o modo através do qual a matéria-prima dos sonhos é extraída do vivido, Freud enumera quatro fontes dos sonhos. Sua apresentação parte das “excitações sensoriais externas (objetivas)”, passa pelas “excitações sensoriais internas (subjctivas)” e pelos “estímulos somáticos internos (orgânicos)”, para chegar, então, às “fontes de estímulo puramente psíquicas”. A investigação caminha na direção do campo fisiológico para o campo psicológico. As três primeiras fontes reafirmam a matéria-prima dos elementos dos sonhos; já a última fonte, psicológica, delimita a natureza de sua investigação.

Ao se contrapor à concepção médica, Freud estava se opondo à idéia de que os sonhos poderiam ser concebidos enquanto um resultado de uma perturbação do sono. Essas teorias pretendiam entender os sonhos assinalando para cada caso um estímulo produtor correspondente. Visando a uma outra direção, Freud pretende demonstrar que essas teorias apresentam lacunas e são incapazes de exibir regularidades, mais precisamente: são incapazes de exibir uma correlação entre estímulos e imagens oníricas.

Freud apresenta o relato de Strümpell para ilustrar a posição da concepção

---

<sup>165</sup> Ibid. p. 23.

médica<sup>166</sup>. O relato de Strümpell apresenta suas observações a respeito de um de seus pacientes portador de anestesia geral da superfície do corpo e paralisia de vários de seus órgãos sensoriais superiores. Segundo o relato, o sono seria uma consequência do fechamento de canais sensoriais que permanecem normalmente abertos ao mundo exterior. Essa teoria se apóia na idéia de que a condição geral do sonho está no fechamento dos órgãos do sentido. No entanto, esse fechamento não se concretizaria inteiramente, pois os estímulos não poderiam ser completamente afastados dos órgãos sensoriais. Segundo Freud, surge daí a crença de que o sonho seria uma perturbação do sono; ou seja, uma vez extinto o estímulo, não se sonharia. As pesquisas relatadas nessa direção comprovam a presença de estímulos no conteúdo do sonho, mas não demonstram que eles efetivamente produzem os sonhos. Freud afirma que:

“Exemplos desta natureza deixam a impressão de que, de todas as fontes de sonhos, as mais bem confirmadas são estímulos sensoriais objetivos durante o sono. Além disso, constituem as únicas quaisquer fontes levantadas em conta por leigos. Se se perguntar a um homem instruído, que não esteja familiarizado com a literatura dos sonhos, como estes surgem, ele, infalivelmente, responderá com uma referência a algum exemplo que se lhe deparou, no qual um sonho foi explicado por um estímulo sensorial objetivo descoberto após o despertar. A pesquisa científica, contudo, não pode parar aí. Ela encontra uma ocasião para outras perguntas no fato observado de que o estímulo que incide sobre os sentidos durante o sono não aparece no sonho na sua forma *real*, mas é substituído por uma outra imagem que, de alguma forma, está relacionada com ele. Mas a relação que liga o estímulo do sonho com o sonho que é o seu resultado é, para citarmos as palavras de Maury (1854,72), ‘une affinité quelconque, mais qui n’est pas unique et exclusive’.”<sup>167</sup>

Nesse ponto, a tese da concepção médica dominante não difere da opinião leiga

---

<sup>166</sup> Ibid. p. 24.

<sup>167</sup> Ibid. p. 28-29.

culta que chega a atribuir, por exemplo, ao estômago a origem dos sonhos. No entanto, Freud questiona se toda a trama que envolve o sonho poderia ser construída por um estímulo em tão pouco tempo, e ainda, colocando-o ao final do próprio sonho. Por outro lado, Freud não se exime de questionar se a enorme variedade de sonhos produzido por um mesmo estímulo não apontaria para a necessidade de se buscarem outros fatores que dêem conta da diversidade existente. Por conseguinte, mesmo comprovado o papel significativo dos estímulos sensoriais na constituição da matéria-prima do sonho, não se consegue responder o que determina a seleção de imagens ou a forma por meio da qual ela é reproduzida.

Para tentar responder por que o aparelho psíquico confunde a natureza dos estímulos sensoriais, Freud nos envia ao relato da concepção dominante, recorrendo mais uma vez a Strümpell. Do ponto de vista desse autor, os estímulos vivenciados durante o sonho são recebidos pela mente “sob condições favoráveis à formação de ilusões”<sup>168</sup>. Se uma impressão não for suficientemente forte e duradoura para ser reconhecida ou associada com outras, estaremos propícios a confundir o objeto, que é a fonte da impressão, forjando aí uma ilusão (*Illusionen*). Essas idéias são expostas por Freud do seguinte modo:

“As impressões recebidas pela mente de estímulos exteriores durante o sono são de natureza semelhantemente indeterminada; e com essa base, a mente forma ilusões, visto que um número maior ou menor de imagens mnêmicas são despertadas pela impressão, sendo através delas que adquire seu valor psíquico. De qual dos numerosos grupos de lembranças em causa as imagens correlatas

---

<sup>168</sup> Ibid. p. 30.

serão despertadas e *qual* das possíveis conexões associativas será, em consequência, posta em ação - também essas perguntas, segundo a teoria de Strümpell, são **indetermináveis** e ficam, por assim dizer, abertas à decisão **arbitrária da mente.**"<sup>169</sup>

Segundo a concepção dominante, a ilusão é o resultado de um reconhecimento inadequado do próprio estímulo, uma vez que não nos damos conta das condições existentes no estado de sono. Nesse sentido, a teoria médica reduz o sonho a uma mera perturbação do estado do sono. O sonho passa a ser uma questão fisiológica destituída de qualquer significação e de estatuto de um objeto psicológico. As imagens oníricas, enquanto resultantes de uma perturbação do estado do sono, não evocariam nenhuma regularidade ou conexões fixas entre si. Estariam mais próximas de fenômenos aleatórios, seriam produtos do acaso. Não obstante, enquanto produtos do acaso, as relações entre estímulos sensoriais e imagens oníricas forjariam as condições propícias para o aparecimento de ilusões. **Logo, não teria sentido uma pesquisa que investigasse o sonho como uma formação psíquica dotada de sentido e que assinalasse o seu lugar entre as atividades mentais de vigília. Para a concepção dominante, não teria sentido uma investigação que visasse a interpretar sonhos.**

Todavia, dada a diversidade de imagens oníricas, as teorias médicas recorrem às sensações subjetivas provenientes dos órgãos dos sentidos no intuito de encontrar outros elementos responsáveis pela sua produção. Apesar de a teoria médica ver no estímulo somático o elemento principal para a produção de imagens oníricas, a questão da relação entre estímulos e imagens oníricas é mais uma vez recorrente. Podemos pontuar a mesma indagação: o que determina a conversão de estímulos orgânicos em imagens oníricas ?

---

<sup>169</sup> Ibid. p. 30. (grifos nossos)

Chegamos aqui, nos diz Freud, à teoria da fonte dos sonhos “preferida por todas as autoridades médicas”<sup>170</sup>. Segundo Freud, a argumentação desenvolvida pelo filósofo Schopenhauer (1862) exerceu influência decisiva em um grande número de autores. Seguindo Schopenhauer, muitos afirmavam que os sonhos e as doenças mentais teriam a mesma origem. Os sonhos seriam formados pela “sensação orgânica vegetativa”<sup>171</sup>, e sua etiologia era advinda dos órgãos internos. Na visão de Schopenhauer, nosso quadro do universo é alcançado por nosso intelecto, que tomando as impressões ligadas a ele e as remodelando sob as formas de tempo, espaço e causalidade. Freud faz referência às idéias de Schopenhauer da seguinte forma:

“Durante o dia, os estímulos do interior do organismo, do sistema nervoso simpático, exercem no máximo, um efeito inconsciente sobre o nosso estado de espírito. Mas, à noite, quando não estamos mais ensurdecidos pelas impressões do dia, as que surgem de dentro são capazes de atrair atenção - do mesmo modo que, à noite, podemos ouvir o sussurrar de um regato que é abafado pelos ruídos do dia. Mas como irá o intelecto reagir a esses estímulos, senão executando sua própria função peculiar sobre eles ? Os estímulos são, em consequência, remodelados em formas que ocupam espaço e tempo e obedecem às regras da causalidade, e assim surgem os sonhos”.<sup>172</sup>

Mais uma vez, a resposta segue a premissa dos casos anteriores. O objetivo da investigação não são as representações, mas os estímulos orgânicos internos que lhe deram origem. Mesmo constatando a influência dos estímulos somáticos sobre a formação dos sonhos, Freud não deixa de afirmar que “a questão das leis que regem a relação entre eles

---

<sup>170</sup> Ibid. p. 37.

<sup>171</sup> Ibid. p. 38.

<sup>172</sup> Ibid. p. 38. Faz-se necessário dizer que, nesse momento, Freud critica as concepções sobre a formação dos sonhos em Schopenhauer não para eliminá-las ou desacreditá-las, mas para procurar-lhes outras condições de produção. isto é, Freud busca preparar terreno para a idéia de uma fonte psicológica.

é respondida de numerosas maneiras, e muitas vezes por pronunciamentos obscuros”.<sup>173</sup>

Nas **Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise** (1915-1916), Freud retoma sua crítica:

“Em numerosos casos uma interpretação que aponte para um estímulo somático é incerta e improvável. Não são todos os sonhos, mas apenas determinado número deles, que dão lugar a uma suspeita de que os estímulos orgânicos internos tivessem parte na origem deles. E, por fim, os estímulos somáticos internos são, como os estímulos sensoriais externos, tão pouco capazes de explicar mais aspectos de um sonho do que aquilo que neste corresponde a uma reação direta ao estímulo.”<sup>174</sup>

A objeção freudiana aponta para a tentativa das teoria médicas estabelecerem uma correspondência unívoca entre um tipo de sonho e o suposto órgão em que se originou. Nessa concepção, permanece ainda, segundo Freud, a ausência de determinação na escolha de quais imagens oníricas se devem produzir. Sobre esse ponto específico, Gabbi Jr. comenta:

“Para aquele que aceita as teses freudianas, a questão que surge, ao ler as doutrinas da teoria dominante, é a de saber se essa ausência de determinismo na vida psíquica não é solidária ao desconhecimento que a vida diurna guarda em relação a si mesma, ou seja, em relação à essência do seu próprio ser. A incapacidade de encontrar uma solução que dissolva as contradições assinaladas (o sonho se ocupa da vida de vigília / o sonho não se ocupa da vida de vigília, a memória do sonho é deficiente/ a memória do sonho é acurada e precisa, às vezes, superior à presente na vida diurna), a necessidade de limitar todo enunciado relativo ao sonho através de um ‘geralmente’ ou de um ‘às vezes’

---

<sup>173</sup> Ibid. p. 39.

<sup>174</sup> FREUD, S. Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise (1915-1917). E.S.B., vol. XV, Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 119.

etc. não aponta para a necessidade de se encontrar uma fonte que seja finalmente responsável pela escolha das imagens oníricas e que dissolva as aparentes aporias ?”<sup>175</sup>

Freud pretende demonstrar que a fonte psicológica é a responsável pela escolha das imagens oníricas. Torna-se necessário, portanto que se abandone a crença do sonho enquanto mera perturbação do sono, um resíduo da atividade fisiológica. Entretanto, isso não quer dizer um retorno “ao ponto de vista metafísico da natureza da mente”, as formulações da *Naturphilosophie*. Ao reconhecer a autonomia da ordem psíquica, Freud não estaria somente se colocando em uma posição crítica frente à concepção dominante mas também deparando com antigas oposições que remetem fundamentalmente à questão filosófica das relações corpo e alma. Mais precisamente: essas oposições remetem à questão cartesiana da separação absoluta entre corpo (*res extensa*) e o espírito (*res cogitans*), mediante a qual se constituiu um critério de cientificidade baseado no modelo de uma causalidade mecânica, em que a subjetividade ficava restrita ao “registro do pensamento”. Nesse contexto histórico, afirmar a existência de uma fonte psíquica dos sonhos “independentemente de mudanças orgânicas demonstráveis”, inegavelmente alarmava “o psiquiatra moderno”. **Todavia, Freud pretende pautar seu posicionamento epistemológico afirmando que, no estágio atual do nosso conhecimento, só podemos apresentar esse determinismo da escolha das imagens oníricas em “uma linguagem psicológica”. Trata-se, portanto, de determinar os**

---

<sup>175</sup> GABBI Jr., O. F. *Filosofia da Psicanálise*. Org. Bento Prado Jr., São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. p.152

**fatores que impedem a teoria dominante de dar conta desse determinismo.**

Um primeiro fator assinalado refere-se à própria natureza do objeto de investigação, a saber, o fato de esquecermos os sonhos habitualmente. Segundo Freud, há algo na natureza do fenômeno que habitualmente produz esquecimento. Ao reforçar essa tendência inerente ao próprio fenômeno, estar-se-ia também contribuindo para não considerá-lo um objeto de estudo. Acrescenta-se, também, segundo Freud, o pouco interesse que a maioria das pessoas tem pelos seus sonhos. Nesse sentido, compreende-se o porquê das repetidas tentativas de formular as normas que regem as lembranças dos sonhos e cujo resultado redundou na crença de que se estava diante de algo enigmático e não explicado. Freud pretende mostrar que o sonho, quando investigado, revela um conhecimento que a vigília desconhece. O caráter enigmático e de estranhamento que o sonho expressa em relação àquele que sonha deve-se a uma distorção fundamental que tem como consequência a produção de uma alienação entre o sonho e o sonhador. Há algo que distorce os sonhos quando se consegue recordá-los. Todavia, as teorias médicas insistem em justificar a estranheza do sonho reduzindo-o à debilidade do funcionamento do aparelho psíquico e às condições do estado de sono.

Contra essas teses Freud recorre às idéias de Fechner. Em carta a Fliess, datada de 09 de fevereiro de 1898, Freud evoca o “velho Fechner”, aquele que enunciou a “única idéia sensata”, dizendo que o processo do sonho se dá num território psíquico diferente. Para Freud, Fechner foi quem melhor estabeleceu, desde *Elemente der Psychophysik* (1889), a diferença essencial que separa o sonhar e a vida de vigília.

“Em sua opinião ‘nem a mera colocação da vida mental consciente abaixo do principal limiar’, nem o desvio da atenção das influências do mundo externo são bastantes para explicar as características da vida onírica quando postas em confronto com a vida de vigília. Ele suspeita, antes, que a *cena de ação dos*

*sonhos é diferente da cena da vida ideacional de vigília*".<sup>176</sup>

Freud encontra nas idéias de Fechner uma antecipação da teoria da *andare Schauplatz* do sonho e do inconsciente. O caráter enigmático e de estranhamento do fenômeno onírico não é resultado do desvio do mecanismo de atenção das condições externas, tampouco do rebaixamento da vida anímica consciente. Ao afirmar que a cena de ação dos sonhos se passa em "outro lugar", Freud nos remete à definição do inconsciente como esta "outra cena" (*andare Schauplatz*), como também à idéia de uma metáfora enfatizando a dimensão tópica de seu modelo metapsicológico. Segundo Freud:

"Não é claro o que Fechner tinha em mente ao referir-se a essa mudança de localização da atividade mental, nem, que eu saiba, outrem trilhou o caminho indicado por suas palavras. Podemos, penso eu, afastar a possibilidade de dar ênfase a uma interpretação anatômica e supor que ela se refere à localização cerebral fisiológica ou mesmo às camadas histológicas da córtex cerebral. Pode acontecer, contudo, que a sugestão finalmente demonstre ser sagaz e fértil, se puder ser aplicada a um aparelho *mental* formado por um grande número de órgãos dispostos numa série após outra."<sup>177</sup>

Freud procura evitar a "tentação de determinar a localização psíquica por qualquer modo anatômico"<sup>178</sup>. Ele reduz toda temática espacial (territórios, fronteiras, instâncias, lugares etc.) a uma ampla metáfora. Nesse sentido, temos as primeiras indicações na *Die Traumdeutung* de um aparelho psíquico construído como um instrumento formado por instâncias ou sistemas, a saber: os sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente. Segundo Freud, os sistemas estão dispostos numa seqüência, de tal forma que sejam

---

<sup>176</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 50.

<sup>177</sup> Ibid. p. 51.

<sup>178</sup> Ibid. p. 572.

percorridos pela excitação segundo uma série determinada. É importante frisar que essa seqüência é dotada de um caráter espacial e de uma disposição temporal não menos importante, pois esta última é responsável pela direção do funcionamento do aparelho. A seqüência dos sistemas que compõem o aparelho confere direção ao processo psíquico. Portanto, a disposição espacial é determinada, assim como o tempo psíquico será determinado pelo arranjo espacial das instâncias. Essa dimensão estrutural vai permitir a edificação de um modelo: um aparelho psíquico disposto em coordenadas tópicas, econômicas e dinâmicas.<sup>179</sup>

Na genealogia dos conceitos psicanalíticos, o aparelho psíquico é formulado enquanto aparelho de linguagem, o que permite criticar a concepção mecanicista de psiquismo, aquela centrada nas funções cerebrais, espécie de epifenômeno do funcionamento nervoso. Freud nos propõe, a partir da *Die Traumdeutung*, pensar um aparelho psíquico que se constrói à medida que se endereça a outro aparelho. Nesse sentido, Freud concebe o sonho enquanto uma “carta cifrada”,<sup>180</sup> uma escritura psíquica construída por elementos pictográficos que têm o caráter de uma mensagem.<sup>181</sup>

Não obstante, “a idéia de cena de ação dos sonhos” nos remete também a uma

---

<sup>179</sup> Retomaremos esse assunto no item 4.1. Da máquina de sonhar no capítulo 4.

<sup>180</sup> Cf. SULLY, J. *The Dream as a Revelation* (1893) in *Fortnightly Rev.* Citado por Freud. Ibid. p. 145.

<sup>181</sup> Acerca desse ponto o comentário de Lacan parece ser elucidativo: “Quando Freud põe alguma coisa no texto dele isso tem sempre uma extrema importância. E que ele assinale a Fliess, em uma carta, a revelação que foi para ele este trecho onde Fechner diz que só se pode conceber o sonho como situado num outro lugar psíquico, deve levar-nos a dar a esta notação seu sentido pleno. (...) Dizer que o sonho se coloca em um outro lugar psíquico é dizer que ele não se inscreve simplesmente no parêntese. Ele se situa e se define em outro lugar, governado por leis locais, o lugar da troca simbólica, a qual não se confunde, embora nela se encarne, com a dimensão espaço-temporal na qual podemos situar todos os comportamentos humanos. As leis de estrutura do sonho, como as leis da linguagem, se inscrevem alhures, num outro lugar, quer chamamos de psíquico ou não”. LACAN, J. *O seminário - Livro 2: o eu na teoria de Freud e a técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 169-170.

metáfora teatral. A referência freudiana à Schleiermacher (1862) corrobora essa afirmação. De acordo com Schleiermacher o que caracteriza o estado de vigília é o fato de que a atividade do pensar ocorre em conceitos, enquanto que no sonho se pensa através de imagens. O sonho pensa predominantemente em imagens visuais, ainda que não deixe de trabalhar também com imagens auditivas e, em menor grau, com impressões que pertencem a outros sentidos. Aqueles elementos do seu conteúdo que se comportam como imagens, aqueles mais semelhantes às percepções do que às representações mnêmicas, constituem uma peculiaridade do fenômeno onírico. Em outras palavras, as imagens oníricas são mais semelhantes às percepções do que as representações mnêmicas, elas são alucinações. Os “sonhos *alucinam*”<sup>182</sup>, nos diz Freud, substituem pensamentos por alucinações. A partir de uma imagem, os sonhos formam uma situação, “dramatizam uma idéia” conferindo, dessa forma, crença ao vivido. Ao sonharmos, revela Freud, não acreditamos pensar, mas experimentar algo e, portanto, damos completo crédito à alucinação.

Freud também faz menção a Strümpell. Para esse autor, a atividade subjetiva da mente pode aparecer como objetiva, dado que no sonho a capacidade de percepção acolhe os produtos da fantasia como se de produtos sensoriais se tratassem. No estado de sono, faltariam critérios para estabelecer uma distinção entre as percepções sensoriais “provenientes de fora ou de dentro”<sup>183</sup>. A mente seria incapaz de submeter suas imagens oníricas “aos únicos testes que poderiam provar sua realidade objetiva”<sup>184</sup>, pois considera a imagem um fenômeno arbitrário. Se a mente erra, é porque não pode submeter a imagem

---

<sup>182</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 52.

<sup>183</sup> Ibid. p. 53.

<sup>184</sup> Idem. ibidem.

à prova de realidade, “é incapaz de aplicar a lei da causalidade ao conteúdo de seus sonhos”<sup>185</sup>. Nesse sentido, tanto Schleiermacher como Strümpell atribuem essas particularidades do sonho ao afastamento do mundo externo. Por conseguinte, no fenômeno onírico há uma perda do “valor psíquico”<sup>186</sup> das representações. A diminuição da vida psíquica, longe de ser atribuída à vida de vigília, é considerada como sendo conferida ao próprio sonho, ou seja, o afastamento do mundo externo resulta em perda do valor psíquico das representações. Com efeito, segundo a teoria dominante, o sonho seria produto de um aparelho mental debilitado que se apresenta como algo irracional, anárquico e desordenado. Enquanto um fenômeno de natureza envilecida, o sonho se aproximaria dos fenômenos psicopatológicos, pois em ambos os casos haveria um prejuízo das relações lógicas.

Nesse ponto, a referência freudiana a Radestock também se faz necessária. Segundo o autor, “parece impossível descobrir quaisquer leis fixas nesta atividade louca”<sup>187</sup>. Nos sonhos, verificar-se-ia “um eclipse de todas as operações lógicas que se baseiam em relações e conexões”<sup>188</sup>. As idéias que ocorrem nos sonhos pareceriam estar afastadas da “lei da causalidade”, uma vez que não existiria uma faculdade crítica capaz de “corrigir um grupo de percepções mediante referência ao conteúdo geral da consciência”<sup>189</sup>.

Para a teoria dominante, a “totalidade dos estímulos sensoriais” produzidos durante o sono, oriundos de diversas fontes, provoca na mente “um grande número de idéias, que

---

<sup>185</sup> Idem. *ibidem*.

<sup>186</sup> *Ibid.* p. 56.

<sup>187</sup> RADESTOCK, P. *Schlaf und Traum* (1879). Leipzig.p. 145. Citado por Freud. *Ibid.* p. 58.

<sup>188</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 59.

<sup>189</sup> Idem. *ibidem*.

são representadas sob a forma de alucinações”<sup>190</sup>, mais precisamente as chamadas “ilusões” que derivam de estímulos externos e internos. Assim,

“Essas idéias se agrupam de acordo com as conhecidas leis de associação e, de conformidade com as mesmas leis, convocam uma série ulterior de idéias (ou imagens). Todo esse material é então trabalhado, na medida em que ele o permita, pelo que ainda resta na operação das faculdades de organização e de pensamento da mente. (...) Tudo o que permanece não revelado são motivos que decidem se a convocação de imagens decorrentes de fontes não-externas se processará por uma cadeia de associações ou por outra.”<sup>191</sup>

Veremos posteriormente que a teoria da associação freudiana guarda peculiaridades frente à concepção da teoria dominante. Freud procurará mostrar que “as associações que ligam as imagens oníricas uma às outras são de uma natureza bem especial e diferem das que funcionam no pensamento de vigília”<sup>192</sup>.

Para Volkelt “as associações parecem travar uma luta de acordo com similaridades e conexões fortuitas que mal são perceptíveis. Todo o sonho está repleto de associações desalinhas e perfunctórias dessa natureza”,<sup>193</sup> o que leva à necessidade de uma maior explicitação da natureza das perturbações psíquicas. A forma pela qual as idéias se acham ligadas nos sonhos permite traçar analogias entre a vida onírica e certas perturbações mentais. Para a teoria médica, as perturbações estariam nas relações que se estabelecem entre as representações. Estas seriam despertadas por estímulos orgânicos e se associariam de forma desordenada e irregular, ou por semelhanças ocasionais. Contudo, Freud reconhece que a teoria dominante não consegue explicitar o caráter de

---

<sup>190</sup> Ibid. p. 61.

<sup>191</sup> Idem. ibidem.

<sup>192</sup> Idem. ibidem.

<sup>193</sup> VOLKELT, J. *Die Traum-Phantasie* (1875). Stuttgart. p. 15. Citado por Freud ibid. p. 61.

estranhamento dos sonhos.

“(...) teremos de confessar que as características da vida onírica que consideramos até agora, e que foram atribuídas ao seu desligamento do mundo externo, não explicam inteiramente seu estranho caráter. Porquanto deve ser possível, de outra forma, transformar as alucinações num sonho de volta a idéias, e suas situações em pensamentos, e, dessa maneira, solucionar o problema da interpretação dos sonhos. E isso é o que de fato estamos fazendo quando, depois de despertar, **reproduzimos** um sonho da memória; mas, se conseguimos efetuar essa **retradução** inteiramente ou apenas em parte, o sonho não continua não menos enigmático que antes”<sup>194</sup>

A teoria dominante, embora assuma ponto de vista desfavorável ao funcionamento psíquico dos sonhos, não deixa de reconhecer à memória como um remanescente da atividade psíquica normal que persiste nos sonhos e que é capaz de grandes realizações muitas vezes superiores à mesma função na vida de vigília.

As diferentes concepções sobre o sonho variam desde a desvalorização do sonho como um resíduo fisiológico interruptor do sono, apresentadas pela vertente partidária das “ciências naturais e exatas”, até a “supervalorização” dos sonhos, tendência representada por certos filósofos. Freud questiona se as diversas concepções não estariam julgando a partir de relatos distintos. A esse respeito, ele escreve:

“Será que algumas de nossas autoridades desprezaram os sonhos disparatados, e outras, os profundos e sutis? E se sonhos de ambas as espécies ocorrem, sonhos que justificam ambos os julgamentos, talvez não seja perda de tempo procurar qualquer característica psicológica distintiva dos sonhos? Não será bastante dizer que nos sonhos *tudo* é possível - desde a mais profunda degradação da vida mental, até uma exaltação da mesma que seja rara nas horas de vigília? Por mais conveniente que uma solução dessa espécie possa ser, o que se sobrepõe a ela é o fato de que todos os esforços com vistas a pesquisar o problema dos sonhos parecem basear-se numa convicção de que alguma característica *distintiva realmente* existe, que é universalmente válida em seu

---

<sup>194</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 56. (grifos nossos)

esboço essencial e que desembaraçaria do caminho essas aparentes contradições”.<sup>195</sup>

Por conseguinte, a leitura que Freud propõe das teorias existentes sobre o sonho pretende ter uma motivação diversa daquelas subjacentes a tais teorias. Essa leitura procede de uma “outra concepção” que permita dar conta dessas aparentes aporias e dissolvê-las, definindo o campo de validade para cada enunciado. Na sua perspectiva, o sonho não seria um fenômeno degradado, caótico ou obscuro, tampouco algo sublime ou sobrenatural.

Freud pretende mostrar que a fonte psicológica é a responsável pela escolha das imagens oníricas. Assim, torna-se necessário que se abandone a crença de que o sonho é resultado de um processo somático, uma mera perturbação do sono. Para concepção dominante, as imagens oníricas, enquanto resultantes da perturbação do estado de sono, não evocariam nenhuma regularidade ou conexões entre si. Estariam mais próximas de fenômenos aleatórios, seriam produtos do acaso. Logo, não haveria sentido uma pesquisa que investigasse o sonho como uma formação psíquica dotada de significação, mais precisamente, não teria sentido uma investigação que visasse a interpretar sonhos.

---

<sup>195</sup> Ibid. p. 66.

### 3.5. Da deformação onírica

No sentido de encaminhar uma resposta que aponte para uma fonte psicológica dos sonhos, Freud parte de uma outra questão, qual seja, “se e até que ponto as disposições morais se estendem na vida onírica”<sup>196</sup>. Ele defronta, aqui, com os mesmos pontos de vista adotados por diferentes autores no tocante às funções psíquicas do sonho. Alguns autores asseveram que os ditames da moralidade não têm lugar nos sonhos, enquanto outros sustentam que o caráter moral da vigília persiste na vida onírica. Em outras palavras, Freud pretende explicitar se o sonhador é ou não responsável pelos seus sonhos.

Em um primeiro momento, Freud apresenta o grupo de opiniões formado por Jessen, Radestock e Volkelt<sup>197</sup>. Na opinião desses autores, o indivíduo que sonha é inteiramente destituído de qualquer sentimento ou julgamento moral. As associações e as idéias que ocorrem nos sonhos estão privadas de qualquer consideração pela reflexão, bom senso, gosto estético e julgamento moral. Segundo essa perspectiva, o sonhador não é responsável pelo seu sonho. E em oposição a esses autores, Freud recorre às posições de Hildebrandt e Kant<sup>198</sup>. Nesse contexto, Freud enfatiza que o termo responsabilidade está intimamente relacionado com o estudo sobre a origem dos sonhos imorais. Nas palavras de Freud:

“Parece contudo, que ninguém tem tal dose de confiança de até que ponto ser

---

<sup>196</sup> Ibid. 69. Freud retornou a essa questão no texto denominado *Responsabilidade Moral pelo Conteúdo dos Sonhos*. Cf. FREUD, S. Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo (1925). E.S.B., vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

<sup>197</sup> Idem. ibidem.

<sup>198</sup> Ibid. p. 70-71.

ele (o sonho) bom ou mal, e de que ninguém pode negar a lembrança de sonhos imorais seus. Pois escritores de ambos os grupos, independentemente da oposição entre suas opiniões sobre a moralidade dos sonhos, envidam esforços para explicar a origem dos sonhos imorais; e surge uma nova diferença de opinião, segundo sua origem é procurada nas funções da mente ou nos efeitos deletérios produzidos sobre a mente por causas somáticas. Assim, a lógica imperativa dos fatos força os partidários, tanto da responsabilidade como da irresponsabilidade da vida onírica, a se aliarem no reconhecer que a imoralidade dos sonhos tem uma fonte psíquica específica.”<sup>199</sup>

Ao iniciar o estudo sobre a origem dos sonhos imorais, Freud encontra duas teses opostas nas quais associa o termo responsabilidade ora a uma função somática, ora a uma função da vida psíquica. Freud enfatiza a última. Trata-se de demonstrar que a discussão em torno do caráter imoral dos sonhos aponta para uma fonte psíquica. Para tanto, Freud recorre a Hildebrandt. Segundo o autor, todo sonho contém “um motivo original” que não foi inventado pelo sonho. Parte desse “material histórico” é copiado e elaborado em uma forma dramática. Para Hildebrandt, os sonhos “proporcionam um vislumbre ocasional das profundezas e recessos de nossa natureza, aos quais geralmente não temos acesso em estado de vigília”<sup>200</sup>.

Segundo Freud, Kant expressa essa mesma idéia no texto denominado *Anthropologie* (1798). Neste texto, Kant declara que os sonhos parecem existir a fim de indicar-nos nossas naturezas ocultas e revelar-nos não o que somos, mas o que poderíamos ter sido se tivéssemos tido outra educação. Com efeito, existe uma intenção de ocultamento nos fragmentos do material histórico ligados a desejos e impulsos passados através da mente em estado de vigília. Todavia, os impulsos contrastantes e estranhos à consciência

---

<sup>199</sup> Ibid. p. 71-72.

<sup>200</sup> Ibid. p. 74.

moral são dramatizados. Nesse sentido, Freud afirma que seríamos responsáveis pelo sonho, pois tais impulsos e desejos dizem respeito ao próprio sonhador. Logo, a deformação que atua nos sonhos impede que os impulsos e desejos que durante o dia foram reprimidos aflorem. A escolha do insignificante e do indiferente já é um produto dessa deformação.

Para Freud, o surgimento de impulsos que são estranhos a nossa consciência moral é análogo à situação de quando temos acesso, no sonho, ao material ideacional que está ausente na vida de vigília. Ambos os casos causam estranhamento. A citação de Benini ilustra essa situação:

“Alguns de nossos desejos, que pareciam por algum tempo sufocados e extintos, são despertados novamente: paixões antigas e soterradas revivem: coisas e pessoas nas quais nunca pensamos aparecerem diante de nós.”<sup>201</sup>

Nesse ponto, Freud recorre à asserção de Schleiermacher de que “o ato de adormecer é acompanhado pelo aparecimento de ‘idéias involuntária’ ou imagens”<sup>202</sup>. Freud define, “sob a epígrafe de idéias involuntárias”, o material ideacional cujo surgimento, diferentemente do que ocorre nos sonhos imorais, “nos causa estupefação”<sup>203</sup>. As idéias involuntárias na esfera moral, segundo Freud, “contradizem nossa atitude de espírito habitual”, ao passo que as demais “simplesmente nos atingem como estranhas”. Ele

---

<sup>201</sup> BENINI, V. La memoria e la durata dei sogni. *Rev. ital. filos.*, 13a, 149. 1898. Citado por Freud. *Ibid.* p. 75.

<sup>202</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). *E.S.B.*, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 75.

<sup>203</sup> *Idem.* *ibidem.*

reconhece ainda que

“(...) não se tomou nenhuma providência no sentido de um conhecimento mais profundo que solucionasse essa distinção.”<sup>204</sup>

A questão que surge em seguida diz respeito ao “*significado* do aparecimento de idéias involuntárias nos sonhos”<sup>205</sup>. Novamente as opiniões se dividem. Conforme a linha de pensamento adotada por Hildebrandt, os impulsos imorais possuem certo grau de poder, mesmo na vida de vigília, mas estão impedidos de avançar até a ação. Algo impede que sejam reconhecidos. De acordo com esse ponto de vista, Freud afirma:

“Talvez pudéssemos definir ‘as idéias involuntárias’ como aquelas que haviam sido suprimidas durante o dia, e tivéssemos que considerar seu surgimento como um fenômeno mental (psíquico) autêntico.”<sup>206</sup>

Logo,

“os sonhos revelariam a verdadeira natureza do homem, embora não *toda* sua natureza, e se constituiriam um meio de tornar o interior oculto da mente acessível ao nosso conhecimento.”<sup>207</sup>

No entanto em relação às idéias involuntárias, poder-se-ia questionar: Freud estaria se referindo a um trabalho intencionalmente involuntário ou simplesmente involuntário? A noção de intenção estaria desvinculada das suas características de consciência e vontade simultaneamente? Antes de responder, acompanhemos no texto a posição de Maury.

---

<sup>204</sup> Ibid. p. 75.

<sup>205</sup> Idem. ibidem.

<sup>206</sup> Ibid. p. 76.

<sup>207</sup> Idem. ibidem.

Segundo Freud, ninguém que acredite na capacidade dos sonhos de revelarem uma tendência imoral daquele que sonha, a qual se ache realmente presente, embora suprimida e oculta, poderia expressar seu ponto de vista mais precisamente do que Maury: “No sonho, é sobretudo o homem instintivo que se revela...”<sup>208</sup>. Contudo Maury não considera o sonho uma atividade psíquica autêntica, mas um resultado de um processo somático. Para Freud:

“Essas reflexões penetrantes de Maury, contudo, perdem seu valor na investigação da vida onírica devido ao fato de ele considerar os fenômenos que tem observado com tanta exatidão não serem mais do que provas de um *‘automatisme psychologique’* que, segundo seu ponto de vista, domina os sonhos e que ele encara como o oposto exato da atividade mental.”<sup>209</sup>

De acordo com as teorias que desconsideram ou consideram diminuída a atividade psíquica durante o sonho, este não ocupa um lugar assinalável na vida de vigília, muito menos se revela em formação psíquica plena de sentido. Pelo contrário, o sonho é visto como uma perturbação do estado do sono. Para aqueles que consideram o sonhar como um estado parcial e incompleto, o sonho é apenas uma reação supérflua causada pelo estímulo que perturba o sono.

Segundo Freud, essa teoria na qual “somente um fragmento da vida mental encontra expressão no sonho”<sup>210</sup>, uma vez que ela paralisa o sono, é, de fato, a mais popular entre “escritores médicos e o mundo científico em geral”<sup>211</sup>. O sonho é descrito como uma

---

<sup>208</sup> MAURY, L..F..A. *Le Sommeil et les rêves*. Paris, 1878. Citado por Freud *ibid.* p. 77.

<sup>209</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 78.

<sup>210</sup> *Ibid.* p. 80.

<sup>211</sup> *Idem.* *ibidem.*

gradação que vai do despertar parcial ao despertar completo visando explicar a série de variações na eficiência do funcionamento dos mesmos. Freud apresenta o relato de Binz como um relato representativo daqueles que “julgam não poderem dispensar uma colocação em termos fisiológicos, ou aos quais uma afirmação em tais termos parece mais científica”<sup>212</sup>. O relato de Binz é apresentado da seguinte forma:

“‘Este estado’ (de torpor) ‘chega ao fim nas primeiras horas da manhã, mas somente pouco a pouco. Os produtos da fadiga que se acumularam na albumina do cérebro diminuem gradualmente; uma quantidade deles cada vez maior é decomposta ou eliminada pelo fluxo incessante da corrente sanguínea. Aqui e ali, grupos isolados de células começam a emergir para o estado de vigília, enquanto o estado de torpor ainda persiste em torno delas. O trabalho isolado desses grupos separados surge agora perante nossa consciência obnubilada, não refreado por outras partes do cérebro que regem o processo de associação. Por esse motivo, as imagens produzidas, que correspondem, na sua maior parte, a impressões materiais do passado mais recente, acham-se concatenadas de forma tumultuada e irregular. O número de células cerebrais liberadas cresce constantemente e a falta de sentido dos sonhos se reduz de forma correspondente.”<sup>213</sup>

A explicação do sonho estaria reduzida à perturbação do sono provocada por um estímulo. Assim, a teoria dominante não deixa margem para atribuir-se qualquer função ao sonhar. Dessa forma, Binz é levado a concluir que “os sonhos devem ser caracterizados como processos *somáticos*, que são em todos os casos inúteis e, em muitos casos, positivamente patológicos...”<sup>214</sup>. O sonho, portanto, estaria circunscrito à esfera da fisiologia. No entanto, a descrição do fenômeno onírico enquanto um processo somático, segundo Freud, não deixa de ter implicações.

---

<sup>212</sup> Ibid. p. 81.

<sup>213</sup> BINZ.C. *Über den Traum*. Bonn, 1878, p. 43. Citado por Freud *ibid.* p. 81.

<sup>214</sup> Idem. *ibidem*.

“Destina-se a demonstrar que os sonhos não merecerem ser classificados como um processo psíquico. O sonhar tem sido amiúde comparado com ‘os dez dedos de um homem que nada sabe de música deslocando-se ao acaso sobre as teclas de um piano’ [Strümpell, 1877,84]; e esse símile mostra melhor que qualquer outra coisa a espécie de opinião que geralmente se tem do sonhar por parte dos representantes das ciências exatas.”<sup>215</sup>

**O sonho, segundo os representantes das ciências naturais e exatas, não pode ser pensado como uma formação psíquica plena de sentido, pois ele não é pensado como um objeto psicológico. Mais ainda, ele revela-se, em alguns casos, de pouco apreço como um objeto a ser estudado, sendo relegado a um resíduo fisiológico na maioria das vezes caótico e absurdo. Essa seria a razão de a teoria médica descartar qualquer possibilidade para a interpretação dos sonhos.**

Contudo, Freud recorre à teoria de Robert que sugere que o sonho tem uma função, uma finalidade utilitária. Robert toma como base em sua teoria dois pontos: o conteúdo onírico é constituído freqüentemente por impressões diárias triviais; raramente leva-se até os sonhos interesses cotidianos importantes. O sonho serviria como uma “válvula de escape” para impressões superficiais e pensamentos “sufocados” em germe. As sugestões que surgem durante o dia anterior são trabalhadas e quaisquer partes de pensamentos não digeridos são reunidos num “todo perfeito pelos fios de pensamento tomados de empréstimo da imaginação e assim inseridos na memória como um quadro inofensivo imaginativo”<sup>216</sup>.

Freud considera a teoria de Robert “diametralmente oposta à dominante em sua

---

<sup>215</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 82.

<sup>216</sup> ROBERT, W. *Der Traum als Naturnotwendigkeit erklärt*. Hamburgo. Citado por Freud *ibid.* p. 84.

estimativa da natureza das *fontes* dos sonhos”<sup>217</sup>. Segundo Robert, o impulso para sonhar surge na própria mente, no fato de ela tornar-se sobrecarregada e necessitar de alívio. Assim, as “causas derivadas de condições somáticas” teriam uma função secundária como determinante dos sonhos; tais causas seriam incapazes de provocar sonhos numa mente na qual não haveria material para a construção de sonhos provenientes da “consciência de vigília”. Entretanto, a restrição da teoria de Robert, segundo Freud, seria “admitir que as imagens-fantasias que surgem nos sonhos oriundos das profundezas da mente podem ser afetadas por estímulos nervosos”<sup>218</sup>. Neste ponto, Robert permanece fiel à teoria médica, pois não considera o sonhar uma modalidade especial de processo psíquico. Os sonhos não têm lugar entre os processos psíquicos da vida de vigília. Em outras palavras, são processos somáticos cuja função seria proteger o aparelho da sobrecarga excessiva de estímulos sensoriais internos e externos.

A referência a Delage, visa avançar um pouco mais nesta questão. Ele afirma que o material onírico é constituído de fragmentos, resíduos de impressões diurnas e de épocas anteriores. O que aparece nos sonhos, embora estejamos inclinados a considerá-lo como uma invenção da vida onírica, está para Delage intimamente relacionado com o que ele chama de “*souvenir inconscient*”<sup>219</sup>. Quanto menos consciente, maior é a possibilidade de uma impressão desempenhar um papel nos sonhos e de transformar-se em uma imagem onírica. Embora ressalte do mesmo modo que Robert o caráter trivial das impressões, Delage dá à situação uma interpretação diferente. Ele sustenta que é o fato de as impressões não terem sido “tratadas” que as capacita a produzirem sonhos e não por serem triviais.

---

<sup>217</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 84.

<sup>218</sup> Idem. *ibidem*.

<sup>219</sup> *Ibid.* p. 85.

Uma impressão forte, que tenha sido defrontada com alguma “obstrução no processo de ser trabalhada ou que tenha sido intencionalmente mantida sobre refreamento”,<sup>220</sup> pode desempenhar um papel nos sonhos mais significativo do que aquelas fracas e quase despercebidas. No sonho revela-se a “repressão psíquica”<sup>221</sup>. Infelizmente, Delage não prosseguiu nessa direção. Assim como Robert, Delage afirma que a vida onírica está dissociada da vida de vigília. Em concordância com a teoria dominante, esses autores persistem em conceber o sonho enquanto um processo somático.

É necessário avançar e considerar as teorias que concedem aos sonhos uma função psíquica especial. Freud encontra na teoria de Scherner aquilo que procurava. Segundo Freud

“A tentativa mais original e ampla para explicar os sonhos como uma atividade especial da mente, capaz de livre expansão somente durante o estado do sono, foi empreendida por Scherner em 1861. Seu livro é escrito num estilo bombástico e altissonante e se inspira num entusiasmo quase inebriante pelo seu assunto que está destinado a repelir quem quer que não possa partilhar de seu fervor.”<sup>222</sup>

Freud encontra na teoria de Scherner um grande interesse pelo sonho. Concebido como um produto da “fantasia” (*Phantasie*), Scherner confere ao sonho características específicas. Diferentemente da teoria dominante, este não é tratado enquanto resíduo fisiológico, uma perturbação e sim como um **produto psíquico autêntico**.

“(…) a atividade mental que pode ser descrita como ‘imaginação’ (*Phantasie*), liberada do domínio da razão e de qualquer controle moderador, salta para uma posição de soberania ilimitada. Embora a imaginação onírica lance mão de

---

<sup>220</sup> Ibid. p. 86.

<sup>221</sup> Idem. ibidem.

<sup>222</sup> Ibid. p. 88.

recentes lembranças da vida de vigília para seu material de construção, erige-se em estruturas que não guardam a mais remota semelhança com as da vida de vigília; ela se revela nos sonhos como possuindo não só poderes reprodutivos como também *produtivos*.”<sup>223</sup>

Scherner acredita que a vida onírica incorpora-se aos processos de vigília. A “fantasia”, agindo livre dos domínios da razão, não apenas reproduz como também possui um caráter produtivo. Estando “isenta dos entraves das categorias do pensamento”<sup>224</sup>, a fantasia ganha maleabilidade e versatilidade para incorporar os estímulos que incidem sobre o estado do sono, visando, desse modo, representar, através desses materiais entendidos como matéria-prima, o corpo. A imaginação onírica (*Traumphantasie*) possui, através da imagem de uma casa, a forma predileta de representar o organismo como um todo. O corpo ou partes do corpo são representados de várias maneiras: por meio de um símbolo do corpo, seja parte do corpo ou de relações entre partes do corpo etc. Contudo, a imaginação onírica não se contenta em reproduzir os objetos de forma exata. Expressando através de uma “atividade simbolizante” destituída de qualquer fim utilitário, a imaginação onírica vai além da mera representação do objeto. Ela visa, ao final, à produção de um “evento”.<sup>225</sup>

Todavia, uma vez não existindo uma função utilitária ligada à “imaginação simbolizante”, poder-se-ia inquirir se o exame das teorias de Scherner serviria para alguma finalidade prática, visto que seu caráter arbitrário e sua desobediência às regras de pesquisa, segundo a concepção da teoria dominante, parecem evidentes. À guisa de uma

---

<sup>223</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 88-89.

<sup>224</sup> Ibid. p. 89.

<sup>225</sup> Idem. ibidem.

resposta, Freud qualifica de “arrogante” qualquer posição teórica que excluisse de imediato a teoria de Scherner sem um exame mais aprofundado. Segundo Freud, os processos oníricos têm sido considerados como, de fato, enigmáticos; não obstante, guardam grande importância em si e em suas implicações. Sob este aspecto, as “ciências naturais e exatas”, revela-nos Freud, pouco têm contribuído afora a tentativa de negar sistematicamente qualquer significado aos processos oníricos. Assumindo uma posição irônica frente ao empirismo da concepção dominante, Freud afirma:

“E afinal, talvez se possa afirmar honestamente que, ao tentar-se explicar os sonhos, não é fácil evitar ser-se fantasioso. As células ganglionares também podem ser fantásticas. O trecho que citei na pág. 81 (citado acima em nosso texto), de um pesquisador sóbrio e exato como Binz, e que descreve a forma pela qual o raiar do estado de vigília passa furtivamente pela massa de células do sono no córtex cerebral, não é menos fantástico - e não menos improvável - do que as tentativas de Scherner no sentido de uma interpretação.”<sup>226</sup>

Embora não esteja isenta de críticas<sup>227</sup>, a teoria de Scherner fornece a Freud alguns indicativos para se pensar os processos oníricos como autônomos. Enquanto produtos psíquicos legítimos, os processos oníricos ocupariam um espaço outro àquele ocupado pela racionalidade das ciências naturais. A pretensão teórica do pensamento freudiano é extrair ao máximo as conseqüências possibilitadas pelo objeto de sua investigação. Frente às

---

<sup>226</sup> Ibid. p. 92.

<sup>227</sup> Freud não deixa de fazer objeções à teoria dos sonhos de Scherner. Segundo Freud: “Não se pode dizer que esta teoria (a teoria de Scherner) de interpretação de sonho tenha sido recebida muito favoravelmente por outros escritores do ramo. Sua característica principal parece ser sua extravagância; e tem havido mesmo hesitação em reconhecer tal justificação que, em minha opinião, ela pode reivindicar. Como terá sido visto, ela envolve uma restauração da interpretação onírica por meio do *simbolismo* - o mesmo método que era empregado na antigüidade, com a exceção de que o campo de onde as interpretações são tiradas é restrito aos limites do corpo humano. Sua falta de qualquer técnica de interpretar capaz de ser entendida cientificamente deve reduzir grandemente a aplicação da teoria de Scherner”. Ibid. p. 240. Nesta linha de pensamento o sentido dos sonhos poderia ser descoberto por um método interpretativo que substitui o conteúdo onírico mediante uma “chave fixa”.

formulações estabelecidas pelo pensamento científico do Século XIX, Freud aponta para um espaço teórico onde o sonho pode ser inscrito na ordem do *sentido* e não como um resíduo do funcionamento cerebral. O conceito de “fantasia” torna-se um caminho privilegiado para aceder à fantasmática inconsciente e às suas marcas pulsionais.<sup>228</sup> Malgrado a teoria de Scherner contribuir para dissolver alguns obstáculos teóricos apontados acima, podemos dizer que ela não responde a uma pergunta indispensável à compreensão da noção de determinismo psíquico e do percurso teórico freudiano na *Die Traumdeutung*: o que o sonho revela sobre a vida de vigília que esta procura ocultar?

Em sua resposta, Freud retorna à relação entre os processos oníricos e as doenças mentais. Freud procura demonstrar que o sonho revela algo da natureza de um desejo inconsciente. Entretanto, através dos mecanismos de deformação onírica e censura, a vigília impede o reconhecimento do desejo, de modo que este se apresenta como estranho, indiferente e desprovido de sentido.

Para as teorias médicas, tanto nas doenças mentais como nos sonhos haveria pontos que permitiriam uma comparação. Segundo Spitta (1882) e Maury (1854):

“(1) A auto-consciência é suspensa ou, pelo menos, retardada, o que resulta numa falta de compreensão (*insight*) da natureza do estado, com conseqüente incapacidade para sentir surpresa e falta de consciência moral. (2) A percepção através dos órgãos dos sentidos se vê modificada: reduzindo-se nos sonhos, mas, em geral, grandemente aumentada na loucura. (3) A interligação de idéias ocorre exclusivamente de acordo com as leis de associação e reprodução; as idéias enquadram-se, assim, automaticamente em seqüência e se verifica uma conseqüente falta de proporção na relação entre idéias (exageros e ilusões).

---

<sup>228</sup> Segundo Laplanche e Pontalis, o termo fantasia refere-se à “encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente”. (...) Em *A Interpretação do Sonho (Die Traumdeutung, 1900)*, é ainda a partir do modelo dos sonhos diurnos que Freud descreve as fantasias. Analisa-as como formações de compromisso e mostra que a sua estrutura é comparável à do sonho”. LAPLANCHE, J., PONTALIS J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*, 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 228-230.

Tudo isso leva a (4) uma alteração ou, em alguns casos, a uma reversão de personalidade e, ocasionalmente, de traços de caráter (conduta perversa).”<sup>229</sup>

Desprovidos de sentido, processos oníricos e doenças mentais são concebidos como um sinal de debilidade do funcionamento psíquico. No entanto, Freud encontra em Griesenger (1861) um ponto em comum para uma teoria dos processos oníricos e processos psicopatológicos.

“(…) as idéias nos sonhos e nas psicoses apresentam em comum a característica de serem *realizações de desejos*.”<sup>230</sup>

**Para Freud, os sonhos inserem-se entre os processos de vigília uma vez que eles realizam, dramatizam um desejo, mais precisamente, um desejo (sexual) inconsciente. Deste modo, se os sonhos se apresentam como algo estranho e muitas vezes absurdo é porque a vida de vigília se recusa a reconhecê-los. Com efeito, uma vez empregado método interpretativo, estes se revelam como uma formação psíquica dotada de sentido e conseqüentemente podem ocupar um lugar assinalável entre as atividades mentais de vigília. É através do relato do sonho que o método interpretativo pode ser empregado, pois é na palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial. Entretanto, o relato do sonho carece de inteligibilidade. Para Freud, a pessoa que sonha “apenas não sabe que sabe”<sup>231</sup> do significado de seu sonho. A censura obstrui esse saber. A razão disso reside no fato de o sonho ser uma forma disfarçada de realizações**

---

<sup>229</sup> SPITTA, H. *Die Schlaf und Traumzustände der menschlichen Seele* (1882). Tübingen, p. 199. Citado por Freud. *Ibid.* p. 95.

<sup>230</sup> *Ibid.* p. 96.

<sup>231</sup> FREUD, S. Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise (1915-1917). E.S.B., vol. XV, Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 126.

de desejos. A interpretação vem justamente produzir inteligibilidade desse sentido oculto.

Assim, se o aparelho psíquico tal como exposto na *Die Traumdeutung* não faz referência a neurônios, a localizações anatômicas, isso não significa que ele prescindia de um suporte material. Seus referentes são representações, pensamentos, sonhos, linguagem. O passo decisivo de Freud foi de certa forma promover uma descontinuidade com a ordem causal anatomo-fisiológica. Não se trata de simplesmente descobrir uma outra ordem, dita psíquica, mas de conceber, a partir das condições de possibilidade de seu *corpus theoreticus*, o psíquico como uma espécie de materialidade, elevando-o a uma condição digna de validação epistêmica.

Enquanto fenômeno psíquico, os sonhos são produções, endereçamentos daquele que sonha. É a “outra cena” à qual Freud se refere, tomando emprestada de Fechner a expressão, ao falar do sonho enquanto lugar do desejo como inconsciente. Não encontramos coisas neste lugar, mas representações (*Vorstellungen*). Da mesma forma, podemos dizer que o inconsciente freudiano não é uma substância espiritual, contrafação da *res cogitans* cartesiana, tão pouco o inefável ou o absurdo. Ele diz respeito a uma lei de articulação. É por estarmos imersos na linguagem que podemos nos endereçar ao outro.

Do mesmo modo, o inconsciente freudiano não se refere de maneira alguma ao “inconsciente romântico da criação imaginante”<sup>232</sup>, tampouco ao lugar das “divindades da noite”, identificado com o mistério, o ilógico e o caos. **Freud declara que não há nada de arbitrário nos acontecimentos psíquicos.** Ao falar sobre a deformação onírica, ele afirma:

---

<sup>232</sup> LACAN, J. **O seminário - Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 29.

“O único equívoco cometido pelos autores anteriores precedentes foi supor que a modificação do sonho no decurso de sua rememoração e colocação em palavras seja *arbitrária*, não possa ser solucionada e que seja dessa maneira calculada para nos oferecer uma representação enganadora do sonho. Eles subestimaram até que ponto os acontecimentos psíquicos são determinados. Não há nada de arbitrário neles.”<sup>233</sup>

Na concepção freudiana, todos os acontecimentos psíquicos são determinados, com a diferença que esta determinação não é uma determinação única. O fato de as leis que regem o inconsciente não serem as mesmas do sistema pré-consciente/consciente não significa uma ausência de determinação.

Por outro lado, a recusa de Freud frente às teorias científicas sobre o sonho não implicou, mesmo marcado por um ideal cientista das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) e por seu agnosticismo correlativo, em uma adesão irrestrita a um “ponto de vista metafísico da mente”. Freud se atém ao dado sem um além mundo, nem profundidade. O inconsciente não é o mais profundo, nem o mais instintivo. Ele aponta para uma outra estrutura, diferente da consciência. Essa distinção tópica é o que determina especificidade do inconsciente freudiano e ao mesmo tempo é o que torna irreduzível a “psicologia profunda”. Segundo Assoun:

“Este (o projeto freudiano) começa, pois, com uma vontade de revelação de formas de linguagens inconscientes - muito mais que como inspeção das profundezas. É verdade que a psicanálise se deixa batizar de *Tiefenpsychologie*, mas é no sentido em que quem quer o fim - a revelação da própria realidade - deve querer o meio: a exploração das ‘profundezas’ pelas quais o mistério de sua estrutura é levado à expressão. Nada de retórica nessa referência a essa ‘misteriosa realidade’, nada de vibração equívoca: o que é *misterioso* é o ponto mais denso da realidade, seu *excesso de real* - e não o movimento de esquiva pelo qual ela se furtaria ao conhecimento. É por isso que Freud não aborda seu

---

<sup>233</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 548

objeto numa atmosfera de estranheza cúmplice - como nas práticas de charlatanismo do comércio de mistérios -, mas como postura decidida de quem está resolvido a portar o estandarte da razão até o centro dessa realidade que zomba da razão.”<sup>234</sup>

Objetiva-se menos com a “psicologia das profundezas” a análise de uma interioridade do que a “exploração” de uma alteridade íntima que se trata de restaurar em sua objetividade. Basta lembrar que Freud se nomeava enquanto um *Foscher*, um explorador, na esteira de Goethe no sentido de decifrar os segredos da “natureza”<sup>235</sup>. Essa referência ao dado combina-se, todavia, com a crença de que é necessário um saber dessa alteridade. Se podemos falar em uma posição freudiana que se aproximaria do realismo como uma reação ao “inconsciente romântico da criação imaginante”, aos excessos do lirismo e da imaginação, certamente não é no sentido de uma análise de uma interioridade, daquilo que se opõe ao “dentro”, mas como um pensamento do real como tal. Freud advertiu os próprios analistas a não autorizarem, em suas interpretações, a crença neste “inconsciente misterioso”<sup>236</sup>.

Portanto, o inconsciente freudiano não tem o estatuto de uma entidade no interior da qual os pensamentos oníricos latentes são transformados e distorcidos; tampouco a revelação de formas de linguagens inconscientes se confundem com as profundezas das entranhas do psiquismo de onde emergirão materiais misteriosos e inacessíveis à

---

<sup>234</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *Metapsicologia Freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 27.

<sup>235</sup> Ver item 2.1. denominado: “Os anos de formação: Freud e o movimento naturalista” no capítulo 2.

<sup>236</sup> FREUD, S. Observações sobre a Teoria e Prática da Interpretação de Sonhos. E.S.B., vol. X IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 142.

consciência. Se, geralmente, o inconsciente aparece como aquilo de que se fala, Freud vai demonstrar que ele fala a partir de uma sintaxe particular, distinguindo-se por postular uma “materialidade da produção de sentido”<sup>237</sup>. Em outras palavras, o trabalho do sonho é pensado como uma transcrição de um “conteúdo latente” em “conteúdo manifesto” por intermédio das leis específicas<sup>238</sup>. De notável importância para o empreendimento freudiano, era a homologia dos “processos de trabalho” em ação no sonho, no sintoma, no lapso e no chiste. Foi a partir da gramática desses processos que Freud pode constatar a construção do sonho enquanto uma “escritura psíquica”.

---

<sup>237</sup> Segundo Assoun: “O que distingue as ‘formações’ ditas ‘inconscientes’ é justamente o que obriga a postular uma *materialidade formal* da produção do sentido. É por isso que Freud acentua insistentemente o *trabalho inconsciente* que regula essas ‘formas’: ponto de revelação de um Inconsciente que estaria oculto em um sonho, um lapso ou um sintoma, mas análise de um certo regime pelo qual o ‘pensamento latente’ é tratado e convertido em ‘pensamento manifesto’. Esse trabalho não deve ser concebido como expressão de alguma essência, mas como as modalidades segundo as quais essa essência se resolve de certa maneira. O ‘inconsciente’ não é o inconsciente do texto (sonho ou sintoma), mas o que regula a manifestação conflitual.” Cf. ASSOUN, Paul-Laurent. *Metapsicologia Freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 32.

<sup>238</sup> Fazemos referência as leis que regem o processo primário, particularmente, aos mecanismos de condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*).

**CAPÍTULO 4: DA ESPECIFICIDADE DA NOÇÃO DE DETERMINISMO  
PSÍQUICO NA INTERPRETAÇÃO DE SONHOS (1900)**

“Notarão desde logo que o psicanalista se distingue pela rigorosa fé no determinismo da vida mental. Para ele não existe nada insignificante, arbitrário ou casual nas manifestações psíquicas. Antevê um motivo suficiente em toda parte onde habitualmente ninguém pensa nisso; está até disposto a aceitar causas múltiplas para o mesmo efeito, enquanto nossa necessidade causal, que supomos inata, se satisfaz plenamente com uma única causa psíquica.”  
(Sigmund Freud, 1910)

“O mundo simbólico é o mundo da máquina”  
(Jacques Lacan, 1954)

Pretendemos, neste capítulo, destacar alguns elementos teóricos, no intuito de circunscrever a especificidade do *determinismo psíquico* tal como apresentado por Freud na *Die Traumdeutung*.

Elegemos como ponto de partida a assimilação por parte de Freud de uma idéia que transformou o Século XIX: a idéia de máquina. Como foi explicitado anteriormente<sup>239</sup>, o surgimento da máquina a vapor revolve profundamente o solo cultural e científico do Século XIX. Freud, certamente, não se manteve à margem de tais transformações.<sup>240</sup> Se desde Descartes até Hegel, o corpo humano era concebido como uma máquina (particularmente para esses autores o modelo tomado era o da “máquina newtoniana”), o que emerge a partir dos trabalhos de Watt é a máquina energética. O surgimento das máquinas térmicas estabelece a distância maior que separa Hegel de Freud. “Há algo de que se fala, em Freud”, nos diz Lacan, “e de que não se fala em Hegel, é a energia. (...) Entre Hegel e Freud, há o advento de um mundo da máquina.”<sup>241</sup>

Os desdobramentos da metáfora do corpo humano como uma máquina são fundamentais para a concepção freudiana do determinismo psíquico. Da máquina de sonhar, passando pela máquina de inscrição, à máquina desejante, o sentido e a fala se revelam por inteiro. Contudo, essa “maquinaria” só adquire sentido se referida ao universo simbólico. Com a linguagem, ela assinala a distância em relação ao mundo natural e se aproxima do mundo humano, o mundo do desejo.

---

<sup>239</sup> Cf. item 2.3. Os anos de formação: Freud e o movimento cientificista no capítulo 2.

<sup>240</sup> Em carta datada de 20 de outubro de 1895, algumas semanas depois dos primeiros rascunhos do *Entwurf*, Freud escrevia à Fliess: “Tudo pareceu encaixar-se, as engrenagens se entrosam e tive a impressão de que a coisa passara realmente a ser uma máquina que logo funcionaria sozinha”. Cf. FREUD, S. *Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*, Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 147. (grifos nossos)

<sup>241</sup> LACAN, J. *O seminário - Livro 2: o eu na teoria de Freud e a técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 99.

Desse modo, a noção de determinismo psíquico se constitui um instrumento teórico privilegiado que nos permitirá, no texto *Die Traumdeutung*, verificar como Freud opera essa passagem da natureza para a linguagem. Mais especificamente, entendemos que, do ponto de vista teórico, passamos de um modelo mecânico (científico-naturalista) para um modelo lógico que recusa a linearidade causa e efeito e propõe uma nova inteligibilidade para as relações entre antecedentes e conseqüentes.

#### 4. 1. Da máquina de sonhar

Freud propõe-nos explicar o sentido dos sonhos como uma ordem de efeitos, determinado pelo funcionamento de uma máquina. Ele sugere que o aparato animico consiste em vários sistemas psíquicos distintos, inclusive um sistema perceptivo e um certo número de diferentes sistemas de memória organizados de acordo com diferentes padrões de associação e recordação.

A idéia de aparelho, segundo Rabant, está ligada às de lugar, de espaço, de localização, de processo, de funcionamento, de conjunto, de sistema, de modelo e de máquina. Sob esse aspecto, uma máquina poderia ser o modelo de outra, um sistema pode descrever o funcionamento de outro, e mesmo um lugar pode ser a representação de outro.

Para o autor:

“A idéia de aparelho está ligada à de representação, particularmente de representação científica: podemos representar o que não se apresenta por si

mesmo mas se traduz em seus efeitos e conseqüências, se manifesta como sintoma, patologia ou simples mecanismo comum. Assim, do ponto de vista freudiano, aquilo que o sintoma psíquico trama em profundidade nos permanece desconhecido, mas o desconhecido pode ser apresentado num aparelho sobre o qual podemos fazer experiências de pensamentos: pelo jogo e a montagem de suas peças, podemos figurar a própria operação psíquica.”<sup>242</sup>

O aparelho psíquico aparece como uma “moldura de um pensamento teórico” destinado a responder o desafio de como imaginar a natureza de um funcionamento que ultrapassa nossa compreensão. Que modelo de aparelho produzir para representá-lo ?

Freud, com o intuito de chegar a uma verdadeira compreensão das psiconeuroses, pretende tornar plausíveis, além da teoria do sonho, hipóteses novas sobre o modo de funcionamento do aparelho psíquico. Por conseguinte, o modelo teórico apresentado na *Die Traumdeutung* lhe ofereceu um substrato formal da articulação dos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente o qual denominou de “primeira tópica”.

Com efeito, o termo *tópica*, que pertencia desde a Antigüidade grega à linguagem filosófica, designava uma “teoria dos lugares”. “Para os Antigos, e em especial para Aristóteles”, nos dizem Laplanche e Pontalis, “os lugares constituem rubricas, de valor lógico ou retórico de que são tiradas as premissas da argumentação”<sup>243</sup>. Na concepção aristotélica apresentada no livro da *Física*, o termo *tópica* não se reduz à noção de espaço, mas a um conjunto de lugares. Essa diferenciação fica compreensível se contextualizarmos o termo *tópica* a partir da física galileana quando o vermos segundo uma concepção de espaço geometrizada e quantitativa, ao contrário da concepção

---

<sup>242</sup> KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 45.

<sup>243</sup> LAPLANCHE, J., PONTALIS J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 656.

aristotélica, que dá prioridade às qualidades do lugar e dos corpos que o ocupam.<sup>244</sup>

A descrição freudiana de uma *tópica* psíquica aproxima-se da concepção aristotélica. Freud preocupa-se em diferenciar as diversas “localizações psíquicas” através dos esquemas por ele chamado de “tópicas”. Essa diferenciação objetiva tornar compreensível as complicações do funcionamento mental, decompondo este funcionamento e atribuindo a cada função em especial às diversas partes do aparelho. Desse modo, Freud valoriza a diferenciação qualitativa dos lugares, pois atribui a cada um deles um modo de funcionamento próprio. Se, inicialmente, e, de fato, a espacialização se ligava ao espaço-corpo, uma vez deslocada a investigação freudiana do “corpo” para o psiquismo, teremos esse esquema espacial como um “ponto de vista” metapsicológico. Não se trata mais do espaço visível (anatômico), mas de uma espacialidade especial (virtual). Por conseguinte, seu modelo seria rigorosamente um modelo tópico, ainda que próprio Freud não tenha mantido esse rigor. Entendemos que ele teria valorizado a categoria espaço, se sua tentativa fosse realmente a de erigir um modelo anatômico, neste caso, teria seguido na carreira de neurologista conforme vimos anteriormente. O ato de renunciar à neurologia e às localizações anatômicas não será para abandonar, mas para transformar suas preocupações topográficas.

Por outro lado, um verdadeiro desafio estava colocado: trata-se de pensar a construção do modelo teórico cujo princípio arquitetônico está a serviço de uma temporalidade. Nesse sentido, a análise dos sonhos conduz Freud ao desvelamento do funcionamento de um aparelho onde a memória se apresenta como memória de

---

<sup>244</sup> Para uma discussão do termo “tópica” da física aristotélica à física galileana, cf. GONDAR J. *Os Tempos de Freud*. Rio de Janeiro: ed. Revinter, 1995. p.11.

linguagem, de escritura. Se o sonho, como vimos no capítulo anterior, possui um sentido e ocupa um lugar na vida de vigília, sua determinação deverá ser entendida em função do funcionamento do aparelho psíquico concebido enquanto aparelho de memória. Em outros termos, como um aparelho de memória que comporta uma temporalidade intrínseca a esse funcionamento.

#### 4.1.1. Da arquitetura do aparelho psíquico à tópica temporal

O modelo teórico do aparelho psíquico apresentado na *Die Traumdeutung* é a figuração da estrutura elementar e fundamental que formaliza um lugar: o do desenvolvimento dos processos inconscientes. Freud almeja apresentar um modelo capaz de explicar a inserção de traços mnêmicos entre percepção e consciência. Esse empreendimento teórico que se esboçava paulatinamente como tarefa desde os textos do **Projeto de 1895**<sup>245</sup> e da **Carta 52 (1896)**<sup>246</sup> não poderia ser mais adiado, uma vez que as descobertas da investigação sobre os sonhos não poderiam permanecer sem vínculo com o desenvolvimento da teoria das neuroses<sup>247</sup>. Embora tenha tomado, inicialmente, um modelo cuja figuração neurofisiológica ocupava um lugar de destaque, Freud pretende mostrar que o modelo de funcionamento do aparelho psíquico apresentado na *Die*

<sup>245</sup> FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica (1895). E.S.B., vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977. Denominado aqui **Projeto de 1895**.

<sup>246</sup> Carta de 6 de dezembro de 1896. Cf. FREUD, S. *Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 208. Denominada aqui **Carta 52**.

<sup>247</sup> A seguinte afirmação corrobora esse ponto de vista: “ (...) de modo algum abandonamos a relação existente entre sonhos e as perturbações mentais, diria Freud no capítulo VII da *Die Traumdeutung*, mas estabelecemo-la mais firmemente, em novas bases”. Cf. FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 630.

*Traumdeutung*, longe de ser concebido por uma visão mecanicista e linear, promove uma ruptura com tal conceitualização, pois colocava em ação o caráter fundamentalmente inadequado do organismo diante da lógica de funcionamento imposta pelo desejo.

Na *Die Traumdeutung* o funcionamento do psiquismo é pensado em termos de um aparelho de disposição topográfica onde as diversas localizações psíquicas são representadas. Segundo Freud,

“Podemos evitar qualquer abuso deste método de representação (o modo topográfico de representação) lembrando que as idéias, os pensamentos e as estruturas psíquicas em geral nunca devem ser encaradas como localizadas em elementos orgânicos dos sistema nervoso, mas antes, como se poderia dizer, *entre* eles, onde as resistências e as facilitações [*Bahnungen*] fornecem os correlativos correspondentes. Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é *virtual*, como a imagem produzida num telescópio pela passagem dos raios luminosos. Mas temos a justificativa para presumir a existência dos sistemas (que não são, de modo algum, entidades psíquicas e nunca podem ser acessíveis à nossa percepção psíquica) semelhantes às lentes do telescópio, que projetam a imagem”.<sup>248</sup>

A construção tópica freudiana se inscreve numa teoria do aparelho psíquico dividido em sistemas. Nesse sentido, a representação tópica exposta na *Die Traumdeutung* estabelece a ordem de coexistência das diferentes instâncias do aparelho psíquico. O ponto de vista tópico implica necessariamente uma localização psíquica, isto é, recusa-se de imediato a idéia de uma localização anatômica uma vez que o objeto da percepção é “virtual” (*virtuell*). Freud entende que as idéias, pensamentos e estruturas psíquicas estão

---

<sup>248</sup> Ibid. p. 649.

localizadas “entre” os elementos orgânicos do sistema nervoso, onde as resistências (*Widerstände*) e as “facilitações” (*Bahnungen*) forneceriam os correlatos correspondentes. Os sistemas não corresponderiam a “entidades psicológicas”, contudo estariam mais próximos das lentes de um telescópio. No modelo freudiano, o sistema psíquico equivaleria às lentes que compõem o aparelho, enquanto que os lugares psíquicos corresponderiam ao espaço determinado “entre” sistemas.

Freud toma como ponto de partida o princípio de representação constitutivo da tópica, a saber, o argumento de Fechner de que “a cena de ação dos sonhos é diferente daquela da vida ideacional de vigília”<sup>249</sup>. O que nos é apresentado na intuição de Fechner, comenta Freud, é a idéia de uma “localização psíquica”<sup>250</sup>. Advertindo os leitores de que a idéia de uma localização anatômica estaria descartada, Freud sugere que devemos representar o instrumento que executa nossas funções mentais como análogo a um instrumento ótico onde as representações estariam localizadas em “pontos ideais”, em lugares nos quais “não se acha situado nenhum componente tangível do aparelho”<sup>251</sup>. Em resposta ao caráter possivelmente restrito da analogia do aparato anímico como uma “máquina ótica”, Freud argumenta:

“Não vejo necessidade para desculpar-me pelas imperfeições desta ou de qualquer imagem semelhante. Analogias desta espécie destinam-se apenas a auxiliar nossos esforços em tornar inteligíveis as complicações do funcionamento mental, através da dissecação da função e da atribuição de seus diferentes constituintes a partes componentes do aparelho. Ao que me consta, ainda não se fez até aqui a experiência de utilizar esse método de dissecação

---

<sup>249</sup> Ibid. p. 572.

<sup>250</sup> Idem. ibidem.

<sup>251</sup> Idem. ibidem.

com o fito de investigar a maneira pela qual o instrumento mental se une e não posso ver nada de mal nele. Em minha opinião, estamos justificados em dar rédea livre a nossas especulações enquanto retivermos a frieza de nosso juízo e não tomarmos os andaimes pelo edifício. E, uma vez que em nossa primeira abordagem a algo desconhecido tudo de que precisamos é o auxílio de idéias provisórias, darei preferência, da primeira vez, a hipótese das mais grosseira e mais concreta descrição.”<sup>252</sup>

Freud dá preferência, em um primeiro momento, a analogias aproximadas do aparato anímico. Do ponto de vista epistemológico, a construção tópica teria o estatuto de uma construção auxiliar em que as analogias com o instrumento ótico visariam tornar inteligíveis as complicações do funcionamento do aparelho psíquico, decompondo-o e determinando a função de cada uma de suas partes. Tal reconstrução do aparelho psíquico, nos diz Freud, não resulta em risco, desde que conservemos nosso senso crítico, não tomando os andaimes pelo próprio edifício.

O aparelho psíquico é representado como um “instrumento composto” formado por um conjunto de elementos denominados instâncias ou sistemas. Esses sistemas estabelecem-se “numa relação espacial regular uns com os outros”<sup>253</sup> e numa seqüência de tal sorte que sejam percorridos pela excitação segundo determinada direção: os processos psíquicos avançam de uma extremidade perceptiva para uma extremidade motora.

Segundo Freud, não há necessidade da hipótese de que realmente os sistemas psíquicos sejam dispostos numa “*ordem espacial*”<sup>254</sup>, mas seria suficiente que fosse estabelecida uma ordem fixa na qual, num determinado processo psíquico, a excitação passasse através dos sistemas numa “*seqüência temporal especial*”<sup>255</sup>. “Noutros

---

<sup>252</sup> Ibid. p. 572-573.

<sup>253</sup> Ibid. p. 573.

<sup>254</sup> Idem. ibidem. (grifos meus)

<sup>255</sup> Idem. ibidem. (grifos meus)

processos”, nos diz Freud, “a seqüência poderá ser diferente e essa é uma possibilidade que deixaremos em aberto.”<sup>256</sup>

A idéia de uma localização psíquica implica não apenas a especificidade das diversas partes do aparelho, mas também fornece “a possibilidade de fixar uma determinada ordem de sucessão a um processo que se desenrola no tempo”<sup>257</sup>. Desse modo, a tópica abre-se à dimensão temporal na qual o caráter espacial do aparato psíquico está a serviço da temporalidade. Trata-se de uma tópica temporal.

#### 4.1.2. Do aparelho de memória

Na *Die Traumdeutung*, o aparelho psíquico é apresentado como um instrumento composto de “sistemas -  $\Psi$ ”<sup>258</sup>. A divisão desses sistemas obedece ao seguinte critério: **a capacidade de possuírem memória.**

Na extremidade sensorial está localizado o sistema perceptivo (Pcpt), a porta de entrada de estímulos perceptivos cuja característica é a permeabilidade, ou seja, ele não retém nenhum traço dos estímulos perceptivos e está “perpetuamente aberto a recepções de novas ocasiões de modificação”<sup>259</sup>. Na outra extremidade, a extremidade motora (M), localiza-se o sistema responsável pelo acesso à atividade motora, também permeável. Entre essas duas extremidades, desenvolve-se o processo psíquico conforme o esquema exposto

---

<sup>256</sup> Idem. *ibidem*.

<sup>257</sup> LAPLANCHE, J., PONTALIS J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 659.

<sup>258</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). *E.S.B.*, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 573.

<sup>259</sup> *Ibid.* p. 574.

abaixo.

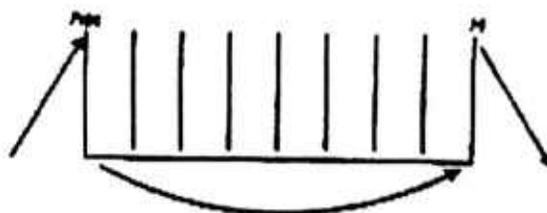


Fig. 1

Todavia, Freud faz uma diferenciação em relação à extremidade sensorial, de modo que os sistemas mnêmicos ficariam responsáveis pelas marcas mnêmicas deixadas pelas impressões, isto é, eles oferecem, portanto, uma possibilidade de representar a memória. Sua característica mais notável é a aptidão de transformar as excitações passageiras do sistema perceptivo em traços permanentes. Nas palavras de Freud:

“(...) temos razões para introduzir uma primeira diferença na extremidade sensória. Restam traços em nosso aparelho psíquico, das percepções que com ele colidem. A eles podemos descrever como ‘traços de memória’ e à função que lhe é relacionada damos o nome de ‘memória’”.<sup>260</sup>

O esquema apresentado aperfeiçoa-se à medida que outros sistemas vão sendo introduzidos. Freud denomina de sistemas mnêmicos (Mnem) aqueles situados entre a

---

<sup>260</sup> Idem. *ibidem*.

extremidade perceptiva e motora.

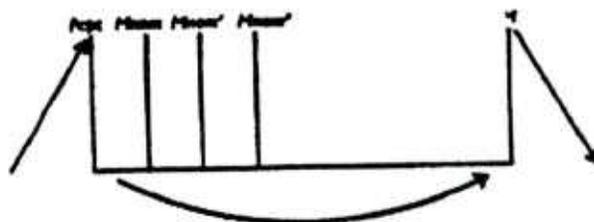


Fig. 2

Se as impressões deixam, no aparelho psíquico, inscrições denominadas “traços mnêmicos” (*Erinnerungsspur*), à função relacionada com eles Freud chamou de memória (*Gedächtnis*). Os sistemas mnêmicos são responsáveis pela memória de traços, contudo, as percepções mantêm ligações com os diversos sistemas mnêmicos. Segundo Freud,

“Nossas percepções acham-se mutuamente ligadas em nossa memória - primeiro e acima de tudo de acordo com a simultaneidade da ocorrência. Falamos deste fato como sendo a ‘associação’ (*Assoziation*).”<sup>261</sup>

O termo associação remete à interligação entre representações (*Vorstellungen*) e a uma simultaneidade de impressões perceptivas.<sup>262</sup> Em outras palavras, sendo o traço uma

<sup>261</sup> Ibid. p. 575.

<sup>262</sup> O termo associação alude ao associacionismo, mais precisamente a difusão da doutrina associacionista na Alemanha no Século XIX e sua influência no pensamento do “jovem Freud”. No entanto, este lhe emprestou um uso totalmente novo. “O termo designa, segundo Laplanche e Pontalis, qualquer ligação entre dois ou mais elementos psíquicos, cuja série constitui uma cadeia associativa”. (cf. LAPLANCHE, J., PONTALIS J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 69.) Desse modo, dizem os autores, as associações, tais como se encadeiam no discurso do indivíduo, corresponderiam a uma organização complexa de memória. Essa organização se expressa segundo diferentes modos de classificação e poderia ser consultada de diversas formas: ordem temática, cronológica, etc., fazendo que uma representação ou traço mnêmico de um acontecimento fosse reencontrado em diversos conjuntos

impressão, a associação seria uma conexão de traços.

Após afirmar “que a base da associação está nos sistemas mnêmicos”<sup>263</sup> (*Die Tatsache der Assoziation besteht dann darin*), Freud nos diz que, a associação consistiria no fato de que: em resultado de uma diminuição nas resistências (*Widerstandsverringeringen*) e do assentamento de “caminhos facilitadores” (*Bahnungen*), uma excitação seria, assim, “mais prontamente transmitida de um determinado elemento *Mnem.* a um certo elemento *Mnem.* do que a outro”.<sup>264</sup>

Com efeito, o funcionamento dessas associações é concebido como uma circulação de energia no interior de um aparato anímico estruturado de forma complexa num escalonamento de bifurcações sucessivas. Cada excitação toma, em cada cruzamento, um trilhamento determinado em detrimento de outro. Esse processo ocorre em função das *Bahnungen* deixadas pelas excitações precedentes.

Como já foi assinalado, o esquema topográfico do aparelho psíquico seria insuficiente para explicar a complexidade dos fenômenos envolvidos. Dessas novas alterações, impunha-se de imediato que um mesmo sistema não poderia reter modificações e permanecer sempre aberto à percepção. Tornava-se indispensável uma diferenciação

---

(sistemas mnêmicos). Onde o associacionismo buscava as leis gerais que regem o espírito (leis fundadas sobretudo na similitude) Freud vê, na associação, a forma pela qual o sujeito se situa, em uma memória concebida como “redes de facilitações” (*Bahnungen*). Descobrem-se, assim, cadeias associativas que são designadas por Freud como linhas (*Linie*), encadeamentos (*Verkettung*). Estas tecem verdadeiras redes que compreendem pontos nodais (*Knotenpunkten*) onde muitas delas se entrecruzam e se sobredeterminam. Acrescenta-se ainda, na relação entre associação e memória, a noção de traço mnêmico como a forma que um acontecimento se inscreve nos sistemas mnêmicos. Eles possuem mobilidade e podem sofrer novos registros. Para Freud o indivíduo não é um “polipeiro de imagens”, isto é, o acontecimento não se inscreve numa relação de identidade como cópia daquele, mas em relação com outros traços. Ao conceber o traço mnêmico como inscrito em diversos sistemas mnêmicos, segundo diversos tipos de conexões, Freud se distancia do associacionismo clássico. Trata-se menos de conceber o traço mnêmico como uma cópia ou imagem semelhante (*similitudine*) da coisa (do objeto percebido), do que como representações com valor de signos que remetem a outros signos.

<sup>263</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 575.

<sup>264</sup> Idem, ibidem.

entre o sistema responsável pela recepção de estímulos e os sistemas responsáveis pelo armazenamento de traços à medida que um mesmo sistema não poderia desempenhar simultaneamente as funções relativas à percepção e à memória.

Assim, Freud entende que aos sistemas mnêmicos ficam reservadas as funções de armazenamento de traços mnêmicos e de associação. Esses recebem as impressões do sistema perceptivo e as transformam em traços permanentes. As associações ocorrem pela diminuição das resistências e pelo estabelecimento de “caminhos facilitadores”<sup>265</sup>, permitindo, assim, que a excitação seja transmitida de um elemento *Mne.* a outro.

Desse modo, um primeiro sistema contém o registro da associação com respeito

---

<sup>265</sup> O termo *Bahn*, presente na neurologia do Século XIX, designava vias nervosas. Já o termo *Bahnung* (traduzido como facilitação) “pode referir-se tanto a vias de interligação na aceção concreta de interligações entre neurônios quanto a interligação entre representações, desejos etc., numa aceção mais funcional de correlações, associações.” (Cf. HANNS, Luis Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. p. 245.) Segundo Levin o termo *Bahnung* foi criado por Sigmund Exner num artigo intitulado “Contribuição da Ação Recíproca das Excitações no Sistema Nervoso Central” (1884) no qual o autor afirma que “uma descarga de uma excitação cortical inicial facilita uma segunda descarga”. Também os comentários de Hippolyte Taine no livro *De l'Intelligence* (1870), livro bastante elogiado por Freud, expressam essa mesma opinião em comum: “Quanto mais freqüentemente uma via foi usada no passado por correntes [nervosas], maior é a probabilidade de que uma corrente subsequente siga o mesmo caminho...”. Levin afirma que a noção de padrão de facilitação interneurais como a base da memória não era muito popular. No que se refere à memória, era usualmente dado mais peso às mudanças dentro dos neurônios do que a alterações nas conexões intercelulares. Entretanto, autores como Theodule Ribot (*Diseases of Memory* 1882) consideravam que as “facilitações interneurais” tinham um papel importante na memória (Cf. LEVIN, K. *Freud: a primeira psicologia das neuroses*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1980. p. 158). Para Lacan, a originalidade do *Entwurf* provém da noção de *Bahnung*, porém numa aceção bastante diferente daquela de caráter biologizante (naturalista) expressa por Levin. Lacan discorda da tradução por “facilitação”. Mais precisamente, a *Bahnung*, segundo o autor, tem “alcance estritamente oposto à noção de facilitação” e acrescenta: “*Bahnung* evoca a constituição de uma via de continuidade”. (Cf. LACAN, J. *O seminário – Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. p. 53) Nesse sentido, ele chega a dizer que o termo designa uma cadeia e pode ser comparada à cadeia significativa. Não obstante, nos diz Lacan, o trilhamento (*Bahnung*) não é um efeito mecânico, ou uma “função do hábito” decorrente de um pensamento da aprendizagem, mas comporta uma dimensão particular regida pelo princípio do prazer. Assim, “ele (trilhamento) é invocado como prazer da facilidade, e será retomado como prazer da repetição” (ibid. p. 272). Essas articulações em torno do conceito de facilitação nos revela alguns indícios do que será mais tarde concebido como “compulsão à repetição”. Após muitos anos sem fazer nenhuma alusão à idéia de facilitação, Freud utiliza esse conceito no texto denominado *Mais Além do Princípio do Prazer* (1920), justamente no momento em que expõe a idéia de compulsão à repetição. Poderíamos dizer, desse ponto de vista, que conceito de facilitação e suas primeiras articulações com a idéia de repetição estão intimamente relacionadas à lógica do princípio do prazer.

à “simultaneidade no tempo”<sup>266</sup>, enquanto um segundo sistema fixará a associação por “similaridade” e “assim por diante com os outros”<sup>267</sup>. Para Freud, seria perda de tempo tentar pôr em palavras a “significação psíquica” (*psychische Bedeutung*) de cada um desses sistemas, ou seja, seria inútil especificar os diversos modos de articulação entre os elementos fornecidos pelas impressões. A associação não é a única forma de relação entre os elementos, mas apenas uma “conexão entre outras”. Conseqüentemente, teremos vários sistemas mnêmicos. Independentemente das várias possibilidades de relação entre os elementos *Mne.*, Freud chama atenção para os “graus da resistência condutiva (*Leitungswiderstandes*) que é oferecida por esses elementos à passagem da excitação”<sup>268</sup> e para suas relações com os diferentes “elementos da matéria prima da memória”.

Contudo, essa representação do aparato animico, nos diz Freud, era ainda insuficiente, uma vez que a explicação da formação dos sonhos implicava a suposição de uma “instância crítica” e uma “instância criticada”. A “instância crítica” tem a função de interditar o acesso à consciência de conteúdos da “instância criticada”, estando, por essa razão, localizada na extremidade motora do aparelho. Essa instância é também responsável pela vida desperta. Substituindo-se essas instâncias por sistemas, teremos o seguinte esquema:

---

<sup>266</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 575. A “associação por simultaneidade” é uma das formas de associação entre neurônios  $\psi$ . Percebe-se aqui a alusão às “leis da mente”, tal como apresentadas no texto denominado *A System of Logic Ratiocinative and Inductive* (1843) de Stuart Mill, citado por Freud no texto *Sobre as Afasias* (1891). A expressão “associação por simultaneidade” será empregada também nos textos do *Projeto de 1895* e na *Carta 52* (1896).

<sup>267</sup> *Ibid.* p. 575.

<sup>268</sup> *Idem.* *ibidem.*

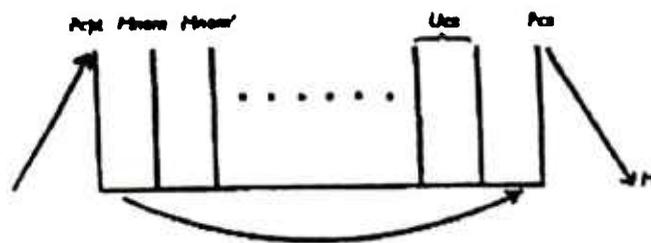


Fig. 3

O sistema (Pcpt) representa o sistema perceptivo, (Mnem) os traços mnêmicos, (Ics) o sistema inconsciente e, por último, temos (Pcs) o sistema pré-consciente localizado na extremidade motora (M). Essa representação esquemática, como foi dito antes, não objetiva ser uma transcrição de nenhuma estrutura anatômica existente, mas, sim, visa oferecer uma construção topológica do funcionamento do aparelho psíquico. Importa, aqui, destacar a orientação progressivo-regressiva e a posição relativa dos sistemas.

Por outro lado, se o sistema perceptivo seria aquele desprovido de memória, de acordo com Freud, o mesmo seria também responsável por fornecer as qualidades sensoriais à consciência. Contudo, as lembranças (traços mnêmicos) são em si inconscientes. “Elas podem ser tornadas conscientes”, nos diz Freud, “mas não pode haver dúvidas de que podem produzir todos seus efeitos enquanto se acham numa **condição inconsciente** (*unbewußtem Zustand*)”<sup>269</sup>. Os traços mnêmicos enquanto inconscientes não possuem nenhuma qualidade, uma vez que esta seria uma propriedade do sistema percepção-consciência e não do sistema- $\psi$ . Em seguida Freud afirma:

<sup>269</sup> Ibid. p. 576.

“Uma luz mais promissora seria lançada sobre as condições que regem a excitação dos neurônios se fosse confirmado que *nos sistemas- $\psi$  a memória e a qualidade que caracterizam a consciência são mutuamente exclusivas*”<sup>270</sup>.

Observamos nesta citação referências diretas ao **Projeto de 1895** e a **Carta 52**. Ao apontar para a impossibilidade de conjugar em um mesmo sistema memória e a qualidade para consciência, Freud faz menção às designações dos sistemas que compõem o modelo de aparelho do **Projeto de 1895**, a saber, os sistemas  $\psi$ ,  $\phi$  e  $\omega$ . Nesse modelo, o sistema  $\psi$  é essencialmente um sistema mnêmico e o sistema  $\omega$  aquele responsável pela consciência e qualidade. Na **Carta 52**, Freud denomina consciência (*Bewusstsein*) o sistema localizado na extremidade motora; este sistema é desprovido de memória e tem a qualidade de ser consciente. Não obstante, veremos que esses dois textos revelam, a partir das noções de memória e temporalidade, elementos fundamentais para delimitarmos a especificidade do determinismo psíquico na *Die Traumdeutung*.

---

<sup>270</sup> Idem. *ibidem*.

#### 4.1.3. Das facilitações (*Banungen*) ao retardamento (*Verspätung*): memória e temporalidade no texto do Projeto de 1895.

No **Projeto de 1895**, Freud afirma que toda “teoria psicológica digna de consideração” teria de fornecer uma explicação para a memória.<sup>271</sup> A memória é considerada uma das principais características do tecido nervoso, e é definida pela possibilidade de modificação dos neurônios  $\psi$ .<sup>272</sup> Nesse modelo, as funções de percepção e representação (memória) são diferenciadas a partir de dois sistemas neurônicos: neurônios não-retentivos e neurônios retentivos. Os primeiros, cuja característica é ser permeável, atenderia ao sistema perceptivo, isto é, permaneceria inalterado para novas excitações, não oferecendo resistência às mesmas. Já os neurônios retentivos atenderiam aos sistemas mnêmicos. Nesses neurônios, a característica de impermeabilidade está relacionada à resistência oferecida à passagem da quantidade de excitação e a “investimentos colaterais” que alteram permanentemente as “barreiras de contato” (*Kontaktschranke*). Essas alterações permitem a condução da excitação pelas trilhas de menor resistência. Portanto, é a partir dessas diferenças de resistência entre barreiras de contato que se constitui o que Freud chama de memória no **Projeto de 1895**.

Se a noção de “barreiras de contato” aponta para o “grau de facilitação” adquirido em decorrência dessas alterações, as “facilitações” (*Banungen*) respondem pelo percurso da trama de caminhos neuronais, isto é, a facilitação/ resistência de trilhamentos em certas direções formando uma cadeia de percursos diferenciais para a excitação. A

---

<sup>271</sup> FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica (1895). E.S.B., vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 399

<sup>272</sup> *idem*, *ibidem*.

memória, para Freud, é memória de *Banungen*. Nesse sentido, a noção de “barreiras de contato” está intimamente ligada à noção de *Banungen*, uma vez que tais barreiras são responsáveis pela facilitação/ dificuldade da passagem de excitação numa determinada direção e não em outra, cujo funcionamento é semelhante a um *relais*. A passagem de excitação numa determinada direção em detrimento de outra dá lugar a uma “repetição de percursos facilitadores”.

No entanto, se todas as barreiras de contato fossem igualmente facilitadas, não haveria preferência de um caminho em detrimento de outros. A memória seria paralisada. Logo, a memória é redefinida nos seguintes termos:

“(...) a memória está representada pelas diferenças de facilitação entre neurônios  $\psi$ ”<sup>273</sup>

Desse modo, poderíamos dizer que o traço mnêmico se constitui pela elevação das barreiras de contato ao fluxo de excitação e é concebido como “diferenças de facilitação entre neurônios  $\psi$ ”. Isso é devido à diminuição da resistência oferecida pelas barreiras de contato, ocasionando registros diferentes. O que se repete como memória não são os traços, mas as “diferenças entre facilitações”. Trata-se menos de concebê-los como elementos isolados do que como profundamente dependentes das *Banungen*. O traço mnêmico deve ser visto em termos de diferenças entre caminhos possíveis. Embora os traços sejam permanentes, a memória é sempre diferencial. Nesse sentido, a memória não

---

<sup>273</sup> Ibid. p. 401.

é uma reprodução mecânica e idêntica de um traço concebido como imutável. Mais ainda, a memória não se acrescenta de forma secundária ao aparelho, não é uma propriedade do psiquismo entre outras, mas o constitui desde o começo.

De que depende então, se pergunta Freud, a “facilitação” nos neurônios  $\psi$  ? Depende de dois fatores: da magnitude da impressão e a da frequência com que a mesma impressão se repete. Nas palavras de Freud:

“Traduzindo em termos teóricos: a facilitação depende da **Qn** (quantidade) que passa pelo neurônio no processo excitativo e do número que esse processo se repete. Daí se vê, portanto, que **Qn** é um fator atuante e que a *quantidade* e a *facilitação* resultantes de **Qn** também constituem algo capaz de substituí-la.”<sup>274</sup>

A memória revela a capacidade que uma vivência tem de estar sempre produzindo efeitos, fixando de forma decisiva os caminhos eliminatórios. Resta saber aquilo que a organiza. A resposta encaminhada por Freud atenta para a observação dos efeitos da vivência em função do grau de facilitação alcançado. Freud leva em consideração a magnitude da impressão (quantidade de excitação **Qn** que percorre um neurônio) como também a frequência da repetição dessa mesma impressão. São essas que determinam os caminhos da eliminação. Assim, as *Banlungen* podem ser tanto efeito de **Qn** como também “algo capaz de substituí-la”<sup>275</sup>.

No intuito de esclarecer essa última afirmação, Freud recorre às noções de “investimento colateral” e “facilitação”. Ele nos diz:

---

<sup>274</sup> Ibid. p. 402.

<sup>275</sup> Idem. ibidem.

“Ora, existe uma lei básica de associação por simultaneidade, que atua no caso de pura atividade  $\psi$ , de lembrança reprodutiva, e que constitui o fundamento de todas as conexões entre os neurônios  $\psi$ .”<sup>276</sup>

A “associação por simultaneidade” é a forma fundamental de associação entre neurônios  $\psi$ . Recorrendo a esse modo de associação, Freud afirma que, “quando dois neurônios (a título de exemplo: neurônios  $\alpha$  e  $\beta$ ) são investidos simultaneamente, uma barreira de contato fica facilitada pela “catexia simultânea  $\alpha$ - $\beta$ ”<sup>277</sup>. Em outros termos: é criado um investimento colateral que facilita e prioriza passagem da Qn circulante de um neurônio  $\alpha$  para o neurônio  $\beta$ . A partir de uma “catexia simultânea”, estabelece-se uma ligação da Qn que inibe o processo primário. Por conseguinte, nos diz Freud, “se conclui, nos termos de nossa teoria, que uma Qn passa mais facilmente de um neurônio catexizado do que para um não catexizado”.<sup>278</sup> Freud considera o par facilitação/resistência como um efeito da magnitude da impressão e da repetição.

Contudo, a repetição não deve ser identificada como estritamente homogênea a ordem da intensidade da impressão, e, tampouco, deve ser identificada com a qualidade. Na linguagem do Projeto (1895), a qualidade se refere aos processos do sistema  $\omega$ , portanto a consciência, enquanto que as “facilitações” (*Banhungen*) e a repetição se referem ao sistema  $\psi$ . Não se trata aqui de conceber a repetição como um fator qualitativo junto ao fator quantitativo representado pela intensidade da Qn. A repetição não se relaciona a uma impressão acrescentada à Qn, reforçando-a aos moldes de uma teoria

---

<sup>276</sup> Ibid. p. 423.

<sup>277</sup> Idem. ibidem.

<sup>278</sup> Idem. ibidem.

psicológica do reforço.

Sob esse aspecto, a noção de repetição estaria sujeita a mal entendidos, afirma Derrida, uma vez que a repetição “não acrescenta nenhuma quantidade de força presente, nenhuma intensidade, ela reedita a mesma impressão: tem contudo o poder de exploração (*Banhungen*)”<sup>279</sup>. Assim, a repetição acrescenta-se à **Qn**, reeditando a mesma impressão e, deste modo, afirma seu poder de trilhamento. No entanto, isto não significa dizer que a impressão é anterior à repetição. Para Derrida,

“(...) a repetição não *sobrevém* à primeira impressão, a sua possibilidade já ali está, na resistência pela *primeira vez* oferecida pelos neurônios psíquicos.”<sup>280</sup>

Coloca-se aqui uma questão para a teoria do **Projeto (1895)**, a mesma para todas as teorias que tomam a diferença entre percepção e representação como sendo unicamente quantitativa: a possibilidade de pensar a repetição como constituinte do aparato anímico. É esse jogo de forças que envolve investimentos colaterais, intensidade de impressão e facilitações que, ao se estabelecer, instaura simultaneamente, nessa primeira vez, a repetição. Nesse sentido, a própria resistência só é possível, explica Derrida, se a oposição de forças durar ou se “repetir originariamente”<sup>281</sup>. Desse modo, a repetição reedita a

---

<sup>279</sup> DERRIDA J. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971. p. 185-186.

<sup>280</sup> *Ibid.* p.186-187

<sup>281</sup> *Idem.* *ibidem.* Os desdobramentos teóricos dessa questão extrapola os limites de nossa dissertação, contudo, entendemos que não seria impertinente ressaltar que a leitura que Derrida faz dos conceitos de repetição e diferença, a partir do conceito freudiano de traço mnêmico, aponta para um questionamento das idéias ligadas à questão da origem, centro e fundamento, mais precisamente, o que se põe em questão é a “autoridade de um começo incontestável, de um ponto de partida absoluto, de uma responsabilidade de princípio” Cf. DERRIDA, J. “*La diférance*” in: *Théorie d’ensemble*, Paris: Seuil, 1968. p. 44-45. A idéia de origem pressuporia a idéia de uma forma matricial, passível de eterna repetição. Entretanto, Derrida recusa as idéias de origem, de uma forma matricial. Para ele, existe apenas o “traço” que já é sempre repetição. Não existe uma “primeira vez” e “é por isso que se deve entender ‘originário’ *sob rasura*, sem o que

mesma impressão, aproximando-se, como veremos, das noções de retranscrição e reinscrição da **Carta 52**.

Por outro lado, é necessário acrescentar que as noções de facilitação, barreiras de contato, investimento colateral e ligação, as quais se forma a base para a estruturação do aparelho, são noções referentes às estruturas de retardo (*Verspätung*). Estas correspondem à ação das barreiras de contato e das facilitações que inibem respectivamente a função neurônica primária e secundária, ordenando e estruturando o aparato psíquico. Para Derrida, o “retardamento” não designa simplesmente um mecanismo de atraso em que um evento qualquer deixará de acontecer em determinado momento para acontecer em outro subsequente. Segundo o autor:

“ (...) é preciso entender outra coisa diferente de uma relação entre dois ‘presentes’; é preciso evitar a representação seguinte: só acontece num presente B o que devia (teria devido) produzir-se num presente A (‘anterior’).”<sup>282</sup>

Assim, longe de conceber *Verspätung* como um simples dispositivo de retardo, Derrida entende o próprio retardamento como originário, aproximando-se, dessa forma, do tempo psíquico inconsciente, o tempo *Nachträglich*<sup>283</sup>. O funcionamento inconsciente não se torna inteligível segundo um modelo científico do somatório de instantes, e tampouco se alinha ao fluxo contínuo de duração. Sob esse aspecto, a crença freudiana em um modelo

---

derivariamos a ‘diferença’ (*différance*) de uma origem plena. É a não-origem que é originária”.

Cf. DERRIDA J. *A Escrita e a Diferença*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971. p. 188.

<sup>282</sup> Ibid. p. 188 n.

<sup>283</sup> Conforme Derrida: “os conceitos de *Nachträglichkeit* e *Verspätung*, conceitos diretores de todo o pensamento freudiano, conceitos determinativos de todos outros conceitos, já estão presentes e são chamados pelo seu nome no *Esquise*. A irredutibilidade do ‘arretardamento’ é, sem dúvida, a descoberta de Freud”. Cf. Ibid. p. 189.

científico-naturalista (modelo apresentado no **Projeto** de 1895) baseado nas diferenças quantitativas, seria insuficiente para explicar o funcionamento do aparelho psíquico, uma vez que a quantidade não determina as relações de sentido. Tem-se, desse modo, o início da substituição, como já apontado anteriormente, de um modelo de aparelho psíquico que não se baseia mais exclusivamente em considerações neuro-anatômicas. Todos os modelos mecânicos (ou até mesmo termodinâmicos) serão experimentados e abandonados por uma máquina que leve em consideração as relações de sentido, isto é, a linguagem.

Se o aparato anímico apresentado na *Die Traumdeutung* não faz referência a neurônios ou entidades materiais, isso não quer dizer que ele prescindia de um suporte material, mas, sim, que, do ponto de vista teórico, do modelo mecânico (causalidade mecânica) passa-se a introduzir uma dimensão nova. A noção de “retardamento” (*Verspätung*), juntamente com o conceito de *a posteriori* (*Nachträglichkeit*), além de avançar significativamente na concepção freudiana da temporalidade, introduz uma idéia fundamental para a compressão do modo de funcionamento do aparelho psíquico: a noção de determinismo psíquico. Temos aqui, portanto, a passagem para um modelo lógico que recusa a linearidade causa - efeito e propõe uma nova inteligibilidade para as relações entre antecedentes e conseqüentes.

#### 4.1.3. Da *proton pseudos* histórica ao conceito de *Nachträglichkeit* : considerações acerca do determinismo psíquico

*Proton pseudos* era um termo corrente empregado na Grécia que quer dizer “primeira coisa falsa”. O termo remete aos *Primeiros Analíticos* de Aristóteles, obra que trata da teoria do silogismo, mais tarde incluída no *Órganon*. Nesta obra, o termo é utilizado para demonstrar como uma conclusão falsa decorre da falsidade de pelo menos uma das premissas presentes no argumento.

No caso presente, Freud utiliza o termo *proton pseudos* para qualificar o sintoma histórico. Com esse intuito, a partir do texto do **Projeto** (1895), o caso Emma é descrito do seguinte modo:

“ Emma acha-se dominada atualmente pela compulsão de não poder entrar em lojas sozinha. Como motivo para isso, [ela citou] uma lembrança em que tinha doze anos [pouco antes da puberdade]. Ela entrou em uma loja para comprar algo, viu dois vendedores [ um dos quais ainda consegue lembrar] rindo juntos, e saiu correndo tomada por uma espécie de susto. Em relação a isso, terminou recordando que os dois estavam rindo das roupas dela e que havia sentido atração sexual por eles. Tanto a relação desses fragmentos [entre si] como o efeito da experiência são incompreensíveis. Se ela se sentiu mal porque suas roupas eram alvo de risos, isso teria sido remediado há muito tempo, desde que passou a se vestir como uma [verdadeira] dama. Além disso, a circunstância de entrar sozinha ou acompanhada em uma loja nada tem a haver com as roupas que usa. Que simplesmente não precisa de proteção fica comprovado pelo fato de que, como acontece nos casos de agorafobia, até a companhia de uma criança é suficiente para dar-lhe segurança. E se existe o fato, totalmente incongruente, de ter sentido atração por um dos vendedores; para isso, não faria diferença estar acompanhada ou não. Por conseguinte as lembranças evocadas não explicam nem o caráter compulsivo nem a determinação do sintoma.”<sup>284</sup>

---

<sup>284</sup> FREUD. S. Projeto para uma Psicologia Científica (1895). E.S.B., vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p.464-465.

Durante a análise com Freud, surge outra lembrança, mais antiga do que a primeira cena relatada acima (cena I), de que Emma “não se deu conta” naquele momento. A cena II acontece quando:

“Aos oito anos de idade, foi duas vezes comprar doces numa confeitaria, sendo que logo na primeira o proprietário agarrou-lhe as partes genitais por cima da roupa. Apesar disso, voltou lá de novo e agora se recrimina por essa segunda vez, como se isso tivesse querido provocar o atentado.”<sup>285</sup>

Não obstante, o caso Emma pode ser apresentado como um silogismo prático.<sup>286</sup> Se levarmos essas considerações para o campo da fala, poderíamos contar com a seguinte formulação: toda vez que um proferimento S<sup>1</sup> for um contra-senso, haverá um proferimento S<sup>2</sup> dotado de sentido onde as relações lógicas estariam íntegras e haveria motivação suficiente para não serem rompidas. O silogismo pode ser apresentado seguindo as indicações do próprio texto freudiano<sup>287</sup>. Seja P<sup>1</sup> “Emma se sentiu mal porque suas roupas eram alvo de risos”, P<sup>2</sup> “Emma acredita que se não entrar na loja sozinha (‘a circunstância de entrar sozinha ou acompanhada’) possa impedir que riam do seu vestido”. A conclusão desse silogismo é C “Emma acha-se dominada atualmente pela compulsão de não poder entrar em lojas sozinha”. Assim, o proferimento S<sup>1</sup> de Emma ( “Não entro em uma loja sozinha porque vão rir de meu vestido) é reconstruído na forma de um silogismo

<sup>285</sup> Ibid. p. 465.

<sup>286</sup> Seguimos, a partir desse ponto, a leitura realizada por Gabbi Jr. do caso Emma sob a ótica da teoria do silogismo, no capítulo denominado “O Determinismo”. Cf. GABI Jr., O. F. *Alice e a Metapsicologia: a psicanálise como teoria do contra-senso*. *Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, n. 23, Campinas: Unicamp, 1992.

<sup>287</sup> Ibid. p. 54

prático formado por P<sup>1</sup>, P<sup>2</sup>, e C. O termo *proton pseudos* é usado, neste caso, para indicar que a histórica parte de uma premissa falsa e chega, portanto, a uma conclusão falsa.

Freud acredita que só poderá resolver esse contra-senso se for capaz de encontrar a referência dos proferimentos iniciais, mais precisamente, um proferimento S<sup>2</sup>. Durante a análise, revela-se que no lugar do proferimento “suas roupas eram alvo de risos” deve ser substituído por “o proprietário agarrou-lhe as partes genitais por cima da roupa” e no lugar de “entrar em lojas *sozinha*” deveria estar “entrar em lugar de sedução”. Quando são descobertos tais proferimentos, a “compulsão de não entrar nas lojas *sozinha*” pode ser apresentada de uma forma que a torna compreensível. Realizando as devidas alterações, o silogismo prático pode ser, assim, apresentado: P<sup>1</sup> “Emma não deseja que o proprietário agarre-lhe as partes genitais por cima da roupa”, P<sup>2</sup> “Emma acredita que pode evitar a sedução desde que evite o local da sedução”, C’ “Emma não entra neste local”. A estratégia freudiana estará voltada para encontrar uma referência que permita desfazer o contra-senso. Nesse sentido, sua função seria a de ajudar o analisando a encontrar S<sup>2</sup>, de forma mais específica, o que Freud fez foi encontrar o referente sexual dos proferimentos de Emma, por conseguinte, seu sentido<sup>288</sup>. Esta estratégia está calcada na crença de um determinismo psíquico, mais precisamente, “a crença de que não há ações sem intenções”<sup>289</sup>.

Freud não pode conceber uma ação sem um propósito (uma finalidade) inconsciente. O domínio da intenção é estendido para além da consciência, para domínio

---

<sup>288</sup> Embora o evento sexual traumático obrigue o sujeito a uma produção contínua de sentido, entendemos que ele não deve ser tratado em termos de um acordo ao nível da significação. Não se trata de pensar o sujeito como “fonte do sentido”. Para um aprofundamento desta questão, cf. BADIOU, Alain. *Para uma Nova Teoria do Sujeito*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1994. p. 43.

<sup>289</sup> *Ibid.* p. 53.

da representações-metas (*Zielvorstellung*).<sup>290</sup> Segundo a concepção freudiana, qualquer acontecimento psíquico tomará necessariamente a forma de representação. O que leva a algumas conclusões teóricas importantes. Para Freud, os acontecimentos psíquicos remetem à ordem sexual, todavia, as representações (como os acontecimentos traumáticos) que não podem ser diretamente suportados no sistema estarão submetidas a uma “compulsão à associação” (*Assoziationszwang*), que as obriga a se inscreverem no sistema de representações. Mesmo as representações triviais, superficiais e insignificantes não se encontram isoladas, pois formam sempre “complexos”<sup>291</sup>. Elas não se referem a unidades isoladas, mas a representações que se unem (*Bindung*) entre si.

Retomando o caso Emma, podemos dizer que a cena II é que confere à cena I valor traumático. “Basta estabelecer”, nos diz Freud, um “vínculo associativo entre ambas”<sup>292</sup>. A própria Emma indica que este seria dado pelo riso.

“A marcha dos acontecimentos já pode ser reconstituída. Na loja, os dois vendedores estavam *rindo*; esse riso evocou (inconscientemente) a lembrança do proprietário. (...) Juntamente com o proprietário da confeitaria, lembrou-se de que ele a agarrou por cima da roupa; mas nesse entretanto atingiu a puberdade. A lembrança evocou o que ela certamente não estaria apta a sentir na ocasião, uma *liberação sexual*, que se transformou em angústia. Devido a essa angústia, teve medo de que os vendedores da loja pudessem repetir o atentado e saiu correndo.”<sup>293</sup>

O que pode ser considerado peculiar ou mesmo patológico, nesse processo, é a possibilidade de que “idéias incorretas” penetrem na consciência levando ao erro.

---

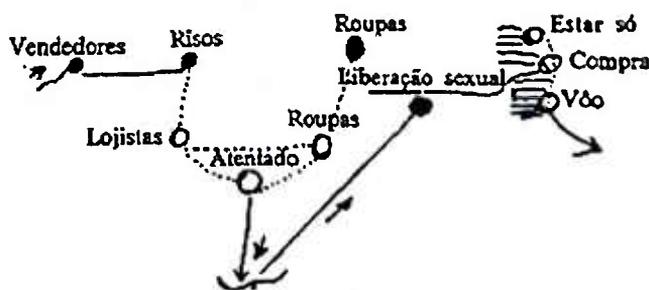
<sup>290</sup> Ver abaixo item 4.3. Da máquina desejante: as representações-meta (*Zielvorstellung*).

<sup>291</sup> FREUD, S. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1915-1917). E.S.B., vol. XV, Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 135.

<sup>292</sup> FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica (1895). E.S.B., vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 465.

<sup>293</sup> *Ibid.* p. 465-466. (Grifos nossos)

Contudo, no lugar da lembrança do atentado, Emma evoca a lembrança de suas roupas e uma *liberação sexual* que se transformou em angústia. Faz-se necessário lembrar que a angústia não foi provocada pela cena da confeitaria, mas por sua recordação, isto é, a cena traumática não encontra seu sentido por si mesma, ela só adquire valor traumático quando transformada posteriormente (*nachträglich*) em lembrança (traço mnésico). O trauma é resultado de representações investidas num *a posteriori* e não de um acontecimento em sua forma original. “As histéricas sofrem principalmente de reminiscências”<sup>294</sup>, diria Freud, em 1893. Com efeito, através dos significantes “risos” e “roupas”, a cena II se constitui como uma “repetição significativa”<sup>295</sup> da primeira. O esquema sobre a articulação das duas cenas pode ser representado da seguinte maneira:



Os pontos negros apresentados no esquema correspondem às representações das

<sup>294</sup> FREUD, S. Estudos sobre a Histeria (1893-1895). E.S.B., vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 48

<sup>295</sup> A cena I só adquire valor traumático quando é evocada pela repetição de uma cena análoga. Segundo Serge André: “Como se verá no exemplo que Freud cita para apoiar-se (o caso Emma), é só, com efeito, na repetição, que emerge sob a forma de angústia uma excitação sexual que não pôde aparecer desde a primeira vez. A repetição significativa permite designar na primeira cena – que se torna, a partir de então traumática – um real inassimilável pelo significante, um real que se refere a um gozo”. Cf. ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 78

quais Emma se lembra “conscientemente”, enquanto que os brancos correspondem as representações da cena recalçada. Poder-se-ia considerar, afirma Freud como totalmente natural que uma associação passe através de “articulações intermediárias inconscientes” antes de chegar a uma consciente, como ocorre neste caso. O que chama atenção, é que não entre na consciência aquele elo que despertaria interesse (atentado), mas outro, não significativo (roupas), que funciona enquanto símbolo do primeiro. Segundo Freud,

“Aqui deparamos com um caso em que a lembrança (recordação) desperta um afeto que pôde suscitar quando ocorreu na qualidade de experiência, porque nesse entretanto (atraso) as mudanças [trazidas] pela puberdade tomam possível uma interpretação diferente do que era lembrado.”<sup>296</sup>

A representação recalçada é de natureza sexual e uma vez que na época da cena I (confeitaria) “a liberação sexual” não foi apreensível (recordada) pela paciente, constata-se a ausência de efeitos traumáticos por ocasião desta primeira cena. Trata-se aqui de um caso típico de recalque histérico no qual só em um segundo momento é que o recalcado adquire, por “ação retardada”, seu caráter traumático. Para Freud, o recalque encontra no “atraso” da puberdade o que caracteriza sua condição geral, a sexualidade humana.<sup>297</sup>

Em seguida ele afirma:

---

<sup>296</sup> FREUD. S. Estudos sobre a Histeria (1893-1895). E.S.B., vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 468.

<sup>297</sup> No esquema apresentado, pode-se avançar um pouco mais em suas conseqüências do que o comentário textual que dele faz Freud. No texto freudiano não é explicado o que se encontra ilustrado em sua parte inferior, mais precisamente, o que figura na cena do atentado da qual parte uma seta em cuja extremidade se encontra uma lacuna e não há nenhum significante inscrito. Deste ponto vazio (desse umbigo das cadeias de representações), parte outra seta em direção à descarga sexual, ponto que a repetição faz aparecer retroativamente. A “liberação sexual”, ausente na cena I, reaparecerá *a posteriori*, desde que tornada real pela repetição significativa. Através dos processos de recalque, repetição e retorno do recalcado o sexual é produzido. Cf. ANDRÉ. S. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 79

“Sempre se comprova que a lembrança fica reprimida apenas quando se torna um trauma por *ação retardada* (*Nachträglichkeit*). O motivo desse estado de coisas é o retardamento da puberdade em relação com o resto do desenvolvimento da pessoa.”<sup>298</sup>

O termo *Nachträglichkeit* <sup>299</sup> aponta para a dimensão da temporalidade e da causalidade específica da vida psíquica. Ele consiste no fato de que as impressões ou os

<sup>298</sup> FREUD, S. Estudos sobre a Histeria (1893-1895). E.S.B., vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 468. Devemos observar que embora recorrendo a biologia, particularmente, ao conceito “retardamento da puberdade”, Freud não consegue esclarecer, neste momento, a questão sempre problemática da defasagem entre dois fatores determinantes na etiologia das neuroses: a defasagem entre o trauma, concebido como acontecimento “real”, e sua recordação.

<sup>299</sup> Freud emprega várias composições e formas do termo: *nachträglich* (posteriormente), *Nachträglichkeit* (“qualidade de ser *a posteriori* ou de ter efeito retardado” conforme os tradutores), *nachträgliche Wirkung* (efeito retardado ou efeito *a posteriori*). Frequentemente os emprega em itálico, sublinhando a importância que lhes confere. Cf. HANNS, Luis Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996, p. 80. A concepção freudiana de posterioridade é usada por Freud para designar uma temporalidade específica do aparelho psíquico, reconstruindo *a posteriori* o sentido de um determinado acontecimento, cujo significado pode ser construído numa releitura dos traços mnésicos. No entanto, em um primeiro momento, o conceito de *Nachträglichkeit* remete aos estudos de Charcot sobre a evidência clínica das neuroses traumáticas. Encontramos em Charcot diferentes alusões à idéia de ação retardada presentes na descrição da existência de intervalo de tempo entre o acontecimento traumático e produção do sintoma histerico. Esse intervalo de tempo foi denominado de “período de elaboração [*elaboration*] psíquica” Cf. FREUD, S. Estudos sobre a Histeria (1893-1895). E.S.B., vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 183. Contudo com o desenvolvimento de sua própria teoria do trauma, Freud introduz uma dimensão sexual e uma lógica temporal bem mais complexa do que a noção charcotiana. Segundo Forrester: “O surpreendente nessa teoria - embora tão característico da obra de Freud, que não deveríamos surpreender - é sua fidelidade à inspiração charcotiana original da teoria traumática das neuroses. Continua havendo um *acontecimento traumático* a que está sujeita toda a estrutura das neuroses. A superestrutura, no entanto, sofreu alterações radicais, não apenas no campo dos acontecimentos responsáveis pela causação, restrito agora aos acontecimentos sexuais, mas mudou também a maneira pela a qual um tal acontecimento pode se tornar causa, pois está agora condicionada a uma teoria da lembrança (da memória), da ‘transcrição’, de uma ‘falha de tradução’”. Cf. FORRESTER, J. **As seduções da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida**. Campinas: Papirus, 1990, p. 179. Entretanto, é necessário analisarmos as seguintes afirmações de James Strachey de que o conceito de *Nachträglichkeit* “perdeu o seu fundamento (sustentação) com a descoberta, um ou dois anos mais tarde, da sexualidade infantil e do reconhecimento da persistência dos impulsos instituais inconscientes” (FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica (1895). E.S.B., vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 468) ou mesmo que se trata de “uma teoria superada do mecanismo de histeria (FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 217n). Deve-se notar que o abandono da teoria do trauma, como causa principal da neurose, não retira a importância da noção de posterioridade. Contra a objeção de Strachey, Laplanche e Pontalis argumentam que “a melhor resposta a tal objeção encontrar-se-ia em *O Homem dos Lobos* (texto escrito vinte anos depois), em que é constantemente invocado o mesmo processo de posterioridade”. Cf. LAPLANCHE, J., PONTALIS J.-B. **Vocabulário de Psicanálise**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992, P. 444.

traços mnésicos só podem adquirir todo seu sentido e toda a sua eficácia em um tempo posterior ao da sua primeira inscrição. Contudo, a ausência de uma definição sistemática contribui para que diferentes escolas apresentassem traduções bastante heterogêneas. A versão inglesa e brasileira opta por uma tradução substantivada do termo (*Nachträglichkeit*), sugerindo *deferred action* (ação retardada). Contudo, a tradução do termo por “ação retardada” carrega consigo um viés “continuista”, colocando o inédito da descoberta freudiana em segundo plano. A tradução inglesa e brasileira sugere por “ação retardada” uma continuidade das idéias encontradas em Charcot, isto é, uma concepção estritamente empirista do trauma psíquico na qual é mantida uma determinação linear que enfatiza a ação causal do passado sobre o presente. Desse ponto de vista, a temporalidade dos processos psíquicos estaria circunscrita a uma ordem cronológica em que o presente estaria determinado pela fixidez de um acontecimento traumático no passado. Está implícita nesta posição uma concepção temporal progressiva do desenvolvimento do indivíduo através de uma maturação biológica e de uma sucessão de fases ligadas às zonas erógenas.

Todavia, a versão francesa não lhe atribui o mesmo sentido. Esta sugere o termo *après-coup* (traduzido em português por *a posteriori*) indicando que o sentido do passado só é concebido retrospectivamente a partir do presente. Segundo Laplanche e Pontalis:

“ a noção (*Nachträglichkeit*) começa por impossibilitar uma interpretação sumária que reduzisse a concepção psicanalítica da história do indivíduo a um determinismo linear que considere unicamente a ação do passado sobre o presente”<sup>300</sup>.

Nesse sentido, o termo *Nachträglichkeit* nos diz de uma reordenação de *contingências* anteriores tomadas enquanto traços de memória que estão sujeitos a rearranjos e reinscrições segundo *novas* articulações. O que é introduzido é uma dimensão lógica que mantém a relação causa e efeito, mesmo que a causa esteja presente só em um segundo momento, *a posteriori*. Sob esse aspecto, Gondar comenta:

“O *Nachträglich* põe-nos diante de um paradoxo do tempo: o acontecimento posterior que desencadeia a produção sintomática não é verdadeiramente eficaz, enquanto que a cena à qual corresponderia uma eficácia autêntica não produz a princípio qualquer efeito. O que significa dizer que a eficácia traumática não é produto do passado distante, e sim do enlace entre duas representações que, do ponto de vista da cronologia, não teriam motivo para estar em relação.”<sup>301</sup>

Essa recorrência (*Nachträglichkeit*) introduz a noção de uma causalidade no âmbito do psíquico em que o domínio do inconsciente tem a capacidade de operar como causa para efeitos na consciência. O conceito de *a posteriori*, apesar de tentar conservar ao menos a forma de uma tal explicação causal, a idéia de que um acontecimento anterior como causa de um acontecimento posterior, impõe uma exigência paradoxal: para que o acontecimento anterior possa ser causa do posterior é necessário que o posterior tenha acontecido.

---

<sup>300</sup> LAPLANCHE. J., PONTALIS J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 442.

<sup>301</sup> GONDAR J. *Os Tempos de Freud*. Rio de Janeiro: ed. Revinter, 1995, p. 53.

O conceito de *a posteriori* revela seu alcance e expressa-se para além da teoria do trauma, no processo de recalçamento. Lembremos que a correspondência entre o modelo do trauma e teoria do recalque esboçada ao final da descrição do caso Emma indicava um modo de funcionamento retrospectivo das produções do inconsciente. Assim, do mesmo modo que o trauma só adquire seu caráter traumático ao ser evocado por uma segunda representação, o recalque só se revela no retorno do recalçado. Deste modo, não haveria no tempo uma diferença entre recalque e retorno de recalçado, uma vez que o recalçado não poderia ser pensado como preexistente às formações do inconsciente: sintoma, atos falhos, sonhos. Essa reordenação do presente, do passado e do futuro levanta novas questões tanto para a teoria do funcionamento do aparelho psíquico quanto para a teoria da produção de sintomas.<sup>302</sup> Segundo Gondar

“É importante ressaltar, todavia, que o futuro do qual o recalçado retoma é futuro para um passado, mas não para um presente: o determinismo freudiano articula passado e presente, mas nada afirma sobre o porvir. (...) é evidente que, neste caso, o futuro é relativo ao passado, e não ao presente: não se trata de algo por vir com relação ao momento presente, mas sim de algo que pode receber um sentido retrospectivo, à medida que o presente se articula com o passado.”<sup>303</sup>

A psicanálise trabalha em sentido retrógrado, em direção a representações cuja a

---

<sup>302</sup> Freud afasta-se progressivamente de uma relação linear e biunívoca entre causa e sintoma. Questionando o conceito de causalidade tal como utilizado pela psiquiatria da época. Freud se aproxima cada vez mais de uma relação múltipla e estrutural entre causa e efeito. Este processo torna-se mais complexo quando se considera a sobredeterminação das produções do inconsciente. Mesmo que a articulação traumática (associação entre duas representações) funcione como modelo de uma ordenação temporal que contempla um antes e um depois lógicos, a causa última da produção do sintoma não lhe deve ser atribuída. O estabelecimento da origem ou do último elemento da cadeia de representações esbarra sempre na sobredeterminação das articulações entre representações.

<sup>303</sup> GONDAR J. Os Tempos de Freud. Rio de Janeiro: ed. Revinter, 1995. p. 56.

relevância só é conferida retrospectivamente. A idéia de um processo progressivo, de uma permanente mudança no tempo deve ser repensada, pois a análise não coloca em jogo a realização de um *telos*, não trabalha com a idéia de que essas mudanças podem ser conhecidas de antemão. Em outros termos, a análise não trabalha com a idéia de um futuro predeterminado. Como nos sugere Forrester:

“A reorganização do passado e do futuro caminham de mão dadas, sua articulação dependerá da função transferencial, pela qual o passado se dissolve no presente, de maneira que o futuro torna-se (mais uma vez) uma *questão em aberto*, em lugar de ser determinado pela fixidez do passado”.<sup>304</sup>

O conceito de *a posteriori* freudiano (*Nachträglichkeit*) torna o estatuto do passado peculiarmente fluido. Pode-se constatar esse fato pelo posicionamento freudiano frente à realidade (estatuto) das lembranças, no artigo de 1899, denominado **Lembranças Encobridoras**. Freud tende a considerar as lembranças como essencialmente encobridoras. Ele suspeita que, de fato, não possuiríamos “lembranças *de* nossa infância”<sup>305</sup>, mas, talvez, apenas dispuséssemos de “lembranças *relativas* a nossa infância”<sup>306</sup>. Assim, não haveria sentido, na investigação psicanalítica, a busca do “traço original ou originário”.

Portanto, a idéia de *Nachträglichkeit* fornece um instrumento importante para se pensar a relação entre antecedentes e conseqüentes no âmbito do psíquico; é possível

---

<sup>304</sup> FORRESTER, J. *As seduções da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida*. Campinas: Papyrus, 1990. p. 185.

<sup>305</sup> FREUD, S. *Lembranças Encobridoras* (1899). E.S.B., vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 354.

<sup>306</sup> Idem, *ibidem*.

mostrar que uma suposta correlação entre o determinismo psíquico e o “determinismo absoluto”<sup>307</sup> é inteiramente ofuscada por um tipo específico de explicação: Freud propõe uma “modalidade temporal retrospectiva”<sup>308</sup> onde é invocada a idéia de momentos que correspondem a transcrições e reinscrições que se estruturam numa leitura retroativa. A idéia de *Nachträglichkeit* rompe com a articulação sucessiva da tríade passado-presente-futuro, e promove uma descontinuidade com um determinismo linear que considere unicamente a ação do passado sobre o presente.

#### 4. 1.5. Da Carta 52: a máquina de inscrição

Na Carta 52 fica constatado que a esse modelo fundador da constituição do aparelho psíquico - o modelo de aparelho neurônico – devemos acrescentar a idéia de um aparelho de memória. Nesta carta a Fliess, Freud parte da hipótese de que o mecanismo psíquico é formado por processo de estratificação. Deste modo, “o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo*, de acordo com as novas circunstâncias – a uma *retranscrição*.”<sup>309</sup> Esse texto aponta tanto para o

---

<sup>307</sup> Faço menção à idéia que atravessará toda a física newtoniana e que encontra sua expressão última no que foi denominado o “demônio de Laplace”. Essa noção pode ser resumida da seguinte maneira: 1) dado um fenômeno, sempre será possível determinar sua causa necessária. 2) A totalidade das leis causais descreve a estrutura causal do mundo. 3) A relação entre fenômenos pela qual estes se acham ligados é tão rigorosa que, dada uma descrição completa do estado total do mundo a qualquer instante no tempo, com a ajuda das leis da física pode-se calcular qualquer evento do passado ou do futuro. A onipresença da leis e a extensão ilimitada do determinismo engendram a visão do universo como um grande relógio em que presente, passado e futuro estariam igualmente dominados.

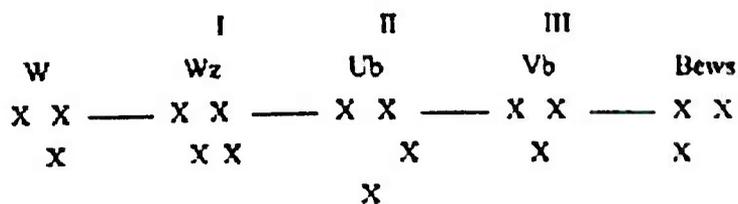
<sup>308</sup> GONDAR J. *Os Tempos de Freud*. Rio de Janeiro: ed. Revinter, 1995. p. 61.

<sup>309</sup> Carta de 6 de dezembro de 1896. Cf. FREUD, S. *Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 208.

### Projeto de 1895 como para a *Interpretação de Sonhos* (1900).

Para Freud, a memória está sujeita a reordenamentos que se constituem segundo uma sucessão de inscrições e retranscrições. Não se trata de uma máquina óptica ou neuronal (embora conserve provisoriamente a hipótese neurônica), mas de uma máquina de múltiplas inscrições em que se ordenam as percepções e representações. Freud propõe um esquema de inscrições que respeita a seqüência temporal do aparelho psíquico:

“Assim, o que há de essencialmente novo a respeito em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de só uma vez, e sim ao longo de diversas vezes, |e| que é registrada em vários tipos de indicações. Postulei a existência de uma espécie semelhante de rearranjo algum tempo atrás (*Aphasia*), com respeito as vias que provêm da periferia |do corpo até o córtex|. Não sei quantos desses registros existem – pelo menos três, provavelmente mais. Isso pode ser visto no diagrama esquemático abaixo, que pressupõem os diferentes registros também sejam separados (não necessariamente termos topográficos) de acordo com os neurônios que são seus veículos. É possível que essa pressuposição não seja necessária é a mais simples e é provisoriamente admissível.”<sup>310</sup>



O registro W (*Wahrnehmungen*) são os neurônios nos quais se produzem as percepções e aos quais se prende a consciência. Contudo não conservam em si mesmos nenhum traço do acontecimento, pois “ a consciência e memória são mutuamente

<sup>310</sup> Idem. *ibidem*.

*exclusivas*<sup>311</sup>. Nesse registro vão se dar as primeiras inscrições das percepções, os signos de percepção Wz (*Wahrnehmungszeichen*), inacessíveis à consciência e articulados segundo uma associação por simultaneidade.

A seguir temos como segundo registro ou transcrição da inconsciência Ub (*Unbewusstsein*). Ele está ordenado de acordo com outras relações, talvez causais e é também inacessível à consciência. Seus traços talvez correspondam a lembranças conceituais.

Como terceiro registro ou retranscrição, é apresentada a pré-consciência Vb (*Vorbewusstsein*). Ela está ligada às “representações-palavras” e corresponde ao nosso “eu” oficial. Os investimentos provenientes da pré-consciência tornam-se conscientes de “acordo com certas regras”. Para Freud, essa “consciência secundária do pensamento é posterior (*Nachträglich*) no tempo”<sup>312</sup> e está ligada à ativação alucinatória da representação-palavra, de modo que os neurônios-consciência viriam a ser os neurônios-percepção, desprovidos em si mesmo de memória.

Embora considere que os registros sucessivos representam conquistas psíquicas de fases sucessivas do desenvolvimento do indivíduo, Freud enfatiza que a passagem entre os registros se faz através de uma “tradução do material psíquico”. Essa tradução corresponde aos reordenamentos ou às retranscrições referidas acima. Faz-se necessário (mais uma vez) dizer que ao afirmar que os traços de memória estariam sujeitos, de tempos em tempos, a rearranjos segundo novas circunstâncias (retranscrições), Freud promove uma descontinuidade com a hipótese de uma temporalidade sucessiva que se expressaria numa

---

<sup>311</sup> Ibid. p. 209.

<sup>312</sup> Idem. *ibidem*.

determinação linear do passado sobre o presente. Ora, o que está em jogo é uma *reatualização*, uma recriação constante do passado, segundo novas articulações, de tal modo que podemos falar em várias retranscrições, cada qual correspondendo a diferentes modos de ordenamento de representações.

Segundo Freud,

“Cada transcrição posterior inibe sua predecessora e esgota seu processo excitatório. Quando falta uma transcrição posterior, a excitação é tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e seguindo as vias abertas naquela época.”<sup>313</sup>

Cada “transcrição posterior” inibe sua predecessora e desvia seu processo excitatório. Quando não ocorre uma transcrição, a excitação é tratada de acordo com as “leis psicológicas vigentes” no período psíquico precedente. Freud denomina de *fueros* essas “sobrevivência” de organizações anteriores numa alusão a antigas leis espanholas. Apesar das leis atuais, nos diz Freud, os *fueros* ainda vigentes numa ou noutra provincia asseguram privilégios imemoriais daquela região.

Caso parte do material não seja transcrita, porque, se o fizesse, geraria desprazer, temos uma falha na transcrição (tradução), a qual Freud denomina recalçamento. O recalçamento é concebido como uma recusa de tradução que geraria desprazer. Não se trata de falha mecânica, mas de mecanismo de defesa intimamente

---

<sup>313</sup> Idem. *ibidem*.

ligado à sexualidade no processo de recalçamento. Consta-se, aqui, o caráter permanente da inscrição no aparelho psíquico. O que está inscrito não pode ser “esquecido”, pois o que não pode ser “lembrado” não significa, necessariamente, não estar inscrito nos registros acima mencionados. É o que Freud nos mostrará com o recalçamento.

À medida que as inscrições vão sendo registradas, a memória vai se formando, por conseguinte, o próprio aparelho psíquico como um todo. Nesse sentido, a memória não é anterior à constituição do aparelho tampouco lhe é posterior. Retomando a definição do **Projeto** (1895): a memória é concebida enquanto diferenças entre facilitações (*Bahnungen*). Reduzir a memória a uma concepção mecânica natural é deixar de lado o fato de que ela é constituída pela articulação das *Vorstellungen*, que ela implica uma escolha de itinerários. Não se trata de uma memória estática, mas de uma memória diferencial em que um mesmo traço mnêmico pode sofrer várias inscrições, de tempos em tempos, segundo novas relações associativas.<sup>314</sup>

A introdução de noções tais como inscrição, signo e transcrição nos aproxima mais da linguagem e da escritura do que uma visão científico-naturalista ambicionada por Freud desde sua formação médica. Na **Carta 52**, temos as primeiras indicações das transformações operadas no conceito freudiano de traço mnêmico em direção ao que Freud irá denominar na *Die Traumdeutung* de texto psíquico<sup>315</sup>. Sob esse aspecto, Derrida afirma

---

<sup>314</sup> Segundo Garcia-Roza: “Não há naturalismo aqui: a memória é, desde o começo, constituída pela ‘preferência do caminho’, portanto, pela diferença. (...) Antes de qualquer tentativa de repetição do idêntico, o que ocorre é uma repetição diferencial. A memória não se acrescenta a vida para mantê-la. Repetição e diferença já estão presentes desde o começo”. GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Introdução a Metapsicologia Freudiana*, vol. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 206.

<sup>315</sup> Segundo Freud: “Ao interpretar sonhos, não dedicamos menos importância a todo matiz da forma das palavras pelas quais eles nos foram apresentados e mesmo quando acontecia que o texto do sonho, tal como tínhamos, era sem sentido ou inapropriado – como se a tentativa para dele prestar um relato correto houvesse sido mal sucedida – levamos também essa falha em consideração. Em suma, tratamos como se fosse a Sagrada Escritura aquilo que os autores precedentes haviam encarado uma improvisação arbitrária.

que na Carta 52 “o traço começa a tornar-se escritura”<sup>316</sup>. Portanto, na constituição do modelo teórico do aparelho psíquico, linguagem e escritura estão desde o início presentes.

#### 4. 2. Da máquina desejante: as representações-meta (*Zielvorstellung*)

Quando abandonamos parte de nossas funções psíquicas como inexplicável pelas representações-meta, estamos desconhecendo a extensão do determinismo na vida anímica. Tanto aqui quanto em outras esferas, ele tem um alcance maior do que suspeitamos. (Sigmund Freud, 1901)

Sob o ponto de vista tópico, descrevemos como a representação se inscreve numa teoria do aparelho psíquico dividido em sistemas. No esquema desenvolvido na *Die Traumdeutung*, o sistema perceptivo é aquele que recebe as excitações externas e não possui memória. Em seguida, temos os sistemas mnêmicos, aqueles responsáveis pela

---

apressadamente remendada perplexidade do momento”. FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 548. Freud nos propõe, na *Die Traumdeutung*, que pensemos o sonho como um escritura psíquica. Se sua natureza de texto psíquico não é imediatamente evidente, é porque não se trata de texto constituído com palavras, mas de imagens. Não obstante, as imagens nos sonhos não tem o valor de imagens, mas de signos que remetem a outros signos. Neste sentido, o sonho obedece a um modo de elaboração semelhante aos “rébus”. Em outros termos, imagens, nomes e palavras são “tratados nesse processo como os pictogramas de uma frase destinada a se transformar num enigma figurado (ou rébus)”. FREUD, S. A Psicopatologia da vida cotidiana (1901). E.S.B., vol. VI., Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 24. As imagens do sonho remetem umas às outras, produzindo um significado que nada têm, necessariamente, a ver com as referidas coisas. Isto é, a imagem é considerada em sua função de signo, ela é retirada de sua articulação natural e submetida a uma outra articulação: a ordem simbólica. Por conseguinte, o uso do termo imagem não se refere à copia da coisa, ao contrário, a imagem, enquanto signo, desprende-se da coisa e faz que as próprias coisas formem um sistema de signos/significantes que transcende inteiramente a ordem natural. Apesar da utilização do termo imagem, o que Freud nos diz é que o sonho é um texto. O foco de atenção não está no “sonho em si”, mas em seu relato.

<sup>316</sup> DERRIDA J. A Escrita e a Diferença. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971. p. 192.

retenção de traços das percepções. Na outra extremidade motora, encontra-se o sistema responsável pelo acesso à motilidade. Da mesma forma que o sistema perceptivo, este sistema não possui memória.

Freud distingue basicamente dois sistemas mnêmicos: Inconsciente e Pré-consciente. O primeiro contém as representações inconscientes que não têm acesso à consciência enquanto tais. O segundo contém as representações pré-conscientes/conscientes. Nesse registro (pré-conscientes/conscientes), os traços de memória estão associados ao sistema mnêmico dos signos lingüísticos (representação-palavra), o que não os impedem de penetrar na consciência sob certas condições. Freud utiliza vários termos para nomear o conteúdo do sistema mnêmico, entre eles, destaca-se a noção de representação-meta (*Zielvorstellung*). Segundo Laplanche e Pontalis, a representação-meta foi

“ o termo forjado por Freud para exprimir o que orienta o curso dos pensamentos, tanto conscientes como pré-conscientes e inconscientes: existe em cada um desses níveis uma finalidade que assegura entre os pensamentos um encadeamento que não é apenas mecânico, mas determinado por certas representações privilegiadas que exercem uma verdadeira atração sobre outras representações.”<sup>317</sup>

Freud assinala, através do emprego do termo representação-meta, que as associações obedecem a uma certa finalidade, sobretudo a uma finalidade inconsciente.

---

<sup>317</sup> LAPLANCHE, J., PONTALIS J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 586.

Essas representações estão mais próximas de fantasias inconscientes do que qualquer outra. Segundo Laplanche e Pontalis, essa interpretação se justifica, se levarmos em conta os primeiros modelos apresentados por Freud do funcionamento do pensamento. Esse só é possível porque as representações-meta permanecem investidas e exercem, através das *Banungen*, uma atração que torna mais permeável e mais facilitado os caminhos que delas se aproximam. Em outras palavras, trata-se de uma representação de desejo (*Wunschvorstellung*)<sup>318</sup>.

Sob esse ponto de vista, a divisão entre representação inconsciente e pré-consciente/consciente depende das leis de circulação de investimentos (energia psíquica) a que as representações se submetem. Assim, poderíamos dizer, no que diz respeito às transferências de investimentos, que as representações inconscientes estão submetidas às leis do processo primário e, por conseguinte, que as representações pré-conscientes/conscientes estão submetidas ao processo secundário. Essas transferências de investimento entre representações leva Freud a postular os mecanismos de condensação, deslocamento e sobredeterminação como fundamentais para o processo de associação (*Assoziation*) entre representações, particularmente na formação de cadeias de representações. Para Freud, essas cadeias de representações são formadas a partir de uma representação-meta para a qual foi transferido um desejo inconsciente.

Segundo Laplanche e Pontalis:

**“Ele [o termo representação-meta] põe em evidência o que há de original na concepção freudiana de determinismo psíquico: o curso dos pensamentos nunca é indeterminado, isto é, livre de qualquer espécie de lei, e, mais, as leis que regem não são as leis puramente mecânicas definidas pela doutrina associacionista, segundo a qual a sucessão das associações pode sempre**

---

<sup>318</sup> Ibid. p. 587.

reconduzir-se à contigüidade e à semelhança, sem haver razão para que se lhe reconheça um sentido mais profundo”<sup>319</sup>

Na concepção freudiana, as representações só adquirem sentido se consideradas inseridas nas cadeias de representações. As leis que regem não são aquelas definidas pela doutrina associacionista, ou mesmo por uma associação mecânica entre representações atomizadas e independentes. Ao contrário, as cadeias de representações emergem a partir do deslocamento de investimentos das *Bahnungen* selecionadas pelas representações-meta. Por estarem intimamente associadas ao desejo, as representações-meta seriam as representações privilegiadas para orientar e assegurar o encadeamento das associações entre representações. No associacionismo freudiano, a vida psíquica obedece a uma finalidade inconsciente. Por conseguinte, um determinismo nos eventos psíquicos é explicitado.

“A modificação do sonho”, afirma Freud, “no decurso de sua rememoração e colocação em palavras”<sup>320</sup> é rigorosamente determinada. Em outros termos, ele nos diz que:

“De uma modo bastante geral, pode-se demonstrar que, se um elemento é deixado indeterminado por um certo encadeamento de pensamentos, sua determinação é imediatamente efetuada por um outro. Por exemplo, posso tentar pensar arbitrariamente um número, mas isso é impossível o número que me ocorrer será inequívoca e necessariamente determinado por pensamentos meus, embora eles possam achar-se afastados da minha intenção imediata. As modificações a que os sonhos são submetidos sob a coordenação (*Redaktion*) da vida de vigília são tão pouco arbitrárias quanto essas. Elas acham-se associativamente ligadas ao material que substituem e servem para indicar-nos o

<sup>319</sup> Idem. *ibidem.* (grifos nossos)

<sup>320</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 548.

caminho a esse material, que, por sua vez, pode ser o sucedâneo de alguma outra coisa.”<sup>321</sup>

Freud alega que a extensão do determinismo nos eventos psíquicos havia sido, até então, subestimada<sup>322</sup>. Pode-se demonstrar que, se um elemento deixa de ser determinado por certa cadeia de pensamentos, sua determinação é imediatamente comandada por outra. Freud toma como exemplo o “jogo” de associação de números ao acaso, remetendo-nos, em seguida, ao capítulo denominado *Determinismo, crença no acaso e superstição - Alguns pontos de vista em A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), livro no qual estava trabalhando ao mesmo tempo em que preparava a *Interpretação de Sonhos* (1900), conforme nota de rodapé acrescentada em 1909<sup>323</sup>.

A partir do exemplo acima mencionado, Freud expõe algumas de suas teses sobre a extensão do determinismo psíquico. Nas palavras de Freud:

“Se cedemos ao ponto de vista de que parte do nosso funcionamento psíquico não pode ser explicado por idéias intencionais (**representações-meta**), estamos falhando ao avaliar a extensão da determinação (determinismo) na vida mental. Tanto aqui como em outros campos esta é de alcance muito maior do que suspeitamos. Num artigo [no jornal de viena] *Die Zeit* escrito por R. M. Meyer, o historiador da literatura, que li em 1900, expunha-se e ilustrava-se o ponto de vista de que é impossível compor um absurdo de maneira intencional e arbitrária. Há muito tempo sei que não somos capazes de fazer com que um número nos ocorra por livre escolha, do mesmo modo como um nome não nos pode ocorrer assim. A investigação de um número composto de maneira aparentemente arbitrária – um, digamos, número grande que alguém diz por gracejo ou num momento de bom humor – revela que este é **estritamente determinado**, de uma maneira que realmente nunca teríamos considerado ser

<sup>321</sup> Ibid. p. 549

<sup>322</sup> Conforme explicitamos no capítulo anterior, a tradição científica concebia o sonho enquanto mero estímulo interruptor do sono, recusando-se, por conseguinte, a concebê-lo enquanto um fenômeno estritamente determinado.

<sup>323</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 549 n.

possível.”<sup>324</sup>

Nesse texto, Freud enumera vários exemplos que mostram a determinação de escolhas de números e nomes aparentemente surgidos ao acaso. Destacamos entre eles o exemplo, mencionado na carta de 27 de agosto de 1899, sobre os erros de revisão da *Traumdeutung*. Freud escrevera à Fliess informando-lhe que havia terminado de corrigir as provas da **Interpretação de Sonhos** e que não pretendia fazer quaisquer outras mudanças no livro, mesmo se nele houvesse “2467 erros”. Em seguida, Freud tentou explicar esse número a si mesmo acrescentando uma pequena análise como pós-escrito à carta. Ao se perguntar pelo número 2467, Freud comenta:

“(...) pretendia dizer qualquer número muito grande, mas esse número particular emergiu. Contudo, nada na mente é arbitrário ou indeterminado. Por isso você também terá razão de achar que o inconsciente se apressou em determinar o número que foi liberado pela consciência.”<sup>325</sup>

Após uma longa associação com números, circunstâncias e eventos que foram lembrados, Freud conclui que nem mesmo o número 2467, lançado “irrefletidamente” por ele, estava “isento dos determinantes do inconsciente”<sup>326</sup>. Exemplos dessa natureza objetivam, segundo Freud, demonstrar que não somos capazes de fazer com que um número nos ocorra por “livre escolha”. Eles seriam estritamente determinados por certas circunstâncias e marcas mnêmicas cuja finalidade nos remete para o campo do

---

<sup>324</sup> FREUD, S. A *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901). E.S.B., vol. VI., Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 288. (grifos nossos)

<sup>325</sup> Ibid. p. 291.

<sup>326</sup> Ibid. p. 292.

inconsciente. O determinismo psíquico perpassa todo seu método. Por que, *a priori*, Freud acreditava que todo comportamento ou todo discurso, mesmo aparentemente fortuito ou sem significação, precisava ser explicado. Desse modo, o papel da interpretação e da teoria era o descobrir suas causas ocultas.

#### 4. 3. Da Lógica do esquecimento: o furo na máquina

Freud enfatiza que o conteúdo do sonho diz respeito tanto às vivências daquele que sonhou quanto à recordação das experiências passadas. A atividade onírica é entendida como uma forma de pensamento dotada de sentido que pode ser, portanto, compreendida através de um laborioso processo de interpretação. Contudo, Freud levanta algumas possíveis alegações sobre a recordação do conteúdo do sonho, tendo em vista o caráter fragmentário e distorcido que sua lembrança expressa. Essas objeções são apresentadas da seguinte forma:

“Temos todas as razões para suspeitar que nossa lembrança de sonhos não é apenas fragmentária, mas positivamente imprecisa e falsificada. Por um lado, pode-se duvidar se aquilo que sonhamos era realmente tão desconexo e nebuloso quanto nossa lembrança dele e, por outro, pode-se duvidar também se um sonho era realmente tão coerente quanto o é no relato que dele fornecemos, seja se ao tentar reproduzi-lo não preenchemos o que nunca lá esteve ou foi esquecido com material novo e arbitrariamente escolhido, seja se não lhe acrescentamos adornos e o torneamos de maneira a não haver possibilidade de determinar qual possa ter sido o seu conteúdo original.”<sup>327</sup>

---

<sup>327</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 546.

Freud questiona-se sobre as garantias de que realmente conhecemos os sonhos tal como foram recordados. Nossa memória pode falsear os sonhos, mutilando-os, deixando-os imprecisos, desconexos, ou mesmo, acrescentando adornos que nunca existiram. Dessa maneira, parece haver o perigo de que a “a própria coisa cujo valor nos propusemos avaliar possa se nos escapar entre os dedos”<sup>328</sup>.

No entanto, “à luz de nossa compreensão recentemente adquirida”<sup>329</sup> sobre os sonhos, nos diz Freud, essas questões desaparecem completamente. Para responder às objeções acima, Freud toma como ponto de partida a distinção entre o sonho e seu relato. É necessário distinguir o sonho de sua rememoração. Por conseguinte, o ato de lembrar implica em destacar o papel da memória no relato dos sonhos, como também é necessário distinguir o sonho de sua colocação em palavras. Freud não concede importância aos sonhos propriamente, mas aos pensamentos oníricos aos quais ele remete. Ele pretende demonstrar que o “texto do sonho”, objeto da interpretação por excelência, é um produto de um “trabalho” que obedece a uma determinação específica. É nesse sentido que Dayan afirma que a “originalidade radical do método empregado nesta obra sem igual consiste em tratar a própria interpretação, procedendo ao inverso da causalidade psíquica que supostamente produziu o sonho”<sup>330</sup>.

Sob esse aspecto, a análise de sonhos demonstra, ao contrário dos autores precedentes (esses haviam encarado a interpretação como uma improvisação arbitrária), que até mesmo “os elementos mais triviais de um sonho” são indispensáveis para a sua

---

<sup>328</sup> Ibid. p. 547.

<sup>329</sup> Ibid. p. 548.

<sup>330</sup> Cf. DAYAN, M. *La Causalité Psychique: introduction critique à quelques apories freudiennes. Psychanalyse à l'Université*, 7 (25), 1980, p. 30. No original: “l'originalité radicale de la méthode employée dans cet ouvrage sans pareil consiste à traiter l'interprétation elle-même comme devant procéder à l'inverse de la causalité psychique qui est censée avoir produit le rêve.”

interpretação. Mesmo que o relato do sonho seja fragmentário ou inexato, não devemos concebê-lo enquanto um fenômeno arbitrário. Enfocados do ponto de vista da organização pré-consciente/ consciente os sonhos são considerados como desordenados e absurdos, entretanto, quando submetidos a uma análise a partir da teoria do inconsciente, revelam uma lógica própria dotando-lhes de sentido.

As idéias latentes, uma vez recordadas e traduzidas em palavras, são profundamente modificadas pela censura. Nesse sentido, o esquecimento dos sonhos permanece sem explicação a não ser que se leve em conta a ação da censura (*Zensur*) e da resistência (*Winderstand*). Segundo Freud, a censura comanda a deformação a que são submetidos os pensamentos latentes pelo trabalho do sonho. Ele designa por resistência, tudo aquilo que “*interrompe o progresso do trabalho analítico*”<sup>331</sup>. No texto denominado **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1915-1917)** a distinção entre censura e resistência é expressa da seguinte forma:

“Apercebemo-nos de que nossos esforços de abrir caminho desde o elemento onírico até o elemento inconsciente, do qual aquele é um substituto, encontravam uma *resistência*. Essa resistência, dissemos, poderia ser de diferentes magnitude, às vezes enorme, às vezes quase insignificante. Nesse último caso, temos de passar através de apenas alguns elos intermediários em nosso trabalho de interpretação. No entanto, quando a resistência é grande, temos de percorrer longas cadeias de associações a partir do elemento onírico, somos conduzidos para longe deste e, em nosso caminho, temos de vencer todas as dificuldades representadas pelas objeções críticas às idéias que ocorrem. O que encontramos sob a forma de resistência, em nosso trabalho de interpretação, deve agora ser introduzido na elaboração onírica como censura de sonhos. A resistência à interpretação é apenas uma efetivação (*Objektivierung*) da censura dos sonhos”<sup>332</sup>

<sup>331</sup> FREUD. S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 551.

<sup>332</sup> FREUD.S. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1915-1917). E.S.B., vol. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 170-1

Freud pensa a resistência como uma forma de objetivação da censura necessária para o trabalho analítico. Quanto maior a resistência, mais próximo estaríamos da verdade do desejo inconsciente. O trabalho de interpretação se faz a partir das resistências impostas pelo sonhador cuja uma das expressões mais comuns, segundo Freud, é o julgamento crítico sobre o sonho.

Por outro lado, faz-se necessária a reflexão sobre o papel do recalque em relação ao esquecimento dos sonhos, pois o mesmo está intimamente relacionado com os elementos do conteúdo latente que foram suprimidos do conteúdo manifesto e que serão posteriormente construídos pela análise. Para Freud, “a repressão (ou, mais precisamente a resistência criada por ela) é a causa tanto das dissociações quanto da amnésia que se liga ao conteúdo psíquico.”<sup>333</sup>

Não obstante, a censura não se coloca como uma propriedade psicológica do sujeito, mas como uma mensagem interrompida que se revela nas lacunas do conteúdo manifesto e na “transferência de intensidades entre representações”<sup>334</sup>. Sob esse aspecto, a censura se

<sup>333</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 556.

<sup>334</sup> O termo transferência é designado, inicialmente, na *Die Traumdeutung* como não fazendo parte da essência da relação terapêutica. Encontramos o termo transferência sendo empregado no sentido de deslocamento de intensidades. “Quando consideramos o trabalho de condensação, afirma Freud, somos levados a supor que as intensidades que se vinculam às idéias podem ser completamente transferidas, pela elaboração onírica, de uma idéia a outra”. FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 579. O sonho se apodera dos restos diurnos para transformá-los com um valor diferente, com uma significação diferente daquela do momento de sua primeira emergência. Assim, o desejo onírico investe essas formas esvaziadas de sentido de um novo significado. Permanecendo numa condição inconsciente, o desejo se exprime apoderando-se das representações mais triviais, superficiais e insignificantes. Trata-se de um disfarce que possibilita uma representação inconsciente acessar a consciência. Nesse sentido, o desejo apodera-se de formas errantes, que foram despojadas de significação e que funcionam separadas de sua significação primeira. Segundo Miller, isso mostra a inutilidade do método de decifração mediante uma chave fixa (algo análogo a um dicionário de sonhos). Além de ignorar os mecanismos de deslocamento, condensação e sobredeterminação, a chave dos sonhos estaria fundada na crença de que cada significante corresponde, de forma unívoca, ao seu significado. Nesse caso, bastaria consultar um dicionário ou uma tabela de tradução para passar do significante ao significado. No entanto, se nos ativermos, por um momento a *Die Traumdeutung*, verificaremos a incompatibilidade desse método com a concepção freudiana. “pois precisamente esses significantes, nos diz Miller, só valem na medida em que foram esvaziados da significação, e se trata de tornar a encontrar, a cada vez, essa significação em particular.

revela como parte do texto frente ao trabalho de interpretação. Muito longe de impedir ou de perturbar sua leitura, só se poderá lê-lo na censura, ela o constitui.

O método de interpretação de sonhos “consiste em abandonar todas aquelas idéias intencionais (*Zielvorstellung*) que normalmente dirigem nossas reflexões”<sup>335</sup>. Segundo Freud, devemos focalizar nossa atenção num elemento isolado do sonho e tomar nota de todos os pensamentos involuntários (*ungewollten Gedanken*) que possam ocorrer-nos ligados a ele. “Deixamo-nos ser levados por nossos pensamentos, sem importar-nos com a direção s que eles nos conduzem e vagamos, dessa maneira, de uma coisa a outra”<sup>336</sup>. Freud acredita que, ao fim, chegaremos aos pensamentos oníricos de que o sonho se originou. Entretanto esse procedimento estaria sujeito a fortes objeções por parte dos críticos. Nas palavras de Freud:

“Nossos críticos argumentam contra isso (o método interpretativo) segundo as seguintes linhas: não há nada de maravilhoso no fato de que um elemento isolado do sonho nos conduza a *alguma parte*; toda idéia pode ser associada a *algo*. O que é excepcional é que tal seqüência de pensamentos sem destino e arbitrária aconteça conduzir-nos aos pensamentos oníricos. A probabilidade é de que estejamos enganando a nós mesmos. (...) tudo isso é completamente arbitrário; estamos simplesmente explorando ligações fortuitas de uma maneira que fornece um efeito de engenhosidade. Desse modo, quem quer que se dê a tal trabalho inútil pode extrair qualquer interpretação que lhe apraza de qualquer sonho.”<sup>337</sup>

---

Nesse sentido, a transferência, a primeira transferência freudiana, é o processo geral das formações do inconsciente – o sonho, o lapso, o chiste – é que o desejo se mascara e se aferra a significantes esvaziados, enquanto tais, de significação”. Cf. MILLER, Jacques-Miller. *O Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1897. p. 59.

<sup>335</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 562.

<sup>336</sup> Idem. *ibidem*.

<sup>337</sup> *Ibid* p. 562-563.

Se de fato tais objeções fossem levantadas, poder-se-ia apelar em primeiro lugar, nos diz Freud, para as surpreendentes ligações com outros elementos do sonho que emergem enquanto seguimos uma de suas representações isoladas. Poder-se-ia também apelar, em segundo lugar, para a improbabilidade de que se pudesse chegar a algo capaz de dar uma explicação tão exaustiva do sonho senão seguindo ligações psíquicas já estabelecidas. Por último, contra tais objeções, poder-se-ia argumentar que o procedimento de interpretar sonhos é o mesmo aplicado na solução de sintomas. Desse modo, não haveria motivo para se esquivar do problema de como é possível chegar a um objetivo preexistente seguindo o curso fortuito de uma cadeia de pensamentos arbitrária e sem propósito. Quando, no processo de interpretar um sonho, abandonamos a reflexão e deixamos que emerjam representações involuntárias, não podemos afirmar que estejamos sendo arrastados por uma corrente de representações sem propósito algum. Ao contrário, Freud afirma que

“Pode ser demonstrado que tudo de que podemos liberta-nos são idéias intencionais (representações-meta) que nos são *conhecidas*; assim que houvermos feito isso, as idéias intencionais (representações-meta) *desconhecidas* — ou, como dizemos sem precisão, “inconscientes” — tomam conta e, daí por diante, determinam o curso das idéias (representações) involuntárias. Nenhuma influência que possamos aplicar a nossos processos mentais (anímicos) poderá capacitar-nos a pensar sem idéias intencionais (representações-meta), nem estou ciente de quaisquer estado de confusão psíquica que possam fazê-lo.”<sup>338</sup>

Tanto nos sonhos, como nos processos formadores dos sintomas, o pensamento é

---

<sup>338</sup> Ibid. p. 563.

regido pelas representações-meta. Essas assumem o comando e determinam o curso das cadeias de representações, apontando, desse modo, para o determinismo psíquico. “Os psiquiatras, afirma Freud, apressaram-se demais a este respeito, em abandonar sua crença na conexão dos processos psíquicos”<sup>339</sup>.

A influência da censura vai se fazer presente sempre que uma cadeia de pensamentos for empurrada para o primeiro plano por representações-meta que permaneceram ocultas. Conforme Freud,

*“Sempre que um elemento psíquico se acha ligado a outro por uma associação objetável ou superficial, há também entre eles uma ligação legítima e mais profunda que está sujeita à resistência da censura.”*<sup>340</sup>

A razão do predomínio de associações superficiais não está no abandono das representações-meta, mas sim na pressão da censura. As associações superficiais substituem as profundas se a censura torna intransitáveis os caminhos normais de ligação. Podemos imaginar, nos sugere Freud, a título de analogia, uma região montanhosa onde uma interrupção geral do tráfego (devida a inundações, por exemplo) bloqueou as estradas principais e mais importantes. Contudo, existem locais onde as comunicações ainda são mantidas através de trilhas inconvenientes e íngremes, normalmente utilizadas apenas pelos caçadores.

Dois casos podem ser distinguidos aqui, embora, em essência, eles sejam o mesmo. No primeiro caso, a censura converge para a “ligação” entre dois pensamentos. Estes entram na consciência em sucessão, em seguida, uma ligação superficial entre

---

<sup>339</sup> Ibid. p. 563-564.

<sup>340</sup> Ibid. p. 565.

pensamentos substitui aquela que se tornou oculta. De modo geral, Freud nos explica que a ligação superficial está vinculada a uma parte do “complexo de representações”, muito diferente daquela em que se baseia a “ligação suprimida e essencial”. O segundo caso é aquele em que a censura é dirigida aos dois pensamentos por causa de seu conteúdo. Com efeito, esses dois pensamentos aparecem substituídos numa forma modificada de maneira a possuir uma ligação superficial que reproduza o vínculo essencial que relaciona os mesmos. “*Em ambos os casos,*” afirma Freud, “*a pressão da censura resultou num deslocamento de uma associação normal e séria para uma associação superficial e aparentemente absurda*”<sup>341</sup>.

Portanto, a censura, ao provocar a desconexão entre duas idéias, desloca uma associação normal para outra superficial. Desse modo, as associações profundas são recalçadas e substituídas por associações superficiais. O objetivo de Freud é elevar as associações superficiais ao estatuto de objeto de interpretação. Baseado nesse mecanismo de determinação, Freud propõe aos seus pacientes que se abstenham de qualquer juízo ou reflexão e lhes pede que comuniquem o que lhes vem à mente. Em outros termos, Freud propõe que se entreguem à “associação livre”, a regra fundamental da técnica psicanalítica<sup>342</sup>.

<sup>341</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 566.

<sup>342</sup> Há uma espécie de “determinismo implícito”, nos diz Miller, na experiência analítica, à medida que o sujeito é convidado a dizer o que lhe passa pela cabeça. Haveria uma espécie de crença na racionalidade de tudo o que se produz, e o psicanalista viria a sustentar esse ato a partir do qual o analisante pode trabalhar. Segundo Miller “o que distingue a psicanálise de todas as iniciações, das ascetes contemplativas que se conheceram na antigüidade, e até das vagas manipulações corporais que hoje em dia estão novamente em moda, de todos os exercícios em que se tenta libertar o sujeito de suas mágoas, animá-lo, suggestioná-lo, estimulá-lo; o que distingue o exercício psicanalítico de qualquer iniciação é precisamente que o sujeito, para que a psicanálise opere, não tem de se entregar à menor preparação mental, à menor ascese. Pelo contrário: o sujeito da psicanálise deve vir sem preparação, oferecer-se ao exercício sem qualquer purificação prévia, deve ir regularmente às sessões, de forma burocrática, podemos dizer, e dizer tudo que lhe passar pela cabeça. Não deve preparar discursos bonitos, não se trata de se purificar pela linguagem, e, sim, pelo contrário, entregar o material em desordem. E qual é a operação própria do psicanalista? Garantir que todo esse

Passada essa etapa, Freud pode, então, enunciar os dois teoremas considerados os pilares básicos da técnica psicanalítica. Segundo Freud:

“Na psicanálise das neuroses se faz o uso mais completo desses dois teoremas – que, quando idéias intencionais conscientes são abandonadas, as idéias intencionais ocultas (representações-meta) assumem o controle da corrente de idéias e que as associações superficiais apenas substitutas por deslocamento de associações mais profundas e suprimidas. Na verdade, estes teoremas transformam-se em pilares básicos da técnica psicanalítica.”<sup>343</sup>

Freud não se contenta com o discurso localizado através do conteúdo manifesto do sonho, porque desconfia de sua natureza *a priori*, distorcida. A partir da interpretação, opera-se uma ruptura com as cadeias de associações provisoriamente explícitas, visando reconstituir uma “verdade aproximada” do inconsciente; algo da ordem das idéias intencionais ocultas (representações-metas) podem estar sendo veiculadas ao discurso. “Algo” que, por estar excessivamente próximo, irrompe a cadeia discursiva, conferindo unidade significativa a essas associações.

Uma vez obtida uma interpretação coerente, teríamos, de fato, esgotado o trabalho interpretativo? Essa pergunta deve ser respondida negativamente. O sentido de um sonho, nos diz Freud, não se esgota numa única interpretação, pois esse sentido está submetido ao mecanismo de sobredeterminação. Esse mecanismo diz respeito a uma pluralidade de significações investidas em um único e mesmo elemento, mais precisamente: a idéia de uma determinação múltipla. Em princípio, a produção de sentido a partir dos conteúdos do

---

material, entregue em desordem, tem uma causa. Nesse ponto, o postulado fundamental da psicanálise é **determinista. Tudo tem uma causa.** Cf. MILLER, Jacques- Miller. *O Percorso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1897. p. 52. (grifos nossos)

<sup>343</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 567.

sonho é inesgotável. Trata-se de uma polissemia irredutível. O conceito de sobredeterminação nos envia diretamente à técnica da interpretação em função da multiplicidade de fatores determinantes do sentido do sonhos. Segundo Freud,

“cada um dos elementos do conteúdo do sonho é supradeterminado (sobredeterminado) pelo material dos pensamentos oníricos; não se origina de um único elemento desses pensamentos, mas pode ter sua origem remontada a todo um número deles.”<sup>344</sup>

O conteúdo manifesto pode representar vários elementos latentes ou um mesmo pensamento latente pode ser representado em várias partes do conteúdo manifesto do sonho. Nesse sentido, podemos dizer que a sobredeterminação é o efeito do trabalho de condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*). Essa não é apenas uma característica do sonho, mas de qualquer formação do inconsciente. Ela torna inesgotável o sentido de um sonho numa única interpretação.

Assim, tanto o sonho considerado como um todo quanto seus elementos considerados isoladamente sofrem a ação do mecanismo de sobredeterminação. Um mesmo sonho engloba várias realizações de desejo, constituindo cadeias onde o sentido é sobredeterminado, o que, a rigor, nos impede de estabelecer o primeiro termo da série, o

---

<sup>344</sup> FREUD, S. Sobre os Sonhos (1901). E.S.B., vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 691

traço mnêmico originário. Essas cadeias são designadas como linhas (*Linie*), encadeamentos (*Verkettung*), e tecem verdadeiras redes denominadas, por Freud, de pontos nodais (*Knotenpunkten*). Ao admitir o traço mnêmico originário na cadeia de representações, estaríamos admitindo que existe o primeiro termo que é o significado derradeiro dos demais. Freud descarta essa idéia ao afirmar que o sentido do sonho não se esgota em uma única interpretação, ele é sobredeterminado.<sup>345</sup> O mecanismo de sobredeterminação aponta para “inacabamento constitutivo” do trabalho de interpretação; mais precisamente, ele aponta para a ausência desse primeiro termo na cadeia de representações. Portanto, supor que existe uma representação primeira, um traço mnêmico originário, um texto do sonho original, permanente e imutável é tornar inviável a idéia de um aparelho de memória (a memória dos sistemas  $\psi$ ), no qual os traços são inscritos, transcritos e retranscritos conforme uma temporalidade específica do inconsciente, o tempo *Nachträglich*. Para além de qualquer modelo mecanicista ou naturalista, a idéia de determinismo psíquico designa justamente esse processo de fixação retrospectiva dos acontecimentos psíquicos. Ao afirmar que todos os fenômenos psíquicos são estritamente determinados, Freud não está afirmando que podemos, *a priori*, predizer o que vai acontecer, mas sim que, uma vez ocorrido algo, é possível remetê-lo a uma série determinante.

Por outro lado, a questão da sobredeterminação nos envia ao que Freud chama de o “umbigo do sonho”, o “ponto de contato com o desconhecido”.<sup>346</sup> Freud nos diz que

---

<sup>345</sup> O conceito de sobredeterminação tem desdobramentos teóricos significativos no campo filosófico. Tomado de empréstimo da Psicanálise, via Lacan, o conceito de sobredeterminação possibilita Althusser questionar as filosofias ligadas à questão da origem, de uma essência ou do fundamento. Cf. Anexo I.

<sup>346</sup> FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 119.

toda interpretação encontra seu limite em ponto não-cognoscível para o qual converge todo o sistema de representações. Como observa Freud,

“Este é o ponto central do sonho, o ponto de onde ele mergulha para o desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, possuir qualquer término definido; acham-se obrigados a ramificar-se em todas as direções dentro de uma intrincada rede de nosso mundo de pensamentos. É num certo lugar em que essa malha é particularmente fechada que o desejo onírico se desenvolve, como um cogumelo de seu micélio.”<sup>347</sup>

Quanto mais avançamos numa tentativa de esgotar a interpretação, mais nos aproximamos de ponto onde o sonho mergulha para o desconhecido. Existe um ponto, ponto de fuga, que não se deixa explicar pelo funcionamento de uma máquina. Trata-se do ponto de ruptura com a própria interpretação, da recusa de um começo absoluto ou de um ponto final da tarefa interpretativa. Em outros termos, o que está em jogo é a recusa de um texto original no qual todos os demais estão submetidos a distorções encobridoras de um significado original.

Todavia, a psicanálise não se propõe a interpretar tudo, pois o ato da fala não implica em falar tudo. Persistirá sempre um não-cognoscível (o umbigo da própria linguagem), o que lhe retira do campo amplo de uma hermenêutica.

Essa lacuna aponta para a impossibilidade de unificar o aparelho psíquico, de transformar o inconsciente como parte da consciência; mais ainda, Freud nos diz que “as forças incontroladas e indestrutíveis” que tem o “poder demoníaco de produzir o desejo”<sup>348</sup> estão em lugar inacessível. Para Freud, nenhum saber pode ter a pretensão de um

<sup>347</sup> Ibid. p. 560.

<sup>348</sup> FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E.S.B., vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 652.

conhecimento completo, não somente porque essa lacuna não pode ser esgotada pela ordem simbólica, mas, acima de tudo, porque há um desconhecimento intrínseco ao sujeito do próprio desejo que o move. O que Freud postula é que haveria, assim, um limite no saber ou, mais precisamente, um limite interno ao saber que separa irremediavelmente a parte consciente de outra desconhecida do próprio sujeito: a verdade de seu desejo. Ao dizer que o umbigo dos sonhos remete a um ponto não-cognoscível, Freud não está abrindo mão da dimensão simbólica que caracteriza essencialmente a Psicanálise, mas sim admitindo a possibilidade de um limite da palavra, de algo que está para além do princípio do prazer, para além dos jogos dos signos, que diz respeito ao real da pulsão. Nesse sentido, Freud denuncia a ilusão de completude, afirmando a finitude do saber frente o “poder demoníaco do desejo inconsciente”<sup>349</sup>.

Portanto, numa atitude que determina a especificidade de sua teoria e que o diferencia dos saberes de seu tempo, Freud não faz dessa insuficiência signo do fracasso da razão. Tampouco exalta a evidência dessa irreducibilidade, isto é, Freud não promove o inconsciente a uma existência incondicionada e indeterminada (a atitude científico-naturalista), relegando-o à irracionalidade e ao mistério (a atitude sobrenaturalista). Freud não recua frente a essa insuficiência; ao contrário, ele positiva essa insuficiência a cada etapa de sua obra, transformando aquela em conceitos fundamentais. Dessa maneira, ele pôde sustentar e propor o determinismo psíquico como um horizonte a ser alcançado em suas formalizações; acima de tudo, porque nunca se negou a enxergar a precariedade delas. Malgrado sua tentativa de se desviar, nem sempre com êxito, das antinomias e das

---

<sup>349</sup> Se o inconsciente não se deixa conhecer plenamente, como nos diz Foucault, o seu não reconhecimento é a condição de sua própria história. Cf. FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas*. Lisboa: Portugalia, 1968.

armadilhas teóricas que envolviam as idéias de determinismo, causalidade interna/externa, memória/percepção, dentro/fora, mesmo/outro, centro/descentramento, entendemos que a noção de determinismo psíquico fornece-nos um instrumento teórico de significativa importância para abordar tais problemas, falsamente considerados psicológicos, como problemas lógicos.

## CONCLUSÃO

Para a conclusão dessa dissertação, acreditamos ser conveniente perfazer a seqüência do seu desenvolvimento, privilegiando aqueles pontos conquistados a cada capítulo e mantendo sempre presente o objetivo maior do nosso trabalho, que é a compreensão da noção de determinismo psíquico, tal como Freud a enuncia na *Die Traumdeutung*.

Em um primeiro momento, procuramos delimitar algumas das significações que a idéia de determinismo adquire no pensamento filosófico, mais precisamente, limitamo-nos às discussões em torno da idéia de “determinismo clássico”, que teve seu apogeu no Século XIX com o chamado “demônio de Laplace”. Em seguida, acompanhamos seus desdobramentos no campo da Biologia com o intuito de elucidar, nos “anos de formação” de Freud, o solo no qual essa problemática emerge.

No primeiro capítulo, enfatizamos que o grande sucesso das teorias desenvolvidas por Newton e seus sucessores deram alento aos defensores do determinismo. As doutrinas deterministas mostravam-se intimamente ligadas a uma concepção mecanicista do universo, favorecendo uma forte correlação entre determinismo e mecanicismo.

O determinismo passava a significar a explicação completa do funcionamento de uma máquina. A idéia de máquina passava a ser sinônimo de previsibilidade. Por conseguinte, o pêndulo passa a simbolizar, talvez melhor do que qualquer outro modelo mecânico, a periodicidade e o comportamento previsível na natureza. Através do pensamento newtoniano, o real passara a ser matematizável, logo, o conceito de causa começa a ser expresso por fórmulas matemáticas. Não resta dúvidas de que o sucesso da

Mecânica clássica e de seu poder de predição impulsionaram as discussões em torno do determinismo. Nada no mundo físico ocorria fortuitamente: todo fenômeno teria uma causa, o que precederia necessariamente. Vimos que essa crença estava calcada na proposição de que a idéia do determinismo se revestia, de maneira geral, na forma do princípio de causalidade. Este tornava-se um princípio fundamental e necessário à ciência, pois não se duvidava de sua “verdade objetiva” ou mesmo de sua necessidade como um “princípio diretor da ciência”. No limite, a Física clássica “admitia sem questionamentos”, por assim dizer, a validade do princípio de causalidade.

Pudemos observar que, com Laplace, o universo passava a ser considerado como constituído exclusivamente de pontos materiais entre os quais se exercem as forças da dinâmica. Acreditava-se ser possível transcrever e traduzir o conjunto de todas as interações por um sistema de equações mecânicas. A partir do conhecimento exato e detalhado dos valores iniciais que representariam as posições e velocidades de todos os pontos materiais, Laplace afirma que se poderia conhecê-los em qualquer estado ulterior do universo. Essas proposições são explicitadas através do que se denominou “o demônio de Laplace”. Ou seja, aplicada ao mundo em seu conjunto, a “fórmula de Laplace” equivaleria à afirmação de que é possível prever de uma maneira exata e detalhada o futuro e o passado da evolução de qualquer sistema, partindo-se do conhecimento exato de sua configuração de um instante  $t^o$  qualquer e das leis que regem essa evolução. Nesse sentido, procuramos mostrar que o determinismo nesse nível refere-se fundamentalmente a uma determinação linear do futuro pelo presente, o que leva a uma previsibilidade perfeita.

O “demônio de Laplace” julgava-se capaz de calcular de forma exata e detalhada os estados futuros e passados do sistema. Em suma, o determinismo absoluto articula passado e presente, e apresenta o futuro como estritamente determinável. O porvir não se

coloca, definitivamente, como uma questão em aberto. Desse modo, aproximamo-nos da definição de determinismo moldado sobre “a afirmação de que as mesmas causas produzem os mesmos efeitos, no espaço e tempo, segundo um encadeamento preditivo onde os conseqüentes estão sob a determinação dos antecedentes”.<sup>350</sup>

O determinismo laplaciano atuava aqui em função de uma “idéia reguladora”: à condição de se supor que a previsão das medidas experimentais poderiam crescer indefinidamente, aproximar-se-ia do ideal de previsão detalhada, exata e universal. A Física clássica o admitia “sem questionamentos”. Contudo, a Física moderna não poderia aceitá-lo mais.

Logo, começava-se a questionar, por assim dizer, “a suposição arbitrária” da Física clássica de que o ideal de rigor absoluto era indefinidamente aproximável. Ora, nesse particular, a “fórmula de Laplace” não poderia servir mais para a afirmação da Física clássica de que as previsões podem se tornar cada vez mais exatas, detalhadas e universais. O valor dessa fórmula era tão somente aquele de uma “extrapolação” à medida que se constatava a impossibilidade de se aumentar indefinidamente a precisão das medidas experimentais.

No segundo capítulo, passamos a acompanhar os desdobramentos da idéia de determinismo para o campo da Biologia – mais precisamente, para “os anos de formação” de Freud. Procuramos localizar, a partir da tradição científicista e naturalista, algumas influências teóricas sofridas por Freud no que tange à problemática do determinismo.

Optamos por reconstituir algumas das modalidades de discurso adquiridas na

---

<sup>350</sup> Cf. AUROX, S. *Les notions philosophiques dictionnaire* In: *Encyclopédie Philosophique Universelle*. Tomo I. Paris: PUF, 1990. p. 619.

formação do capital teórico freudiano para, a partir daí, indicar em torno de qual problemática essa necessidade determinista emerge. Mostramos que dada a dificuldade de reduzir a posição freudiana pura e simplesmente a um ou a outro dos termos das alternativas *Naturphilosophie/Naturwissenschaft*, vitalismo/mecanicismo e nativismo/empirismo, empenhamo-nos, tão somente, em precisar que o investimento de Freud em um tipo de argumentação e posicionamento teórico se alimentava de uma corrente epistemológica bem determinada, fornecendo-lhe a linguagem por meio da qual ele poderá pensar seus próprios conceitos.

Desse modo, procuramos indicar que sua formação científica deu-se em um solo bastante marcado pelo cientifismo-positivista, em que a ciência ditava as vias do progresso objetivando a certeza oferecida pela Física e pela experimentação controlada. Essa era a atmosfera em voga nos meados do Século XIX. O desprezo sistemático pelas acrobacias lingüísticas dos pensadores metafísicos delineavam o horizonte no qual a ciência passava a ser “o norte” para um caminho íntegro do conhecimento. Assim, a cientificidade cultivada desde o início de sua formação no campo da Anatomia e da Psicofisiologia apoiava-se numa exigência capital: o determinismo.

Por outro lado, procuramos fornecer alguns elementos justificam pensar o movimento naturalista no qual Freud estava inserido ao optar pela carreira médica. Mostramos que a audição do texto *A Natureza (Fragment über die Natur)*, atribuído a Goethe, que motivou sua vocação médica, foi determinada, por sua vez, por um “contexto de difusão evolucionista” dentro de um amplo movimento naturalista inspirado pelas ciências da natureza na segunda metade do Século XIX. Freud, realmente, estava envolvido com um efervescente movimento naturalista cuja especificidade era a junção da *Naturphilosophie* com o positivismo dentro de um amplo naturalismo.

Naquele momento, nossa discussão girou em torno da idéia do que se chamou de um “Goethe darwinizado”, para utilizar a expressão de Assoun. Procuramos indicar que, apesar da oposição profunda entre o romantismo especulativo dos *Naturphilosophen* e “movimento Ilustrado” representado pelo positivismo, encontramos em Goethe, autor de *A Metamorfose das Plantas*, uma curiosa combinação da exigência de rigor do positivismo e de “ambição sintética”. Não é qualquer *Naturphilosophie* que inspira os naturalistas, mas notadamente a de Goethe. Desse modo, vimos que o texto, atribuído a Goethe, *A Natureza (Fragment über die Natur)*, que poderia ter dado impulso a uma decisão final de Freud quanto à escolha da carreira médica, não se tratava definitivamente de “quadro romântico da natureza”, mas de um texto do qual o movimento cientificista já se servia há algum tempo, revelando assim que o caminho de Goethe a Darwin, seguido por Freud naquele momento, não era absolutamente um acontecimento banal, nem mesmo um percurso original.

Com efeito, vimos que a “intuição de Goethe da unidade vida” apontava-nos para “a unidade da ciência”. Essa convicção era fortemente partilhada não só entre os partidários da “Escola de Helmutz”, anatomistas e fisiologistas como Ludwig, Du Bois-Reymond e Brücke, como também pelos discípulos de Darwin, entre eles, Haeckel e Carl Claus. Todos promoveram a convicção na unidade da ciência. Essa convicção alcançou seu auge com o “juramento fisicalista” que afirmava a crença de que a Biologia deveria seguir as leis da Física e da Química. Nesse modelo epistemológico, os fenômenos eram reduzidos a uma determinação segundo o modelo da Física e Química, favorecendo, assim, uma correlação forte entre naturalismo e uma causalidade mecânica.

Assim, detectamos naquele programa a afirmação de que a linguagem da Física deveria ser a linguagem universal e unitária de todas as ciências. Nesse sentido, não

haveria lugar para as “ciências do homem”. O “humano” não poderia constituir matéria específica de ciência à medida que a jurisdição do método físico-matemático se estendia à integridade dos fenômenos. O “homem” adquiria um estatuto de “objeto natural”. Desse modo, toda referência a uma norma superior e absoluta (ser metafísico) é recusada, em detrimento das “ciências da natureza” (*Naturwissenschaft*). Esse monismo se convertia em estrita exigência da *Naturwissenschaft* e postulava a necessidade da explicação físico-química da ciência dos organismos. Procuramos mostrar que, na constelação das ciências da natureza, mecanicistas e fisicalistas partilhavam juntos a ambição de forjar uma imagem naturalista do homem semelhante à de uma máquina.

Esse ideal científico no qual Freud se inicia, desde a origem, na Anatomia e na Fisiologia, passava a ser alinhado com o campo físico-químico, seu modelo incontestado. A partir desse modelo, todo fenômeno é reduzido a uma determinação segundo os mecanismos físicos - mais precisamente, uma **causalidade mecânica ou linear**. Inspirado por uma inabalável necessidade determinista fundada ela própria sobre a unidade presumida da *Naturwissenschaft*, Freud decididamente optava pelo rigor científico e pelo determinismo. Do ponto de vista metodológico, seu receio era deixar-se submergir pela “especulação pura”, ou até mesmo pela “lama preta do ocultismo” (sobrenaturalismo). Em suma, procuramos localizar algumas influências teóricas sofridas por Freud no que tange à questão do determinismo, pois acreditávamos que ela conservava o mérito de introduzir a problemática da causalidade no âmbito dos fenômenos psíquicos. Entendemos que os diversos modelos lingüísticos adquiridos fornecem um instrumental para Freud pensar sua descoberta revolucionária: o inconsciente e suas leis de funcionamento.

Firmadas essas posições, acreditávamos estar em condições de adentrar, de fato, na *Die Traumdeutung* para pensar a especificidade do determinismo em Freud: o

**determinismo psíquico.** Começávamos a vislumbrar a idéia de acompanhar as transformações de uma causalidade mecânica para uma causalidade psíquica, situando as condições em que ela surge e as peculiaridades que ela reivindica. Acreditávamos que essas transformações poderiam nos oferecer elementos teóricos importantes para compreender a descontinuidade do projeto freudiano com os saberes de sua época; particularmente, com a tradição cientificista e naturalista.

No terceiro capítulo, demos um primeiro passo em direção à delimitação da noção de **determinismo psíquico.** Julgamos oportuno, inicialmente, delimitá-la a partir da leitura freudiana das teorias pré-psicanalíticas sobre o sonho apresentada sobretudo no capítulo primeiro da *Die Traumdeutung*.

Segundo Freud, a tradição cientista foi incapaz de fornecer uma contribuição mais efetiva para elucidar os enigmas que envolviam o fenômeno onírico. A “teoria dominante”, representada pelas teorias médicas (consideradas as representantes legítimas da ciência), postulava o sonho enquanto mero estímulo interruptor do sono, uma atividade trivial e desprovida de valor, destituída de qualquer significação. Não obstante, a leitura que Freud propõe das teorias sobre o sonho pretende ter uma motivação diversa. Freud propõe pensar o fenômeno onírico enquanto um objeto digno de estudo e estritamente determinado.

Procuramos mostrar que Freud se posicionava em um eixo epistemológico que implicava o “retorno simbólico” a um momento histórico da tradição ocidental, o qual valorizava a categoria sentido na experiência onírica. Essa perspectiva difere das concepções advindas da Psiquiatria e Psicologia explicativa do Século XIX, que destituíam o fenômeno onírico de qualquer significação. Para Freud, os sonhos são passíveis de serem interpretados por meio de um método. Isso significava afirmar que eles possuem um sentido e que, por isso, têm um lugar assinalável na vida de vigília.

Nesse sentido, Freud se empenhava na construção de um modelo teórico (metapsicológico) capaz de compreender o fenômeno onírico enquanto uma formação do inconsciente. Ao propor uma nova concepção capaz de compreender a especificidade de seu objeto de investigação, Freud se dispõe a construir dispositivos teóricos que lancem luz a um ponto de desconhecimento, que a própria vida de vigília guarda em relação a si mesma, isto é, Freud partiu para a construção de um modelo capaz investigar aos processos ditos inconscientes.

Entretanto, paradoxalmente, observamos que Freud não propõe abandonar o ideal da *Naturwissenschaft*, mesmo dentro de um contexto onde a concepção somática, proveniente das teorias médicas, erigia-se como seu maior obstáculo teórico. A tentativa de inscrever o sonho na ordem psíquica, restituindo-lhe relativa autonomia em relação à ordem somática, suscitava objeções imediatas. A inquietação de Freud indicava a preocupação com a especulação pura, “o ponto de vista metafísico da natureza da mente”. Logo, procuramos mostrar, que na sua perspectiva, o sonho não seria um fenômeno degradado, caótico ou obscuro, tampouco algo sublime ou sobrenatural. Sob esse aspecto vimos que Freud recusa-se a correlacionar o sonho com a superstição, as doutrinas relacionadas à predestinação, e, em última instância, com o determinismo teológico.

Procuramos mostrar que a construção de um modelo teórico (metapsicológico) na *Die Traumdeutung* é sustentado através do eixo teórico que confere prioridade à categoria sentido enquanto índice da ordem simbólica. Nesse ponto, vimos que Freud recorre às idéias de Fechner. Freud encontra na idéias de Fechner uma antecipação da teoria da *andare Schauplatz* do sonho e do inconsciente. Ao afirmar que “a cena de ação dos sonhos “ se passa em outro lugar”, Freud nos remete à definição do inconsciente como esta “outra cena” (*andare Schauplatz*). Enquanto fenômeno psíquico, os sonhos são produções,

endereçamentos daquele que sonha. Trata-se da “outra cena” à qual Freud se refere ao falar do sonho enquanto lugar do desejo inconsciente.

Por outro lado, enfatizamos as primeiras indicações da dimensão tópica do aparelho psíquico: procuramos indicar que, na genealogia dos conceitos psicanalíticos, o aparelho psíquico é formulado enquanto um aparelho de linguagem, o que permite criticar a concepção mecanicista do psiquismo, aquela centrada nas funções cerebrais, espécie de epifenômeno do sistema nervoso. Freud nos propões, a partir da *Die Traumdeutung*, pensar um aparelho psíquico que se constrói à medida que se endereça a outro aparelho. Desse modo o sonho é concebido enquanto uma “carta cifrada”, uma escritura psíquica construída por elementos pictográficos que têm um caráter de uma mensagem. É por estarmos imersos na linguagem que podemos nos endereçar ao outro. Portanto, procuramos mostrar que o acesso à ordem simbólica é condição necessária para a constituição das formações do inconsciente, onde sonhos, sintomas, atos falhos e chistes se revelam em sua estrutura.

No quarto e último capítulo, procuramos destacar alguns elementos teóricos no intuito de circunscrever a especificidade do determinismo psíquico tal como apresentado por Freud na *Die Traumdeutung*.

Procuramos pensar a especificidade do determinismo psíquico em torno de dois eixos principais: memória e temporalidade. No primeiro, tratamos as questões que envolviam o aparelho psíquico, reagrupadas no que foi chamado de a primeira tópica. No segundo, tratamos os problemas relacionados à temporalidade própria das formações do inconsciente, o tempo *Nachträglich*.

Tomamos como ponto de partida os desdobramentos da idéia de máquina em Freud. Essa idéia remonta ao Século XVII, com Descartes e se estende por todo o Século

XVIII e XIX com diversos expoentes mais felizes - ou menos, como foi o caso de Laplace.

Observou-se que a exigência de encontrar causas no sentido forte para explicar o que acontece no aparelho psíquico leva Freud a fazer incursões por metáforas originadas nas ciências naturais, particularmente, a Biologia, a Química e a Física. Nesse sentido, a idéia máquina aproxima-se da idéia de aparelho.

Freud propõe explicar o sentido dos sonhos como uma ordem de efeitos, determinado pelo funcionamento de uma máquina. Ele sugere que o aparato anímico consiste em vários sistemas psíquicos distintos, inclusive um sistema perceptivo e um certo número de diferentes sistemas de memória, organizados de acordo com diferentes padrões de associação e recordação.

Não restavam dúvidas de que ele estava determinado a provar a determinação causal dos atos psíquicos, ainda que deparasse com uma causalidade complexa, sobredeterminada. Embora utilizasse o vocabulário advindo da tradição científico-naturalista, Freud verificava que os conceitos dessa tradição tornavam-se cada vez mais inadequados para compreender e explicar os fenômenos com os quais deparava em sua clínica.

No entanto, se o aparelho anímico (*Seelische apparat*) se encarnava em um substrato neurofisiológico, é necessário lembrar que esse aparelho neurológico é capaz de produzir sonhos e, mais precisamente, por ele se produz a fala. É no registro das representações (*Vorstellungen*) que a Psicanálise se situa desde o começo. Por conseguinte, Freud assinala a distância em relação a uma ordem natural original. Ao conferirmos ao biológico (Natureza) o estatuto metafísico de uma ordem original essencial, em relação a qual tudo o mais seria um epifenômeno, estaríamos deixando em segundo plano a descoberta de Freud. Em outras palavras, entendemos que o movimento de Freud de tomar

como ponto de partida o registro das representações (*Vorstellungen*) significava, acima de tudo, o movimento de recusar a ordem prévia que a tradição naturalista impunha ao mundo.

Procuramos mostrar que a análise dos sonhos conduz Freud ao desvelamento do funcionamento de um aparelho no qual a memória se apresentava como memória de escritura. O modo pelo qual essa memória se constitui, e ao mesmo tempo constitui o aparelho, não pode ser pensado sem a necessária articulação com a linguagem.

Também observamos que, se o sonho, possui um sentido e ocupa um lugar na vida de vigília, sua determinação deveria ser entendida em função do funcionamento do aparelho psíquico concebido enquanto aparelho de memória. Em outros termos, como um aparelho de memória que comporta uma temporalidade intrínseca a esse funcionamento.

Se o aparato anímico apresentado na *Die Traumdeutung* não faz referência a neurônios ou a entidades materiais, isso não quer dizer que ele prescindia de um suporte material, mas, sim, que, do ponto de vista teórico, passa-se a introduzir uma dimensão nova. Mostramos que a noção de retardamento (*Verspätung*), juntamente com o conceito de *a posteriori* (*Nachträglichkeit*), além de avançar significativamente na concepção freudiana de temporalidade, introduz uma noção fundamental para a compreensão do modo de funcionamento do aparelho psíquico: a noção de determinismo psíquico.

Como se observa, foi a partir desse ponto que procuramos descrever as relações entre o termo *proton pseudos* e o sintoma histérico. Assim, o caso Emma foi apresentado como um silogismo prático. Vimos que o termo *proton pseudos* foi utilizado, nesse caso, para indicar que a histérica parte de uma premissa falsa e chega, portanto, a uma conclusão falsa. A estratégia freudiana está voltada para encontrar uma referência que permita desfazer o contra-senso, isto é, Freud tentava encontrar o referente sexual dos

proferimentos de Emma, e, desse modo, o seu sentido. Essa estratégia estava calcada na crença de um determinismo psíquico mais precisamente: na crença de não há uma ação sem um propósito (finalidade) inconsciente.

Por conseguinte, procuramos mostrar que Freud estende o domínio da intenção para “além da consciência”, para o domínio das representações-meta (*Zielvorstellung*). Segundo a concepção freudiana, qualquer acontecimento psíquico tomará necessariamente a forma de representação, o que leva a algumas conclusões teóricas importantes. Para Freud, os acontecimentos psíquicos remetem à ordem sexual, todavia as representações que não podem ser diretamente suportadas no sistema estariam submetidas a uma “compulsão à associação” (*Assoziationszwang*) que as obrigaria a se inscreverem no sistema de representações. Mesmo as representações triviais, superficiais e insignificantes, não se encontrariam isoladas, pois formam sempre o que Freud chama de “complexos”. Elas não se referem a unidades isoladas, mas a representações que se conjuntam (*Bindung*) entre si.

Vimos que no caso Emma, no lugar da lembrança do atentado, Emma evocou a lembrança de suas roupas e uma “liberação sexual” que se transformou em angústia. Faz-se necessário lembrar que a angústia não foi provocada pela cena da confeitaria, mas por sua recordação, isto é, a cena traumática não encontra seu sentido por si mesma, ela só adquire valor traumático quando transformada posteriormente (*nachträglich*) em lembrança (traço mnésico). Tentamos mostrar que o trauma é resultado de representações investidas num *a posteriori* e não de um acontecimento em sua forma original.

Desse modo, foi observado que o termo *Nachträglichkeit* aponta para a dimensão da temporalidade e da causalidade específica da vida psíquica. Ele consiste no fato de que as impressões ou os traços mnésicos só podem adquirir todo o seu sentido e toda a sua

eficácia em um tempo posterior ao da sua primeira inscrição. Contudo, foi observado que a tradução do termo por “ação retardada” carrega consigo um viés “continuista”, colocando o inédito da descoberta freudiana em segundo plano. A tradução inglesa e brasileira sugere por “ação retardada” uma continuidade das idéias encontradas em Charcot, isto é, uma concepção estritamente empirista do trauma psíquico no qual é mantida uma determinação linear que enfatiza a ação causal do passado sobre o presente. Desse ponto de vista, a temporalidade dos processos psíquicos estaria circunscrita a uma ordem cronológica em que o presente estaria determinado pela fixidez de um acontecimento traumático no passado.

No entanto, a versão francesa lhe atribui outro sentido: esta sugere o termo *après-coup* (*a posteriori*), indicando que o sentido do passado só é concebido retrospectivamente a partir do presente. Essa concepção recusa toda a interpretação sumária que reduzisse a concepção psicanalítica da história do indivíduo a um determinismo linear que considere unicamente a ação do passado sobre o presente. Nesse sentido, o termo *Nachträglichkeit* nos diz de uma reordenação de contingências anteriores tomadas enquanto traços de memória que estão sujeitos a rearranjos e a reinscrições segundo novas articulações. O que é introduzido é uma dimensão lógica que mantém a relação causa e efeito, mesmo que a causa esteja presente só em um segundo momento, *a posteriori*.

Esforçamo-nos em mostrar que o determinismo freudiano articula passado e presente mas nada afirma sobre o porvir, de maneira que o futuro se tornava uma “questão em aberto”. Entendemos que a idéia de *Nachträglichkeit* fornece um instrumento importante para se pensar a relação entre antecedentes e conseqüentes no âmbito do psíquico; é possível mostrar que uma suposta correlação entre o determinismo psíquico e

O “**determinismo absoluto**” é inteiramente ofuscada por um tipo específico de explicação: Freud propõe uma “modalidade temporal retrospectiva” em que é invocada a idéia de momentos que correspondem a transcrições e reinscrições que se estruturam numa leitura retroativa. A idéia de *Nachträglichkeit* rompe com a articulação sucessiva da triade passado-presente-futuro e promove uma descontinuidade com um determinismo linear que considere unicamente a ação do passado sobre o presente. Ao contrário do determinista laplaciano, Freud não nega as diferenças entre passado e futuro. Mesmo porque, segundo o ponto de vista freudiano, o futuro é uma “questão em aberto”. Sob esse aspecto Freud foi enfático: “**Acredito no acaso real (externo), sem dúvida, mas não em eventos acidentais (psíquicos) internos**”<sup>351</sup>.

Freud não propõe a questão do determinismo em toda a sua extensão, mas apenas à medida que ela circunscreve o campo específico do saber e da prática psicanalíticos. Seu olhar não está voltado para o universo em sua totalidade, mas para as manifestações psíquicas do indivíduo. Mais precisamente, Freud nos mostra, desde os primeiros escritos, que o inconsciente se insinua quando o discurso falha, quando é atropelado por um outro discurso que ultrapassa infinitamente os sinais manipulados o indivíduo, provocando no primeiro lacunas denominadas atos falhos, sintomas, esquecimentos e parapraxias. Contudo, ao afirmar que todos os processos psíquicos são estritamente determinados, Freud não está afirmando que podemos, *a priori*, predizer o que vai acontecer, mas sim que, uma vez ocorrido algo, é possível remetê-lo a uma série determinante.

Freud utiliza o termo representação-meta (*Zielvorstellung*) para exprimir o que

---

<sup>351</sup> FREUD, S. A Psicopatologia da vida cotidiana (1901). E.S.B., vol. VI., Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 308. (grifos meus)

orienta o curso dos pensamentos, tanto conscientes como pré-conscientes e inconscientes. Existiria em cada um desses níveis uma finalidade que asseguraria um encadeamento entre esses pensamentos. Segundo Freud, a vida psíquica é concebida enquanto uma cadeia de representações. Logo, as representações-meta, por estarem associadas ao desejo, seriam representações privilegiadas que orientariam o curso das associações e toda a vida psíquica. Certamente, não se tratava de encadeamentos mecânicos tal como queriam as doutrinas associacionistas, mas de determinações que remetiam aos processos de deslocamento, condensação e sobredeterminação. Vimos que não bastava restabelecer o sistema dominante de representações em sua inteireza, em sua totalidade para restabelecer um discurso razoável ou coerente. Tentamos mostrar que o mecanismo de sobredeterminação apontava para o “inacabamento constitutivo” do trabalho de interpretação; mais precisamente, ele apontava para a ausência de um primeiro termo na cadeia de representações.

Ao supor a existência de uma representação primeira, de um traço mnêmico originário ou de um texto do sonho original, permanente e imutável, estaríamos inviabilizando a idéia de um aparelho de memória (a memória dos sistemas  $\psi$ ), no qual traços seriam inscritos, transcritos e reinscritos conforme uma temporalidade específica do inconsciente, o tempo *Nachträglich*. Assim, o caráter sobredeterminado das produções do inconsciente não autoriza a inserção do pensamento freudiano no quadro do determinismo clássico tampouco corrobora o ideal de equivalência do passado e do futuro, ambos encerrados num momento presente.

Por outro lado, a questão da sobredeterminação dos eventos psíquicos nos levou a investigar o que Freud denomina de o “umbigo dos sonhos”, ponto em que toda

interpretação encontra seu limite. Trata-se de um ponto não-cognoscível para o qual converge todo o sistema de representações e que não se deixa explicar pelo funcionamento de uma máquina. Em suma, ao dizer que o umbigo dos sonhos aponta um ponto não-cognoscível, procuramos mostrar que Freud não estaria abrindo mão da dimensão simbólica que caracteriza essencialmente a Psicanálise, mas sim admitindo a possibilidade de um limite da palavra, de algo que está para além do princípio do prazer, para além dos jogos signos, que diz respeito ao real da pulsão. Nesse sentido, Freud afirma, ao contrário do “demônio de Laplace”, que não há esperança de suturar a falha no saber sobre a causa do desejo. Em outras palavras Freud denuncia a ilusão de completude, afirmando a finitude do saber frente ao “poder demoníaco do desejo”. O “umbigo dos sonhos” aponta para um “furo na máquina” em torno do qual se organizam as *Vorstellungen*.

Portanto, numa atitude que determina a especificidade de sua teoria e que o diferencia dos saberes de seu tempo, Freud não faz dessa insuficiência signo do fracasso da razão; ao contrário, ele positiva essa insuficiência a cada etapa de sua obra, elevando o inédito da descoberta freudiana à dignidade que lhe é própria. Ao tratar as particularidades do determinismo psíquico, Freud demonstra a maneira desvoluta e revolucionária como cavou a sua trincheira no interior do saber sobre a vida psíquica: o modo como enfrentou ventos e marés do determinismo clássico, desviando-se do sobrenaturalismo, polemizando com a tradição cientista e naturalista, constitui um motivo bastante forte para seguir passos de Freud na construção de um modelo metapsicológico voltado para compreensão dos acontecimentos psíquicos em que, certamente, a noção de determinismo psíquico se constitui num instrumento teórico que não deve ser desprezado.

## ANEXO 1

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE  
SOBREDETERMINAÇÃO NO TEXTO “FREUD E LACAN” DE LOUIS  
ALTHUSSER.**

“Basta uma nova palavra para desembaraçar o espaço duma pergunta, aquela que não tinha sido posta. A nova palavra abala as antigas, e faz o vazio para a nova pergunta. A nova questão põe em questão antigas respostas, e as velhas questões adormecida debaixo delas. Ganha-se aí uma nova visão das coisas” (Louis Althusser, 1967)

Faz-se necessário ressaltar, inicialmente, que longe de pretendermos esgotar um tema tão complexo como é a questão da sobredeterminação no pensamento de Althusser, almejamos, tão somente, fazer algumas considerações no que diz respeito aos desdobramentos teóricos do conceito de sobredeterminação no texto “**Freud e Lacan**” de Louis Althusser.

Se o texto “**Freud e Lacan**” pode ser considerado “um texto de luta teórica”, o conceito de sobredeterminação é, para Althusser, um terreno privilegiado onde essa luta pode ser travada. É nosso objetivo, nesse anexo, indicar alguns elementos relevantes para compreendermos a estreita relação entre o projeto althusseriano e a Psicanálise. A partir do texto “**Freud e Lacan**”, pretendemos demarcar o lugar teórico no qual se produz esta aproximação: trata-se de apontar o conceito de causalidade sobredeterminada como uma das possibilidades para se pensar a aproximação de Althusser da teoria psicanalítica.

“**Freud e Lacan**” é, segundo Althusser, uma intervenção filosófica e política direcionada aos membros do PCF instando-os a reconhecer a cientificidade da Psicanálise, da obra de Freud e da interpretação lacaniana desta. Nesse sentido, o texto “*Auto critique: la psychanalyse, une idéologie réactionnaire*” (1949) é uma referência de importância crucial. É em relação a esse texto que poderemos constatar a importância da crítica althusseriana para o modelo de racionalidade e cientificidade (inclui-se, aqui, certamente um modelo causal) no qual se sustentava a epistemologia de origem stalinista.

Na primeira parte do texto, denominada “*Sobre o texto Auto critique: la psychanalyse, une idéologie réactionnaire*”, ocupamo-nos em pensar algumas teses que autorizavam os marxistas franceses a considerar a Psicanálise uma “ideologia reacionária”. Apoiamo-nos em duas teses. Em primeiro lugar, a tese de Politzer segundo a qual o inconsciente era considerado uma *abstração*. Para Politzer, o inconsciente aproximava-se

mais da pura especulação do que propriamente de uma ciência, portanto, a Psicanálise era considerada uma “ideologia reacionária” já que o caráter *irracional* do inconsciente a desqualificava de qualquer ambição de cientificidade. Em segundo lugar, a tese de que a epistemologia de origem stalinista tinha em seu modelo de racionalidade a Razão como fundamento último. Segundo Althusser, essa epistemologia estava prisioneira de uma concepção idealista do conhecimento. Esta visão empirista do inconsciente afastava os signatários do texto de 1949 da “descoberta revolucionária de Freud”, a saber, o inconsciente e seus efeitos.

Na segunda parte, denominada “**Sobre o texto Freud e Lacan**”, pretendemos fornecer algumas indicações da posição de Althusser frente às teses acima.

“**Freud e Lacan**” exprime uma transformação no que diz respeito ao modelo de racionalidade e cientificidade da Psicanálise. Essa transformação está intimamente ligada ao conceito freudiano sobre *sobredeterminação*, cuja definição remete diretamente à descrição do inconsciente e de suas leis de funcionamento, enunciando, assim, a dimensão da determinação simbólica dos fenômenos psíquicos.

Segundo Althusser, a Psicanálise é uma ciência de um objeto próprio (o inconsciente e seus efeitos) cujo mérito maior foi a capacidade de definir seu próprio **objeto-de-conhecimento**, isto é, o surgimento da Psicanálise não estava restrito ao objeto empírico.

De certa forma, a especificidade do objeto da Psicanálise torna-a incompatível com o modelo de racionalidade proposto no texto de 1949, em que o caráter **conflitual** e **irracional** da teoria estão excluídos. Nesse sentido, a Psicanálise tem como condição de sua produção algo que não se reduz à consciência de si, nem tampouco à Razão. Althusser pretende mostrar que, para Freud, o psiquismo não estava estruturado nem assentado na

unidade da consciência, mas estruturado como um aparelho cindido, um conjunto de instâncias constituídas pelo jogo do recalque inconsciente. A prática psicanalítica é impensável sem a noção de conflito que a divisão subjetiva revela. Assim, esses “efeitos de sujeito” introduzem um novo modelo causal, uma “causalidade sobredeterminada” na qual o caráter irracional do inconsciente torna-se condição necessária para a produção da Psicanálise.

O conceito de sobredeterminação permite também a Althusser pensar no campo da Dialética uma descontinuidade entre Hegel e Marx. Esse conceito possibilita Althusser fazer uma distinção entre a dialética hegeliana e a dialética materialista. Segundo Althusser, “a sobredeterminação vem a se constituir na especificidade mesma da contradição marxista” que correlaciona a estrutura própria da contradição, a concepção da sociedade e da história.

Pretendemos, portanto, indicar que a ruptura com a dialética hegeliana significava, na realidade, uma ruptura com a epistemologia de origem stalinista. Segundo Althusser o Materialismo Dialético, na versão stalinista, ainda estava preso à problemática hegelina que tinha como pressuposto a “unidade originária simples”. O conceito de sobredeterminação permite Althusser pensar a unidade como necessariamente complexa e desigualmente determinada, afastando-se de vez de uma causalidade linear ou mecanicista.

No sentido de direcionar o desenvolvimento desses pontos acima mencionados, tomaremos como referência o texto “**Althusser e a Psicanálise**” (1984) de Evangelista, que introduz a publicação da tradução dos textos “**Freud e Lacan**” (1964) e “**Marx e Freud**” (1976) citados em nossa bibliografia.

Na terceira parte de nosso texto, denominada “**O desvio por Spinoza**”, procuraremos demarcar no texto “**Freud e Lacan**” a aproximação que Althusser faz entre

a teoria psicanalítica e o pensamento de Spinoza. Pretendemos mostrar que este encontro está circunscrito, em “**Freud e Lacan**”, em torno da idéia de uma causalidade sobredeterminada.

### 1.1. Sobre o texto “Auto-critique: la psychanalyse, une idéologie réactionnaire”.

“**Freud e Lacan**” não é um texto puramente especulativo sobre Psicanálise: revela-nos acima de tudo uma implicação mútua entre Política e Filosofia. Instrumento de uma estratégia, “**Freud e Lacan**” é “um texto de luta teórica”, texto de combate ao “idealismo”, cujo alvo está circunscrito em torno do “dogmatismo stalinista” e do “humanismo teórico”. É importante frisar que Althusser era militante do PCF desde 1948, portanto um comunista cujo destino pessoal estava fortemente ligado ao partido, mas, ao mesmo tempo, sua posição é de ruptura radical e progressiva com a ideologia stalinista que era hegemônica naquela organização. Em “nota preliminar” ao texto “**Freud e Lacan**” Althusser é enfático:

“Digamo-lo sem rodeios: quem quiser hoje, pura e simplesmente, compreender a descoberta revolucionária de Freud, não apenas reconhecer sua existência, mas também conhecer seu sentido, deve atravessar, à custa de grandes esforços críticos e teóricos, o imenso espaço de preconceitos ideológicos que nos separa de Freud. Visto que não somente a descoberta de Freud foi, como iremos ver, reduzidas a disciplinas que lhe são, em essência, estranhas (Biologia, Psicologia, Sociologia, Filosofia), não apenas numerosos psicanalistas (sobretudo na escola americana) se tornaram cúmplices desse revisionismo; mas, pior ainda, esse revisionismo serviu, ele próprio, objetivamente, à prodigiosa exploração ideológica de que a Psicanálise foi objeto e vítima. Não foi sem razão que, não

há muito tempo (em 1948), marxistas franceses denunciaram, nessa exploração, uma 'ideologia reacionária', que servia de argumento na luta ideológica contra o marxismo, e de meio prático de intimidação e mistificação das consciências."<sup>352</sup>

Essa longa citação indica de forma precisa como Althusser se posiciona frente ao texto de 1949, 'Auto-critique: la psychanalyse, une idéologie réactionnaire', e sua importância para a compreensão de "Freud e Lacan".

O texto "Auto-critique: la psychanalyse, une idéologie réactionnaire" aparece na revista teórica oficial do PCF, *La Nouvelle Critique*. O objetivo do texto era marcar uma posição frente à ofensiva ideológica do imperialismo norte-americano, de maneira específica visava combater os efeitos ideológicos provocados no campo psicanalítico pela "ego psychology". Sua crítica era direcionada por certas teses de Politzer e conduzidas pela linha djanovista.

A partir do estudo da Psicanálise, do behaviorismo e da *gestaltheorie*, Politzer objetivava construir uma "Psicologia Concreta". A "Psicologia Concreta" tinha a intenção de fazer forte oposição à Psicologia Clássica. Assim, a ciência do "concreto" censurava na psicanálise suas "abstrações" (o inconsciente, o complexo de Édipo, o complexo de Castração). Não obstante, através da própria Psicanálise, Politzer acreditava que era possível uma ruptura com a Psicologia Clássica.

Desse modo, a intenção de Politzer era a de fazer uma oposição entre os resultados concretos da Psicanálise e a hipótese do inconsciente. Essa oposição estava inserida em uma oposição maior dentro da tradição da psicanálise francesa, na qual se

---

<sup>352</sup> ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Introdução crítico-histórica e tradução por Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1994. p. 47.

reconhecia a pretensão de cientificidade da Psicanálise, desde que se considerasse essa no registro da “experiência psicanalítica”, e não no registro do discurso da metapsicologia (a metapsicologia estaria presa a uma representação fisicalista do psíquico). A partir da década de 1920, essa problemática revela-se de forma definitiva na oposição radical entre o modelo naturalista de cientificidade e o modelo da experiência psicanalítica, e o último concebia a interpretação e a transferência como seus alicerces. No discurso freudiano, portanto, as concepções interpretativa e fisicalista do psiquismo eram incompatíveis. O impasse epistemológico do discurso freudiano, segundo Politzer, localizava-se na pretensão de revestir o inédito de sua descoberta com a linguagem fisicalista da metapsicologia e com os valores da Psicologia Clássica.

Nesse sentido, desde *Critique des fondements de la psychologie (1928)*, Politzer colocava como condição para uma ruptura com a Psicologia Clássica o abandono das *abstrações*. Centrado na linguagem e no diálogo, o psiquismo foi representado a partir de um sujeito e num contexto de ação onde as “situações dramáticas” revelavam o alcance da categoria “drama” no campo da psicologia concreta. Politzer pretendia em sua crítica epistemológica, dar ênfase à concepção dramática do sujeito, libertando a Psicanálise do seu cientificismo fisicalista. Essa leitura marcou indiscutivelmente o desenvolvimento teórico da Psicanálise francesa até o final dos anos sessenta, passando por Dalbiez com a contraposição entre “método” e “doutrina” à Ricoeur com a contraposição “energética” e “hermenêutica”. Foi mediante esta oposição de modelos teóricos que se pôde reconhecer a fecundidade do discurso freudiano na tradição da psicologia, bem como criticar os seus impasses teóricos.

Com efeito, o distanciamento de Politzer em relação à Psicanálise significou uma maior aproximação em direção ao Marxismo. Esse “imenso espaço de preconceitos

ideológicos”<sup>353</sup> foi exatamente o que teria impedido Politzer de enxergar o engodo de uma Psicologia Concreta, afastando-o, cada vez mais, de uma “teoria científica da subjetividade”.

A ideologização da Psicanálise e seu progressivo abastardamento levou Politzer a contrapô-la ao Marxismo. Segundo Evangelista,

“Politzer parece, com efeito, ter se embrenhado cada vez mais em um combate entre duas ideologias - o freudismo e o marxismo - sem, no entanto, conseguir pensá-lo como tal, ou seja, enquanto apenas ideológico. Pelo contrário, tudo indica que ele irá opor a falsidade do primeiro à verdade do segundo”<sup>354</sup>.

O equívoco de Politzer se revela na idéia de que Psicanálise e Marxismo teriam uma “explicação última de um mesmo objeto”. Soma-se a isso, a conjuntura política mundial do final dos anos quarenta e teremos o contexto e o clima em que se inseria o artigo de 1949.

Esse era o contexto dramático das conseqüências da Segunda Guerra Mundial: a polarização dos blocos comunista e capitalista, a expansão capitalista através do Plano Marshall e do Pacto do Atlântico, além da ameaça de uma guerra atômica. No campo psicanalítico imperava a hegemonia da Internacional Psycho-Analitical Association. Vê-se, então, que o texto de 1949 surge no auge da guerra fria e em pleno período djanovista. É uma batalha regional em meio a uma ampla batalha ideológica em andamento. Nas

<sup>353</sup> Ibid. p. 47.

<sup>354</sup> EVANGELISTA, Walter José. *Conhecimento e Desejo: Estudo Histórico-Crítico do Conceito de Superdeterminação no Itinerário de Louis Althusser*. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 1984. (Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do cargo titular em Filosofia FAFICH-UFMG). p. 64.

palavras de Althusser:

“(...) começa a áspera e longa luta que deveria fazer recuar no horizonte da guerra fria, rechaçada por inumeráveis braços humanos, a sombra da catástrofe”.<sup>355</sup>

No texto **“Auto-critique: la psychanalyse, une idéologie reactionnaire”** profissionais familiarizados com o domínio da Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise assinam o artigo e se assumem marxistas. Para esse grupo, a Psicanálise em sua versão americana, “ego psychology”, aparecia como uma ideologia alternativa ao marxismo. Logo a escolha entre Marx e Freud era clara: a Psicanálise era considerada uma “ideologia reacionária”, uma ideologia burguesa individualista e irracional.

“Toda a história passada das relações entre Marxismo e a Psicanálise repousam, no essencial, sobre essa confusão e essa impostura”<sup>356</sup>

O marxismo, em sua versão stalinista, estava prisioneiro da “problemática idealista

---

<sup>355</sup> Citado por EVANGELISTA, Walter José. **Conhecimento e Desejo: Estudo Histórico-Crítico do Conceito de Superdeterminação no Itinerário de Louis Althusser**. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 1984. (Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do cargo titular em Filosofia FAFICH-UFMG). p. 67.

In: ALTHUSSER, Louis. **Análise crítica da teoria marxista**. p. 12.

<sup>356</sup> ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan, Marx e Freud**. Introdução crítico-histórica e tradução por Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994. p. 48.

da filosofia do fundamento”<sup>357</sup>. Forjado como uma “ontologia dogmática e fundante”, “esse saber superior”, o Materialismo Dialético/ Materialismo Histórico, legislava sobre a ciência, uma ciência que se encontrava ainda oscilante na crença de uma determinação mecanicista pela instância econômica. Segundo Evangelista

“Enquanto este é um processo complexo e histórico de uma **ciência nova (MH)**, que avança titubeante, como qualquer outra ciência, e de uma filosofia que só existe por suas intervenções, o marxismo stalinista aparecerá como algo **acabado e sistematizado**. Numa palavra: tendo todas as características de uma **ideologia**. E essa ideologia era apresentada como a **unidade perfeita** entre uma **ciência da vida social** e uma **filosofia** que funcionavam de modo harmônico: a filosofia enunciando princípios gerais, e a ciência aplicando-os. Logo, a filosofia marxista aparece como uma filosofia que funda e legifera sobre a ciência.”<sup>358</sup>

Desse modo, os signatários do texto de 1949 realizam essa ideologia fundante, à medida que só entreviam as “ciências burguesas” e as “ciências proletárias”. Segundo essa concepção as ciências não se fundam em si mesmas, tal como deveria enunciar a tese materialista, mas somente à luz do Materialismo Dialético e do Materialismo Histórico. Desde então, é fundada uma “superciência”: a “Ciência da História”. Essa “superciência” seria o discurso último da Razão, uma vez que surge sob a forma do “idealismo racionalista”. Em 1949, a Psicanálise era então considerada como algo essencialmente irracional, desprovida de qualquer ambição de cientificidade, seria uma ideologia reacionária. A distinção entre ciências e ideologias torna-se mais que um impasse, torna-se uma incapacidade para aqueles que assinam o texto de 1949.

---

<sup>357</sup> EVANGELISTA, Walter José. **Conhecimento e Desejo: Estudo Histórico-Crítico do Conceito de Superdeterminação no Itinerário de Louis Althusser**. Belo Horizonte: Fafich/UFMG. 1984. (Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do cargo titular em Filosofia FAFICH-UFMG). p. 13.

<sup>358</sup> *Ibid.* p. 83.

“(...) chegamos, ao fim de nossa autocrítica, à convicção que o conjunto das teorias psicanalíticas está contaminado pelo que nós poderíamos denominar um ‘princípio mistificador’”.<sup>359</sup>

O Inconsciente, enquanto algo além da consciência, era fatalmente correlacionado ao “princípio mistificador”, uma vez que a Psicanálise arrogava-se em postular, segundo os marxistas de 1949, um “Inconsciente em si”.

Segundo a linha de pensamento que era produzida ao longo do texto de 1949, somente o Materialismo Dialético continha a Verdade sobre o real. Nesse sentido, o Inconsciente só poderia ter sua existência postulada se fosse algo relativo ao mundo material que se desenvolvia segundo “leis do movimento da matéria”. Essas leis, as leis da Natureza, tornavam-se cognoscíveis somente através da verificação prática. Desse modo, o mundo, o ser e a Natureza configuravam uma “realidade objetiva” cuja existência era autônoma, e, portanto, fora do campo da subjetividade.

A consciência era um derivado do dado primeiro: a matéria. Logo, o Inconsciente era o reflexo da matéria e do ser e não “algo em si”. O Inconsciente, necessariamente, estaria submetido à Lei da Dialética. Assim, imbuído desta “doutrina mistificadora”, o Inconsciente, representado pela “psicanálise americana” como uma técnica adaptativa, estava condenado a ser uma “ideologia reacionária”.

Na realidade, segundo Althusser, os marxistas franceses foram vítimas da ideologia que denunciavam. Não foram capazes de distinguir entre o revisionismo psicanalítico que

---

<sup>359</sup> Citado por EVANGELISTA, Walter José. **Conhecimento e Desejo: Estudo Histórico-Crítico do Conceito de Superdeterminação no Itinerário de Louis Althusser**. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 1984. (Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do cargo titular em Filosofia FAFICH-UFMG). p. 86. In: BONNAFÉ et alii. *Auto-critique; la psychanalyse, une idéologie réactionnaire*. *La Nouvelle Critique*. Paris: Juin, 1949. p. 18-19.

tanto condenavam e a “descoberta revolucionária de Freud”<sup>360</sup>, uma vez que estavam prisioneiros de uma visão empirista do Inconsciente. Em outras palavras, eles encontravam-se ainda dentro de uma perspectiva idealista do conhecimento.

## 1.2. Sobre o texto “Freud e Lacan”

A intervenção de Althusser com “Freud e Lacan ” provoca significativas transformações de sua posição frente às ciências em geral e em particular à Psicanálise. Exprime, acima de tudo, uma transformação de suas posições filosóficas. Esse texto o possibilitava demarcar o início de um afastamento “progressivo” de uma epistemologia comprometida com as “filosofias do fundamento”. Sublinhamos o termo progressivo porque, embora “Freud e Lacan” fosse um exemplo de intervenção política e filosófica, Althusser não tinha ainda elaborado de forma definitiva o conceito de Filosofia como “Política na teoria”. Em “Freud e Lacan”, a Filosofia era concebida como “teoria das práticas teóricas” onde um resquício de uma “concepção substancialista do materialismo”<sup>361</sup> ainda estava presente. A Filosofia, enquanto “teoria das práticas teóricas”, teria o estatuto de ciência. A Filosofia seria tanto capaz de conhecer o real quanto as ciências o conhecem, isto é, a Filosofia era considerada uma epistemologia. Na primeira

---

<sup>360</sup> ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Introdução crítico-histórica e tradução por Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994. p. 47.

<sup>361</sup> EVANGELISTA, Walter José. *Conhecimento e Desejo: Estudo Histórico-Crítico do Conceito de Superdeterminação no Itinerário de Louis Althusser*. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 1984. (Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do cargo titular em Filosofia FAFICH-UFMG). p. 212.

definição de Filosofia em Althusser, a Filosofia tem como objeto o conhecimento. Portanto, ela estaria ligada ainda a uma substância (o conhecimento) como fundamento. Esse “desvio teoricista” será corrigido em 1967 com a segunda definição de Filosofia: a Filosofia não terá um objeto ou uma história, será em última instância “luta de classe na teoria”.

Com efeito, “Freud e Lacan” reabilita, no movimento comunista, a Psicanálise como ciência ao recorrer ao trabalho de Jacques Lacan. A contribuição de Lacan se dá com a redescoberta da especificidade do objeto de Freud: “o inconsciente e suas leis de funcionamento”. A experiência do Inconsciente forja condições inovadoras<sup>362</sup> para a produção científica e abre novas perspectivas para a relação entre Marxismo e Psicanálise. Uma vez reconhecida a cientificidade da Psicanálise, estariam colocadas as possibilidades reais de pensar, segundo Althusser, o “traço mais profundo da verdadeira dialética materialista”, acima de tudo, demarcar uma oposição à dialética hegeliana e à epistemologia de origem stalinista.

“Freud e Lacan” pretende demonstrar que a Psicanálise é uma “ciência nova”<sup>363</sup> cujo objeto é o Inconsciente. Esse “objeto novo” (o objeto de uma ciência) é construído teoricamente, ou seja, são conceitos teóricos que implicam a possibilidade de poder definir o objeto de uma ciência e distingui-la das “ideologias vigentes”; no caso da Psicanálise, era necessária uma distinção frente ao “revisionismo psicanalítico”, mais especificamente o biologismo, psicologismo e o sociologismo.

Desta forma, o trabalho de Lacan possibilitava

---

<sup>362</sup> Trata-se aqui de pensar o conceito de sobredeterminação introduzindo um novo tipo de causalidade.

<sup>363</sup> ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Introdução crítico-histórica e tradução por Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994. p. 55.

“dar à descoberta de Freud conceitos teóricos à sua altura, definindo tão rigorosamente quanto possível, hoje, o *inconsciente* e suas ‘leis’, que constituem todo o seu objeto”<sup>364</sup>.

Segundo Althusser, o surgimento de uma “ciência nova” não se restringe à existência de um real, de um “objeto real” extraído de uma realidade empírica observável. Pelo contrário, a existência de uma “ciência nova” estaria condicionada à definição rigorosa e clara do seu “objeto-de-conhecimento”, o que possibilitaria, certamente, distinguir ciência e ideologia.<sup>365</sup> O objetivo de Althusser era abrir caminho para o discurso científico da Psicanálise. Contudo, isso também significava o reconhecimento teórico de Lacan (o retorno a Freud) e, conseqüentemente, a oportunidade de denunciar o “mal entendido ideológico” da epistemologia de origem stalinista.

Assim, através da crítica às posições que identificam a Psicanálise a interpretações filosófico-idealistas do inconsciente, Althusser estaria, na realidade, comprometendo-se, em primeiro lugar, com um **projeto de crítica ideológica**. Isto é. “recusar como uma grosseira mistificação, a camada ideológica de sua (da Psicanálise) exploração reacionária”<sup>366</sup> evitando cair, assim, nos equívocos do “revisionismo psicanalítico”. Tão importante quanto o primeiro era o compromisso com o projeto de **elucidação epistemológica**. Esse projeto visava a um “trabalho de crítica histórico-teórica”, cujo

<sup>364</sup> Ibid. p. 59.

<sup>365</sup> Conforme Althusser: “(...) Marx defende a distinção entre objeto real (o concreto-real, a totalidade do real que ‘subsiste em sua independência no exterior da cabeça (*Kopf*) antes e depois’ da produção do seu conhecimento (p.160) e o objeto de conhecimento, produto do pensamento que produz em si mesmo como concreto-de-pensamento (*Gedankenkonkretum*), como totalidade-de-pensamento (*Gedankentotalität*), isto é, como objeto de pensamento, absolutamente distinto do objeto real, do concreto real, cujo concreto-de-pensamento, a totalidade de pensamento, o conhecimento proporciona. Marx vai mas além, e mostra que essa distinção diz respeito não apenas a esses dois objetos, mas também a seus próprios processos de produção” Cf. ALTHUSEER, Louis. *De O Capital à Filosofia de Marx*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 42.

<sup>366</sup> Ibid. p. 48

objetivo era identificar e definir nos conceitos empregados por Freud “a verdadeira **relação epistemológica** existente entre esses conceitos e os conteúdos que eles pensavam”<sup>367</sup>.

Conforme Althusser:

“Sem esse triplice trabalho de crítica ideológica e de elucidação epistemológica, praticamente inaugurado por Lacan, a descoberta de Freud permanecerá, em sua especificidade, fora do nosso alcance. E, o que é especialmente grave, tomaremos por Freud justamente aquilo que colocaram em nosso alcance, quer pretendamos recusar (a exploração ideológica reacionária), quer, mais ou menos desavisadamente, nós o subscrevamos (as diferentes formas de revisionismo biopsicossociológico). Nos dois casos permaneceríamos prisioneiros, em diferentes níveis, das categorias explícitas ou implícitas da exploração ideológica e do revisionismo teórico. Os marxistas, que sabem, por experiência própria, que deformações foram impostas por seus adversários ao pensamento de Marx, podem compreender que Freud tenha podido sofrer, à sua maneira, o mesmo destino, e qual é a importância teórica de um autêntico ‘*retorno a Freud*’.”<sup>368</sup>

A posição filosófica de Althusser é bastante clara, isto é, ele assume posições materialistas, e, portanto, recusa as filosofias ligadas à questão da origem, de uma essência ou do fundamento. Não se trata de fundar uma nova Ciência (a Psicanálise redescoberta por Lacan), tampouco uma nova filosofia. Trata-se de ocupar uma “*posição sobre e contra outras posições*”<sup>369</sup>, ou seja, trata-se de um trabalho árduo de confrontação de “teses” interpostas: idealismo e materialismo. Segundo Althusser, Filosofia não é um conjunto de proposições submetidas ao binômio verdade/erro, mas “um sistema de posições

<sup>367</sup> *ibid.* p. 48.

<sup>368</sup> *Ibid.* p. 48.

<sup>369</sup> ALTHUSSER, Louis. Posições I. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. p.112.

(teses), e ela própria ocupa, por essas posições, posições na luta teórica de classes, no combate, sobre o adversário e contra o adversário”.<sup>370</sup> A posição materialista, assumida por Althusser, está colocada através de duas teses centrais: a afirmação da prioridade do ser sobre o pensar e a conseqüente tese da objetividade do conhecimento.<sup>371</sup>

A afirmação da prioridade do ser sobre o pensar implica, de imediato, uma reflexão: é necessário distinguir a ordem do ser e do pensar, logo o *objeto real* não se confunde com o “objeto-de-conhecimento”. Se a Psicanálise é uma ciência, é porque conseguiu definir um “objeto-de-conhecimento” capaz de se *apropriar* do real. Retomando a terminologia de Bachelard, podemos dizer que houve um “corte” com o conhecimento comum, à medida que o “objeto-de-conhecimento” não é um dado, mas uma construção teórica. É do ponto de vista da cientificidade, ou seja, é em termos de “objeto-de-conhecimento” que devemos pensar as relações entre Marxismo e Psicanálise. Uma ciência, para existir como uma “ciência de pleno direito”, tem de ser capaz de “pretender à propriedade de um objeto *próprio*”<sup>372</sup>. Marxismo e Psicanálise são duas ciências distintas, porque são ciências de objetos específicos; contudo, capazes de promover uma crítica teórica rigorosa frente à epistemologia de origem stalinista. Segundo Althusser:

“Suspeitar-se-á de que o objeto da Psicanálise possa ser específico, e de que a modalidade de sua matéria, como a especificidade de seus ‘mecanismos’ (para retomar uma palavra de Freud) sejam de uma ordem completamente distinta da matéria ou dos ‘mecanismos’ que o biólogo, o neurólogo, o antropólogo, o sociólogo, o psicólogo e o filósofo têm para conhecer. Basta reconhecer essa

<sup>370</sup> Ibid. p. 113.

<sup>371</sup> EVANGELISTA, Walter José. **Conhecimento e Desejo: Estudo Histórico-Crítico do Conceito de Superdeterminação no Itinerário de Louis Althusser**. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 1984. (Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do cargo titular em Filosofia FAFICH-UFMG). p. 30.

<sup>372</sup> ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan, Marx e Freud**. Introdução crítico-histórica e tradução por Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994. p. 57.

especificidade, portanto, a distinção de objeto que lhe serve de fundamento, para reconhecer à Psicanálise um direito radical à especificidade de seus conceitos, ajustados à especificidade de seu objeto: o inconsciente e seus efeitos.”<sup>373</sup>

Marx e Freud buscam denunciar um certo modelo de racionalidade e cientificidade centrados na Razão e na Consciência. Esses autores têm em comum a crítica do *sujeito consciente-de-si*, ponto de partida da psicologia, antropologia e do humanismo filosófico. Do mesmo modo que Marx dirige sua crítica ao humanismo filosófico, em última instância, à noção de *essência* (a essência do homem) considerando-a uma ideologia<sup>374</sup>; Freud critica a noção de um sujeito “humano” assentado na unidade da consciência.

Segundo Althusser, o que está em jogo é a “compreensão dessa estrutura do desconhecimento”<sup>375</sup>. Se desde Marx o sujeito humano, “o ego econômico, político ou filosófico”, não é o *centro* da história, desde Freud o “sujeito humano é descentrado”. Em “**Freud e Lacan**”, Althusser nos diz que a história não tem “centro”, entretanto, a **estrutura** da história tem um “centro” necessário apenas no desconhecimento ideológico. Da mesma forma, o sujeito é constituído por uma **estrutura** que tem um “centro” apenas no desconhecimento imaginário do *eu*, ou seja, nas “formações ideológicas em que ele se reconhece”<sup>376</sup>.

Ao propor pensar uma “estrutura do desconhecimento”, Althusser está se posicionando também de forma radical contra a unidade ilusória dada pela ideologia

---

<sup>373</sup> Ibid. p. 62.

<sup>374</sup> ALTHUSSER, Louis. **A Favor de Marx**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 200.

<sup>375</sup> ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan, Marx e Freud**. Introdução crítico-histórica e tradução por Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994. p. 71.

<sup>376</sup> Ibid. p. 71.

burguesa no que concerne à suposta unidade da consciência. Seu alvo, sem dúvida, é o “fantasma da unidade”, em outras palavras, o “fantasma de Hegel”. Segundo Evangelista,

“(…) Althusser procurará mostrar que o Materialismo Dialético, em sua dogmática versão stalinista, implicando, por seu economicismo, um panteísmo das forças produtivas (nova unidade original simples) e tendo como consequência especular o humanismo teórico, estava ainda prisioneiro da *problemática* hegeliana. Para ele a ruptura com a dialética hegeliana será, na realidade, uma ruptura com o stalinismo”.<sup>377</sup>

O cerne do modelo hegeliano da dialética tem como pressuposto a *unidade originária simples*. Assim, os conceitos de essência, unidade, causa única, totalidade, *Aufhebung*, entre outros, estão assentados sobre este pressuposto. O conteúdo último da filosofia hegeliana é aquele da unidade espiritual, onde a contradição, a estrutura da dialética hegeliana, não pode ser pensada a não ser como “uma contradição simples”.

Althusser, por sua vez, ao explicitar a especificidade da dialética materialista em relação à dialética hegeliana, vem precisamente mostrar a descontinuidade entre Hegel e Marx. Isso só possível, porque Althusser pode a partir do conceito freudiano de *sobredeterminação* pensar, agora, em uma *contradição sobredeterminada*<sup>378</sup>. Evangelista nos esclarece essa passagem da seguinte forma:

<sup>377</sup> ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Introdução crítico-histórica e tradução por Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994. p. 14.

<sup>378</sup> Nas palavras de Althusser: “Essa reflexão das condições de existência da contradição no interior dela mesma, essa reflexão da estrutura articulada com dominante que constitui a unidade do todo complexo interior de cada contradição, eis o traço mais profundo de toda dialética marxista, o que tentei expressar há pouco com o conceito de *sobredeterminação*.” ALTHUSSER, Louis. *A Favor de Marx*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 182.

(...) é o conceito de *sobredeterminação* que torna possível que se pense a unidade como necessariamente complexa, a causalidade como necessariamente não linear ou mecânica, e que, portanto, afasta qualquer possibilidade de se pensar uma substância simples ou espiritual como em Hegel, ou uma substância humana, como em Feuerbach e o jovem Marx, ou, finalmente, uma substância simples aparentemente materialista, como no desenvolvimento das forças produtivas do stalinismo.”<sup>379</sup>

No interior do modelo hegeliano não existe lugar para uma causalidade mecânica ou linear, uma vez que todo o movimento da dialética implica a expressão de uma unidade simples. A “causalidade expressiva” é que possibilita melhor descrever, neste modelo, a eficácia de um todo sobre seus elementos: a expressão de uma causa única. Entretanto, é o conceito de *sobredeterminação* que torna possível, segundo Althusser, pensar “o traço mais profundo da dialética marxista”, o motor da dialética, indicando também a existência de um novo tipo de causalidade: uma causalidade complexa, estrutural sem centro e sem origem.

Dessa forma, tanto “o inconsciente” como “a luta de classes” revelam estruturas desconhecidas de caráter conflituoso e irracional, permitindo não mais considerar o “sujeito consciente-de-si” como centro dos fenômenos humanos e sociais. Agora, ao contrário dos marxistas franceses de 1948, o irracionalismo faz parte das condições de sua produção. Significa dizer que o irracionalismo da “luta de classes” e dos **efeitos do inconsciente** são incompatíveis com o modelo centrado na Razão e na Consciência. A

---

<sup>379</sup> EVANGELISTA, Walter José. *Conhecimento e Desejo: Estudo Histórico-Crítico do Conceito de Superdeterminação no Itinerário de Louis Althusser*. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 1984. (Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do cargo titular em Filosofia FAFICH-UFMG). p.172-173 .

prática psicanalítica é impensável sem a noção de conflito que a divisão subjetiva revela, a saber: “a presença atual da causa no seu efeito”<sup>380</sup>, os “efeitos de sujeito”.

A Psicanálise, nos diz Althusser, trabalha sobre os “efeitos” concretos das variações da estrutura edípica. A prática analítica se deve ocupar dos “efeitos” prolongados no adulto sobrevivente da *passagem* “do animalzinho humano em homem e mulher”. Essa passagem é marcada pela “Lei da estrutura *invarinte* do Édipo”, a “Lei do Simbólico”. Esse processo, que Althusser denomina “*primado* da estrutura formal da linguagem,” se dá sob a própria forma da “Ordem do significante”, isto é, “sob a forma de uma Ordem formalmente idêntica à ordem da linguagem” cujas leis formais são-nos fornecidas pela Lingüística. A teoria do significante deverá dar conta do “efeito sujeito” de todo discurso. Segundo Althusser:

“Está aí, sem dúvida, a parte mais original da obra de Lacan: a sua descoberta. Essa passagem da existência (no puro limite) biológica à existência humana (filho de homem), Lacan mostrou que ela se opera sob a Lei da Ordem que eu chamarei de Lei de Cultura, e que essa Lei da Ordem se confundia, em sua essência *formal*, com a ordem da linguagem.”<sup>381</sup>

A Lingüística ilumina esse novo campo, possibilitando um acesso inteligível ao objeto da Psicanálise. Foi se apoiando nos progressos da Lingüística de Saussure e Jakobson que Lacan mostra que se podem encontrar, nas leis que regem o inconsciente, o que Althusser chama de uma “condição formal”<sup>382</sup>, ou seja, a possibilidade de **abstrair** o

---

<sup>380</sup> ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Introdução crítico-histórica e tradução por Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994. p. 69 n.

<sup>381</sup> *Ibid.* p. 64.

<sup>382</sup> *Ibid.* p. 66 n.

sentido autêntico de conceitos aparentemente biológicos, tais como desejo, libido e pulsão. Desta forma, Psicanálise pode nos oferecer o que toda ciência oferece: “a definição da essência *formal* de seu objeto, condição de possibilidade de toda aplicação prática, técnica, aos seus próprios objetos *concretos*”.<sup>383</sup>

Longe da pura especulação, as “abstrações” são condições necessárias para a existência de uma ciência. Segundo Althusser, nenhuma ciência pode abster-se de tais abstrações, mesmo aquelas que em sua prática lidam com os “dramas singulares” de cada sujeito. Para Althusser,

“(…) as ‘abstrações’ da Psicanálise são exatamente os autênticos conceitos científicos de seu objeto, na medida em que, enquanto conceitos científicos de seu objeto, elas contêm em si o índice, a medida e o funcionamento de sua abstração”.<sup>384</sup>

A teoria psicanalítica escapa, então, às “antinomias idealista clássicas”; aquelas formuladas por Politzer. Preso na oposição abstrato x concreto, Politzer julgava o inconsciente como incompatível com a *Psicologia concreta*. Em “Freud e Lacan”, Althusser recusa essa oposição, principalmente quando interpretada do ponto de vista da epistemologia bachelardiana. A epistemologia anunciada por Bachelard enfatizava o advento do discurso científico pela constituição de um objeto teórico que se produzia mediante um *corte epistemológico* com os saberes de seu tempo. Portanto, para Bachelard,

---

<sup>383</sup> Ibid. p. 68.

<sup>384</sup> Ibid. p. 68-69.

a ruptura se faz através de conceitos necessariamente abstratos. Para Politzer, ao contrário, uma tal ruptura só era possível se abandonássemos as abstrações, o que significava excluir, de imediato, o inédito da descoberta freudiana: o Inconsciente e seus efeitos.

### 1.3. O desvio por Spinoza

O conceito de sobredeterminação permite Althusser mostrar a descontinuidade Marx - Hegel, além de introduzir um novo tipo de causalidade. Essa causalidade concentra no termo “efeito” toda sua peculiaridade. Ao afirmar que a Psicanálise trabalha sobre os “efeitos”, referindo-se às variações da estrutura edípica, Althusser nos remete à seguinte nota:

“Se se compreende este termo “efeito” no contexto de uma teoria clássica da causalidade, conceber-se-á, através dele, a presença atual da causa no seu efeito (cf. Spinoza).”<sup>385</sup>

Temos, aqui, a aproximação com um pensamento que se pretende pautar num outro tipo de causalidade: o pensamento de Spinoza. Nas palavras de Althusser:

“(…) fizemos o desvio por Spinoza para ver um pouco mais claro na filosofia de Marx. Precisemos: o materialismo de Marx nos obrigando a *pensar* seu desvio necessário por Hegel, *fizemos o desvio por Spinoza para ver um pouco mais claro no desvio de Marx por Hegel.* (...) Ora, essa espantosa e enigmática contradição de idealismo e materialismo já se produziu uma vez na história, sob outras formas (onde Hegel era por excelência reconhecido), dois séculos mais

---

<sup>385</sup> Ibid. p. 69 n.

cedo, em condições assombrosas: em que poderia ter sido materialista e critica essa filosofia de Spinoza, terrificante em seu tempo e que começava 'não pelo espírito, não pelo mundo, mas por Deus', não se libertava jamais sob todas as espécies a aparências do idealismo e do 'dogmatismo' ? Na repetição antecipada de Hegel por Spinoza, procuramos e acreditamos discernir em que condições uma Filosofia podia , sob sua proclamações e seu silêncio, a despeito de sua forma - ao contrário, pela sua própria forma, isto é, pelo dispositivo teórico de suas teses , enfim, por suas *posições* - produzir efeitos próprios para servir ao materialismo."<sup>386</sup>

Segundo Althusser o próprio trabalho filosófico requer recuo e desvio. A Filosofia só existe ao trabalhar sua diferença sobre outras Filosofias, para então se distinguir e se definir ocupando, assim, suas próprias *posições*. Guardadas as devidas proporções, o desvio por Spinoza visa iluminar o desvio de Marx por Hegel.

Althusser encontra no pensamento de Spinoza um pensamento materialista capaz de se contrapor à concepção teleológica do mundo de Hegel (a dialética de um Telos). A categoria *Aufhebung* é um reflexo desta Teleologia: "forma e local privilegiados da 'mistificação' da dialética hegeliana"<sup>387</sup>. Dessa forma, a filosofia espinosista recusa a idéia de Fim. Em Spinoza, o ponto de partida não é o Ser, mas Deus, pois Spinoza começa por Deus para depois negá-lo "como Ser (Sujeito) na universalidade de seu *único* poder infinito (Deus = Natura)."<sup>388</sup> Na recusa à idéia de Fim, Althusser encontra em Spinoza a possibilidade de fazer uma contraposição à "unidade simples originária" hegeliana e de introduzir um tipo de causalidade que considere uma unidade complexa **desigualmente** determinada, "um *todo* complexo"<sup>389</sup>, desvinculando-se de uma vez por todas da idéia de "*totalidade*" tal como Hegel a concebia. Desse modo,

---

<sup>386</sup> ALTHUSSER, Louis. *Posições 1*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. p. 104. (grifos meus)

<sup>387</sup> *Ibid.* p. 105.

<sup>388</sup> *Ibid.* p. 105.

<sup>389</sup> *Ibid.* p. 146.

(...) a dialética materialista não pode se contentar com formas únicas residuais da dialética hegeliana. Outras lhe são necessárias, não-encontráveis na dialética hegeliana. É aí que a referência (por vezes próxima, por vezes muito longínqua) de Spinoza nos servia de referência: em seu esforço de pensar numa causalidade ‘não-eminente’ (isto é, não-transcedente), não simplesmente transitiva (como Descartes), mas também não-expressiva (como Leibniz), uma causalidade que dava conta da eficácia do Todo sobre suas partes, e da ação das partes no Todo - um Todo sem fecho, que só seja a relação ativa de suas partes, Spinoza nos servia de longe, mas como primeira e quase única testemunha”<sup>390</sup>

No modelo espinozista, não há objetos produzidos por uma causa que os determina. Spinoza afasta a problemática do “critério de verdade”, uma vez que, para ele, a verdade não supõe a adequação do espírito e da coisa, pois tanto erro como a verdade têm regras próprias de produção. O que governa o universo para Spinoza não é um mecanismo exterior às coisas, mas elas mesmas estão submetidas à “potência viva da ação” afastando, assim, todas as instâncias idealistas de uma teoria do conhecimento. Para Spinoza “o verdadeiro se indica a si mesmo”. Aqui, todo critério externo de verdade é descartado, pois a verdade é imanente ao próprio conhecimento. Desse modo, Althusser pode, então, afirmar que “é no processo de sua produção que os conhecimentos se confirmam”<sup>391</sup>.

Ao afastar o espírito humano das ilusões do que ele denominava “imaginação”, Spinoza estava postulando as bases de uma teoria da produção de conhecimentos nos quais estes eram efeitos que produziam outros efeitos. É nesse “*materialismo do imaginário*” que Althusser se inspira para postular uma causalidade estrutural.

Entretanto, segundo Althusser, o desvio por Spinoza requereria alto preço. Faltava

---

<sup>390</sup> Ibid. p. 109.

<sup>391</sup> Ibid. p. 107.

em Spinoza o que Hegel deu a Marx: a contradição. Para pagar essa dívida, foi necessário recorrer à Freud via Lacan tomando como empréstimo o conceito de “sobredeterminação”. Portanto, acreditamos que em “**Freud e Lacan**” anuncia-se um encontro entre os efeitos do pensamento de Freud e Lacan em Althusser, através do conceito de sobredeterminação, assim como os efeitos da filosofia de Spinoza. Estes incidem sobre um ponto em comum: a causalidade estrutural.

Importa que fique aqui indicado que a aproximação do projeto althusseriano da Psicanálise encontra no conceito de causalidade sobredeterminada uma referência de significativa importância. O conceito de causalidade sobredeterminada aponta para um lugar teórico onde possa ser travado um combate frente à epistemologia de origem stalinista, mais especificamente, trata-se de um posicionamento contra o idealismo como posição filosófica. Acreditamos, assim, que o conceito de sobredeterminação pode ser considerado um elemento relevante para compreensão da estreita relação entre Althusser e a Psicanálise.

## BIBLIOGRAFIA

## A) Bibliografia Básica

FREUD, S. A Interpretação dos Sonhos (1900). E.S.B., vol. IV-V Rio de Janeiro: Imago, 1972.

## B) Bibliografia Secundária

ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan, Marx e Freud**. Introdução crítico-histórica e tradução por Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_ **A Favor de Marx**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_ **Posições 1**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher ?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud a Filosofia e os Filósofos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

\_\_\_\_\_ **Introdução à Epistemologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

\_\_\_\_\_ **O Freudismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1991.

\_\_\_\_\_ **Metapsicologia Freudiana: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

BADIOU, Alain. **Para uma Nova Teoria do Sujeito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

BENINI, V. La memoria e la durata dei sogni, **Rev. ital. filos.**, 13a, 149. 1898.

BINZ, C. **Über den Traum**. Bonn, 1878.

BIRMAN, J. **Psicanálise, ciência e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_ **Freud e a interpretação psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

BRONOWSKI, S. **O Senso Comum da Ciência**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1977.

BURDACH, H.F. **Die Physiologie als Erfahrungswissenschaft**. Vol. 3 da 2ª. ed., 1832-1840.

- CANGUILHEM, G. *Etudes d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1968.
- CASSIER, Ernst. *El problema del Conocimiento en la Filosofia y en la Ciência Modernas - De La Muerte de Hegel a nuestros dias (1832 - 1932)*. Vol. 4 México - Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1948.
- CAMPBELL, L., GARNETT, W.. *The Life of James Clerrk Maxwell with a Selection from his Correspondence and Ocassional Writing and a Sketch of his Contributions to Science*. New York: Johnson Reprint Corp., 1970.
- DAVIDSON, D. *Essays on Actions and Events*. Oxford, Clarendon Press, 1980.
- ELLENBERGER, Henri F. *El Descubrimiento del Inconsciente*. Madri: Editorial Gredos, 1976.
- EVANGELISTA, Walter José. *Dialectique et Cientificité d'après L. Althusser*. Université Catholique de Louvain, 1974. (Dissertation doctorale).
- \_\_\_\_\_ *Conhecimento e Desejo: Estudo Histórico-Crítico do Conceito de Superdeterminação no Itinerário de Louis Althusser*. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 1984. (Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do cargo titular em Filosofia FAFICH-UFMG)
- FERRATER MORA, J., *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- FORRESTER, J. *As seduções da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida*. Campinas: Papirus, 1990.
- FOULQUIÉ, P. *Dictionnaire de la Langue Philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.
- FREUD, S. *Sinopses dos Escritos Científicos do Dr. Sigm. Freud (1877-1897)*. E.S.B., vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- \_\_\_\_\_ *Lembranças Encobridoras (1899)*. E.S.B., vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_ *Estudos sobre a Histeria (1893-1895)*. E.S.B., vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- \_\_\_\_\_ *A Interpretação dos Sonhos (1900)*. E.S.B., vol. IV-V Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- \_\_\_\_\_ *A Psicopatologia da vida cotidiana (1901)*. E.S.B., vol. VI., Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_ *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1915-1917)*. E.S.B., vol. XV, Rio de

Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_ Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1916-1917). **E.S.B.**, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_ Uma Dificuldade no caminho da Psicanálise **E.S.B.**, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_ Além do princípio do Prazer (1920). **E.S.B.**, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_ Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo (1925). **E.S.B.**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_ Um Estudo Autobiográfico (1925 [1924] ). **E.S.B.**, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_ A Questão da Análise Leiga (1926). **E.S.B.**, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_ O Futuro de uma Ilusão (1927). **E.S.B.**, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_ Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1933 [1932]). **E.S.B.**, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_ **As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein (1871-1881)**. Org. Walter Boehlich. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.

\_\_\_\_\_ **Correspondance (1873 -1939)**. Traduit de l'allemand par Anne Berman avec la collaboration de Jean-Pierre Grossein. Paris: Gallimard. 1966.

\_\_\_\_\_ **Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

HILDEBRANDT, F.W. **Der Traum und seine Vewerthunf für's Leben (1875)**. Leipzig.

GABBI Jr., O. F. **Filosofia da Psicanálise**. Org. Bento Prado Jr., São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_ **Alice e a Metapsicologia: a psicanálise como teoria do contra-senso**. *Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, n. 23, Campinas: Unicamp, 1992.

GAY, P. **Freud - Uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

\_\_\_\_\_ **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

\_\_\_\_\_ **Introdução a Metapsicologia Freudiana**, vol.1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Editor, 1991.

\_\_\_\_\_. **Introdução a Metapsicologia Freudiana**, vol.2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

GONDAR J. **Os Tempos de Freud**. Rio de Janeiro: ed. Revinter, 1995.

HANNS, Luis Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

JAPIASSU, Hilton. **Psicanálise: ciência ou “contraciência” ?**, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

JONES, Ernst. **Sigmund Freud Life and Work**. Vol. I. London: The Hogarth Press, 1954.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KLEIN, Martin. **Mechanical Explanation at the End of the XIX Century**, *Century*, v.17,1972.

KOJÈVE, A. **L’Idée du déterminisme dans la physique classique et dans la physique moderne**. Paris: Librairie Générale Française, 1990

KOLLER BECKER, H. **Freud e a Cocaína**. Org. Robert Byck. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

LACAN, J. **O seminário - Livro 2: o eu na teoria de Freud e a técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **O seminário – Livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

\_\_\_\_\_. **O seminário - Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LANGE F. A. **Histoire du matérialisme et critique de son importance a notre époque**. (Tome Second - Histoire du Matérialisme depuis Kant). Paris: Librairie Schleicher Frères, 1911.

LALANDE, A. **Vocabulaire technique et critique de la Philosophie** (1926). Paris: PUF, 1980.

LAPLANCHE, J., PONTALIS J.-B. **Vocabulário de Psicanálise**. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEVIN, K. **Freud: a primeira psicologia das neuroses**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1980.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à Historia da Filosofia: Dos pré-socráticos à**

- Wittegenstein.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.
- MAURY, L. F. A. **Le Sommeil et les rêves.** Paris, 1878.
- MILLER, Jacques- Miller. **O Percurso de Lacan: uma introdução.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1897.
- MONZANI, L. R. **Filosofia da Psicanálise.** Org. Bento Prado Jr., São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- PERESTRELLO, Marialzira (org.). **A formação cultural de Freud.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- RADESTOCK, P. **Schlaf und Traum.** Leipzig, 1879.
- RITVO, Lucille B. **A Influência de Darwin sobre Freud.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992.
- SAFOUAN, Moustapha. **O inconsciente e seu escriba.** Campinas: Papyrus, 1987.
- SCHERNER, k. A. **Das Leben des Traumes.** Berlim, 1861.
- SCHOPENHAUER, A. Versuch über das Geistersehen und was damit zusammenhängt in: **Parerga und Paralipomena** (Ensaio V). Berlim, 1862.
- SEARLE, J. **Mente Cérebro e Ciência.** Lisboa: Edições 70, 1984.
- SPITTA, H. **Die Schlaf und Traumzustände der menschlichen Seele.** Tübingen, 1882.
- STRÜMPELL, I.. **Die Natur und Entstehung der Traume.** Leipzig, 1877.
- SULLY, J. *The Dream as a Revelation*, **Fortnightly Rev.**, 1893.
- VOLKELT, J. **Die Traum-Phantasie.** Stuttgart, 1875.